

2018



esad
arte+
design

F O C U S

o habitar potenciado
pela permeabilidade e
articulação dos espaços

soraia marques almeida marta
orientadora: maria milano
co-orientador: joão cruz



2018



F O C U S

o habitar potenciado
pela permeabilidade e
articulação dos espaços

soraia marques almeida marta
orientadora: maria milano
co-orientador: joão cruz

ARTICULAÇÃO / PERMEABILIDADE / ABRANDAR / HABITAR / FOCO / SINERGIA / COMUNIDADE

Com a cidade como pano de fundo e maior fonte de inspiração, nasce um projecto com uma dinâmica muito própria, que se vai estruturando por meio de análise das vivências e hábitos contemporâneos, numa procura constante por responder às necessidades e anseios do Homem actual, que se define como flexível, impermanente e em constante movimento. Fruto destas práticas surgem de novo conceitos que se apresentam imponentes com o prefixo –Co: o Cohousing, o Coworking, o Co-sharing, o Coliving. Associados a estas experiências notamos a urgência em praticar um modo de vida mais brando e focado, mas sem descurar que a velocidade é também essencial, o objectivo é por isso alcançar o equilíbrio e perceber que a excelência resulta na perícia de os conciliar.

06/ As sinergias entre pessoas, culturas, conhecimentos, experiências e espaços são assim essenciais para revelar o conceito por detrás do projecto aqui proposto. De forma a adequar e responder a todas as necessidades de um programa tão extenso e desafiante, analisamos a articulação e permeabilidade entre os diferentes espaços como potenciadora de um habitar mais rico e completo, estudando como conceitos intuitivamente opostos como o interior/exterior, público/privado, limite/limiar, na verdade se complementam e coexistem num diálogo recíproco estabelecendo entre si relações interessantes de cordialidade, de indiferença ou de ruptura total e promovem assim uma participação sensorial com a edificação e a envolvente, enriquecem o diálogo, permitem interpretações e associações, estimulam o contacto e enriquecem o quotidiano.

Surge assim o Focus Community, um projecto que pretende interpretar as necessidades e desejos traduzindo-os do conceito para a realidade construída.

palavras-chave + resumo

ARTICULATION / PERMEABILITY / SLOWING DOWN / INHABIT / FOCUS / SYNERGY / COMMUNITY

With the city as a background and as a bigger inspiration fountain, is born a project with a very unique dynamics, which is structured through analysis of contemporary experiences and habits, in a constant search to respond to the needs and desires of the current Man, who defines himself as flexible, impermanent and in constant movement. As a result of these practices, new concepts emerge that are imposing with the prefix-Co: Co-housing, Co-working, Co-sharing, and Co-living. Associated with these experiences we notice the urgency of practicing a milder and more focused way of life, but without neglecting that speed is also essential, the goal is therefore to reach balance and realize that excellence results in the skill of conciliate them.

The synergies between people, cultures, knowledge, experiences and spaces are thus essential to reveal the concept behind the project proposed here. In order to adapt and respond to all the needs of such an extensive and challenging program, we analyze the articulation and permeability between the different spaces as the enhancer of a richer and more complete dwelling, studying as intuitively opposed concepts as the interior/exterior, public/private, limit/threshold, actually complement each other and coexist in a reciprocal dialogue, establishing interesting relations of cordiality, indifference or total rupture between them and thus promote a sensorial participation with edification and surroundings, enrich dialogue, allow interpretations and associations, stimulate contact and enrich everyday life.

/ 07

This is how the Focus Community emerges, a project that aims to interpret needs and desires by translating them from concept to built reality.

keywords + abstract

Em primeiro lugar, o agradecimento mais especial é dedicado à minha Avó Carminda, meu maior exemplo de viver, força da Natureza e super heroína. Inspira-me todos os dias com a sua bondade, humildade e amor infinitos.

Ao melhor amigo e ser humano preferido, Alexandre Corte-Real, meu maior apoio, motivação e inspiração de dedicação, garra, força, alegria de viver, inteligência, humildade, altruísmo e amizade. Meu companheiro de todas as horas e aventuras, são poucas as palavras para te agradecer por tudo e tenho a certeza que o melhor ainda está por vir, com a ambição, os sonhos e a cumplicidade única que nos une e define.

À minha mais que amiga, irmã e super mulher Joana Marques, com a qual já perdi a conta aos anos partilhados, num amor maior que o universo. Além de uma bondade e inteligência infindáveis, não poderia pedir melhor amiga, melhor confidente e melhor inspiração. Tenho um orgulho infinito pela pessoa excepcional que és e nos motivas a ser.

A toda a família Corte-Real, em especial à Tia Louise, Tio Luís e Carolina, pelo apoio e amor incondicionais que me dão e por acreditarem sempre em mim.

agradecimentos

A todos os meus amigos maravilhosos, que são como família e me fazem ser a pessoa mais sortuda do Mundo: Maria Loureiro, Maria Furtado Bravo, Tomás Lobo, Gustavo Costa, Filipa Sarmiento, Joana Rodrigues, André Marinho, Andreia, Maria e Catarina Corte-Real, Francisca Cunha, cada um de vocês tem um papel essencial e único.

/ 09

Por fim, mas não menos importante à minha mentora e grande inspiração professora Maria Milano, que para além de motivar e aceitar todas as minhas loucuras, me ensinou a olhar para a nossa profissão com olhos de ver, com uma paixão, conhecimento e dedicação constantes que me inspiram a ser melhor todos os dias. Ao professor João Cruz que mesmo só tendo sido meu professor um ano, posso garantir que me inspirou continuamente a ser uma melhor profissional, não só pelo entusiasmo constante que nos transmite para criar, descobrir e questionar, mas também pela mestria com que domina todos os temas, pela paciência e sempre palavra amiga que dispõe.

A todos um enorme e profundo obrigado, sem vocês nada disto seria possível.

índice

16

INTRODUÇÃO

A. PRESSUPOSTOS
TEÓRICOS

24 CAPÍTULO 1:
CONTEXTUALIZAÇÃO

26

1.1 – A CIDADE
CONTEMPORÂNEA

34

1.2 – CO-WORK
& CO-HOUSE

76 CAPÍTULO 2: SLOW

78

2.1 – SLOW
MOVEMENT

82

2.2 – SLOW
FOOD

86

2.3 – SLOW
CITIES

90

2.4 – SLOW
TRAVEL

94

2.5 – SLOW
MONEY

96

2.6 – SLOW
DESIGN

102

2.7 – SLOW
ARCHITECTURE

106

2.8 – SLOW
LIVING

/ 11

112 CAPÍTULO 3: O LIMIAR HABITADO

114

3.1 – HABITAR
O ESPAÇO

3.1.1 – PROXÉMIA
3.1.2 – CIDADE
CONTEMPORÂNEA

124

3.2 – O ESPAÇO
PÚBLICO E PRIVADO

130

3.3 – RELAÇÃO
INTERIOR - EXTERIOR

132

3.4 – PERMEABILIDADE
ENTRE ESPAÇOS

3.4.1 – O LIMITE
3.4.2 – O LIMIAR

B. PROJECTO

146 CAPÍTULO 1: CONTEXTUALIZAÇÃO PROJECTUAL

156 CAPÍTULO 2: PRÉ-EXISTÊNCIA

158

2.1 – LEVANTAMENTO
FOTOGRAFICO

160

2.2 – LOCALIZAÇÃO
TOPOGRÁFICA

162

2.3 – HISTÓRIA
DO EDIFÍCIO

164

2.4 – ANÁLISE
CONSTRUTIVA

172

2.5 – ANÁLISE
DAS PATOLOGIAS

174 CAPÍTULO 3: PROJECTO

176

3.1 – MEMÓRIA
DESCRITIVA

186

3.2 – REFERÊNCIAS
PROJECTUAIS

202

3.3 – PÚBLICO-
-ALVO

208

3.4 – PROGRAMA

212

3.5 – DESENHO
TÉCNICO GERAL

222

3.6 – ARMAZÉNS

278

CONCLUSÃO

285

BIBLIOGRAFIA

295

LISTA DE
IMAGENS

321

ANEXOS

“Eventually everything connects - people, ideas, objects. The quality of the connections is the key to quality per se.”

Charles Eames

introdução

O processo de escrever uma tese tem vários momentos, momentos esses que variam consoante o ambiente, o humor, o tempo e o conhecimento, mas principalmente com o livro que estivermos a ler. Esta tese teve o seu início com o livro "Das coisas nascem coisas" de Bruno Munari, que inspirou não só à metodologia teórica e projectual, e do qual, como diz o nome, nasceu não só o presente documento, como também à capacidade de manter o espírito, a mão e os olhos abertos, flexíveis e atentos a tudo o que nos possa inspirar e ensinar.

"Criatividade não significa improvisação sem método: (...) a série de operações do método projectual é feita de valores objectivos que se tornam instrumentos de trabalho nas mãos do projectista criativo. (...) o método projectual não é absoluto nem definitivo; é algo que se pode modificar se se encontrarem outros valores objectivos que melhorem o processo. E isto liga-se à criatividade do projectista que, ao aplicar o método, pode descobrir algo para o melhorar."

/ 17

A teoria cresceu por isso, em conjunto com o projecto, que se foram moldando e influenciando numa sinergia dançada, que seguia com um ritmo muito próprio de quem está a aprender e não tem medo de tentar, errar e tentar outra vez.

O projecto surgiu de uma necessidade à qual não conseguíamos encontrar resposta, e a teoria seguiu-nos na procura pela solução, fortemente influenciada pela cidade, pelo passado, pela tradição, pelas vivências e pelas pessoas, em busca do projecto ideal.

“O problema do Design resulta de uma necessidade” (...) a solução de tais problemas melhora a qualidade de vida. (...) O problema não se resolve por si só; no entanto, contém já todos os elementos para a sua solução, é necessário conhecê-los e utilizá-los no projecto de solução.”¹

Partindo desta premissa, começamos por isso a definir o problema, a falta de um espaço de estudo e de trabalho aberto 24h, que permitisse uma liberdade e conjugação de serviços num só edifício. Mas para encontrar a solução ideal para satisfazer esta necessidade, deparamo-nos com uma série de outras questões que precisavam de ser resolvidas, pelo que desmontamos o problema principal em subcategorias funcionais, materiais, estruturais, económicas e conceptuais, que permitiram uma análise mais aprofundada e alcançar respostas mais coerentes e adequadas, criando um projecto mais completo e desafiante.

Surgiu então a necessidade de fazer uma pesquisa das vivências actuais e da forma como o projecto se iria adaptar ao habitar contemporâneo, o que exigiu a investigação e recolha de dados, que originaram o primeiro capítulo teórico: A cidade contemporânea.

1 Archer, B. (1967) Método sistemático per progettisti in Munari, B. (1981) *Das coisas nascem coisas*, pg.39-41

Associada à observação destas vivências, evidenciou-se a pertinência de falar sobre a velocidade e impermanência do nosso quotidiano e de que forma a tendência do Slow Living poderá trazer uma maior qualidade de vida, não só pela necessidade urgente em abrandar mas principalmente para que se possa viver no ritmo adequado para o bem-estar e desenvolvimento pessoal, social, comunitário e ambiental, conceitos base do projecto proposto. Mas para uma melhor adequação ao projecto, sentimos necessidade de aprofundar as várias vertentes relacionadas à compreensão da vida em “modo slow”: slow food, slow city, slow money, slow travel, slow design e slow architecture, que se em conjunto formam o segundo capítulo teórico: Slow Movement.

/ 19

A análise destes dados recolhidos, orientou e forneceu sugestões que em conjunto com a pré-existência, o conceito e o programa propostos, foram permitindo o crescimento e consolidação do projecto de arquitectura e design de interiores.

O edifício escolhido para a intervenção, reúne em si um conjunto de elementos que influenciam a organização espacial, principalmente por escolhermos reutilizar, reabilitar e reconstruir a pré-existência, com toda as histórias e cicatrizes que nos facultou, com o objectivo de ali criar uma nova vida, sem nunca descurar o passado e as necessidades do futuro.

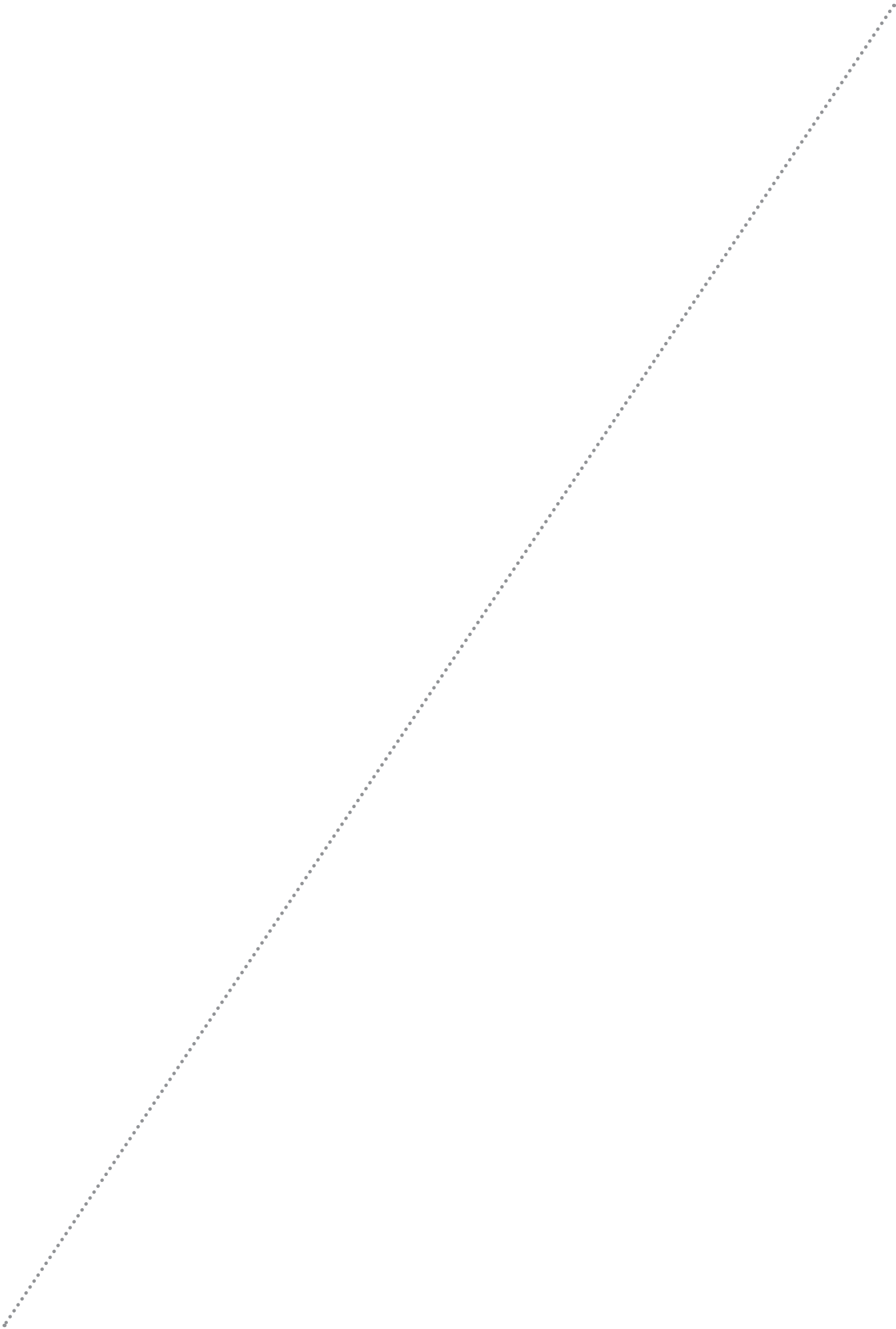
Entra então em cena o factor essencial e diferenciador do projecto, a criatividade, a história, a bagagem, o conhecimento, a paixão dos autores, que conferem o je ne sais quoi que nos cativa. “Quando projecto, projecto a partir da minha experiência. O projecto é, assim, uma tomada de consciência perante um lugar e um propósito. O que faço enquanto arquitecto e o que procuro ensinar (...) é tão somente, a consciência de que, pela presença da arquitectura, defino a minha posição no mundo e manifesto a minha humanidade, registando em espaço, vida.”²

O projecto foi-se revelando com tal tamanho e complexidade que surgiu a necessidade de aprofundar o tema da permeabilidade e articulação dos espaços e de que forma o habitar poderia tornar-se mais rico, ao conjugar elementos e conceitos arquitectónicos “naturalmente” opostos.

² Loução, M. D. (2016) Habitar o desabitado - um contributo para a arquitectura de interiores. Lisboa, Caleidoscópio, pg. 56

Em conjunto com o projecto, cresceu o programa que agora conjuga, num só edifício, não só o Costudy como também o Cowork e o Cohouse, que tem como objectivo relacionar pessoas, conhecimentos e possibilidades. O passo seguinte foi consequentemente a experimentação e projectação que motivou à exploração da relação e permeabilidade entre o público e o privado, o interior e o exterior e de que forma o limite se transforma em limiar e vice-versa e como só pela apropriação do espaço descobrimos a identidade, a forma e o uso, que originou o terceiro capítulo teórico: o limiar habitado.

A segunda parte desta tese, designada de lado B, é dedicada à fase de projecto, que parte de uma análise do Geral para o Particular. Começamos, por isso, pela contextualização e justificação da zona de intervenção escolhida: a cidade de Matosinhos, para depois analisarmos a história e as patologias do edifício da pré-existência, sugerindo a sua reabilitação total. A proposta de projecto surge influenciada não só pelo programa, como pelo público-alvo e pelas referências projectuais e teóricas que originaram o projecto final: a Focus Community.





pressupostos teóricos

contextualização

capítulo 1





1.1

26 /



PÁGINA ACTUAL

imagem 01

Autor desconhecido, via
Pinterest

imagem 02

Flash of god - René Burri,
Rio de Janeiro, 1960

PÁGINA DIREITA

imagem 03

Vertical Slums - Greg
Girard, Kowloo Walled
City, Hong Kong

A CIDADE CONTEMPORÂNEA

Não fazia sentido falar de projecto sem antes falar da cidade. Cidade que é de todos mas cidade que também é casa. Cidade que guarda memórias, cidade que conta histórias. Cidade que é abrigo, mas que também é turista. Cidade que envelhece, mas que se renova e renasce. Cidade que aprende, mas que sobretudo ensina.

Hoje falar de cidade implica falar de uma série de questões que a definem e influenciam, onde termos como transitoriedade, flexibilidade, mobilidade e efemeridade ganham prestígio.¹

Sendo a cidade um produto do Homem, que não só a habita, mas também a constrói, é por isso, consequentemente, a reflexão do que o utilizador sente e vive, e de todo o sistema político, social, económico, cultural e pessoal que lhe é inerente.



“A cidade actual é construída através de camadas” (Koolhaas, 1994)², que se vão acumulando numa combinação entre o que ficou do passado e do que é construído no presente, num contexto que é fortemente definido pela velocidade, pela constante mutação e adaptação, não só do lugar, como também da sociedade que revela necessidades e expectativas marcadas não só pelas características herdadas e pela tradição, como também pela nova dinâmica contemporânea.³

¹ “Os fluxos económicos adoptam, agora, as pautas espaciais de um regime de acumulação flexível (...) segundo um novo enunciado: Quanto mais flexíveis e desarticuladas são as estruturas locais, espaciais ou temporais, materiais ou sociais, mais estável é o sistema global.” (David Harvey, citado por Ábalos em A Boa Vida, pg. 151).

² “Em Generic City, um texto de 1994 (...) Koolhaas faz um retrato hiperlúcido, quase cruel, da urbanidade global, onde o principal alvo a abater é o “lugar”, uma retórica central no discurso dos arquitectos. Koolhaas conclui que a nostalgia do lugar não faz qualquer sentido nas cidades em expansão ou emergentes. E que mesmo nos centros históricos há um paradoxo insanável: para permanecer autênticos, precisam de ser reabilitados; e a reabilitação vai-lhes destruindo qualquer autenticidade...” (Jorge Figueira in Público)

³ “Aceitar a dimensão temporal da arquitectura, tanto no uso como na prática projectual, significa reconhecer o inevitável processo de modificação através do tempo, não só por meio de processos de entropia e de uso, mudança de função, como também pela mudança de significado dentro do contexto.” in Gracia, F. (2001) Construir in lo Construido – La arquitectura como modificacion, pg. 178 (tradução livre)



Este cenário contemporâneo é fortemente influenciado pelo modo como a tecnologia domina as vivências e se apropria do dia-a-dia do utilizador,⁴ desde a forma como este comunica, se movimenta, trabalha, se relaciona, até à forma como consome e se alimenta. Vivemos a era da velocidade, da imagem, da informação impermanente, da constante mudança, numa incessante condição de fragilidade.

Associada a esta vivência e ao diluir de fronteiras⁵ que resultam da tecnologia, é possível porém identificar um vazio que se vai instalando, consequência do permanente uso do ecrã, que parece estar sempre presente, e que transportamos connosco no bolso,⁶ originando facilidade de comunicação e de possuir informação instantânea, mas criando não só a alienação como o afastamento e diminuição da convivência e falta de conexão entre pessoas, ainda que estejamos sempre interligados e actualizados, nesta sociedade que se expõe intimamente a todo o momento nas redes sociais, carecemos cada vez mais da partilha e das relações interpessoais.

28 /



PÁGINA ACTUAL

imagem 04

Lost in Movement - Moeys Photography

imagem 05

Do not shout that loud - Street Photography, Autor Desconhecido

PÁGINA DIREITA

imagem 06

Vista sobre Tóquio - Autor desconhecido, via Pinterest

imagem 07

Bucharest - Autor desconhecido, via Pinterest

⁴ "A cultura actual, assente na instabilidade, efemeridade e renovabilidade, é caracterizável pelo dinamismo mediático, pelo zapping (rápida mudança de canais) e pelo surfing (saltitar da comunidade dos cibernautas) que vê na rede um suporte para recriação contínua." explica Gonçalo Furtado, professor auxiliar na FAUP, no artigo Transitoriedade, Flexibilidade e Mobilidade da revista ARQA.

⁵ "A tecnologia de informação não é um sistema operativo oportunista ou casual, (...) mas um meio que permite operar com o virtual e o actual como elementos de um processo dinâmico contínuo." (Abalos, 2001. A Boa vida, pg. 160)

⁶ "É suficiente observar a evolução das cidades para perceber que existe uma relação de causa-efeito entre os modos de vida dos seus habitantes e as formas físicas da sua transformação. As cidades tornaram-se multicêntricas (...) a cidade contemporânea é uma cidade genérica, pode-se efectuar qualquer função em qualquer lugar – basta ter um dispositivo e uma ligação a uma network." (Maria Milano in A casa habitada, 2006/07)

A evolução tecnológica permitiu também quebrar fronteiras⁷ não só físicas como intelectuais, aproximando-nos do que se passa ao redor do mundo, ao propiciar o conhecimento de diferentes culturas e vivências pelo ecrã, em tempo real, sem ser preciso sair de casa, dando origem a um novo conceito de espaço e tempo, que deixou de ser unicamente local, para ser global.



A evolução dos transportes reforça e auxilia esta globalidade, estimulando a mobilidade, sendo que hoje é-nos oferecida a possibilidade de viajar a baixo-custo, de forma rápida, simples e segura, criando conexões entre culturas e lugares. Esta facilidade em viajar criou pontes e ligações entre países, permitindo que a nossa cidade recebesse pessoas de todo o mundo, o que aumentou consideravelmente o turismo e consequentemente a economia, o crescimento e a evolução da cidade, levando à reabilitação e criação de espaços, à abertura de restaurantes e lojas, que criam novos postos de trabalho mas também obrigam a que cidade esteja pronta para receber, e geram incentivo, zelo, oportunidades e uma vontade de desenvolver, de crescer e criar em conjunto.

⁷ "(...) a posição do parasita, do nómade, alimenta-se precisamente deste; é o domínio da informação que lhe permite estar e não estar, adquirir uma presença incorpórea; é através do conhecimento que aprende a adoptar uma posição mimética, diluída nesse material que é a cidade-mundo-natureza." (Abalos, 2001. A Boa vida, pg.160)

Ao participarmos de uma sociedade global,⁸ as preocupações e valores são por isso partilhadas mais intrinsecamente, ainda que muitas vezes a quilómetros de distância, pelo que somos uma geração fortemente marcada pela guerra, pela crise, pelo consumo excessivo, pelo terrorismo, pela poluição, pela instabilidade nas situações de trabalho, pelos desequilíbrios das classes e pelas injustiças políticas, que resultam no questionar constante dos valores e das regras.

Este cenário contemporâneo cria uma série de circunstâncias e necessidades muito próprias e provoca para o desenvolvimento de novas estratégias movidas pelo pensamento crítico de quem ambiciona transformar e fazer evoluir a cidade com um novo olhar.



⁸ "Assim pois, a cidade habitada pelos novos nómades não é apenas a que tem presença física, mas também aquela que definida pela circulação contínua de fluxos invisíveis, fluxos de informação e económicos que provocam uma drástica mudança de escala: a cidade em que vive o sujeito pós-humanista é o mundo inteiro, a cidade global, ou se se preferir, a "cidade genérica", uma entidade associada intrinsecamente ao desenvolvimento científico e à economia de mercado." (Ibidem, pg. 155)



PÁGINA ACTUAL

imagem 08

Garden and House - Ryue
Nishizawa, Tóquio.

PÁGINA ESQUERDA

imagem 09

*23 de Enero, Vertical
Slums* - Aydın Büyüks,
Caracas, Venezuela

imagem 10

New Perspective of Earth
- Benjamin Grant, Praia
de Ipanema, Brasil

Para transformar e evoluir é preciso porém, ter responsabilidade e consciência das problemáticas do cenário contemporâneo, tais como as mudanças climáticas provenientes da poluição, da escassez dos recursos naturais, da questão do consumo excessivo que produz desperdício e lixo, na propagação dos hábitos e consumos do descartável e impermanente, no aumento do stress proveniente dos estilos de vida, da disfunção e transgressões da indústria alimentar e da moda, entre outras que demonstram o quão urgente é avaliar opções e estratégias⁹ que resolvam ou atenuem estas adversidades. É preciso cuidar e pensar localmente, para enquadrar e contribuir globalmente com consistência e excelência.

/31

⁹ Estas estratégias assentam na sustentabilidade em todas as suas vertentes: ambiental, económica, social, cultural, arquitectónica e construtiva, e irão ser exploradas nos capítulos teóricos seguintes e aplicadas na prática projectual proposta na presente tese.



PÁGINA ACTUAL

imagem 11

*Ombrière, Mirrored
Shelter - Norman Foster,
Marselha*

imagem 12

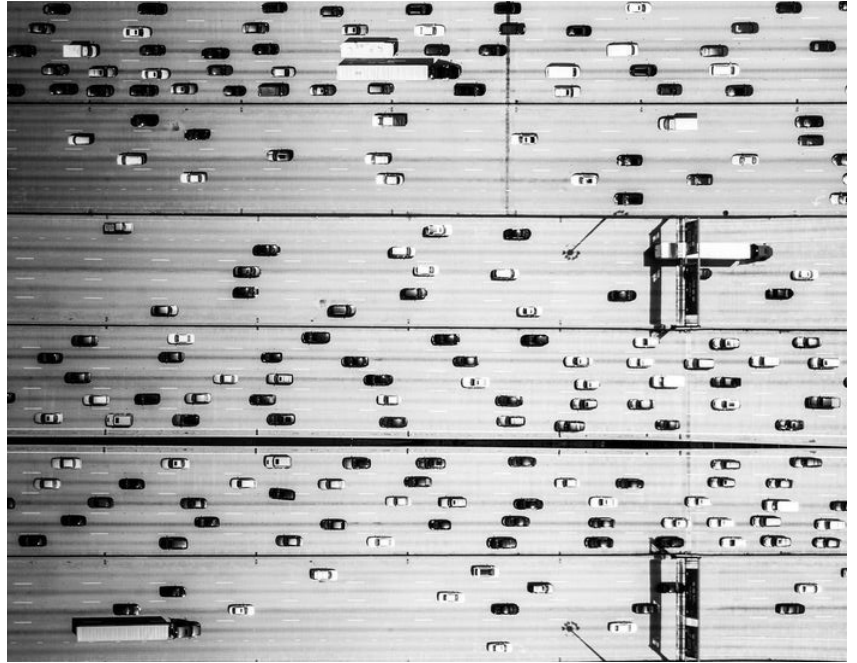
*Cleveland Clinic Lou
Ruvo Center - Frank
Gehry, Las Vegas*

PÁGINA DIREITA

imagem 13

*Interstate - Jason
M. Peterson*





“Esta cultura expressa-se também no espaço construído que toma como requisito a reutilização, sugerindo uma arquitectura mutante, efémera, participativa, interativa, aberta e em constante transformação”¹⁰ (Furtado, 2010) assim sendo, como arquitectos, designers ou criativos, temos a obrigação de reagir e responder aos desafios e necessidades actuais, com olhar crítico e responsável, não só na criação como na reabilitação, compreendendo que “a cidade é o cartão de identidade de quem a vive e constrói, num equilíbrio entre o que natural e o que é construído” (Salgueiro, 2011) conseguindo usufruir e conservar a pré-existência que nos foi deixada, acrescentando o nosso cunho e identidade, sem destruir, mas adicionando valor, uma nova história e uma nova função.

¹⁰ “Uma cidade mutante e transitória, que muda de vestimenta constantemente, reflecte-se na atracção pelos eventos contemporâneos que posicionam a produção arquitectónica como um espectáculo para consumo. Os próprios espaços arquitectónicos e urbanos contemporâneos, do ponto de vista económico e estético, não parecem ter como objectivo a solidez, assumindo formas flexíveis e transitórias.” (Gonçalo Furtado in Transitoriedade, Flexibilidade e Mobilidade)



34 /

1.2

PÁGINA ACTUAL

imagem 14

Layered House - Jun
Igarashi, Japão, 2008

imagem 15

House NA - Sou Fujimoto,
Japão, 2011

PÁGINA DIREITA

imagem 16

*Night Time on the Free-
way* - Autor desconhecido
via Pinterest



COHOUSING / COWORKING

"(...) a arquitectura não nos deve dizer como devemos viver, mas deve propor-se como disponibilidade infinita de projectação e invenção de modalidades diversas de habitar."¹¹ (Deganello, 2009) sendo que, "habitar a contemporaneidade impõe inevitavelmente uma reflexão sobre as mudanças socioculturais que geram contínuas mudanças na forma do uso dos espaços: novas tipologias familiares, novos ritmos de vida e de trabalho, novas relações interpessoais, novas relações entre o espaço e o tempo."¹² (Milano, 2009)

Estas mudanças obrigam os espaços de vivência a responder hoje a dinâmicas distintas, que se estendem não só à vida pessoal como profissional, onde se pode reconhecer uma tendência constante: a mutação acelerada e intermitente.



¹¹ Paolo Deganello, é um arquitecto, designer, artista, professor e pensador italiano, sendo também um dos fundadores do grupo Archizoom, que se coloca "entre aqueles projectistas que cultivaram a esperança de radicais mudanças através do empenho político e social, uma das razões prioritárias da sua prática, e através da actualização constante dos temas e das modalidades do seu projecto em função dos contextos sociopolíticos onde tem operado." (Maria Milano in Paolo Deganello. As razões do meu projecto radical, pg. 15)

¹² "Deixou de ser um "contentor sensível à vivência de cada sujeito para passar a ser um invólucro abstracto e neutral, pronto para ser habitado por qualquer indivíduo. Hoje, a especialização dos espaços como resposta a funções e vivências predeterminadas já não faz sentido. A sociedade contemporânea é cada vez mais uma sociedade fluída, difusa, organizada em função da mobilidade e "interconectada" a uma rede de infra-estruturas para a mobilidade física e virtual. Consequentemente, as acções que se desenrolam nos espaços têm tendência a tornarem-se mutáveis, dinâmicas e flexíveis." (Maria Milano in A casa habitada, 2006/07)



Consequentemente, o significado de lugar, espaço e tempo são postos em causa. O convívio físico foi substituído pelo virtual, não exigindo um lugar próprio, o que origina espaços fragmentados e provisórios, onde o tempo é sinónimo de transformação a todos os níveis: pessoal, profissional, tecnológico e social.

36 / Estas características aplicam-se também às formas de trabalhar, que se fundem com a habitação e vice-versa. As noções rígidas de habitação, de trabalho e de lazer são questionadas, alteradas e adaptadas às novas vivências. Existe uma mudança conceptual, que se evidencia na liberdade de usos e na nova dinâmica espacial que possibilita uma apropriação e relação entre funções e espaços flexíveis.

O utilizador que vive esta sociedade³ híbrida, demonstra uma facilidade de adaptação ao que o rodeia, é empreendedor e dinâmico e cria a sua própria realidade. Procura ser independente, desloca-se com desembaraço, é global, está sempre conectado e vive intensamente o momento.

³ "Pode-se definir sociedade como sendo um grupo extenso e duradouro, que se junta num espaço e que responde a uma necessidade primeira de apoio e proteção, uma tendência fundamental no homem, sendo mais fácil essa aquisição vivendo em conjunto. Diz respeito a todos os seres vivos, incluindo os animais. Esses grupos unem as suas individualidades, estruturando-se pelas suas dependências recíprocas e tendem para o desenvolvimento. Geralmente quando se fala de sociedade, fala-se do ser humano, e neste caso é o conjunto no qual a vida do homem está integrada, tendo em conta as suas ocupações, os seus desejos e os seus atos. Estas sociedades têm um carácter mais dinâmico, já que mais facilmente tendem para a mudança e para a evolução. Cada vez mais a sociedade moderna tem um carácter urbano, transformando-se numa multiplicação dos centros de interesse relacionais e tendo como objetivo o desenvolvimento, já não meramente pessoal, mas da comunidade." (sociedade in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Consultado a 2018-10-23)

Habitar a contemporaneidade significa, por isso, uma constante adaptação e uma procura pelo equilíbrio na instabilidade. O sociólogo Zygmunt Bauman descreve a sociedade actual como “líquida, fluída ou inconstante. (...) Os vínculos entre o indivíduo e o colectivo ou a “comunidade de homens” dissolvem-se, já que não é necessário permanecer num lugar, pelo menos de forma constante, a natureza actual do indivíduo é “líquida”, esquiva, híbrida, já não pertence a um lugar mas a um tempo “líquido” e as suas forças concentram-se em renovar e preservar a sua individualidade.

Por esta razão hoje existe a necessidade de criar casas “líquidas” para o indivíduo contemporâneo. (...) A habitação há-de ser portanto adaptável, com casas com possibilidades de troca e usos múltiplos, ou flexíveis, com habitações que se modicam fisicamente com painéis e elementos móveis. Este espaço pode ter vida própria, transformar-se igualmente com os seus habitantes, convertendo-se assim no reflexo constante da sua identidade, a materialização do seu espaço vital, extensão da sua existência.”⁴

/ 37



PÁGINA ESQUERDA

imagem 17

Bosque de pilares - Mamiya Shinichi Design Studio, Japão, 2013

PÁGINA ACTUAL

imagem 18

Naked House - Shigeru Ban, Japão, 2000

⁴ Omayra Rivera - Procesos de Participación: Proyectar, Construir y Habitar La Vivienda Contemporánea pg.75- 76



Esta indeterminação programática e arquitectónica, leva-nos a questionar quais as soluções que possam reflectir e acolher este indivíduo contemporâneo e que papel terão as novas tendências do habitar na requalificação e evolução das nossas cidades e nas vivências do quotidiano.

A solução passa por isso, em constituir alternativas práticas que incluam factores como: a sustentabilidade, os preços competitivos, o fortalecimento da comunidade, a rapidez do processo construtivo, a funcionalidade e a flexibilidade.

Associados a estes factores, surgem novos conceitos arquitectónicos fruto do diálogo e análise das questões sociais, urbanas e arquitectónicas da contemporaneidade: o Cohousing e o Coworking. Estes termos ingleses, são consequência natural da globalização e a sua utilização auxilia a compreensão e inserção nas práticas da sociedade não só culturais, como económicas.





/ 39

O prefixo “Co” presente em Cohousing (em português – coabitar) e em Coworking (em português – co-trabalhar) subentende o seu significado de “forma reduzida do prefixo com-, que exprime a ideia de união, companhia, contiguidade⁵” e que se encontra também em “comum”, “cooperar” e “comunidade”, que representam a essência destas práticas.

De forma a compreender por isso, esta coexistência de usos e vivências do espaço, é necessário primeiro interpretar a noção de comunidade e de que forma se aplica aos temas subjacentes.

PÁGINA ESQUERDA

imagem 19+20

*Workbays – Bouroullec
para Vitra*

PÁGINA ACTUAL

imagem 21

*Cocoons - Atelier Mima,
Alemanha, 2012*

⁵ co- in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018- 10-23]

COMUNIDADE

“Um dos primeiros mentores do conceito de comunidade foi Tonnies, que estabelece pela primeira vez a distinção entre comunidade (Gemeinschaft) e sociedade (Gesellschaft), sendo uma definida em contraponto da outra. A comunidade - assente ora no território comum (casa, aldeia, região, nação), ora na partilha da mesma língua, crença, etnia, corporação eclesiástica ou profissional - representa uma entidade social de identidade e interconhecimento, onde os atores sociais são vistos no seu todo, onde se fundem as vontades e se entrelaçam as relações sociais primárias face a face, relações estas perpassadas de laços personalizados de intimidade e emoção, bem como de regras adstritas de coerção e controlo sociais.”⁶



A condição do nosso habitar em sociedade, fundamenta-se no conceito base de comunidade, que foi sofrendo metamorfoses ao longo da história, mas que se manteve ligada à forma como construímos e vivemos a cidade e nos relacionamos. “O espaço urbano nunca é meramente uma expressão física da sociedade, é um reflexo da mesma.

O espaço público, quando apropriado por um determinado grupo ou comunidade, apropria-se ele próprio dessa mesma comunidade. Como se fosse uma simbiose cultural, o espaço e a comunidade interagem, numa contínua e crescente cumplicidade de ininteligível identidade. (...) o espaço é lido, então, pelo valores culturais e sociais...” (Salgueiro, 2011)

⁶ comunidade in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-10-23]



A definição de comunidade incorpora por isso características essenciais gerais – interação social, objetivos compartilhados e localização comum – e características mais intrínsecas – escala humana, pertença, dever e espírito comunitário que acomodam e identificam a sociedade que as experienciam. / 41

No entanto, os hábitos e ritmos contemporâneos individualistas, carecem desta união e provocam relações interpessoais cada vez mais ténues e solitárias, dificultando o sentimento de identidade e pertença. É urgente por isso repensar e aplicar novas tipologias que motivem e convidem à partilha, ao contacto e ao desenvolvimento do espírito de comunidade. Serão analisadas por isso as práticas do Cohousing e do Coworking e de que forma respondem às problemáticas e às necessidades actuais.

PÁGINA ACTUAL

imagem 22

Manifestação pacífica,
Comunidade de Surf
- Surfrider Foundation,
Huntington Beach,
Califórnia, 1989

PÁGINA ESQUERDA

imagem 23

Not Sad Desk Lunches
- WeWork Community,
rooftop Getty Museum,
Nova Iorque, 2018

imagem 24

Vindimas no Douro -
Autor desconhecido,
Sociedade Vinícola



42 /

PÁGINA ACTUAL

imagem 25

Concept Centro Studi -
Co-housing Perugia, Itália

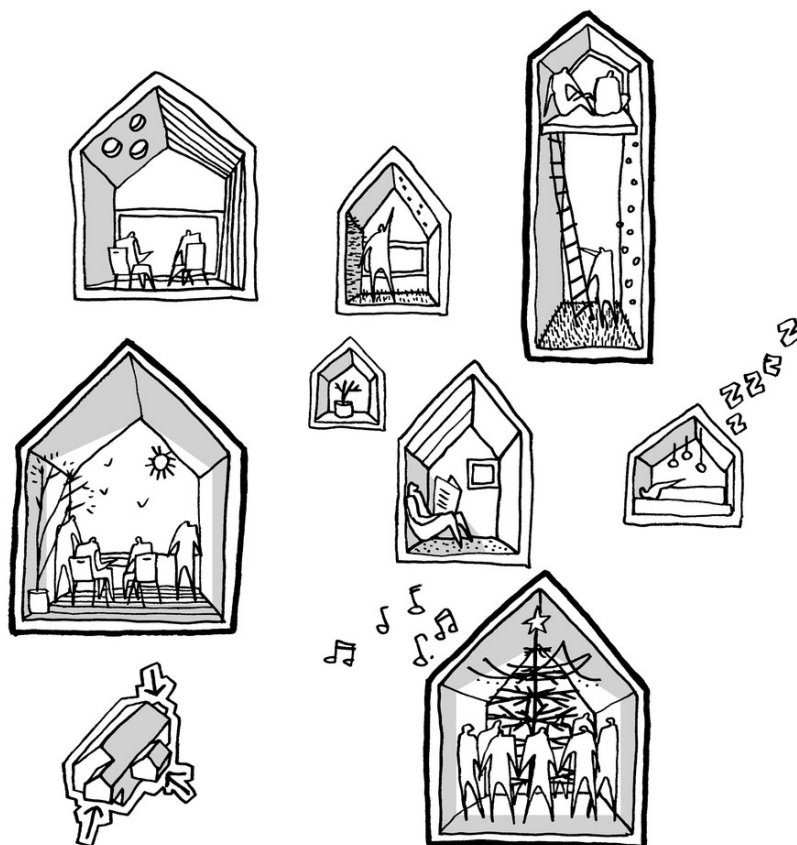
imagem 26

Diagrama projecto: Casa
de acolhimento para
menores. CEBRA, Dinar-
marca, 2014

PÁGINA DIREITA

imagem 27

Centro Studi - Co-housing
Perugia, Itália



COHOUSING

“O interessante na casa, por exemplo, é que constitui verdadeira-mente uma encruzilhada, um lugar comum para muitas disciplinas e interesses. Na casa encontra-se a alimentação, a política, a economia, a arte, a sociologia, a moda, a saúde e, por suposto, a arquitetura. É uma encruzilhada e não um espaço, porque se expõe a essas influências, corre riscos e pode – e deve – expor-se a eles. Ao contrário a arquitetura não sobreviverá, vítima da pureza disciplinar.”⁷

O definição de Cohousing apresenta-se como uma alternativa sustentável de habitação em comunidade, procurando um equilíbrio entre o espaço íntimo privado e o espaço social público. Esta comunidade, divide-se por isso entre duas tipologias de espaços: os privados – de habitação – e os espaços comuns – de partilha e socialização.

“Residentes de todas as idades partilham o desejo de um ambiente familiar mais rico e social. Baseado em princípios democráticos, a comunidade não tem gestão profissional, pelo contrário, cada residente serve num comité de grupo-de-interesse. (...) Mas é principalmente a arquitetura – o desenho único de fogos individuais e serviços comuns – que encoraja e mesmo exige um sentido de comunidade.”⁸

/ 43



⁷ MONTEYS, Xavier - Rehabitar en nueve episodios. pg.10-11 citado por TEIXEIRA, Liliana - START-UP ARCHITECTURE! - repensar o espaço doméstico sob uma nova lógica de flexibilidade e adaptabilidade

⁸ PORCINO, Jane – Living longer, living better. Adventures in community housing for the second half of life; pg. 01; tradução livre



A aplicação do conceito de habitação comunitária começou, em meados dos anos 70 na Dinamarca pelo arquitecto Jan Gudmand-Hoyer, e rapidamente se propagou pela Europa, sofrendo adaptações e evoluções, chegando aos Estados Unidos⁹, Canadá e Austrália na década de 90. O Cohousing foi articulado pela primeira vez por McCamant e Durrett¹⁰ e apresenta seis características basilares:

- Espaço social: O espaço deve encorajar um sentido de comunidade. As residências privadas são geralmente dispostas segundo uma rua pedonal com uma casa comum no topo, ou em torno de um pátio comum. Todo o projecto deve ser orientado num sentido de potenciar ao máximo o sentido de comunidade.
- Participação projectual: Os futuros residentes da comunidade devem participar no processo do projecto dos espaços, de modo a completar e satisfazer todos os seus requisitos.
- Serviços comuns e residências privadas: Estes serviços, de uso diário complementam as habitações privadas. A maioria das residências é de dimensões inferiores aos típicos fogos unifamiliares, pelo que os espaços comuns devem compensar essa perda de espaço aos moradores. Os serviços comuns, normalmente, compreendem uma zona de jantar comum, cozinha, sala de estar, sala infantil, lavanderia, atelier, ginásio e um ou dois quartos de hóspedes. Os espaços recreativos estão, muitas das vezes associados a espaços exteriores. No entanto, todos os residentes dispõem de uma habitação privada, que lhes confere uma necessária privacidade e autonomia.

PÁGINA ACTUAL

imagem 28

*Favela em Santa Teresa -
Autor desconhecido, Rio
de Janeiro, Brasil*

PÁGINA DIREITA

imagem 29

*WindSong - Cohousing
Community, Canadá,
USA*

imagem 30

*Ilhas do Porto. Autor
Desconhecido*

⁹ É necessário distinguir o modelo de Cohousing Americano, na medida que foi visto e explorado pelo mercado imobiliário como um fenómeno de sucesso. Pelo que adaptaram os conceitos básicos do originais e criaram condomínios fechados, focalizados e destinados a uma classe elitista e de estatuto alto, distorcendo os conceitos base de interação, partilha e crescimento em comunidade.

¹⁰ McCamant, K. e Durrett, C. – Cohousing: A contemporary Approach to Housing Ourselves (1994), tradução livre



- Gestão interna: As comunidades Cohousing são geridas pelos próprios membros. Os residentes, na medida das suas capacidades, fazem a manutenção necessária, e devem participar activamente no espírito da comunidade. São os próprios quem deve desenvolver as políticas e regras de funcionamento interno.
- Estrutura igualitária: Não existe uma estrutura hierarquizada nem a definição de um líder, ninguém tem autoridade sobre o outro. Procuram-se soluções por consenso e democraticamente. A realização de tarefas domésticas é atribuída e organizada por toda a comunidade.
- Objectivos sociais e pragmáticos: Há objectivos concretos no âmbito de alcançar uma maior vivência em comunidade e interacção social, nomeadamente entre extractos sociais e profissionais diferentes, de modo que exista uma constante e estimulante interacção. No entanto as comunidades Cohousing não partilham bens económicos. Trabalhar em prol da comunidade não deve ser remunerado e, em geral, é considerado uma contribuição.

/ 45



Conseguimos identificar nestes atributos uma memória, que nos remete para os Bairros, para as zonas de grupos sociais e étnicos – como as mourarias, os guetos e as favelas – e até às ilhas do Porto, que nos demonstram, que este conceito não é totalmente novo – mas sim recuperado e ajustado – e que a noção de habitar em conjunto, está inerente ao nosso panorama cultural e à nossa identidade enquanto sociedade.

PÁGINA ACTUAL

imagem 31

Edifício *Unité de Habitation* - Philippe Savoir & Fondation Le Corbusier, Marselha, França

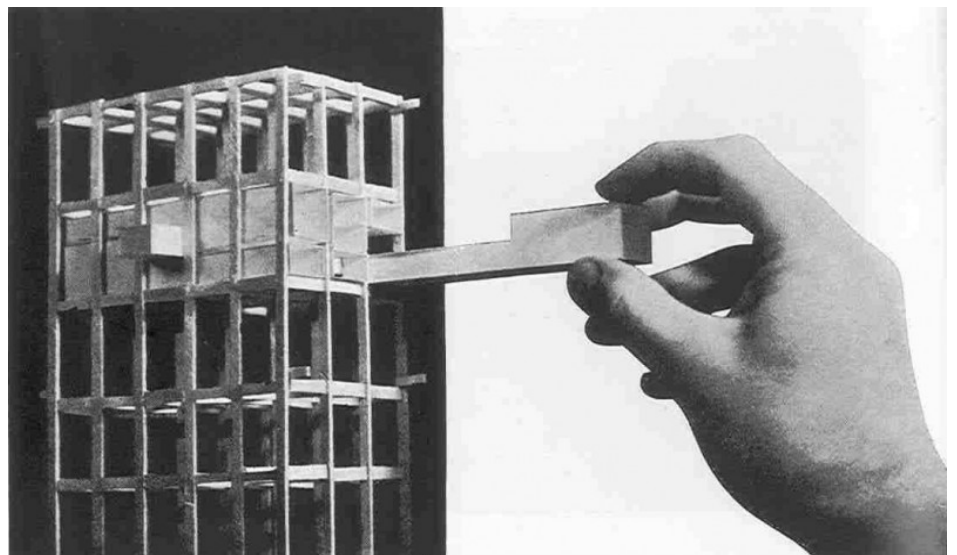
imagem 32

Maquete de Estudo, *Unité de Habitation* - Le Corbusier, 1945

PÁGINA DIREITA

imagem 33

Zona de piscina e pátio partilhado - *Unité de Habitation*, 1952





UNITÉ DE HABITACION DE MARSEILLE

Le Corbusier, França 1945-52

Um dos exemplo que demonstra a forma como o conceito de Cohousing foi sofrendo mutações e foi aplicado nos mais diversos contextos é o projecto Unité de Habitation de Marseille, concebido entre 1947-52 em França, pelo arquitecto Le Corbusier.

/ 47

Também este projecto veio responder às problemáticas de uma época pós-guerra, de reconstrução e acomodação das massas. Daí surge uma habitação de construção em série, mas mais do que o conceito de produção massificada, esta construção procurava resolver problemas como: "a rapidez, a quantidade, a economia no processo industrial de produção e principalmente a necessidade de mudar a mentalidade do utilizador. Também a noção de casa útil, produzida como uma máquina, ao alcance de todos, com standards mínimos, onde o homem pode viver de forma digna." (Salgueiro, 2011)

Todos estes ideais constituem a Unidade de Habitação que marcou de forma indiscutível a história do habitar, pela estruturação individual e modular da célula familiar em equilíbrio com os elementos de cariz comunitário: os serviços e espaços comuns.

“Os apartamentos da Unité não são conferidos numa base de posição ou estatuto profissional na hierarquia empresarial e social, mas de acordo com o tamanho e necessidades da sua família. Ao projectar estes apartamentos, Le Corbusier realçou que “não pensou nem no rico, nem no pobre, mas no Homem. Acreditava que a habitação podia ser feita para a “escala humana”, justa nas suas proporções para todos. Ninguém queria nada maior, ou mais pequeno.”¹¹



A grande comparação com o nosso tema de estudo, reflecte-se não só na adaptabilidade dos apartamentos aos seus utilizadores como principalmente nos serviços colectivos fornecidos a todos os moradores da comunidade:

- Gama completa de oficinas cujas técnicas já não podem ser praticadas na indústria dedicada à produção em massa.
- Salas de reunião de todos os tamanhos, destinadas a actividades participativas que não têm lugar na esfera hierárquica de produção.
- Cafés, restaurantes e lojas onde a sociabilidade pode ser cultivada por si mesma.
- Oferta de uma ampla variedade de actividades físicas, proporcionadas pelo ginásio existente em cada unidade de habitação, nos campos de ténis, na piscina e nas praias das redondezas.
- O seu próprio jardim de infância, enfermaria, escola primária, lavandaria comum, serviços de limpeza e manutenção e armazéns alimentares.

¹¹ FISHMAN, Robert – Urban Utopias in the Twentieth Century: Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, Le Corbusier. The MIT Press, 1982; pg.231-232. citado por SALGUEIRO, José – Cohousing Coworking: vícios e virtudes dos espaços de vida e trabalho em comunidade. Porto, 2011. pg.66

PÁGINA ACTUAL

imagem 34

Corredor de comércio
no 3º andar

imagem 35

Le Corbusier + esboços
conceptuais de projecto

imagem 36

Exemplo de interior
adaptado pelos moradores

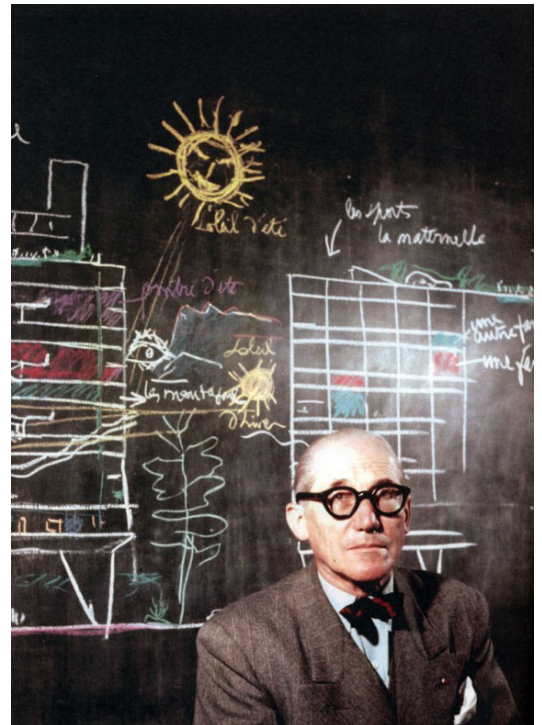
PÁGINA ESQUERDA

imagem 37

Crianças a brincar –
sala de estar interior
apartamento-tipo

imagem 38

Apartamento 50, reabilita-
do pelos alunos de mestrado
de Design de Produto



/ 49

A Unité de Habitation foi por isso concebida e construída sob a expectativa de uma vida em comunidade que se enquadra como uma das primeiras tentativas de Cohousing bem sucedidas.

Nos dias de hoje, o conceito e a aplicação do Cohousing volta a experienciar uma nova adaptação aos ritmos e vivências e principalmente à cidade onde se insere, na medida em que a escala da construção diminui, adequando-se aos variados espaços pré-existentes que permitem uma apropriação e reabilitação, com o objectivo de aí inserir uma vida em comunidade.

Disso são exemplos dois projectos: Together Hostel na China e o cluster Cubity, na Alemanha.





PÁGINA ACTUAL +
DIREITA

imagem 39+40+41

Módulos da zona dos
quartos. Cao Pu Studio,
Pequim 2017



TOGETHER HOSTEL

Cao Pu Studio, Pequim 2017

O Together Hostel situa-se em Pequim na China, e surgiu da necessidade de um grupo de amigos de explorar um conceito diferenciador no que diz respeito ao serviço de hospedagem.

Inseridos num hotel que já alberga no terceiro andar uma tipologia de alojamento tradicional, optaram que o segundo andar oferecesse uma experiência diferente, que decidiram nomear de Together (que significa juntos em português), esperando conseguir proporcionar não só um serviço de alojamento diferenciado, como também a possibilidade de viajar, assistir filmes, cozinhar e vivenciar o hostel em comunidade.

/ 51



Inspirados no festival Woodstock de 1969, o conceito baseia-se na ideia de festival de música, que se organiza com palcos, performances, zona de alimentação, zona de tendas e actividades variadas partilhadas pelos participantes do evento. Neste sentido, a ideia de festival foi traduzida para o interior de um prédio, considerando o “espaço interior como uma área, ao invés de uma série de salas fechadas.” Para tornar isso possível o segundo andar foi convertido em openspace, permitindo a entrada de luz natural e organizando as infra-estruturas de forma a instalar diversas funções como: escritórios, café, cozinha e os quartos-de-banho. Desta forma conseguiram conceber a ideia de “festival” integrando um completo acampamento interior.

Este acampamento é formado por tendas que se dividem em dois tamanhos: a tenda grande serve como espaço comum, onde se partilham refeições, se pode ler, conversar, jogar e conviver. As tendas pequenas destinam-se a dormir em camas de solteiro ou de casal e estão organizadas em grupos de 4/5 de forma a facilitar o gerenciamento e a organização.

PÁGINA ACTUAL

imagem 42

Zona de refeições partilhada

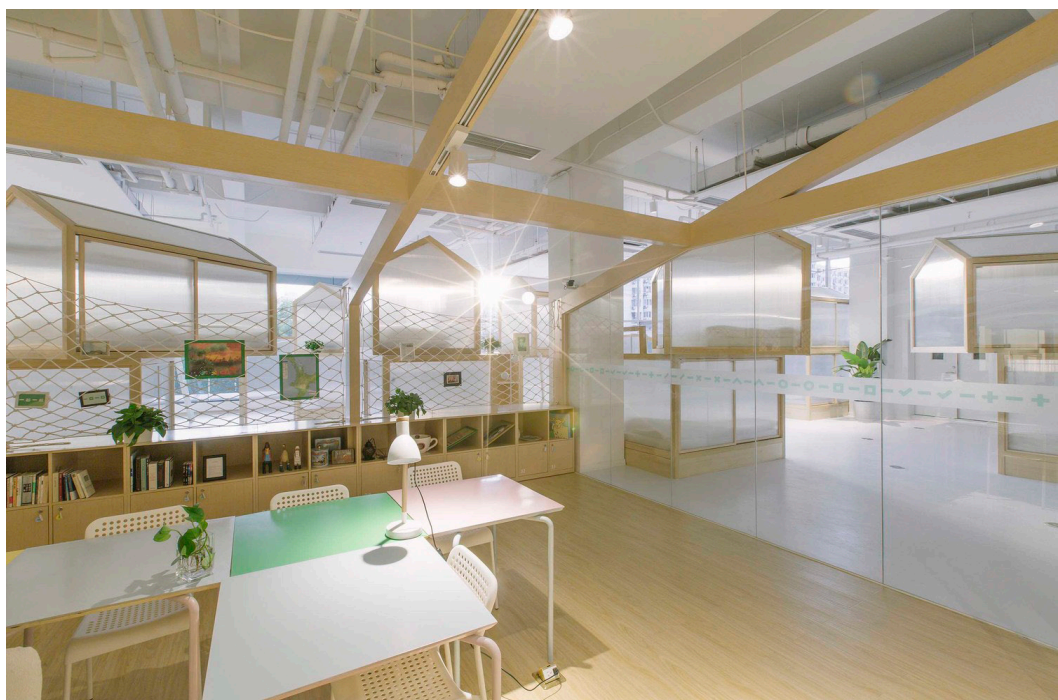
PÁGINA DIREITA

imagem 43

Zona anfiteatro + acampamento

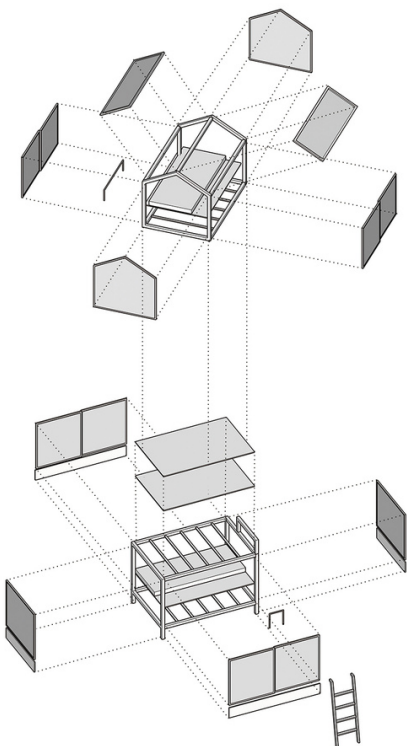
imagem 44

Axonometria explodida dos módulos





/ 53



A zona de anfiteatro é construída por degraus e destina-se não só a espetáculos, mostras de cinema e conferências, como também ao acampamento de “mochileiros”, com depósitos independentes para armazenamento.

Todo o espaço é organizado com o conceito de acampamento interior e está conectado visualmente, permitindo esta ideia de partilha constante.

A construção modular simples em madeira, concede a liberdade necessária para uma eventual mudança na organização espacial, adicionando ou diminuindo módulos que se apropriam dinamicamente do interior, com as paredes e os telhados revestidos por policarbonato translúcido. O espaço mínimo é explorado de forma a permitir não só o conforto e a intimidade como também a partilha.



54 /



PÁGINA ACTUAL

imagem 45

Zona comum +
laboratórios

imagem 46

Cozinha comum
do cluster

imagem 47

Zona comum
dividida por cortinas

PÁGINA DIREITA

imagem 48

Corte longitudinal
do projecto



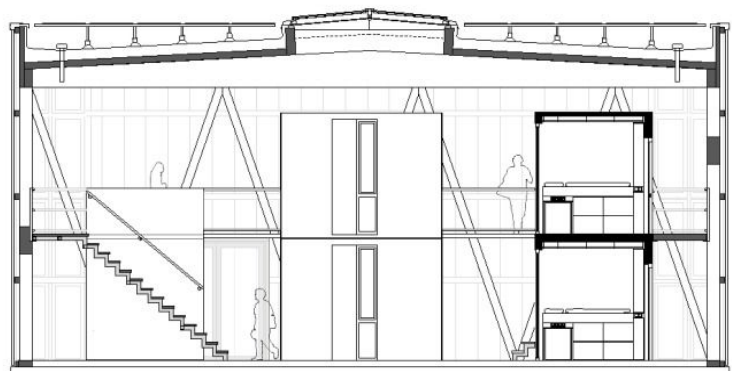
CUBITY

Darmstadt Technical University. Alemanha, 2016

O projecto Cubity é o primeiro cluster residencial modular para estudantes com certificado de energia renovável. Este inovador conceito espacial baseia-se no princípio da casa dentro da casa, com a exploração do espaço mínimo na área dos quartos individuais, maximizando por isso as zonas comuns, pensadas e criadas para impulsionar o convívio. “Permite, portanto, transições do indivíduo para o comum, do pequeno para o grande, do todo para o dividido - como uma síntese dos principais elementos – cubo, cidade e comunidade.”¹²

O projecto foi desenvolvido pela faculdade de arquitectura de TU Darmstadt em Frankfurt, dentro do contexto do concurso “Solar Decathlon”¹³ e foi construído pela empresa alemã de casas pré-fabricadas (DFH) que foi responsável não só pelo planeamento detalhado, produção e construção, como também pelo financiamento do projeto.

/ 55



¹² JOPPIEN, Annet-Maud e HEGGER, Manfred. CUBITY – Energy-plus and Modular Future Student Living. JOVIS.

¹³ O Solar Decathlon Europe é uma competição internacional que desafia equipas universitárias a projetar e construir casas movidas exclusivamente pelo sol. O vencedor da competição é a equipa capaz de marcar mais pontos em 10 competições.

O tema base do edifício é uma mudança constante – entre o interior e o exterior, o (semi-) espaço público e privado e apresenta-se como uma residência estudantil com capacidade para alojar 12 pessoas.

O invólucro é constituído por multicamadas de policarbonato translúcido com múltiplas câmaras de ar, e no seu interior foram instaladas seis caixas residenciais de dois andares, isoladas e revestidas com painéis OSB, que são conectadas no nível superior por uma galeria envolvente. O telhado e o piso foram construídos como estruturas altamente isoladas, de forma a possibilitar a organização livre do interior em openspace, sem colocar em questão as de isolamento e temperatura do edifício. Através de uma construção modular, a estrutura de madeira, assume-se atrás da pele exterior translúcida do edifício, permitindo que fachada se liberte de todas as funções estruturais concebida como uma parede em cortina que lhe confere leveza e comunica com o exterior envolvente.



imagem 49

Planta do piso 0 - zona comum

imagem 50

Fotografia do exterior do cluster com ênfase para a transparência

56/ Foi desenvolvido também um sistema de janelas de canto que em conjunto com a clarabóia no centro do edifício, asseguram a ventilação através de princípios térmicos naturais durante a temperatura máxima no verão. Além disso, fornecem eixos visuais acentuados entre o exterior e o interior, permitindo a permeabilidade desejada.





/ 57

Os quartos de 7,13m², são apelidados de “living cubes” (cubos vivos/ou cubos de vida) – e foram desenvolvidos sobre a premissa do habitar mínimo funcional e versátil, servindo para dormir, trabalhar, guardar pertences pessoais e tratar da higiene pessoal, incluindo uma casa-de-banho individual. A de janela do quarto – que vai do chão ao teto do módulo – com abertura estreita orientada para a zona central da habitação, ajuda a estabelecer uma conexão visual e o contato entre o espaço privado e o espaço comum que é apelidado de “Market Square”, onde os moradores partilham as funções comuns do quotidiano: comer, falar, estudar, cozinhar, conviver.

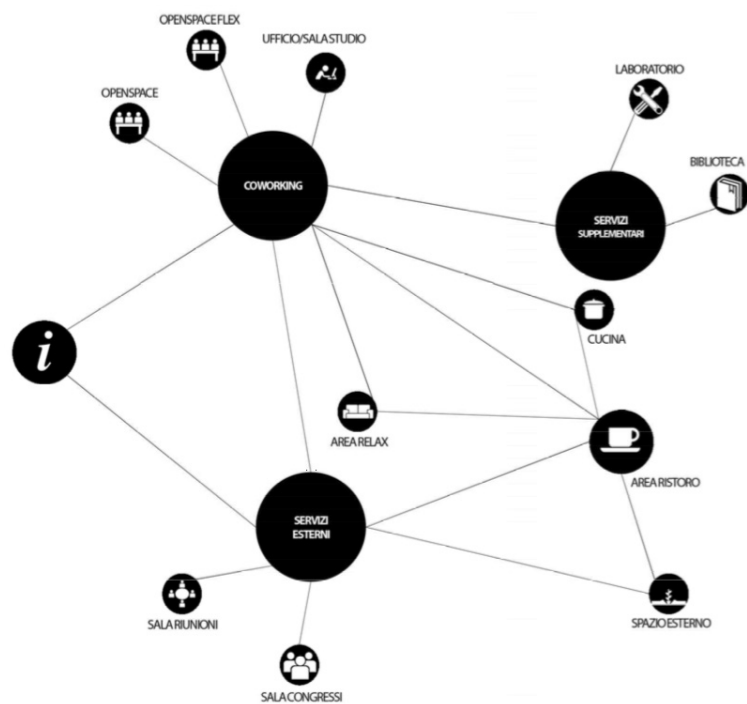
Desta forma a habitação CUBITY fornece soluções exemplares para questões sociológicas e energéticas e combina formas contemporâneas de convivência com aspectos de sustentabilidade. O projecto foi inicialmente construído como um edifício experimental ao lado da sede da Solar Decathlon em Marselha, e foi posteriormente instalado, no Outono de 2015 em Frankfurt.

imagem 51

Planta piso 1 - zona dos quartos

imagem 52

Interior do módulo dos quartos



58 /



PÁGINA ACTUAL

imagem 53

Village Underground Lisboa - Coworking Creative Community.

imagem 54

PURE - Sílvia Rocio + Mariana Póvoa + esse studio. Lisboa, 2017. Francisco Nogueira.

PÁGINA DIREITA

imagem 55

Sinergia Cowork Palermo - Emilio Magnone + Marcos Guiponi. Fotografia de Marcos Guiponi

COWORKING

“Daqui cinco a dez anos todos vamos trabalhar em casa. Mas aí precisaremos de casas maiores, grandes o suficiente para serem usadas para reuniões. E escritórios que sejam convertidos em habitações”.
(Rem Koolhaas, The Generic City 1994)

O conceito surge em 2005, pelo programador informático americano Brad Neuberg, com o qual ganhou protagonismo, quando alugou um espaço em São Francisco, em conjunto com 5 amigos, com o nome “Hat Factory”, que decidiram abrir também à comunidade.

A ideia de espaço de trabalho compartilhado, surgiu como forma de responder às necessidades que experimentavam como profissionais independentes, contrariando assim o isolamento de trabalhar em casa, diminuir e dividir gastos e materiais, promover a socialização, a partilha e a evolução em comunidade.

/ 59



No geral, os espaços de Coworking reúnem uma série de qualidades¹⁴ tanto espaciais, como conceptuais, entre elas:

- Espaços amplos, normalmente em openspace, organizados por meio de secretárias individuais ou partilhadas e mesas de trabalho (usadas mais pelas áreas criativas), zona/sala de reuniões e escritórios privados.
- Espaços comuns dedicados à socialização: cozinha/espço de refeições, zona de descanso/lazer.

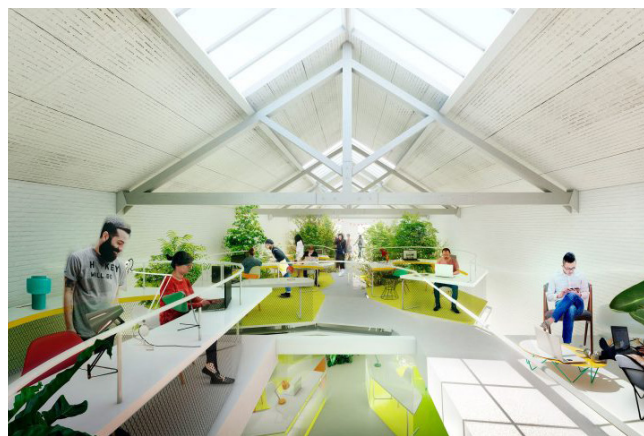


imagem 56

Espaço de cowork.
Second Home -
West London.
Selgas Cano, 2017

imagem 57

Espaço de cowork.
We Work - YanAn
Shanghai, 2010

60 /



- Alguns espaços mais elaborados possuem também recepcionista, café/restaurante e livraria.
- Partilha de serviços: máquinas de impressão, internet, limpeza e custos mensais.
- Mix profissional: não importa se o espaço tem 20 ou 300 membros, se não há variedade e diversidade, não há valor. Quando há diversidade todos os membros beneficiam.
- Partilha de recursos: não só os tangíveis – o espaço e os serviços – como também os intangíveis – partilha de conhecimento e experiência. No verdadeiro espaço de cowork existe uma atitude proactiva de partilhar em todos os aspectos.
- Comunidade: se todos os pontos anteriores se combinarem e gerirem correctamente, o resultado natural será o de uma comunidade profissional e social que terá vida por si mesma e que irá gerar um sentido de pertença de todos os seus membros.
- Gestão: um espaço de cowork organizado deverá ter um profissional que consiga gerir não só as situações mais básicas como garantir a coesão, a qualidade e a criação de valor tanto pessoal como para a comunidade.

¹⁴ Informação retirada e adaptada do site <https://www.betahaus.es/life-in-beta/que-es-y-que-no-es-coworking/>. Beta Haus é um conceituado espaço de Cowork em Barcelona.



Pelas inúmeras vantagens que acarreta, tanto a nível profissional, como pessoal e social, esta prática rapidamente se difundiu pelo mundo todo¹⁵, pelo que não só os trabalhadores freelancer como também pelas próprias empresas – como a Google, o Facebook e o Airbnb – que adoptaram os conceitos inerentes ao Coworking.

Estas empresas de renome mundial, não só utilizaram como elevaram o Cowork, criando verdadeiros espaços de “playground” que estimulam a criatividade e o convívio, com múltiplos espaços de trabalho fora do convencional escritório, passando por mesas partilhadas a chaise-longues e poufs confortáveis, espaço para concertos, mostra de comida gratuita e com variadas opções para os colaboradores, mesas de bilhar e salão de jogos, escorregas, e muita cor e dinamismo, redefinindo por completo as práticas laborais, permitindo a participação constante da construção e apropriação do espaço.

/ 61

imagem 58

Escritório da Google em Zurique. Via Pinterest.

imagem 59

Hidden Garden Behind the Concrete Walls - Muxin Design. China, 2016. Fotografia de Zhang Daqi



¹⁵ “Um recente estudo realizado no Brasil, aponta para que no país, no último ano, tenha havido um crescimento de 114%, o dobro de 2015/16. Quanto ao funcionamento, a pesquisa aponta que 21% são pet-friendly, 50% são acessíveis a mobilidade reduzida, 3% são kids friendly, 54% têm espaço ao ar livre, 41% tem atendimento em inglês, 31% acesso 24h, 41% estacionamento próprio e 66% fornecem endereço fiscal.” In Pereira, M. (2017) Coworking: Espaços de trabalho compartilhados. ArchDaily Brasil. Retirado a 20/10/2018



62 /

PÁGINA ACTUAL

imagem 60

Factory Panorama with
Andy, (1966), Nat
Finkelstein

imagem 61

Andy Warhol with
'Flowers' at The Factory,
(1964)

PÁGINA DIREITA

imagem 62

Andy Warhol working on
'Flowers' (1965)



O LOFT

E como temos visto até agora, tudo se regenera, pelo que também a definição de cowork e openspace não nos são totalmente novas como modelos de organização espacial, remetendo-nos para a origem do loft nova iorquino, de 1950, criado e difundido pelo artista Andy Warhol.

Warhol apropriou-se de um antigo espaço industrial (antiga fábrica de chapéus), ao qual designou “The Factory” e que se define “além do baixo preço do aluguer, pelos valores e ideias que ali subjazem, e (...) organiza um dos modos mais singulares de morar que o século XX inventou – o loft nova iorquino – e este, por sua vez, em uma forma de pensar, construir e habitar um arquétipo da casa contemporânea.

O loft será, basicamente, uma casa-oficina, com uma grande superfície e um grande espaço interno, quase sempre alugada por preços muito baixos, instalada num galpão industrial ou armazém – geralmente datados do final do século XIX e situados num lugar central economicamente decadente – na qual se fundem os âmbitos privados e de trabalho.”¹⁶ (Ábalos, 2001)

/ 63



¹⁶ “Um loft é, originalmente, uma porção de solo, para aluguer ou venda, dentro de uma estrutura de pisos, o modelo tipológico industrial característico do século XIX, (...). Poderá ser ocupado individual ou colectivamente, em função basicamente da capacidade económica, mas também dos interesses criativos ou do compromisso social dos seus residentes.” In Ábalos, I. (2001) A boa vida. pg. 124

Os primeiros lofts, nomeadamente o The Factory, estavam associados a um estilo de vida boémio e descontraído, "há ali, um ambiente permanente de festa e trabalho criativo (pintura, cinema, música, happenings), no qual podemos reconhecer o espírito de (...) construção criativa do próprio indivíduo – essa proposta de superação da arte através da sua realização na arte viver." (Ábalos, 2001)

Estas casas-oficinas permaneciam abertas aos visitantes e à comunidade, em consonância com os códigos sociais vigentes e onde o quotidiano se ligava intimamente à vida de trabalho e criativa.



imagem 63

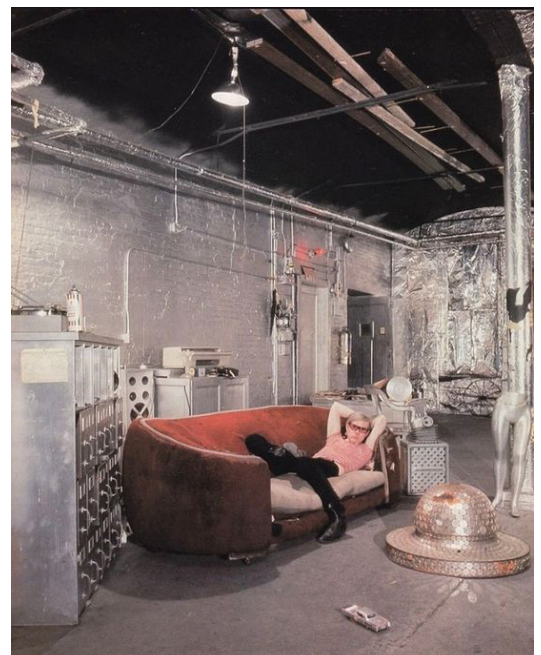
Andy Warhol and friends at The Factory, 1968.

imagem 64

SelfPortraits/Portraits - 1964 - 1974, Andy Warhol at the factory

"Através do loft, teremos aprendido a pensar o espaço doméstico como algo que pode permanecer alheio a todas as determinações funcionalistas, como um espaço generoso e indeterminado, em que alguns mínimos atributos permitirão um estilo de vida desregrado, libertador, ligado à melhor tradição contestatória do século. (...)

Trata-se de entender até que ponto a privacidade é paradoxal, contraditória, misteriosa, até que ponto seria possível um projecto, uma forma de pensar a casa, que retirasse a sua energia de semelhante reflexão, que lançasse o que de libertador há nesta tradição doméstica do século XX." (idem)



FLEXIBILIDADE

Esta apropriação dos espaços fabris abandonados, proporciona não só uma requalificação menos invasiva da cidade, como possui características cativantes e pertinentes para os modos de vida da contemporaneidade. Destaca-se a flexibilidade¹⁷ espacial, que confere um sentimento de liberdade e permite uma apropriação e modificação consoante do programa ou das vivências, eliminando a rigidez tanto espacial quanto comportamental.

imagem 65

Antivilla - Brandlhuber+
Emde, Schneider
Alemanha, 2015
fotografia: Erica
Overmeer



“(...) a flexibilidade não é a antecipação exaustiva de todas as modificações possíveis. Muitas alterações são imprevisíveis (...). A flexibilidade é a criação de uma capacidade de ampla margem que permita diferentes e mesmo opostas interpretações e usos.” (Koolhaas, 1995)

¹⁷ “Torna-se claro que flexibilidade é um conceito lato e subjectivo e a sua aplicação no espaço, por consequência, também o é. Flexibilidade implica possibilidades de expansão (aumento da área), de conversão (adaptação do espaço a novas funções), versatilidade ou polivalência (possibilidade de albergar várias funções ao mesmo tempo) e maleabilidade (alterar ou moldar a compartimentação do espaço a qualquer altura). Pode-se dividir a flexibilidade em várias categorias. Alguns autores referem a diferença entre flexibilidade na execução e flexibilidade no uso, outros entre flexibilidade física, funcional e económica.” in Teixeira, L. (2013) Start up Architecture!



imagem 66

AEO lounge chair -
Archizoom for cassina

Não restam dúvidas que somente pelo acto de apropriação, é que se cria um vínculo com o espaço, e essa apropriação é feita pelas articulações, pelos objectos, ritmos e funções que vão moldando o mundo íntimo e complexo do habitar, permitindo o conceito de habitação evolutiva.

“No mundo actual múltiplo e hipotético, em que não podemos prever o futuro com certezas, a arquitectura e a cidade expressam a flexibilidade, tomando-a como uma necessidade e imperativo.” (Furtado, 2010) Habitamos numa espacialidade híbrida, num mundo glocal,¹⁸ onde é possível ao mesmo tempo ser local e global.

Dentro desta tipologia de Coworking, destacamos dois projectos que evidenciam este estilo de vida em comunidade, e a forma pertinente em que se insere no quotidiano contemporâneo: o One day Pause and Forward Hostel na Tailândia e o Wework na China.

¹⁸ “O termo “glocal” foi evocado pela primeira vez, criticamente, em ciências humanas, por Paul Virilio (1955), e trata-se de um neologismo formado pela primeira sílaba do termo global e pela sílaba desinencial do termo local. (...) o glocal pode ser entendido como um processo social mediatizado que transpassa a situação global e local, pois hibridiza estas situações em tempo real utilizando o fenómeno da tecnologia em rede.” (in arquitextos, 189.06)



ONE DAY PAUSE AND FORWARD HOSTEL/CO-WORK

Be Gray Studio, Bancoque, Tailândia 2014

/ 67

O *One Day Pause and Forward* apresenta-nos um novo conceito de habitação para viajantes, que incorpora um hostel, um espaço de cowork, um café/restaurante e uma florista.

O conceito por detrás do projecto é baseado na premissa de “keep it forward” (continua em frente) com a tua vida, onde se promove que de um bom descanso, provém um trabalho mais gratificante e que os dois podem e devem andar em equilíbrio.

O hostel apresenta-se então como One day Pause, e o espaço de trabalho como Forward Coworking Space, que resumem a ideia de que com o equilíbrio certo podemos ser tanto viajantes, como trabalhadores em partime, encaixando-se no perfil dos freelancers que podem aqui, encontrar um sítio que ofereça e promova o melhor dos dois mundos.

imagem 67

Vista do exterior para a entrada do hostel e do cowork



imagem 68

Zona de cowork e de refeições comum

imagem 69

Vista superior da zona de cowork

O design de interiores feito pelo estúdio Begray, com atelier baseado na Tailândia, é um equilíbrio entre o estilo industrial com o artesanato local, combinados com elementos vintage que os proprietários vão colecionando, originando um ambiente acolhedor e único, que vai sendo construído com o quotidiano.

68/ O One day Pause, apresenta-se como um hostel sofisticado, ainda que com preços acessíveis, para todos os viajantes que procurem inspiração e onde possam sentir em casa. Possui um total de 31 quartos – divididos em suítes e dormitórios – e uma capacidade para 120 pessoas, combinados com zonas comuns: uma cozinha equipada, uma lavandaria, uma área de lazer e uma sala de refeições.

A luz natural é privilegiada neste projecto combinada com plantas que se vão apropriando do espaço, criando uma atmosfera de conforto e envolvimento.





/ 69

O Forward Coworking Space, está totalmente equipado para receber não só os convidados mas também a comunidade, pensado sob medida para o jovem profissional actual sempre em movimento. O espaço inclui serviços de internet, mesas de trabalho, salas de reunião, acesso 24h e a possibilidade de convívio e sinergias entre pessoas.

Ainda que com conceitos e vivências diferentes, os dois espaços complementam-se e são conectados também pelo café/restaurante *Lapin* onde refeições deliciosas são servidas ao longo do dia.

imagem 70

Espaço de refeições
partilhado

imagem 71

Beliches - Quarto
Dormitório

Inseridos na capital Tailandesa, o hostel One day Pause procura contrariar e equilibrar as vivências demasiado intensas e rápidas da cidade que o envolve, promovendo e oferecendo a pausa, a reflexão e a harmonia numa cidade que nunca dorme, cheia de desequilíbrios económicos, sociais e culturais, onde é urgente encontrar soluções que possibilitem abrandar.



PÁGINA ACTUAL

imagem 72

Escritório
WeWork Madrid

imagem 73

Escritório
WeWork Detroit

PÁGINA DIREITA

imagem 74

Escritório WeWork
Shangai - Zona cowork





WEWORK

Linehouse Studio, Shanghai - China 2016

"Quando abrimos a *WeWork* em 2010, queríamos construir mais do que bonitos espaços de escritórios compartilhados. Queríamos construir uma comunidade. Um lugar onde entra como um indivíduo, 'eu', mas se torna parte de um grande 'nós'.

/ 71

Um lugar onde estamos a redefinir o sucesso medido pela realização pessoal, não apenas pelos resultados. A comunidade é o nosso catalisador."¹⁹

O espaços *WeWork* estão presentes em mais de 30 países, onde difundiram o conceito de que ao conectar o espaço e as pessoas, podemos transformar e evoluir os negócios. Têm como parceiros e clientes empresas de renome como a Microsoft, a Adidas e o Facebook, e para além dos espaços totalmente equipados, com um design de interiores diferenciador, oferecem também um conjunto de serviços e um acesso global a todos os escritórios conectando a comunidade de forma global.

¹⁹ Missão da empresa *WeWork*, retirada do site: <https://www.wework.com/pt-BR/mission>



O espaço divide-se em espaços de trabalho comuns – com mesas individuais ou colectivas – e espaços privados – escritórios e salas com tamanhos variados, adaptados a casa profissional ou empresa.

A ponte entre pessoas e conhecimentos é feita nos espaços comuns de lazer – a cozinha e as zonas de descanso/lounge, mas também pelos eventos organizados pela empresa que incluem: Almoço com partilhas de talentos, sabedoria e dicas valiosas; Sessões individuais com investidores e líderes da indústria. Eventos em rede: Aumente seu círculo profissional em centenas de eventos; Bem-estar: Sessões para promover o equilíbrio, com meditação ou kickboxing.

“Os eventos são uma parte essencial da experiência WeWork. Desde horários de funcionamento agendados regularmente com capitalistas de risco ou outros profissionais da indústria até à degustação de queijo com toda a comunidade, nós sabemos trabalhar e sabemos divertir-nos. Temos eventos sociais e profissionais a acontecer todos os dias para ajudá-lo a construir e manter um forte senso de equipa.” (idem)

72 /



imagem 75

Escritório WeWork -
Kingsway, Londres

imagem 76

Escritório WeWork
Culver city

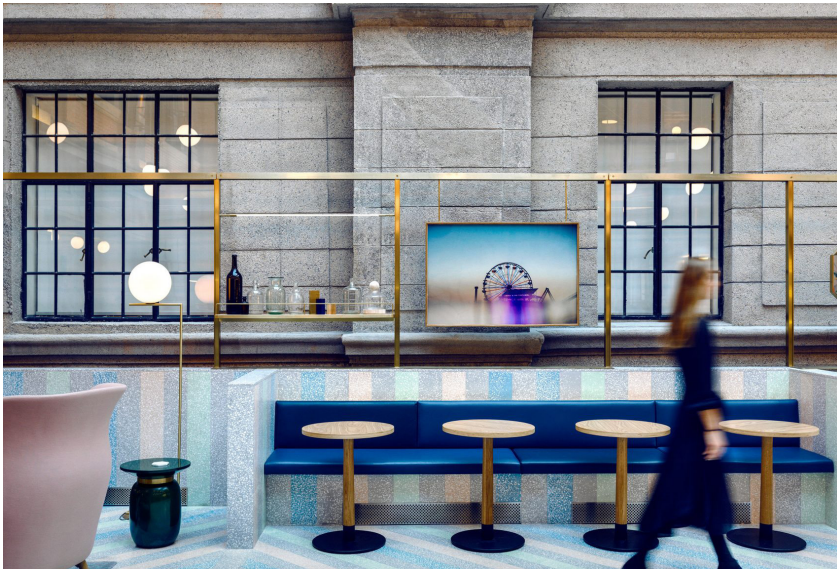


imagem 77

Escritório WeWork
Shangai - Zona do bar

imagem 78

Escritório WeWork
Shangai - Zona das
escadas

Como a título de exemplo da aplicação deste conceito de sucesso, evidenciamos o projecto dos escritórios em Shangai na China, explorados pelo estúdio arquitectura Linehouse.

O projecto parte da reabilitação de uma antiga fábrica de ópio e residência artística, adaptando o espaço localizado no bairro de Jing'An, para acomodar os escritórios, que acomodam 1300 membros da comunidade WeWork.

O edifício do século XX, foi reabilitado de forma a celebrar "a grandeza do edifício, encapsulando a sensação de um grande hotel, transportando os hóspedes e membros numa viagem inesperada de capricho, voyeurismo e festa."²⁰

/ 73



²⁰ Informação retirada de WeWork Weihai Lu / Linehouse 16 Feb 2017. ArchDaily. Acedido a 24 Oct 2018. Tradução livre.



“À chegada, os hóspedes passam por uma antiga viela, emoldurada por um arco tradicional chinês. As paredes da pista são pintadas de rosa e o chão linhas de cimento cor-de-rosa, verde-água e azul céu. No tecto, as luzes são festivamente suspensas entre as paredes.”
(idem)

A pré-existência é um edifício histórico de tijolo, com adições de elementos industriais que se foram apropriando ao longo do tempo com as variadas vivências do edifício. A recepção está localizada nesta zona intermediária do antigo e do novo e faz a mediação entre os dois. A estrutura metálica pré-existente foi pintada de verde água e enuncia-se no centro da zona comum por meio da excepcional escadaria em zigzag, que envolve todo o pé direito triplo do espaço, e permite que todos sejam espectadores da vida da comunidade.

74 /

As cores vão alterando conforme os pisos e as funções, intensificando o dinamismo e a criatividade, equilibradas com o ar industrial e minimalista do metal e o toque quente da madeira.

O espaço é consolidado por meio do terraço central, constituído pela cozinha partilhada, mesas de trabalho e refeição, confortáveis cadeiras, cadeirões e sofás, onde a vida comum ganha essência e a partir do qual todo o espaço se distribui e organiza.



Com as profundas transformações sociais, económicas, culturais e políticas que vivenciamos, o habitar em comunidade por meio do Coworking e do Cohousing, ganha um protagonismo pertinente que, como vimos nos variados exemplos, em diferentes zonas do Mundo, é uma tendência global em crescimento e adaptação.

Quando questionado sobre a ideia de habitar e o significado de lugar e dos espaços transitórios, Sou Fujimoto propõe esta reflexão:

“Eu acredito que uma casa não precisa de ser necessariamente uma casa. Uma casa é um lugar destinado à habitação do homem. No entanto, um lugar para a habitação do homem, não é limitado a ser uma casa. Eu acredito que pessoas habitam um território muito mais vasto, um que absorve a casa. Quando alguém as remete à sua origem, casas e cidades devem ter sido indistinguíveis.”²¹

PÁGINA ACTUAL

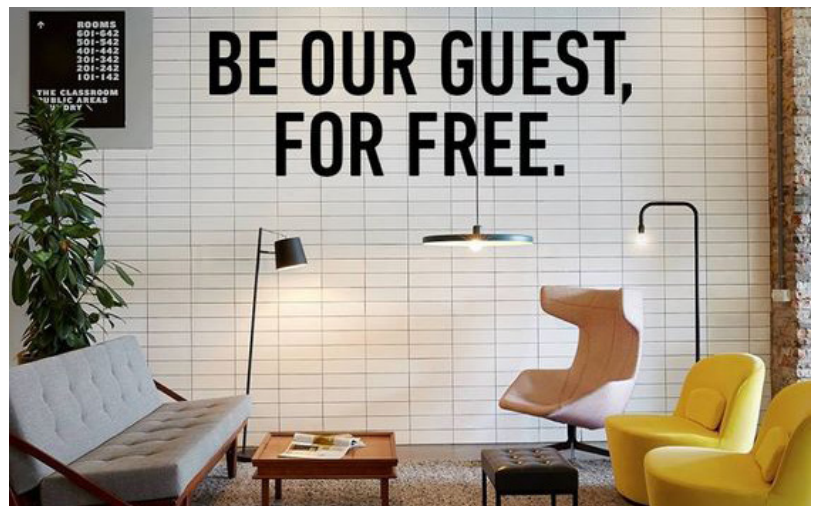
imagem 79

Student Hotel -
Amsterdão. Zona
lounge

PÁGINA ESQUERDA

imagem 80+81

Escritório WeWork
Shangai - Zona lounge



/ 75

As tipologias de habitar e trabalhar aqui apresentadas, exploram por isso a necessidade de privilegiar o contacto com o outro, o sentimento de pertença, abrandamento, o sentido de comunidade e de casa global por meio das articulações entre os espaços e as influências socioculturais, potenciando todos os seus estímulos e desafios, de forma a evoluir começando em nós e estendendo-se à cidade e ao mundo.

²¹ FUJIMOTO, S, citado por SALGUEIRO, J. (2011) Cohousing Coworking: vícios e virtudes dos espaços de vida e trabalho em comunidade. p.74)

slow





capítulo 2

2.1



imagem 82

Ojai, California. Autor desconhecido. Via Pinterest

78 /

SLOW / len.to

adjectivo

Lento. Que não tem pressa. Que se prolonga no tempo. Demorado.

MOVEMENT / mo.vi.men.to

substantivo

Acto de mover ou de se mover. Evolução de ideias, agitação política. Alteração, mudança.

SLOW MOVEMENT

O movimento Slow é um movimento internacional que teve a sua origem em 1986 em Itália, com o Movimento Slow Food. Este protesto surge em oposição à cultura associada ao fastfood¹ e à massificação alimentar, e pretende preservar e promover não só a comida local e as tradições de confecção e gastronomia a ela associadas, como também encorajar os agricultores e produtores locais.

O protesto revelou-se de tal forma pertinente que impulsionou uma tendência que se espalhou pelo resto da Europa e do Mundo², nas mais variadas temáticas e práticas: saúde, economia, viagens, cidades, design, arquitectura, vida pessoal, trabalho, etc., originando o Slow Movement que, em síntese, “preconiza que vivamos no ritmo adequado para o bem-estar e desenvolvimento pessoal, social, comunitário e ambiental” (Slow Movement Portugal, 2009).

/ 79

¹ “Quando o primeiro Macdonald’s estava preparado para abrir em Itália em 1986, iniciou-se não só um protesto como uma revolução. Os italianos, tão protectores e orgulhosos das suas tradições de cozinha requintada e centenária, rebelaram-se não só contra o primeiro Macdonald’s na sua icónica cidade de Roma, como também pelo colapso culinário de décadas que a cadeira simbolizava, gerada pela revolução fastfood de 1950 – que reduziu não só os alimentos, como também a sua preparação e degustação para o mais baixo denominador comum de qualidade.” (Alpine Modern in Dwell)

² Em 1989, três anos depois do protesto inicial, foi assinado o manifesto da Organização Internacional do Slow Flow em Paris, por delegados de 15 países, com o objectivo de promover a não só a comida local e as tradições de gastronomia, como também produção e confecção dos alimentos, honradas pela cultura, pelo tempo e pelas pessoas. Hoje, o movimento está presente em mais de 160 países e supera os 80 mil associados.



O conceito que define o movimento é não só apropriado como relevante para a contemporaneidade³, por contrariar e desafiar o tempo acelerado e de excesso que se observa nas vivências actuais, em conjunto com o ritmo vertiginoso e impaciente, onde queremos o imediato e vivemos em constante velocidade e pressão, promovendo e impulsionando por isso a qualidade ao invés da quantidade, procurando o equilíbrio e o ritmo certo nas diferentes áreas da vida.⁴

A ideia geral assenta por isso na necessidade de abrandar, de conferir significado e valor ao essencial, “viver num ritmo slow é procurar viver num ritmo equilibrado que seja bom para o corpo e bom para a mente (saúde), bom para os relacionamentos, para as sociedades e comunidades (desenvolvimento pessoal, social e local), e para o planeta (ambiente, sustentabilidade), é um modelo de equilíbrio para viver melhor sabendo quando é necessário abrandar ou acelerar, não deixando que o abrandamento se torne estagnação, nem deixando que a aceleração se torne maníaca.



³ “Se aceitamos o conceito de globalização como aquele que caracteriza a condição contemporânea, podemos utilizar a expressão “cidade global” para definir as tendências da cidade a partir do último quarto do século XX. Nela, evidenciam-se as crises de um modelo urbano marcado pela funcionalização de todo o território, pela difusão e dispersão das áreas urbanas que compõem um mosaico de fragmentos sem relação entre si. Essa situação é reforçada pela perda do espaço público em benefício de interesses sectoriais e individuais, que se apropriam da memória e da herança colectiva, reduzindo-as a meras cenografias.” (in Montaner, J. P., Muxí, Z. (2011) Arquitectura e Política. – pg. 115)

⁴ “No contexto da globalização, da conflituosidade, das fronteiras e da criação de capital monopolista, as alternativas radicam na reorganização das próprias cidades para que sejam mais sustentáveis, para que sejam complementadas com estruturas rurais formadas por comunidades ecológicas, têm fortalecidas as suas relações sociais por meio da implementação do espaço público e das instalações e reforçadas as suas características singulares, seus movimentos artísticos e a sua tradição cultural.” (in Montaner, J. P., Muxí, Z. (2011) Arquitectura e Política. – pg.128)



PÁGINA ACTUAL

imagem 83

Anthropologie's new home catalog. Via Pinterest

imagem 84

Breakfast in Puglia. Via Pinterest

PÁGINA ESQUERDA

imagem 85

Autor desconhecido. Via Pinterest

/ 81

Trata-se de defender a vivência do quotidiano⁵ com um tempo de maior qualidade para nós próprios, para os “nossos” (família, amigos, vizinhos) e para os outros, incentivando lógicas sustentáveis” (Slow Movement Portugal, 2009).

Esta concepção e compreensão da vida em “modo slow” adequa-se às mais variadas vertentes, sendo que iremos aqui, primeiramente, analisar a originária “slow food”, para depois percebermos como este processo se aplica também às cidades, ao dinheiro, às viagens, ao design e à arquitectura.



⁵ “Nenhuma atenção dada àquilo que faz a vida de todos os seres: o quotidiano, esses momentos e essas horas passados dia após dia, desde a infância até à morte, em salas, em espaços quadrangulares e simples que podem ser emocionantes, e que constituem de facto, o teatro primordial em que a nossa sensibilidade evolui, desde o momento em que abrimos os olhos para a vida.” (in Corbusier, L. (2003) Conversas com estudantes das escolas de arquitectura –pg.33)



PÁGINA ACTUAL

imagem 87

The Rise of Slow Food,
Italy Magazine

imagem 88

Galleria del film Slow
Food Story (2013) - Carlo
Petrini no 1º Congresso In-
ternacional da Slow Food

PÁGINA DIREITA

imagem 89

Autor desconhecido. Via
Pinterest

FOOD / co.mi.da

substantivo

O que se come ou serve para comer.

Alimento, sustento. Culinária, Gastronomia.

SLOW FOOD

O slow food é um movimento e uma organização não governamental, que surgiu em Itália em 1986, liderada por Carlo Petrini⁶, jornalista e activista que se manifesta em oposição à massificação e padronização promovida pela fastfood⁷. Este movimento foi o primeiro dos movimentos "Slow" e valoriza o que é de origem local em oposição ao global, "não negando, também, a Globalização que deverá ser pautada pela justiça, pela equidade, pela humanização e pela regulamentação" (Slow Movement Portugal, 2009).



A filosofia deste movimento defende a qualidade das refeições, o valor da tradição gastronómica de um determinado local que identifica a cultura e os hábitos da comunidade⁸, protege o consumidor que deverá ter acesso à informação do que consome, mas também o produtor que deverá ser valorizado pelo seu trabalho e pela produção local, que para além de ser mais saudável, é também mais sustentável, proporcionando por meio da compra directa, depender de menos transporte, o que previne e diminui a poluição, menos custos, menos químicos para conservação, favorecendo a fileira curta entre produtor e consumidor, contribuindo também para a economia local e para a evolução e valorização dos mercados e negócios da comunidade que conferem história e significado à cidade.

/ 83



⁶ O jornalista italiano Carlo Petrini, além de ter sido um dos fundadores do Movimento e protesto Slow Food, foi também distinguido em 2013 pela Organização das Nações Unidas (ONU) com o prémio "Campeões da Terra" e em 2004, a revista Time já o tinha seleccionado para a lista dos "heróis" do ano.

⁷ O termo fastfood surgiu em 1926, no Kansas, Estados Unidos da América pela empresa White Castle. Mas foi o Macdonald's que, em 1948, revolucionou e implementou o conceito, que passa pela confecção e venda de alimentos num curto intervalo de tempo, de forma massificada e pré-cozinhada, comercializada em embalagens descartáveis para consumo em takeaway.

⁸ "Antes da era global e do tempo da fastfood, cozinhar e construir ganhavam corpo em torno de um conhecimento predominantemente local. Tanto nos ingredientes como nos materiais de construção, era pelo meio e pela forma como com ele interagíamos que se dava expressão a estas duas manifestações culturais. Não apenas nos edifícios de excepção, ou na cozinha de autor, mas sobretudo num registo popular ou na cozinha tradicional." (Sergio Rodrigues in Casa dos Sentidos, pg.97)



Um dos desafios é por isso reflectir no real custo do alimento, tanto a nível monetário como a nível da saúde das pessoas e do ambiente, e a forma como podemos, por meio de soluções simples que o Slow Food propõe ou salienta, encontrar a resposta para um estilo de vida mais saudável e equilibrado que começa na alimentação e se estende a todas as práticas do quotidiano.

84/ “Ao treinar os nossos sentidos para compreender e apreciar o prazer que o alimento proporciona, também abrimos os nossos olhos para o mundo” (manual slow food, 2013) reconhecendo que a Gastronomia está indissociavelmente ligada à família, à economia, ao lazer, à política, à agricultura, à cultura e ao ambiente.

“Para além do âmbito da simples analogia, a relação entre a arquitectura e a gastronomia é mais subtil e intensa do que inicialmente aparenta ser. Em boa verdade, ambas as práticas reflectem a forma e saber de um povo, ambas surgem de circunstâncias e hábitos específicos, espelham a maneira como reagimos a uma dada realidade e, consequentemente, ambas mostram a forte ligação entre uma cultura e a sua religião.” (Rodrigues, 2008)

PÁGINA ACTUAL

imagem 90

Building a Better Food Future. Local Food Alliance.

imagem 91

A Kinfolk dinner - Beth Kirby. Via Pinterest

PÁGINA DIREITA

imagem 92

Slow Food Nation. Case Studies. DPEM



A filosofia Slow defende por isso que o alimento deve ser bom, limpo e justo.

“BOM: Significa saboroso e apetitoso, fresco, capaz de estimular e satisfazer os sentidos, capaz de juntar as pessoas e trazer bons momentos passados em companhia ou mesmo sozinho, bons momentos passados na sua produção, confecção ou degustação.

LIMPO: Significa produzido sem exigir demais dos recursos da terra, dos seus ecossistemas e meio-ambiente e sem prejudicar a saúde humana.¹⁰

JUSTO: Significa respeitar a justiça social, o que significa pagamento e condições justas para todos os envolvidos no processo, desde a produção até a comercialização e consumo¹¹.” (Slow Movement Portugal, 2009).



/ 85

“O cozinheiro, como o arquitecto, trabalha criativamente com uma infinidade de recursos e gera prodígios a partir de simples materiais de construção. Mas, mesmo usando o mais requintado mármore ou o melhor caviar, o sucesso não é garantido. A arquitectura, como a gastronomia, desenvolve-se e perdura na forma de memórias, cheiros, sabores e temperaturas.” (chef Ferran Adrià in MIT Press, 2004)

¹⁰ Em entrevista para o jornal Observador em Maio de 2017, Carlo Petrini refere: “Aparentemente, a comida fast food é menos cara. Mas se consumirmos esta comida, regista-se uma externalidade negativa, ou seja, os custos que não se pagam diretamente – neste caso, são direccionados para a Medicina. Outro exemplo é: se a comida fast food destrói o meio ambiente, o preço vai ser pago. E quem paga? Pagamos todos nós. O preço parece ser bom e barato, mas se considerarmos todas as outras situações, o valor é muito mais elevado.” (Carlo Petrini in Observador)

¹¹ “Não existe hierarquia gastronómica. No mundo da gastronomia, a França e a Itália não ocupam os primeiros lugares. Um país pobre como o Burkina Faso tem a mesma dignidade com a sua gastronomia. O direito a comida boa não é só um direito de quem tem dinheiro e a luta contra a fome é uma questão de dignidade. A partir do momento em que o slow food começou a dirigir-se não apenas aos países que têm segurança alimentar, mas a concentrar-se também em países onde há fome, guerra e destruição, eu senti que o movimento era muito mais forte do que aquela contestação de 1986.” (Ibidem)



86 /

CITY / ci.da.de

substantivo

Meio geográfico e social caracterizado por uma forte concentração populacional que cria uma rede orgânica de troca de serviços (administrativos, comerciais, profissionais, educacionais e culturais). Metrópole. Vida urbana, por oposição à vida no campo.

PÁGINA ACTUAL

imagem 93

La Violette. Paris. Via
Pinterest

PÁGINA DIREITA

imagem 94

Monocle Café. Londres.

SLOW CITIES

A “Cittaslow” é um movimento fundado em Itália em 1999, inspirado na originária manifestação Slow Food. Estas cidades promovem um estilo de vida que incite a viver mais devagar, num ritmo adequado, que preserve não só o cidadão como também a cidade.

Salientam também a importância da tradição, da cultura e dos hábitos e vivências típicas de uma cidade, defendendo que são estas as características que a definem e valorizam, contradizendo o mundo acelerado e homogéneo que cada vez mais observamos. Estas cidades slow ambiciona menos barulho, menos trânsito e menos multidões¹².

“O movimento funciona, em cada país, através da criação de uma rede nacional, atenta às características e especificidades de cada território. A categoria ‘Slow City’ constitui um selo de qualidade e uma marca que funciona tanto como uma distinção, como também como um compromisso e um ponto de referência para habitantes, turistas e investidores que esperam da cidade credibilidade no que diz respeito a sustentabilidade para as pessoas e para a natureza” (Slow Movement Portugal, 2009).

/ 87



12 “Já em 1963, (...) Serge Chermayeff e Christopher Alexander apontavam que os dois inimigos principais da qualidade do habitat humano eram o automóvel e o barulho. Décadas mais tarde, ambos continuam a ser problemas-chave que põem em perigo a qualidade de vida das cidades: a lógica dos automóveis tem exigido cidades-estrada, e o barulho, forma milenar de tortura, subjugou as cidades. Além disso, ambos os fenómenos estão relacionados. (...) Diversas cidades como Barcelona, aderiram ao movimento “cidades sem carro” (SIC), todos os anos é comemorado o Dia Europeu sem Carros e há uma tendência de reduzir a velocidade máxima dentro das grandes cidades” (in Montaner, J. P., Muxí, Z. (2011) Arquitectura e Política. – pg. 108)

A comunidade da cidade slow preserva uma identidade própria, que é conservada e vivida não só por quem a visita, como por quem a habita. Os visitantes experienciam a cidade como se dela fizessem parte, e reconhecem e valorizam esta personalidade e tradição oferecida pelos locais que a sentem e compreendem intrinsecamente e por isso a presenteiam de forma única.



Existe uma ligação entre as pessoas e o edificado que é construído ou ajustado à escala humana. Os centros históricos são preservados e as construções novas deverão estar em harmonia com a pré-existência. Preserva-se o comércio e a economia local e permite-se a ligação entre os produtores e os consumidores, com um atendimento personalizado e de qualidade.

88/



PÁGINA ACTUAL

imagem 96

Autor Desconhecido. Via
Pinterest

imagem 97

Tiles in Seville. Via Tumblr

PÁGINA DIREITA

imagem 98

Le Banc de Neige, Atelier
Pierre Thibault. 2016,
Canada

As relações entre pessoas e o meio ambiente são protegidas e privilegiadas, pela criação de lugares de convivência, de lazer e cultura, espaços verde e zonas exclusivamente pedonais, mercados e comércio local, etc., com o desafio de implementar a filosofia slow sem perder o cunho definidor da comunidade, adaptando-se à realidade de cada cidade, sempre acessível a todos. A cidade é por isso de todos e para todos, sem perder carisma e oferecendo o que de melhor tem.¹³



“Para ser Slow City uma cidade deve preencher pelo menos 50% dos critérios de uma lista com 60 itens¹⁴ e os princípios fundamentais assentam em 5 macro categorias:

Política Ambiental; Política de Infraestruturas; Tecnologia para a Qualidade Urbana; Valorização dos produtos locais; Hospitalidade, Convivialidade. Convivialidade;

/ 89

As cidades com mais de 50.000 habitantes não podendo candidatar-se, não devem inibir-se de tentar viver mais de acordo com os princípios e objectivos das slow cities e do slow movement simplesmente cultivando e promovendo uma atitude de vida de acordo com os esse mesmos valores e ganhando assim reconhecimento e, mais importante, a qualidade de vida dos seus cidadãos” (Slow Movement Portugal, 2009).

¹³ “Se a cultura é a expressão das necessidades do homem, respondendo ao tempo e ao local, também é certo que é na intersecção dos vários saberes e na assimilação das suas diferenças que a identidade se vai formando. A identidade, que não é estática, reflete por isso a existência de várias influências, interiores ou locais, mas também exteriores e de outras regiões.” (Sergio Rodrigues in Casa dos Sentidos, pg.97)

¹⁴ Dentro deste manifesto encontramos conceitos como: “diminuir o ruído e o trânsito; aumentar os espaços verdes e as zonas pedestres, ajudar os produtores e lojistas locais, mercados e restaurantes a venderem os seus produtos; promover tecnologias que protejam o ambiente; preservar tradições estéticas e culinárias locais e fomentar o espírito de hospitalidade e boa vizinhança” isto é, uma cidade lenta é mais do que uma cidade rápida que abrandou. O movimento pretende criar um ambiente em que as pessoas possam resistir à pressão de viver segundo um relógio e de fazer tudo à pressa.” (Carl Honoré in Praise of Slow)



90 /

TRAVEL / vi.a.gem

substantivo

O acto de ir de um lugar até outro, mais ou menos distante, geralmente utilizando um meio de transporte (aéreo, terrestre ou marítimo).

O percurso feito nessa deslocação; trajeto. Ida e estadia num ou em mais locais, mais ou menos longínquos, por um determinado período de tempo, antes do regresso ao lugar de partida.

SLOW TRAVEL

O movimento silencioso que provém do Slow Travel, evidencia-se em oposição ao boom do turismo¹⁵ que tem vindo, pela sua prática exagerada, a descaracterizar cidades e tradições, a esgotar recursos não só naturais como também culturais, a provocar uma construção excessiva e focada essencialmente para as práticas e vivências do turista, resultando na massificação dos destinos e consequentemente na perda de originalidade e caracterização das cidades. Neste sentido, a prática do Slow Travel tem vindo a crescer, afirmando um novo conceito não só do viajante, como também do espaço que é visitado.¹⁶

Um dos elementos definidores é a necessidade de conexão com o lugar e com a comunidade¹⁷, tornando-se parte da vida local durante a estadia, experienciando os ritmos e as vivências, os espaços locais, os produtores, os mercados, as pessoas e a cultura.



PÁGINA ACTUAL

imagem 99

Traveller. Immerse Me.

PÁGINA ESQUERDA

imagem 100

Autor desconhecido. Via Elle.

¹⁵ “Nesse contexto, a extrema complexidade dos processos gerados pelo turismo, é o fenómeno que melhor sintetiza as contradições da sociedade contemporânea, as tensões que se produzem quanto à escolha entre o global e o local, entre a homogeneização e a manutenção da memória viva, entre o consumo e a cultura, entre a tendência para o monocultivo do sector dos serviços e uma real e sustentável transformação produtiva, entre os bens escassos e o seu consumo. O turismo, sendo uma experiência essencial do ser humano moderno, transformou-se em um fenómeno arrasador, por ser um turismo de massa e quantitativo.

Podemos considerar que o turismo se constitui dialecticamente como um sistema de actividades que se sobrepõe às estruturas existentes: o sistema turístico pode esgotar, empobrecer e destruir os sistemas naturais, sociais e urbanos, mas a energia e a riqueza que gera também podem ser usadas de maneira positiva, como oportunidade de refazer e enriquecer os tecidos sociais, produtivos, urbanos e paisagísticos que não têm meios próprios suficientes para consegui-lo; poder servir para dar motivos de satisfação e orgulho a um grupo, uma cidade ou uma sociedade.” (in Montaner, J. P., Muxí, Z. (2011) *Arquitectura e Política*. – pg. 143)

¹⁶ “No entanto, a natureza paradoxal das comunidades é tal que, quando uma cidade se torna comercialmente desejável e esteticamente atraente, afluem pessoas de outras comunidades como um íman. Esta tendência para a centralização tem que ser combatida, pois, uma vez iniciado o processo, até a própria comunidade ficará abarrotada e caminhará para a eventual decadência.” (Victor Papanek in *Arquitectura e Design* – pg. 121)

¹⁷ “Um aspecto que a maioria dos urbanistas descurou, na sua precipitação de eliminar todos os obstáculos ao trânsito, foi que a própria comunidade está a ser eliminada. A função de uma comunidade é servir como objectivo e não como ponto de passagem, um fim e não um meio, uma paragem e não um fluir, um local onde chegar sem ter de o atravessar. Por este motivo, quase todas as boas cidades estão onde o trânsito foi obrigado a parar.” (Victor Papanek in *Arquitectura e Design* - Pg. 120)



PÁGINA ACTUAL

imagem 101

Mercearia Prado, Lisboa

imagem 102

Autor Desconhecido. Via
Tumblr

imagem 103

Ruelas do Porto. fotografia:
Dino Gonçalves. Via
Pinterest

PÁGINA DIREITA

imagem 104

Travel Journal, Wen Yea.
Via Instagram

imagem 105

Autor Desconhecido. Via
Pinterest





Para compreender o local e fazer parte dele, é preciso dedicar tempo, andar a pé, explorar as ruas e ruelas que não fazem parte do mapa turístico, descobrir relíquias escondidas, sem horários planeados, provar o restaurante que o vizinho sugeriu, comprar fruta da época no mercado da esquina, comer pão quente no café da rua, apanhar sol na esplanada e brindar com um copo de vinho. Conversar com as pessoas, fazer perguntas, entender o modo de vida, participar nas actividades locais e fazer amigos. Explorar, descobrir e usufruir são as palavras chave do viajante slow, que é descomplicado e curioso, que vai para além do “must see” para viver no momento, sem pressa.





MONEY / di.nhei.ro

94/ substantivo

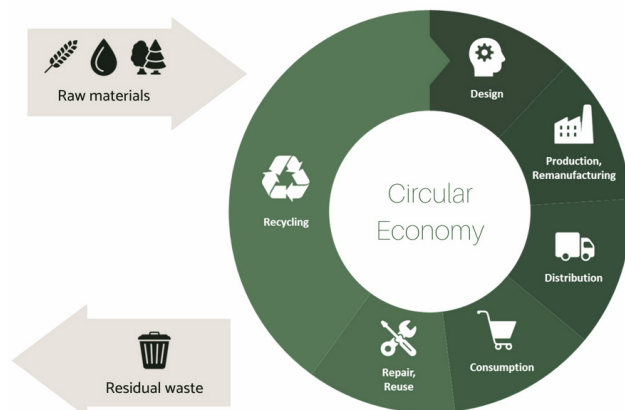
Meio de troca, sob a forma de moedas ou notas, usado na aquisição de bens, na compra de serviços, de mão-de-obra, ou noutras transacções financeiras, emitido pelo governo de cada país. Economia. Bens materiais; riqueza ou fortuna.



SLOW MONEY

"O slow money é o movimento que pretende organizar investidores ou doadores que direccionem novas fontes de capital para pequenas empresas, fábricas orgânicas e sistemas de comida local.

O objectivo é diminuir a distância entre os investidores, os investimentos e os produtores. Mas o slow money não se refere só ao investimento de capital mas também à sustentabilidade e resiliência económica da comunidade¹⁸, cidade ou área geográfica. Um dos termos mais importantes é por isso "sustentabilidade económica local". Para lá dos investimentos, o objectivo do slow money inclui: comprar localmente, vender localmente, trabalhar localmente e claro produzir o máximo de produto local que for possível. Se suportarmos a nossa comunidade local, e fizermos o máximo de esforços para manter o nosso dinheiro dentro da comunidade, vamos ser contribuidores e participantes efectivo do movimento slow money."¹⁹



/ 95

¹⁸ "No nosso consumo, podemos escolher, até certo ponto, a qualidade e a procedência: favorecer o comércio local, comprando nas lojas do bairro, nos mercados e nas feiras artesanais locais, em vez de irmos aos grandes supermercados e shoppings. (...) as sociedades maduras e conscientes optam pela cidade densa, diversa, misturada e compacta. Consumir produtos em lojas próximas implica a economia no gasto de energia e infraestrutura de transporte, um esbanjamento que dá muito lucro aos intermediários e que prejudica tanto o território, a paisagem e os produtores." (in Montaner, J. P., Muxí, Z. (2011) Arquitectura e Política. – pg. 110)

¹⁹ "(...) podemos levar em consideração a atitude ética dos bancos de que somos clientes: se, além da sua actividade corrente, proporcionam ajudas e microcréditos, se fomentam obras sociais, e culturais, ali onde se estabelecem, se promovem projectos em prol da sustentabilidade, se evitam fazer investimentos - lixo e de alto risco. Esse voto do consumidor, pode exigir uma atitude ética das empresas e pode penalizar aquelas que não têm ética naquilo que produzem, no modo como produzem ou na maneira como tratam os seus trabalhadores.

Em suma, uma compra sustentável corresponde a um consumo inteligente: procura durabilidade e eficiência, menos impacto ambiental e mais benefícios sociais. Se os usuários e os governos locais exigissem eletrodomésticos que economizam energia, automóveis que utilizam energias alternativas e moradias ecológicas e bem projectadas, o mercado não teria outra saída senão oferecer esses novos produtos." (ibidem)



PÁGINA ACTUAL

imagem 109

Sinnerlig Collection,
2015. Ilse Crawford
para Ikea

imagem 110+111

Mesa Collection, Madre
Loves Objects

PÁGINA DIREITA

imagem 112

Mesa Collection, Madre
Loves Objects

DESIGN / design (palavra inglesa)

substantivo

Plano; projeto; criação.

Disciplina que tem por objetivo a criação de objetos, produtos ou espaços, cuja forma se adeque o mais perfeitamente possível à função para que se destinam, conciliando critérios estéticos, técnicos, funcionais, etc.

Aspetto exterior de um objeto; configuração física.



SLOW DESIGN

“Os princípios do Slow Design pretendem oferecer ferramentas e estratégias evolutivas, para encorajar e orientar a descoberta de novas abordagens nas ideias, nas pesquisas, nos métodos e nos resultados do Design, sempre com o objectivo de perceber intimamente a identidade do designer, reflectir no processo, avaliar todos os resultados possíveis, imaginar novos cenários e cultivar uma atitude de interrogação, evolução e reflexão durante o processo de criação.” (The Slow Design Principles, 2008) Estes princípios são os seguintes:



1. Revelar

Assim como Dieter Rams²⁰ declarou nos “10 princípios do Good Design”, que o bom design deve tornar o produto compreensível, também o Slow Design defende que seja revelada a origem dos produtos e que o utilizador possa ter a consciência e a informação do que consome e adquire.²¹

Outra característica deste princípio passa pela exibição e enunciação de espaços, experiências ou objectos do quotidiano que normalmente possam passar despercebidos ou que sejam esquecidos, valorizando os materiais, processos e usos que lhe estão associados.

/ 97

“We carefully search for local partners that use traditional methods of production and respect the material’s own nature. We want to be involved in our production, following every step and making sure every detail matters.”

Madre Loves Objects

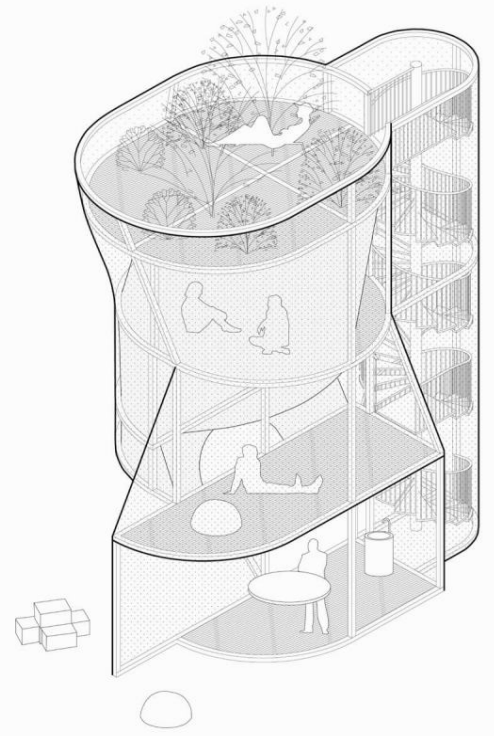
²⁰ Dieter Rams, de origem alemã, é um dos mais influentes designers industriais do século XX. Foi director de Design da empresa Braun entre 1955 e 1997, onde, por meio dos seus projectos e manifestos, “defendeu o retorno à simplicidade e o abandono do ego do designer (...) procurando encontrar formas mais eficazes de usar os processos industriais e otimizar os materiais, para que a manufatura e a estética ressoem juntas.” Baseado nestas premissas, criou os “10 princípios do Bom Design”, que defendem que o “bom design” é:

1. inovador / 2. faz o produto ser útil / 3. é estético / 4. ajuda a entender o produto / 5. é discreto / 6. é honesto / 7. é durável / 8. é meticuloso / 9. é ambientalmente correto / 10. é o menos design possível (in revista Kinfold no23 – Dieter Rams: little design as possible. 2017)

²¹ Também podemos informar-nos sobre as consequências causadas ao meio ambiente por aquilo que consumimos: procedência, transporte, energia dispendida, resíduos gerados, possibilidades de reciclagem, etc. Portanto, podemos levar em consideração a atitude ética das empresas: se indicam claramente a procedência e os componentes dos seus produtos, se respeitam os direitos dos trabalhadores, se poupam energia e respeitam o planeta nos seus métodos de produção, etc. (in Montaner, J. P., Muxí, Z. (2011) Arquitectura e Política. – pg. 110)

2. Expandir

O design apresenta-se como uma forma única de activismo criativo, que deverá impulsionar um novo conjunto de valores, qualidades e práticas. O slow design valoriza por isso o real potencial para lá da funcionalidade, dos atributos físicos e da durabilidade que se percebe, conservando um constante questionar do que se aceita como convenções e “verdades absolutas” do Design, mantendo uma mente aberta que permita compreender e abarcar as novas formas de pensar e trabalhar, expandindo e estimulando a nossa imaginação e simultaneamente as múltiplas possibilidades do lugar da descoberta.



PÁGINA ACTUAL

imagem 113+114

Breathe', MINI LIVING.
SO – IL, 2017. Itália

imagem 115

IKEA kitchen, Form Us
With Love

PÁGINA DIREITA

imagem 116

IKEA kitchen, Form Us
With Love

“Design is not only about the spacial or physical form of objects, but the form of interactions that take place – and occupy time – in people’s relations with and through (them).” Ramia Mazé





We believe in a fair and sustainable market, from the first sketch to the packaged piece. We value the time and care that our producers put into our objects as much as we believe in quality materials that make our objects last longer.” MADRE

3. Reflectir

Associada à criação deverá existir sempre a consciência e a reflexão não só do que se cria, como também do que se consome. Nesse sentido deverá existir também um questionar constante da influência do Design nos valores ecológicos e ambientais, e na forma como poderemos contribuir para diminuir o desperdício, promover o reaproveitamento e a sustentabilidade compreendendo o nosso impacto a curto e longo prazo.²²

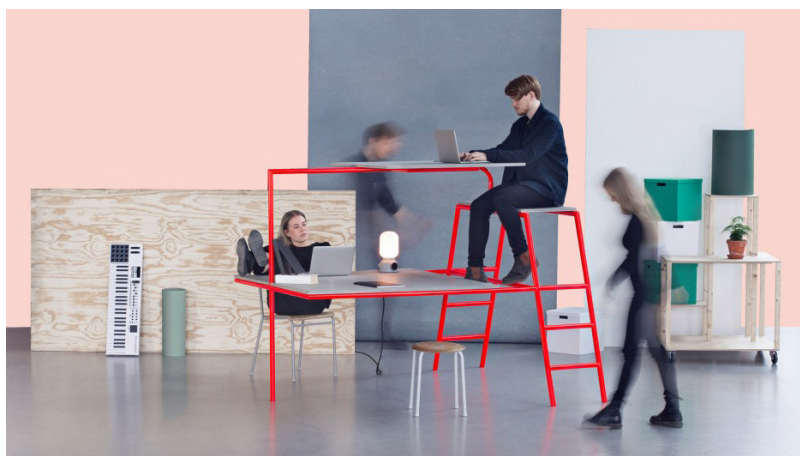
A reflexão poderá ser também observada de outro ponto de vista, que provém da experiência emocional e perceptiva que o Design nos transmite, defendendo que estes objectos elevam a experiência do quotidiano e possuem um significado para além da função e da estética, e na medida que esta sensação se prolonga ao longo do tempo, proporciona-lhes não só valor como interesse permanentes provenientes deste valor sentimental que lhes é atribuído.



²² “A ecologia e o equilíbrio ambiental são os alicerces básicos de toda a vida humana na Terra; não pode haver vida, nem cultura humana sem ela. O design preocupa-se com o desenvolvimento de produtos, utensílios, máquinas, artefactos e outros dispositivos, e esta actividade exerce uma influência profunda e directa sobre a ecologia. A resposta do design deve ser positiva e unificadora; deve ser a ponte entre as necessidades humanas, a cultura e a ecologia.” (Victor Papanek in Arquitectura e Design – pg.31)

4. Envolver

A colaboração e a acessibilidade são conceitos chave que deverão ser postos em prática em todos os processos, promovendo a partilha, a transparência de informação e a cooperação, com o objectivo comum de juntos crescermos e evoluirmos quer a nível profissional como pessoal, estimulando a reciprocidade e a riqueza proveniente destas sinergias.



100

5. Participar

Quando existe o sentimento de pertença, existe indissociavelmente o sentimento de defender e preservar a posse. Neste sentido, o slow design incentiva a participação dos utilizadores e consumidores no processo e na criação, intensificando o potencial e as qualidades locais, tanto das pessoas, como dos materiais e dos espaços, possibilitando conexões e responsabilidade social, promovendo e aperfeiçoando a comunidade.²³

Valoriza-se a “reciprocidade entre a Natureza e o Homem – aprender com base no contexto, respeitando as diversas ecologias e dependências simbióticas e o consumo e recursos lentos.”



²³ “É necessário reestabelecer os laços com a Natureza e com as nossas próprias raízes. Sociedades que possibilitam tempo de lazer para actividades que não têm uma base lucrativa ou meramente materialista, e que dão amplas oportunidades para que se firmem relações humanas fortes, tendem a ser menos esbanjadoras e mais fiéis às necessidades humanas.” (Ibidem – pg.209)



PÁGINA ACTUAL

imagem 117

Alternative office furniture
by Rolf Hay and Lund
University

imagem 118+119

Pavilhão das Origens /
Hung Nguyen Architects.
Vietnam, 2017

PÁGINA ESQUERDA

imagem 120

Alternative office furniture
by Rolf Hay and Lund
University

imagem 121 + 122

The Smart Garden. Click
& Grow

6. Evoluir

Os slow designers possuem a responsabilidade de olhar para lá do presente, promovendo a evolução por meio de uma abordagem holística e democrática que permita criar soluções intemporais, eficientes e feitas para durar, pensadas e ponderadas para além das necessidades contemporâneas, visando soluções flexíveis a curto e a longo-prazo, cultivando o equilíbrio individual, social, cultural e ambiental.

/ 101





102 /

ARCHITECTURE / ar.qui.tec.tu.ra

substantivo

Arte da construção que trata simultaneamente os aspetos funcionais, construtivos e estéticos dos edifícios e construções. Método ou estilo de construção que caracteriza uma civilização ou uma época.

PÁGINA ACTUAL

imagem 123

Baixa do Porto. Autor desconhecido. Via Pinterest

PÁGINA DIREITA

imagem 124

Pombal / AZO. Sequeira Arquitectos Associados. Fotografia de Nelson Garrido

SLOW ARCHITECTURE

“Parece que só é possível habitar o que se constrói. Este, o construir, tem aquele, o habitar, como meta.” (Heidegger, 1954)²⁴ Se a Arquitectura é a morada do Homem, então esse mesmo Homem deverá ser a inspiração e medida para a sua construção. A arquitectura slow apela a que o projectista tenha em consideração não só os ciclos naturais do comportamento humano, como também os ciclos naturais do tempo, da Natureza e da sustentabilidade a curto e a longo prazo.

A arquitectura slow é construída com tempo, em harmonia com a sua envolvente, respeitando e considerando a tradição e a cultura local²⁵ como fontes de inspiração, utilizando materiais, técnicas e mão-de-obra disponíveis na localidade, resultando num projecto eficiente, que minimiza não só o gasto de tempo, como de trabalho, recursos e energia.

O projecto deve ser durável mas também mutável, com soluções que funcionem tanto a longo prazo ou que facilmente se consigam adaptar a novas exigências.²⁶



/ 103

²⁴ Heidegger faz-nos reflectir sobre o significado de habitar e construir na conferência de 1951 intitulada de Construir, habitar, pensar. onde aprofunda o tema dizendo: “não habitamos porque construímos. Ao contrário. Construímos e chegamos a construir à medida que habitamos, ou seja, à medida que somos como aqueles que habitam. Mas em que consiste o vigor essencial de habitar?” Questiona-nos. Mas também isso explica: “Mas será que as habitações trazem nelas mesmas a garantia que aí acontece um habitar? As construções que não são uma habitação, ainda continuam a se determinar pelo habitar uma vez que servem para o habitar do homem. Habitar seria, em todo o caso, o fim que se põe a todo o construir.”

²⁵ “Quando falamos de património, falamos da herança física, cultural, ambiental, ou outra, que entendemos como parte integrante da nossa identidade colectiva. É talvez aquilo que passou de geração em geração, mas é também o raciocínio sobre aquilo que hoje continuamos a erguer e que queremos passar às próximas gerações. (...) o nosso entendimento sobre aquilo que hoje consideramos património, reflecte a cultura em que vivemos, e é à luz desse mesmo raciocínio que devemos perceber o património, não apenas como uma coisa do passado, mas também uma coisa do futuro.” (Sérgio Rodrigues in A casa dos Sentidos pg.135)

²⁶ “Ainda estamos, metaforicamente falando, à deriva. Ainda andamos à procura de uma estética nova baseada na realidade. Ecologia e preocupação com o ambiente, que inclui: reciclar, diversificação do design ou reutilização adaptada, design para desmontar, o uso de materiais não compostos e, acima de tudo, desenvolver as novas direcções tão desesperadamente necessárias, tanto no design como na arquitectura.” (Victor Papanek in Arquitectura e Design – pg.264)

Em conexão com a transformação evidencia-se a reabilitação, que é essencial²⁷ para o arquitecto slow, que observa e estuda o ambiente já construído e lhe dá uma nova vida, reaproveitando a riqueza do pré-existente e adicionando uma nova função e valor.²⁸

No que diz respeito à prática da profissão, a arquitectura slow pretende analisar, questionar e reflectir sobre as problemáticas actuais, entre elas:



- incentiva a valorização da qualidade sobre a quantidade;
- contesta as cidades genéricas: defendendo que a identidade da cidade e da construção devem ser uma prioridade, onde o contexto, a tradição, a pré-existência e o clima devem ser considerados;
- a arquitectura deverá reflectir não só a identidade da cidade, como também do arquitecto e principalmente do cliente, promovendo o projecto exclusivo, compreensivo e feito à medida;
- construir com tempo: os timings e os prazos curtos resultam, muitas vezes, numa arquitectura sem qualidade, sem personalidade e com falhas;

“Quanto mais confortável for um espaço, mais ele terá sido apropriado pelo indivíduo. Neste caso não nos referimos ao conforto ergonómico de um objecto ou de um espaço, numa relação sincrónica (casa-eu), mas referimo-nos antes ao conforto na perspectiva diacrónica e identitária (eu-casa)”²⁹ (Oliveira, 2015)

²⁷ “Pois a IDEIA, a LUZ e a GRAVIDADE são os três componentes desta Arquitectura a que decidi chamar de ESSENCIAL. Essa Arquitectura que proclama Mais com Menos. Como uma reflexão sobre aquele “menos é mais” de Mies van der Rohe. Um mais que pretende colocar o Homem, com a complexidade da sua cultura, no centro do mundo criado, no centro da Arquitectura. Um menos que, para além de todo o minimalismo, pretende ir ao centro da questão, com “apenas o número exacto de elementos necessários” capazes de traduzir materialmente as ideias. Ideia, luz e Gravidade, nada mais, nada menos.” (in Baeza, A. (1996) A ideia construída – pg.49)

²⁸ “Por esta razão, na actividade do projecto é necessário assumir o passado como um recurso (...) o projecto do pré-existente é um projecto de coexistências, de integrações e sobreposições... todas concorrem para um habitar denso de significado. (...) Utilizar o passado, introduzindo novos valores, actualizando as suas funções contribui para redução do impacto ambiental e aproveitam-se grande parte dos materiais vindos da pré-existência e integram-se outros com características sustentáveis. (...) Reutilizar o tecido urbano já existente, por outro lado, permite a criação de um espaço do viver que se enriquece a partir da estratificação das marcas deixadas pelas vivências anteriores: o habitat torna-se espaço de história e de memória: individual e colectiva.” (Maria Milano in Projectar com o passado, 2007/08)

²⁹ “como a cadeira habitual onde gostamos de sentar, o camisolão velho que toma a forma do nosso corpo, ou o canto da sala onde gostamos de ler o livro. Os hábitos e as rotinas são, sabemos-lo, a memorização de uma cultura, têm origens profundas, são incorporadas por cada um como uma parte de si próprio.” (Avelino Oliveira in Casa Compreensiva, pg. 213)

PÁGINA ACTUAL

imagem 125

Casa Rosa / Mezzo
Atelier. Fotografia de Fer-
nando Guerra | FG+SG

imagem 126

Showroom in Pfalz, Ger-
many by FNP Architekten

PÁGINA ESQUERDA

imagem 127

Casas Caiadas - Home
Boutique in Sabugueiro,
Arraiolos, Algarve

imagem 128

Restaurante Casa
do Frango - Londres



“If you’ve ever entered a building and you catch yourself and realize you have slowed down just to be in that building; you’re in wonder, awe, you’re pulled through the space, usually by light, and you’re changed, (...) That’s the essence of slow architecture. What it does to the world. That’s what great architecture does. It causes you to pause and be present.” (ml Robles, 2016)

/ 105



A arquitectura slow promove a permanência, a essência, a qualidade, o sentimento de pertença e principalmente a descoberta e a surpresa.

A arquitectura deverá contribuir “para melhorar a vida em sociedade no futuro, adaptar-se aos diferentes modos de vida, ser mais auto-suficiente nas energias, implicar menos manutenção, garantir maior durabilidade, ou seja, compreender o papel que representa na sociedade.” (Oliveira, 2015)

PÁGINA ACTUAL

imagem 129

Yoga for beginners - Business Insider

PÁGINA DIREITA

imagem 130

O valor da simplicidade - Histórias de casa

LIVING / vi.ver

verbo

Ter vida. Existir. Ter determinado comportamento ou procedimento. Conduzir-se, portar-se, proceder.



SLOW LIVING

“...é uma revolução cultural contra a noção de que mais rápido é sempre melhor. A filosofia slow não é sobre fazer tudo a passo de caracol. É sobre procurar e conseguir fazer tudo no tempo certo. Saborear as horas e os minutos em vez de só os contar. Fazer tudo o melhor possível, em vez de o mais rápido possível. É sobre qualidade em vez de quantidade em tudo, desde o trabalho até à paternidade.” (Honoré, 2004)

A necessidade de abrandar é nos dias de hoje essencial e imperativa, mas é mais fácil falar do que fazer, quando os dias passam a correr, os prazos são apertados e a vida que nos rodeia parece promover a velocidade e o stress. A solução parece fácil: é fundamental abrandar e sentir-se conectado com a vida, prestando atenção ao momento, desfrutando do presente por absoluto.



“Awareness of everything, awareness of our senses, our body, our mind. Jon believes in using that awareness to learn to open up new dimensions of well-being and integrity, of wisdom and compassion and kindness in our-self. (...) Mindfulness is a certain way of paying attention that is healing, that is restorative, that is reminding you of who you actually are so that you don’t wind up getting entrained into being a human doing rather than a human being.” (Jon Kabat-Zinn)

A título de exemplo da prática da filosofia slow, podemos observar o povo dinamarquês, que está entre as nações mais felizes do mundo. O segredo? Para compreender o elevado nível de bem-estar, qualidade de vida e felicidade existe uma expressão que os resume: *hygge*. A receita para um bom *hygge* passa por vários factores, entre eles:

- a luz: para um *hygge* instantâneo basta acender umas velas, sendo que a luz da lareira e do pôr-do-sol são também óptimos exemplos do conforto que lhe é associado e no que diz respeito à iluminação artificial, os dinamarqueses são mestres no domínio do ambiente, tendo como referências Poul Henningsen, Arne Jacobsen e Verner Panton.
- o convívio: “o melhor indicador da nossa felicidade são as nossas relações sociais” (Wiking, 2016), a questão que prevalece será de como equilibrar a vida social e laboral para que essas relações sejam incentivadas, sendo que na Dinamarca, o horário laboral termina às 17h30 para que se possa dedicar tempo aos amigos e à família. Neste tempo, fomenta-se a igualdade, a partilha, o equilíbrio, a intimidade, a segurança e o conforto, que quando praticados, libertam a oxitocina e por conseguinte o amor.





PÁGINA ACTUAL

imagem 131

Friendsgiving with Sunday Suppers - Williams Sonoma

imagem 132

Autor desconhecido. Via Pinterest.

PÁGINA ESQUERDA

imagem 133

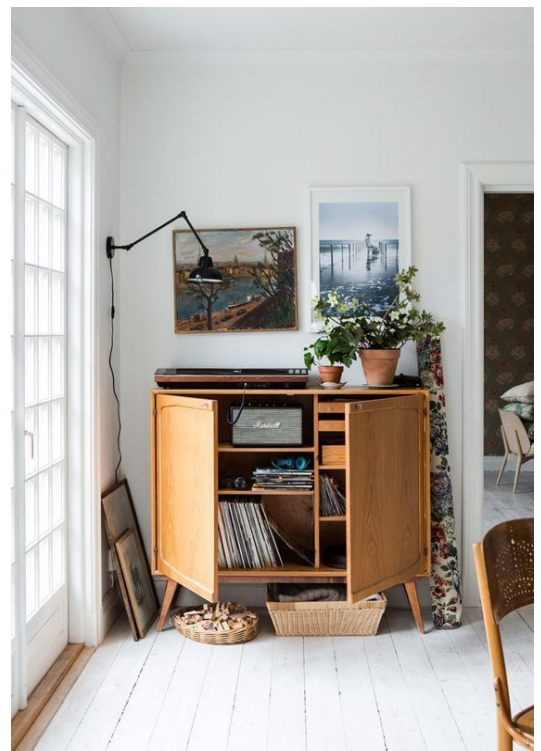
Autor Desconhecido. Via Pinterest

imagem 134

Aestate studio. Via Pinterest

- a alimentação: “não se pode comprar a felicidade, mas pode-se comprar bolo que é quase a mesma coisa” (Wiking, 2016), a satisfação proveniente de um bolo, desde o cheiro que invade a casa, até à primeira dentada que cria um deleite vertiginoso demonstram como a alimentação, quando aprazível, tem o poder tão simples de nos fazer feliz. É também sabido que, quando partilhada, a refeição torna-se imediatamente mais prazerosa, pelo que, uma mesa rodeada de amigos, de boa comida, (se for confeccionada em conjunto ainda melhor) e de conversa divertida são formas simples de vivenciar o hygge.
- a roupa: a regra é clara: quanto mais simples e aconchegante melhor. Tudo o que o fizer sentir confortável e seja funcional, resulta. Mas desengane-se quem achar que este estilo por ser simples é sinónimo de ser desleixado, muito pelo contrário é considerado minimalista, elegante e casual, permitindo que cada um seja como é, com o máximo bem-estar associado.
- a casa: a casa é o eixo central da vida dinamarquesa, espaço de deleite, de segurança e de receber amigos e família, o que estimula uma dedicação extra à habitação e às vivências dentro da casa, resultando num design de qualidade e prestígio.

/ 109





PÁGINA ACTUAL

imagem 135

Autor desconhecido.
Via Pinterest

imagem 136

Grauer Himmel.
Foto: von Mitglied

PÁGINA DIREITA

imagem 137+138

Autor desconhecido.
Via Pinterest.

110 /

Estas características definidoras encontram-se em pequenos por menores que fazem toda a diferença, entre eles: a existência de um nicho, um recanto, uma janela habitada, ou um cantinho de leitura, preferencialmente cheio de mantas, almofadas e velas a arder, que nos possa transmitir conforto e segurança, se possível associado a uma lareira com a lenha a crepitar; o mobiliário de madeira tem um valor acrescentado, seja pelo toque quente ou pela elegância e qualidade que lhe são associadas; a existência da Natureza nos interiores é quase obrigatória, pelo que podemos encontrar plantas, flores e árvores tanto no interior das casas, como das lojas, dos cafés e restaurantes; comum a todos os espaços é também a existência de livros em abundância e género, acompanhados de peças vintage ou cerâmicas em forma de canecas, jarras ou bules que nos fazem sentir em casa em qualquer espaço.





Em suma, seja a praticar o slow, o hygge, o gezelligheid (Holanda), o koselig (Noruega), o hominess (Canadá) ou o gemutlichkeit (Alemanha), o importante a salientar é a necessidade de abrandar e saborear os simples prazeres da vida, “não se pode comprar o ambiente certo nem o convívio. Não se pode ter hygge quando se tem pressa ou se anda stressado, e a arte de criar intimidade só se pode comprar com tempo, interesse e empenho nas pessoas que nos rodeiam (...) é ter em mente que estamos a viver o agora, focarmos o momento e apreciarmos a vida que temos, concentrarmo-nos em tudo o que temos em vez de do que não temos (...) acima de tudo, saborear a agradecer. (Wiking, 2016)

“Um novo compromisso³⁰ com os valores humanos e com a Natureza; uma nova sensibilidade espiritual; uma nova perspectiva holística e compreensiva sobre a realidade; a integração dos interesses políticos e económicos, como novos valores éticos e morais no sentido de uma nova responsabilização cultural, bem como a incorporação da procura do bem-estar social numa perspectiva ecológica e ambiental alargada.” (Faria, 2006)

/ 111



³⁰ “(...) fomentados pelos valores contemporâneos que referimos anteriormente: o acessível, o amigável, o universal, o inclusivo, o sustentável, o socialmente responsável; mas também o operativo sistémico, o tecnológico, o interativo, o enérgico, o vinculado ao espaço virtual, etc. Será, enfim, uma ferramenta que estimula e provém da diversidade dos modos de vida e dos comportamentos, que considera a memória, ou seja, a herança do passado, e a sua progressão no tempo.” (Avelino Oliveira in Casa Compreensiva, pg. 53)



capítulo 3

o limiar habitado



PÁGINA ACTUAL

imagem 139

Casa KLR / archequipe

imagem 140

Serge Najjar, Líbano

imagem 141

Maison Valentina. Via
Pinterest.

PÁGINA DIREITA

imagem 142

Luce Tempo Luogo,
Milão. DGT Architects.



O LIMIAR HABITADO

O estudo da permeabilidade entre espaços requer uma análise e reflexão prévias não só do conceito-base do que é o habitar, como da forma que esse habitar é estudado e encarado pelo Homem. Identificamos por isso, que não só a proxémia, como também a cultura a cidade envolvente e a multiplicidade comportamental, influenciam e caracterizam as vivências do utilizador e a qualidade do Habitar.

Tudo isto resulta numa definição ambígua dos domínios de espaço público e privado, assim como na relação entre interior e exterior. Os diálogos de reciprocidade entre estes aparentes opostos, originam o espaço intermédio que traduz a magia inerente à relação entre dois mundos de natureza tão complexa, como são o público – privado e o interior – exterior.

A materialização deste espaço intermédio é compreendida por meio de elementos de gradação, articulação ou demarcação, que se assumem numa dimensão tanto a nível físico como simbólico, proporcionando diferentes qualidades e linguagens espaciais, fundamentais para a riqueza, percepção e apropriação do habitar.





3.1

116 /

HABITAR / ha.bi.tar

verbo

Residir ou viver em, morar em; ocupar; povoar; estar em.

ESPAÇO / es.pa.ço

substantivo

lugar mais ou menos bem delimitado, cuja área (maior ou menor) pode conter alguma coisa; extensão indefinida; lugar; recinto; dependência duração; intervalo; capacidade de um lugar.

HABITAR O ESPAÇO

O acto de habitar diz respeito à forma do Homem se relacionar com o Mundo. Habitar serve, por isso, não só de intercâmbio como também de extensão mútua – apropriam-se e acomodam-se um ao outro. O espaço habitado vai muito além do material, passando pelo mental, pelo experimentado, pelo recordado e pelo imaginado, permitindo ao Homem mediar a vida na cidade para a vida no lar que o acolhe.¹

O conceito de lar é percebido unicamente pela vivência do morador e pelo conjunto de rituais, hábitos e espaços que se vão articulando e crescendo gradualmente, produto do indivíduo e da família que nele habitam. Esta casa-lar é responsável por armazenar sonhos, memórias e a identidade de quem a vive, espelhando e protegendo a personalidade, as ambições e os medos do usuário que nela deposita e edifica todo o seu ser.



/ 117



PÁGINA ACTUAL

imagem 143

Serpentine Pavilion, Sou Fujimoto

imagem 144

Jerry House / Onion + Arisara Chakranon & Siriyot Chaiamnuay. 2014, Tailândia

PÁGINA ESQUERDA

imagem 145

Sense of scale, The Hague. Richard Meier, The Netherlands.

¹ "Que a arquitectura é uma missão que exige dos seus servidores vocação. Que, consagrada ao bem da habitação (habitação que abriga os homens, o trabalho, as coisas, as instituições, os pensamentos), a arquitectura é um acto de amor, e não uma encenação. Que dedicar-se à arquitectura, nestes tempos de transição de uma civilização passada para uma civilização nova, é como entrar em religião, é acreditar, é consagrar-se, é dar-se. E que, por uma justa retribuição, a arquitectura dará, (...) uma certa ordem de felicidade, (...) o poder da invenção, da criação, que permite dar o mais puro de si para levar alegria aos outros, a alegria quotidiana das habitações." (in Corbusier, L. (2003) Conversas com estudantes das escolas de arquitectura



Esta exteriorização é concebida tanto a nível físico como mental, pelo que não só os aspectos práticos como também todos os aspectos simbólicos que residem no acto de habitar, permitem ao Homem domesticar o tempo e o espaço por meio de hierarquias espaciais e dinâmicas, que se organizam em funções – cozinhar, dormir, conviver, estudar – e zonas – cozinha, quarto, wc, sala de estar, escritório – que são constituídas por objectos e elementos arquitectónicos – a cor, a luz, os materiais, as estruturas – que as identificam, delimitam e relacionam entre si.

“Robert Sommer afirma que a dimensão do abrigo (habitat) obedece, dentro dos limites determinados pelo lugar, às formas indispensáveis para satisfazer as necessidades materiais, espirituais, estéticas e económicas. Segundo o autor, aquelas necessidades implicam modos de coexistência do habitat que se observam a partir dos seguintes conceitos simbólico-espaciais:

- A territorialidade, ou seja, o uso coerente de determinadas áreas de espaço físico.
- O domínio, ou seja, o território que pertence a um indivíduo ou a um grupo, sem necessidade de determinismo dimensional do “dentro” e do “fora”.
- O espaço pessoal, ou seja, a zona emocional envolvente da pessoa, que ajuda a regular a distância entre os indivíduos e os processos através dos quais as pessoas marcam e personalizam os espaços que habitam.”²



² “Robert Sommer é um importante professor americano de psicologia que sistematizava, em 1969, o espaço pessoal. Através do seu livro mais conhecido, “Personal Space: the Behavioral Basis of Design”, abordava a influência do ambiente nas actividades humanas. Sublinhamos também o seu trabalho com Humphry Osmond, citado na obra “A dimensão oculta”, de Edward Hall, sobre a temática da organização semi-fixa no interior dos espaços arquitectónicos.” (in Oliveira, A. (2015) A casa compreensiva, pg.220)



PÁGINA ACTUAL

imagem 146

Serge Najjar, Líbano

imagem 147

South 5th Suttles Residence, Alter Studio

PÁGINA ESQUERDA

imagem 148

Francesca Woodman, Untitled, 1975-1978

imagem 149

Ann Hamilton, the event of a thread 2012

A arquitectura tem por isso a admirável função de mediar a relação entre a cidade, a casa e nós mesmos, permitindo um entendimento e apropriação do espaço, enriquecendo a experiência dos lugares, reforçando o sentimento de pertença e permitindo a diminuição ou aceleração da experiência temporal e sensorial no espaço.

Habitar é por isso, “uma acção intrínseca do Homem e construir é a forma como habitamos. Contudo, o construir por si só nunca configura o espaço. Nem de forma imediata, nem de forma mediata.” (Cardoso, 2010)

“A noção de espaço habitável é nesse sentido todo o espaço necessário ao equilíbrio de qualquer ser vivo mediante a relação tanto com os seus pares, como com o ambiente construído e depende igualmente da dimensão cultural. Assim cada civilização tem a sua maneira própria de conceber as relações e deslocções dos e entre os corpos, assim como as disposições e relações interiores e exteriores das habitações, as condições de uma conversa ou as fronteiras da intimidade, que nos permitem distinguir o espaço público do privado.” (Hall, 1986)

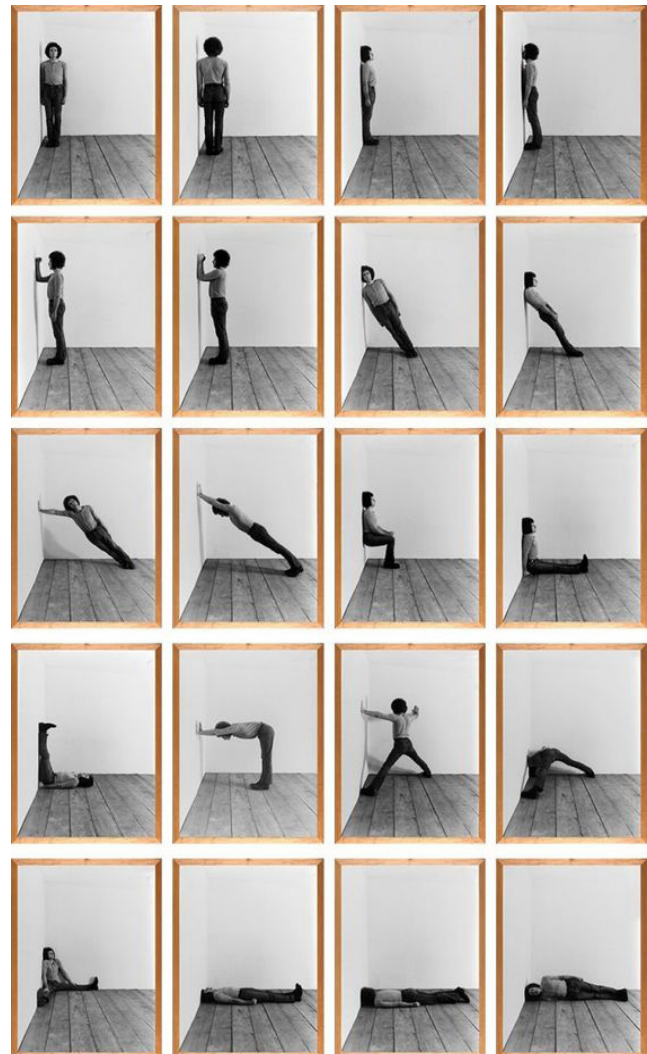


PROXÉMIA

Neste contexto nasce o termo “proxémia”, neologismo criado por Edward T. Hall – pioneiro na antropologia do espaço – para designar um conjunto de observações e teorias referentes ao uso que o Homem faz do espaço influenciado pelas vivências do seu produto cultural específico.

A qualidade do habitar está por isso relacionada com uma série de factores que requerem um profundo conhecimento e consciência por parte do projectista das necessidades proxémicas, espaciais e sensoriais de cada cliente em particular.

Estes diferentes enquadramentos culturais, são de ordem não só física, como social, ideológica e mental, organizando a relação com o espaço construído em diferentes esferas e camadas: a relação entre o espaço pessoal do Homem – a área à volta de si próprio e a relação que o Homem tem com os objectos, as habitações, as ruas, e as cidades e qual a forma de acesso e de conquista gradual para cada uma delas.



PÁGINA ESQUERDA

imagem 150

Time, Space, Body, Transformations by Klaus Rinke

“O nosso sentimento de espaço resulta da síntese de numerosos dados sensoriais³, de ordem visual, auditiva, quinestésica, olfativa e térmica. Não só cada sentido constitui um sistema complexo, mas cada um deles se encontra modelado e estruturado pela cultura (...) e pela natureza das relações humanas, da actividade e da afectividade.” (Hall, 1986)

/ 121

Verifica-se por isso, uma interdependência na relação do Homem com os espaços edificados – as casas e as cidades, a linguagem, a tecnologia, os hábitos e as vivências – que devem ser analisadas e aplicadas no projecto, de forma cuidada e exclusiva a cada cliente, conferindo as barreiras e mediações – físicas, materiais e psicológicas – necessárias à qualidade do habitar.

“O homem é quem e para quem se cria a Arquitectura. A sua relação com o Espaço faz-se através do Tempo o que, traduzido em elementos materiais, vem a desembocar na sua relação com a Gravidade e com a Luz.”⁴

3 “O olfato é um dos sentidos de maior interesse na forma como o homem se apercebe do espaço, pois de maneira subtil, e quase imperceptível, constrói uma impressão que é intensa e que nos marca ou referencia um determinado local. (...) Transporta-nos para uma realidade prosaica do quotidiano, (...) revela-nos a forma do lar. Talvez isso se prenda com o facto de, ao cheiro, a primeira reacção ser instintiva e não pensada. (pg.44)

Todos os dias tocamos as casas e os objectos e raramente, sem grande noção ou consciência nos apercebemos que o tacto é um dos mais interessantes sentidos na percepção da arquitectura. (...) Uma casa para andar descalço é uma casa amável, onde a temperatura do pavimento encontra a temperatura do corpo e onde, por momentos, encontramos uma simbiose entre o que somos e onde estamos. (...) É no desenho desse uso que se induz um contacto atencioso, e as casas e os objectos, mais do que aliciar, podem seduzir.” (in Rodrigues, S. (2013) A casa dos Sentidos; pg.47-49)

4 “(...) A Gravidade que constrói o Espaço, que estabelece a relação com ele, e a Luz que constrói o Tempo, que lhe dá razão, são questões centrais na Arquitectura. O controlo da Gravidade, e o diálogo com a Luz. O futuro da Arquitectura dependerá de uma nova compreensão destes dois fenómenos. Ou melhor, de um entendimento mais claro e profundo.” (in Baeza, A. (1996) A ideia construída – pg.26)

MULTIPLICIDADE COMPORTAMENTAL

A cidade, mais do que a casa, é o instrumento que estrutura a mobilidade, o poder, a acção e a troca por meio não só organizações sociais e estruturas culturais, como também da identidade e da memória.

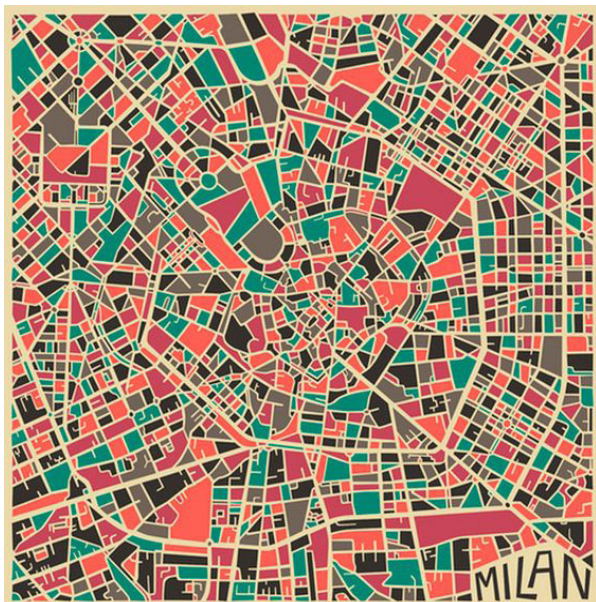
Esta cidade que acolhe, permite-nos participar dela e criar o nosso quotidiano, pelo que “habitamos a cidade e a cidade reside em nós”, tornando-se parte não só da identidade como da nossa consciência.

As necessidades provenientes da cidade contemporânea, pela sua multiplicidade comportamental fortemente controlada pela velocidade e pelos constantes estímulos, influenciam os modos de habitar e as formas de mediação espacial e comportamental.



122 /

“Seja qual for o significado do espaço e do tempo, lugar e ocasião significam mais. Pois o espaço na imagem do homem é o lugar, e o tempo na imagem do homem é a ocasião. Faça de cada coisa um lugar, faça de cada casa e de cada cidade uma porção de lugares, pois uma casa é uma cidade minúscula e uma cidade é uma casa enorme.” (van Eyck, 1962)



A linguagem representativa dos valores contemporâneos é por isso, como já constatamos, fortemente marcada pela exploração de dualidades: pré-existência/inação, interior/exterior, aberto/fechado, público/privado, distante/próximo, divergente/convergente.

Estas dualidades resultam num projecto contemporâneo mais rico, com fortes concepções ideológicas e construtivas, apoiadas num sentido crítico e na preservação da pré-existência e do valor da memória e tradição a ela associadas, mas principalmente à urgência da consciência ambiental e ecológica que se mostram cada vez mais pertinentes e prioritárias.

PÁGINA ACTUAL

imagem 151

Hiroshi Senju Museum, Karuizawa. Ryue Nishizawa, Japão.

PÁGINA ESQUERDA

imagem 152

Future built by Anna Katrin Karlsson

imagem 153

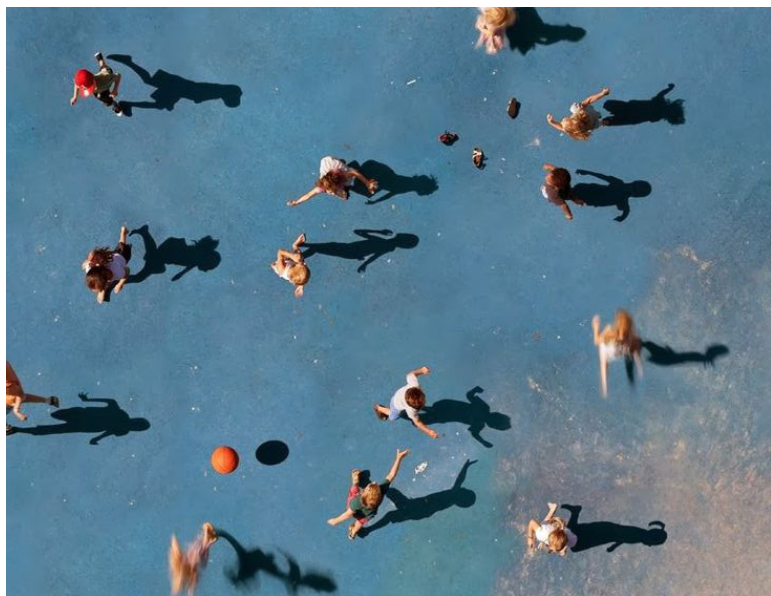
Modern Abstract City Maps, Milan. Jazzberry Blue



Na realidade espaço-temporal que vivemos, onde impera a constante mutação, a arquitectura deve promover uma mediação mais suave da nossa relação com o Mundo, de dentro para fora e de fora para dentro, por meio de recursos arquitectónicos que propiciam a continuidade espacial, por meio da transição, circulação e flexibilidade dos conceitos de interior–exterior, e consequentemente das noções dinâmicas de intimidade, associadas à percepção – hoje em dia fluída – de público e privado.

“É imperativo associar à grande escala territorial, a atenção ao pormenor e aos elementos de mediação, entre a vasta cidade urbana e as habitações que nela coexistem (...) para que produzam uma edificação relevante de uma escala intermédia” (Cardoso, 2010) onde os espaços e os elementos sejam construídos à escala do utilizador e da vivência do quotidiano.

3.2



124 /

PÚBLICO / pú.bli.co

adjectivo

Relativo ou pertencente ao povo, à população. Que serve para uso de todos.

PRIVADO / pri.va.do

adjectivo

Que é condicionado ou reservado. Que diz respeito à intimidade de um indivíduo. Que não pertence ao Estado.

ESPAÇO PÚBLICO E PRIVADO

"O espaço público é considerado como aquele que seja de uso comum e posse de todos. Entendendo-se a cidade como local de encontros e relações, o espaço público apresenta, no seu ambiente, um papel determinante. É nele que se desenvolvem actividades coletivas, com convívio e trocas entre os grupos diversos que compõem a heterogênea sociedade urbana. A existência do espaço público, portanto, está relacionada directamente com a formação de uma cultura agregadora e compartilhada entre os cidadãos. A rua é considerada o espaço público por excelência, sendo o elemento articulador das localidades e da mobilidade, formadora da estrutura urbana e da sua representação.

(...) A definição clara do limite entre os espaços públicos e privados, porém, perdeu-se em vários momentos ao longo da história. (...) Recentemente, o espaço público ganha um novo significado, político, ideológico, social e estrutural, e é entendido no seu sentido mais lato enquanto espaço de visibilidade pública. Para isso têm contribuído o avanço tecnológico, em especial dos meios de comunicação e informação.

PÁGINA ACTUAL

imagem 154

Bicycle Snake / DISS-
ING+WEITLING Architec-
ture, Dinamarca.

PÁGINA ESQUERDA

imagem 155

Autor desconhecido.Via
pinterest.

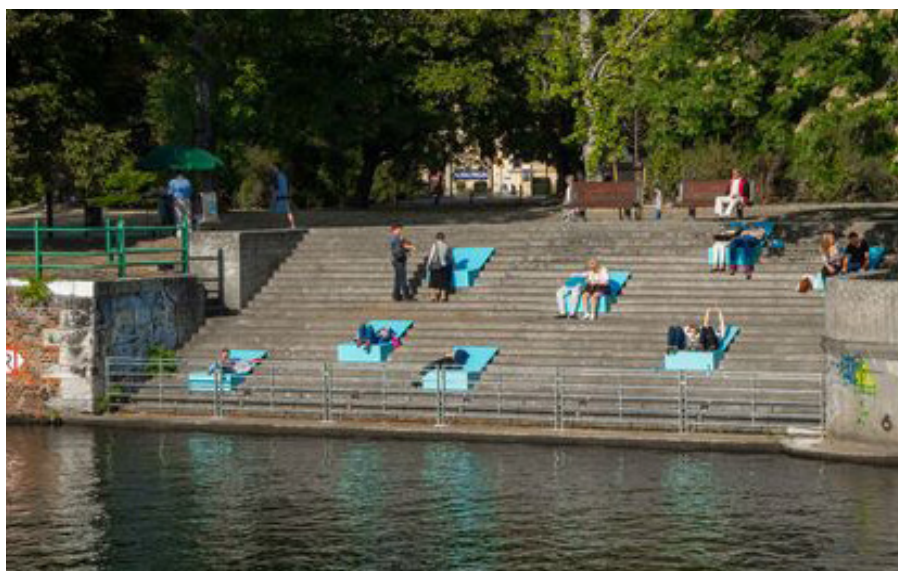
/ 125





É também, segundo Hannah Arendt (1972) o espaço da sociedade, o espaço político, e nestes contornos é necessariamente um espaço simbólico, pois opõem-se e respondem-se a discursos, dos agentes políticos, sociais, religiosos, culturais, intelectuais que constituem uma sociedade.”

“No plural, o termo “espaços públicos” compreende os lugares urbanos que, em conjunto com infraestruturas e equipamentos coletivos, dão suporte à vida em comum: ruas, avenidas, praças, parques.” (Sassen, 2013). Todavia, a praça e o jardim já não são locais de interação e partilha por excelência, passando a ser locais de encontro pontual; assim como a rua, que perdeu o seu sentimento de pertença e sociabilidade e passou a ser encarada como uma ligação entre espaços e transitoriedade de pessoas e automóveis.



PÁGINA ACTUAL

imagem 156

Casa Garagem / Fala
Atelier. Fotografia de Fer-
nando Guerra | FG+SG

imagem 157

V1 Chair by ODES2

PÁGINA ESQUERDA

imagem 158

Banco Lungo Mare,
Enric Miralles

imagem 159

Brave, Studio No.

imagem 160

Micro Installations,
Studio No



“O privado, resume-se à intimidade e ao desejo de somente mani-
festá-la a quem apraz. Entretanto, é também o interior, o exclusivo,
o próprio, o peculiar e o pessoal.”

“Privada é a área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo
ou por uma pessoa, que tem a responsabilidade de mantê-la.”
(Hertzberger, 1999)

/ 127



“O reconhecimento de um espaço privado relevante pressupõe a
existência de uma dimensão de interioridade no homem relevante e
simultaneamente o reconhecimento de que esse espaço não pode
ser imposto aos outros.” (Veiga, 2005)

Pelo carácter ambíguo que os conceitos de público e privado com-
portam, não podem ser aplicados de forma absoluta, sendo que
dependem de uma série de contextos, interpretações e comparações
que vão mudando conforme o acesso e o grau de privacidade/
exposição, a responsabilidade de quem os assume e as qualidades
espaciais que lhes são intrínsecas.



"Identificamos, claramente, um progressivo auto-centramento dos sujeitos, segundo os quais a condução da vida pessoal se torna a sua principal e restrita preocupação, entendida como um fim em si mesmo e um modo de satisfação pleno. Os indivíduos valorizam o anonimato que o urbano lhes proporciona e privilegiam a protecção da esfera pessoal e os ambientes controlados, por oposição a um sistema aberto de interações e contactos proporcionado por um espaço público tradicional. (Silva Graça, 2007)

A oposição entre espaço público e privado, entre forma construída e rua, deve ser atenuada por meio de um mosaico de inter-relações complementares, com divisões mais ténues entre os dois domínios, por meio de recursos arquitectónicos e de coesão espacial, que permitam estimular a interação e coesão social. "A arquitectura, graças às qualidades evocativas, da forma, dos materiais e espaços, possui a capacidade de estimular determinado tipo de uso." (Hertzberger, 1999)

PÁGINA ACTUAL

imagem 161

Natural Office Design
with Principle of the
Hemisphere – Architects
Pons & Huot Paris Office

imagem 162

Waiting Place,
Studio No

PÁGINA DIREITA

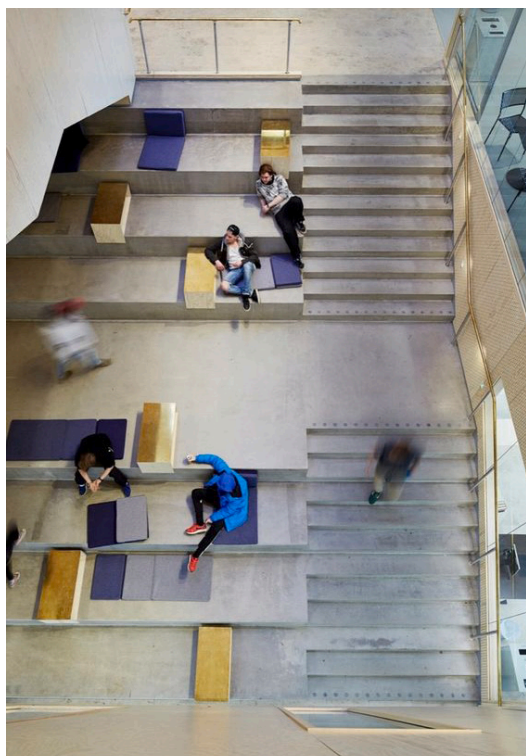
imagem 163

Centro Cultural em
Landvetter / Fredblad
Arkitekter.



"É preciso produzir espaços públicos, com tudo o que possa haver de público nisso. Não se quer apenas que sejam acessíveis fisicamente, mas que sejam lugares de encontro, de tolerância, de mistura de raças, credos, rendas, agradáveis, seguros, de fruição e, principalmente, um lugar onde a cidadania possa se manifestar, onde o exercício da pólis possa acontecer. É isso que faz a cidade ser cidade: o encontro." (Santoro, 2013)

Tanto o conceito de público, como o de privado aplicam-se a diversas situações, sociais, culturais, políticas, jurídicas, assim como individuais. Nada é privado nem público em si mesmo, mas sim de forma contextualizada. As mesmas coisas que em determinadas circunstâncias são privadas, em outras poderão ser públicas.



O exemplo disso são os espaços de uso colectivo que são de propriedade privada e têm acesso e horários limitados – como é o caso do shopping, dos mercados, dos museus, das igrejas e parques de estacionamento.

Ou até pela demarcação territorial que é personificada na descoberta do espaço individual/privado no espaço compartilhado. Disso são exemplos: a casa – onde a sala é mais “pública” em relação com o quarto que é mais “privado” mas toda a casa é privada em relação à rua, a toalha estendida no areal da praia, que delimita um espaço restrito ainda que sem barreiras físicas, a reserva de um lugar pela colocação de um livro/casaco/carteira ou até no uso partilhado da biblioteca, em que cada um possui o seu lugar e área individual, partilhados em equilíbrio e respeito mútuos numa mesa comum.

/129

“(...) onde quer que indivíduos ou grupos tenham a oportunidade de usar partes do espaço público para os seus próprios interesses, e apenas indirectamente no interesse dos outros, o carácter público do espaço é temporária ou permanentemente colocado em questão por meio do uso.” (Hertzberger, 1999)

O significado de público e privado depende por isso da cultura, do país e das vivências do indivíduo, mantendo uma relação recíproca, que resulta numa caracterização relativa, definida pela oposição e comparação dos conceitos e pelas nuances e interpretações de quem os encara.⁵

⁵ “Não se pode pensar esta casa à margem de nós mesmos. Melhor será pensá-la como uma forma de habitar que está a antecipar uma topologia global frente ao território segmentado das culturas tradicionais, uma forma de habitar que questiona os limites e fundamentos do público e privado. Esta forma de habitar que opera sobre a convenção da cidade moderna – nas sobras da arquitectura – pode ser entendida não como uma forma destrutiva da ordem da velha cidade burguesa, mas como uma forma reveladora de outros foros, de novos lugares nos quais se realizam intercâmbios, onde, talvez, se constituam hoje formas paralelas de habitar o público e o privado, adequadas aos processos de transformação a que as nossas vidas estão submetidas.” (in Abalos, I. (2001). A boa vida: visita guiada às casas da modernidade, pg.163)

3.2



130 /

INTERIOR / in.te.ri.or

adjectivo

Que está dentro. Espaço compreendido entre os limites de um corpo.

EXTERIOR / ex.te.ri.or

adjectivo

Que está por fora; na parte de fora; externo: parte exterior de um edifício.

PÁGINA ACTUAL

imagem 164

Casa NA / Sou Fujimoto Architects

PÁGINA DIREITA

imagem 165

MORI X HAKO
Fukuyama. 2009, UID architects, Japão

RELAÇÃO INTERIOR-EXTERIOR

Ainda que se caracterizem como pólos opostos, estes dois mundos poderão estabelecer entre si relações interessantes de cordialidade, de indiferença ou de ruptura total. Os espaços definem-se mutuamente tanto a nível simbólico como espacial e mantêm uma relação recíproca, em que nenhum dos dois pode existir individualmente.

Estes vínculos levantam diversas questões e necessidades na forma de mediação entre estes espaços⁶, onde se ambiciona uma ligação entre interior – exterior adaptada à vivência do utilizador, não só na relação entre casa – cidade, como também do homem – edifício, pela exploração e conjugação de forma e conteúdo.

Intensifica-se por isso a importância das fronteiras – físicas, materiais e psicológicas – de conexão e ruptura e da necessidade de acompanhar a cidade contemporânea na ambiguidade e mudança constantes. A flexibilidade torna-se assim palavra-chave, permitindo diferentes expressões dos limites e dos espaços por meio de recursos arquitectónicos como: a luz, os materiais, a cor, as texturas, a temperatura, as escalas, as gradações e as intensidades, que alteram a forma como o Homem percepção o Mundo através dos limites e dualidades que o rodeiam.

Perante este contexto, surge a necessidade de caracterizar e explorar a versatilidade das fronteiras e dos limites arquitectónicos e de que forma estruturam e enriquecem o habitar.



/ 131

⁶ Friedensreich Hundertwasser "defende valores como a sustentabilidade nas habitações e preconiza a mediação entre o Homem e o mundo exterior através da Natureza, que na sua opinião, é o mediador e unificador destes. Todo o seu trabalho deve ser lido à luz dos seus manifestos e da sua teoria As Cinco Peles – a primeira pele é a Epiderme, a segunda é o Vestuário, a terceira é a Casa do Homem, a quarta é o Meio Social e a Identidade e por fim a quinta pele, é o Meio Global, composto pela Ecologia e a Humanidade. (...) que devem ser tidas em conta quando os projectistas concebem os diversos elementos que medeiam as relações de transição espacial entre interior e exterior." (in Cardoso, A. (2010). "Mutações e Permanências", pg. 172)

3.3



132 /

LIMITE / li.mi.te

substantivo

Fronteira. Linha que separa superfícies ou terrenos contíguos.

Momento ou espaço que corresponde ao fim ou ao começo de algo.

LIMIAR / li.mi.ar

substantivo

O início, o começo, o primeiro estágio de. Lugar que dá acesso ao interior de.

PÁGINA ACTUAL

imagem 166

Rénovation et Extension
d'un Moulin. L'Atelier d'Ici

PÁGINA DIREITA

imagem 167

The Matter of Time,
Richard Serra. 2005,
Guggenheim

PERMEABILIDADE ENTRE ESPAÇOS

"Um edifício não é um fim em si mesmo. Um edifício altera e condiciona a experiência humana da realidade: um edifício emoldura, estrutura, articula, relaciona, separa e une, facilita e proíbe. Experiências arquitectónicas profundas são acções, não objectos." (Pallasmaa, 2017)

CONCEITO DE LIMITE

A forma construída é compreendida pela apropriação do espaço por meio de limites, que a estruturam e a tornam fisicamente tangível. Estas fronteiras devem ser tratados de forma articuladora, incentivando a permeabilidade e diálogo entre o interior e exterior.

"Numa perspectiva fenomenológica, a leitura que fazemos do mundo advém da percepção que o corpo permite. (...) Na verdade é na experiência directa com as coisas, com o contacto do corpo, que percebemos a sua inteira dimensão. É por essa razão que a arquitectura não se conhece pela imagem, mas sim pela experiência, não fotográfica mas vivencial."⁷

O limite confere forma, identidade e vínculos não só entre o espaço edificado e a envolvente, como também entre o utilizador e a relação e apropriação que faz do mesmo. "Toda a reflexão em torno do espaço arquitectónico (...), decorre deste simples facto: a arquitectura como experiência do limite." (Taínha, 2000)



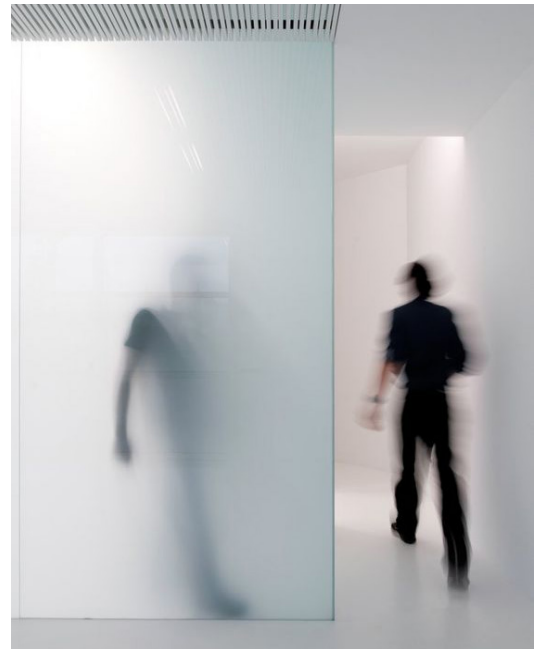
/133

⁷ "É pelo número de passos que custa a dar que se percebe a rua na sua extensão, é pelo esforço de subir os degraus que a escada aproxima ou afasta o outro lado, e é à natureza do material, à forma a que ele dá corpo e ao espaço que ele confina que, numa primeira instância, antes do raciocínio, o nosso corpo responde." (in Rodrigues, S. (2013) A casa dos Sentidos; pg.102)



MATERIALIZAÇÃO DO LIMITE

O limite é por isso o elemento que se coloca entre o domínio do interior e do exterior, não pertencendo a nenhum deles, mas ao mesmo tempo pertencendo a ambos. Dita o fim, mas também o início. Tem a capacidade de criar união, mas também de criar a ruptura. A transição do conceito para a materialização arquitectónica é feita por meio da parede, que assume variadas expressões, significados e escalas.



134 /

A parede enquanto fronteira, sofreu bastante transformações ao longo do tempo, e a sua concepção foi influenciada não só pelas vivências e contextos como também pela evolução tecnológica dos materiais e soluções construtivas.⁸

“O que considero o primeiro e maior segredo da arquitectura, é que consegue juntar as coisas do mundo, os materiais do mundo e criar este espaço. Sinto isto de forma física (...) tomo o conceito do corpo quase literalmente. (...) assim funciona a arquitectura (...) corporalmente, como uma massa, como membrana, como tecido ou invólucro, pano, veludo, seda, tudo o que me rodeia. O corpo!” (Zumthor, 2006)

8 “(...) devemos reflectir sobre o grande acontecimento da arquitectura, quando as paredes se separaram e as colunas apareceram. Foi um acontecimento tão feliz e intelectualmente tão maravilhoso que dele deriva quase todo o nosso viver arquitectónico. (...) A parede circundou-nos por muito tempo, até que o homem, fechado nesta, sentindo uma nova liberdade, quis espreitar para fora. Teve muito trabalho para abrir uma passagem. A parede lamentou-se: «Apenas te quis proteger.» E o homem replicou: «aprecio a tua fidelidade, mas sinto que os tempos mudaram.»

A parede estava triste, mas o homem fez algo de bom. Realizou a abertura de forma graciosamente cuidada enaltecendo, assim, a parede. A parede ficou muito contente com o seu arco e, cautelosamente, fez-se ombreira. A abertura passou a ser parte da parede. A arquitectura cria a sensação de um mundo dentro de outro mundo e atribui essa sensação ao quarto. Experimentai, quando vos encontrais no mundo exterior, pensar num belo quarto, (...) Todas as vossas sensações de exterior vos abandonaram.” (Louis Kahn citado por Cardoso, A. (2010). “Mutações e Permanências”, pg.168)



PÁGINA ACTUAL

imagem 168

Do Ho Suh, Home Within Home. 2013, Museum of Modern and Contemporary Art, Korea

imagem 169

Casa da Escrita / João Mendes Ribeiro

PÁGINA ESQUERDA

imagem 170

Casa E/C:
SAMI arquitectos

imagem 171

Clínica da Fala - MMV
arquitectos

Adquire a sua forma e expressão por meio da função, apresentando-se como estrutural por meio da fachada – personificando a “pele do edifício” (Koolhaas) primordial na proteção e comunicação com a cidade – e como divisória por meio da parede interior – que pode ser fixa, semi-fixa ou móvel, permeando a relação do Homem com o espaço construído.

/135



“(…) interagimos com um edifício: nós vamos ao encontro dele, aproximamo-nos dele e confrontamo-lo, o nosso corpo relaciona-se com ele, perambula por ele, usa-o como contexto e condição para objectos e acções, percepções e pensamentos. E, principalmente, articula as nossas relações com outras pessoas e com as instituições humanas. As construções arquitectónicas materializam e concretizam a ordem social, ideológica e mental.” (Pallasmaa, 2017)

Experimentar um lugar é por isso um processo de apropriação mútua, o utilizador adapta-se ao espaço e o espaço adapta-se a ele, por meio de um diálogo e da entrega e descoberta gradual. Os invólucros arquitectónicos fazem a mediação dessa experiência e definem a forma como o Homem percepção o Mundo à sua volta.

A materialização da parede devem ser construída à escala do utilizador⁹, permitindo uma vivência do quotidiano mais equilibrada, para isso são essenciais os recursos arquitectónicos que permitem controlar a intimidade, a gradação, a organização e as atmosferas do habitar.¹⁰



“O conceito de casa-cidade conduz a uma articulação coerente de grande e pequeno no interior e no exterior (...) em sequências de unidades contingentes que se interligam sem tensão ou esforço (...) quando essa articulação é levada a cabo até à sua menor dimensão, não só os edifícios como a cidade adquirem um significado recíproco, mas também os edifícios e a mobília, pois as “peças” da mobília construída são como pequenas casas diante das quais nos sentimos ainda mais interiorizados do que num quarto amplo. Assim, cada parte recebe a dimensão que se adapta melhor ao seu objectivo, o tamanho certo pela qual ela se torna o que é.” (Hertzberger, 1999)

9 “Os problemas podem situar-se a nível mundial, no entanto só cedem com uma intervenção descentralizada, local e à escala humana. Em parte, devido ao facto de ainda não conseguirmos avaliar o impacto do que fazemos como designers e como consumidores, as nossas acções devem ser de pequena escala para que as hipóteses de cometer grandes erros de cálculo sejam tranquilamente remotas.” (in Papanek, V. (2005) *Arquitectura e Design* – pg.28)

10 “Falar sobre muros é antes de mais falar sobre uma ideia de limite. (...) Por isso, mais do que separar ou unir qualquer coisa, os muros podem construir uma teia de relações que não se esgota na simples divisão. Os muros dividem, mas mais do que dividir, promovem uma relação própria com o que põem do outro lado. Podem limitar o acesso, mas não o toque, podem limitar o toque, mas não o olhar, podem limitar o olhar mas não o odor, e assim por diante. Podem então gerir um enredo de relações entre o erguer de uma barreira física e a indução de uma fronteira mais subtil. Os que me parecem mais interessantes são aqueles que, cumprindo o seu desígnio, marcando um limite, conseguem superá-lo e promover algo mais.” (in Rodrigues, S. (2013) *A casa dos Sentidos*; pg.67)

PÁGINA ACTUAL

imagem 172

Koos Service Design –
Standard Studio

imagem 173

Ant House,
mA-style architects

PÁGINA ESQUERDA

imagem 174

Ztudio, MFRMGR
architects

imagem 175

Casa H / Sou Fujimoto



“A capacidade de absorver significados, e também de abandoná-los sem mudar essencialmente, faz da forma um portador potencial de significado – em suma, significável...” (Hertzberger, 1999)

/137

A estrutura deve introduzir ordem, de tal modo que não restrinja, mas amplie e explore todo o potencial da forma. As paredes, divisórias ou construções – assumindo o seu carácter fixo, semi-fixo ou móvel – devem ser projectadas de tal forma que se possam adaptar às mudanças sem perder identidade. A capacidade de ajuste é essencial na contemporaneidade, permitindo ao utilizador conferir um uso diferente adaptado às suas necessidades, pelo que a arquitectura e o design devem oferecer, sempre que possível, não só a liberdade, como o incentivo para uma apropriação, influência e interpretação do Homem sobre o espaço, reforçando a ideia de pertença e identidade pelo uso.

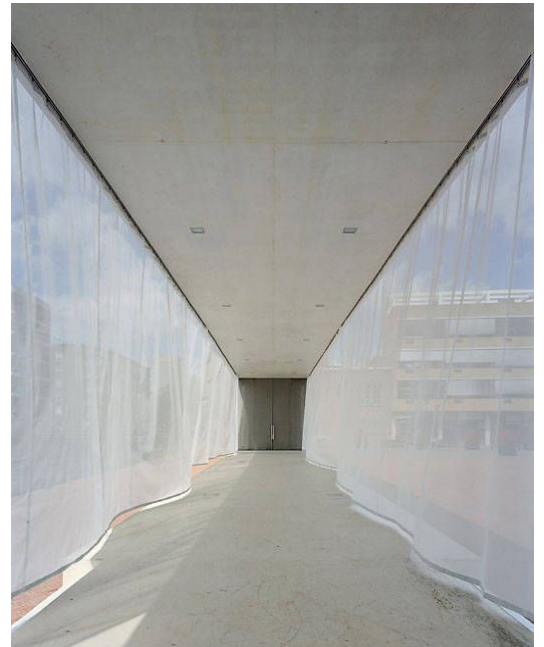




CONCEITO DE LIMIAR

Surge então um lugar que se situa no “entre”, que não está dentro, nem fora, não pertence a nenhum domínio, mas conjuga qualidades comuns de todos, é um território intermédio que assinala a transição, o encontro e relação entre interior e exterior, público e privado.

138/ O limiar representa, por isso, a passagem, uma ponte e um diálogo entre espaços. Ao contrário do limite, o limiar não encerra nem interrompe, mas pelo contrário potencia, realça e complementa o melhor dos dois mundos, permitindo permanecer no “limbo” e experienciar as duas realidades, conferindo um papel ativo às transições espaciais.¹¹



“Um edifício é como uma bola de sabão. Essa bola é perfeita e harmoniosa se o sopro estiver bem repartido, bem regulado do interior. O exterior é o resultado do interior” (Corbusier, 1977) assim o espaço interior em directa ligação com o exterior vai-se tornando num espaço fluído e orgânico, que se adapta aos movimentos.

¹¹ “A arquitectura caminha-se, percorre-se e (...) de tal modo que, postas à prova, as arquitecturas classificam-se como mortas ou vivas, se a regra do caminhar não foi observada, ou se pelo contrário, foi brilhantemente explorada.” (in Corbusier, L. (2003) Conversas com estudantes das escolas de arquitectura – pg. 51)

“E de repente existe um interior e um exterior. Estar dentro e estar fora. Fantástico. E isto implica outras coisas igualmente fantásticas: soleiras, passagens, pequenos refúgios, passagens imperceptíveis entre interior e exterior, uma sensibilidade incrível para o lugar, uma sensibilidade incrível para a concentração repentina, quando este invólucro está de repente à nossa volta e nos reúne e segura, quer sejamos muitos ou apenas uma pessoa. Desenrola-se então o jogo entre o indivíduo e o público, entre a privacidade e o público. É com isto que a arquitectura trabalha”. (Zumthor, 2006)

Estas zonas limiares, permitem a extensão da habitação para o exterior e vice-versa, fortalecendo as relações da comunidade, que podem ser estimuladas por meio dos recursos arquitectónicos que vamos explorar neste tema.¹²



/ 139

PÁGINA ACTUAL

imagem 176

House Marian, THOSE Architects. 2015, Sydney

PÁGINA ESQUERDA

imagem 177

Moriyama house by Ryue Nishizawa

imagem 178

Pódio Urbano em Roterdão / Atelier Kempe Thill

¹² A casa Hundertwasser, em Viena, construída em 1983 é um admirável exemplo que demonstra um “conjunto de por pormenores que se revelam fundamentais ao sucesso, que esta habitação ainda hoje tem. Hundertwasser vai activar as memórias dos habitantes e construir um conjunto de elementos arquitectónicos de mediação que constroem a imagem deste edifício familiar. Estes elementos vão desde os alinhamentos irregulares das janelas, à integração espacial das árvores, à mistura colorida das linhas ondulantes dos seus planos urbanísticos,(...) e aos corredores que são passagens interiores enérgicas, com um chão desigual e paredes de reboco onduladas, onde o acabamento é substituível e está pronto a receber os graffiti de crianças e adultos.

A integração dos habitantes no processo de construção dos espaços públicos, ou semi-públicos, confere-lhes um sentido de identificação pessoal único, que concorre para a preservação da qualidade espacial. (...) considerou ainda a existência de equipamentos colectivos que contemplam um percurso mais intimista que activa o sentimento de pertença por parte dos seus moradores. São diversos os terraços-jardim arborizados e públicos, que medeiam a ligação entre a cidade, os apartamentos e as restantes áreas públicas de serviços. Estes terraços-jardim são directamente acessíveis pelos apartamentos situados por baixo, formando uma espécie de varandas-bosque.

A Casa Hundertwasser apresenta-se, assim, como uma aldeia vertical, onde cada alojamento é personalizado por uma cor própria e pelo tratamento exterior das janelas. Esta respeita a personalidade de cada habitante, mas assegura um todo coeso e harmonioso que faz com que “as pessoas se sintam verdadeiramente em casa.” (Restany, Pierre; 2004, pg.45 citado por por Cardoso, A. (2010). “Mutações e Permanências”, pg.176)



MATERIALIZAÇÃO DO LIMIAR

As diferentes articulações deste território intermédio conduzem à expansão da capacidade de usos, que é oferecida pela forma convidativa – que se gera a si própria, pela apropriação livre por parte do utilizador – gerando um contacto espontâneo e uma envolvimento e afinidade resultantes da relação e interpretação individual do espaço.

A materialização do conceito de limiar é feita por meio de diversos recursos arquitectónicos tais como: a soleira, o parapeito, o degrau, a porta, os pilares, as calhas, as diferenças de nível, os nichos, as saliências, as prateleiras, as paredes livres, as janelas habitadas, a varanda, o alpendre. Todos estas “irregularidades”, permitem múltiplas abordagens de uso para além do explicitamente percebido, e comportam em si incentivos e uma certa informalidade que estimula a apropriação e a empatia com o espaço habitável, “(...) mais uma vez, vemos que a forma se gera a si própria, e é menos uma questão de inventar do que ouvir atentamente o que os homens e objectos querem ser.” (Hertzberger, 1999)

140 /





PÁGINA ACTUAL

imagem 179

Casa MP / alcolea+tárrago arquitectos. 2012, Espanha

imagem 180

Casa Gerassi / Paulo Mendes da Rocha. 1991, São Paulo

PÁGINA ESQUERDA

imagem 181

Idokoro House, mA-Style Architects

imagem 182

Moriyama House, SANAA + Kazuyo Sejima

A soleira é considerada em termos arquitectónicos como a personificação da hospitalidade, por acolher não só o momento da chegada, mas também o momento da partida, evidenciando o espaço dedicado às boas-vindas e às despedidas de quem nos visita. Deste modo, é reforçada a ideia que “a soleira é tão importante para o contacto social quanto as paredes grossas são para a privacidade.” (Hertzberger, 1999)

Por sua vez a porta, que num olhar inicial serviria só para entrar e sair, comporta uma série de significados intrínsecos, que pelas suas características físicas – material, espessura, forma, escala – e simbólicas, nos permitem envolver de forma gradual com o edifício, e assumir um convite ou uma proibição à medida que nos movimentamos e descobrimos o espaço. “Tudo se torna muito concreto no mundo do espírito, quando um objecto, uma simples porta, pode oferecer imagens de hesitação, tentação, desejo, segurança, boas-vindas e respeito.” (Bachelard, 1957)





142 /

E se a porta nos permite entrar, a janela permite-nos sair¹³ e sonhar sem sair do sítio por intermédio de uma experiência arquitectónica autêntica: “a qualidade de uma janela reside na maneira como ela elabora e expressa a sua “condição de janela”, em como faz o intermédio entre o interior e o exterior, o seu modo de emoldurar a vista e conferir-lhe escala, o seu jeito de articular a luz e a privacidade, em como ela anima o espaço e lhe outorga uma escala, um ritmo e um ambiente especial. Um recinto pode ser aterrorizante ou tranquilo, agressivo ou relaxante, enclausurante ou libertador, tedioso ou alegre, dependendo da janela.



13 “(...) a janela é aqui matéria concreta e abstracta. O corpo da janela confere-lhe os limites que a visão emoldurada se propõe ultrapassar. (...) As janelas capturam a paisagem e nas novas e desejadas proporções, a visão torna-se horizontal. (...) As casas são para ser vistas em movimento e o utilizador, rodando sobre si mesmo, projecta o seu olhar para o exterior. É nessa fronteira entre o interior que o habitante ocupa e o exterior para onde é projectado que, numa visão panorâmica, a janela se transforma em ecrã e o exterior se emoldura numa perspectiva cinematográfica.” (in Rodrigues, S. (2013) A casa dos Sentidos; pg.20-21)



Desde modo, o impacto de uma janela na experiência humana é existencialmente profundo demais para que ela seja considerada apenas como um mero elemento de composição visual.” (Pallasmaa, 2017)

Adquirindo uma maior dimensão, estes espaços “in between” promovem assim uma participação sensorial com a edificação e a envolvente, enriquecem o diálogo, permitem interpretações e associações, estimulam o contacto e enriquecem o quotidiano.

*“(...) as coisas encontraram-se, estão em si. Porque são o que querem ser. /143
E a arquitectura é feita para nós a utilizarmos. (...) mas o mais belo é quando as coisas se encontram, se harmonizam. Formam um todo. O lugar, a utilização, a forma.” (Zumthor, 2006)*

PÁGINA ESQUERDA

imagem 183

Casa Rocés / Govaert & Vanhoutte architectuurburo

imagem 184

House on the Marsh /
A1 Architects

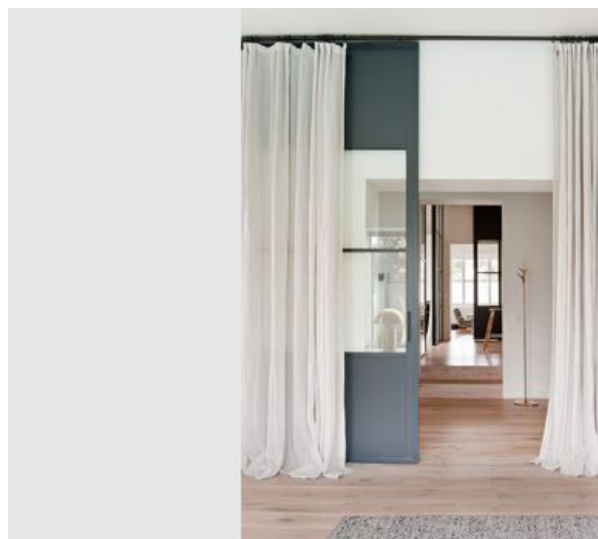
PÁGINA ACTUAL

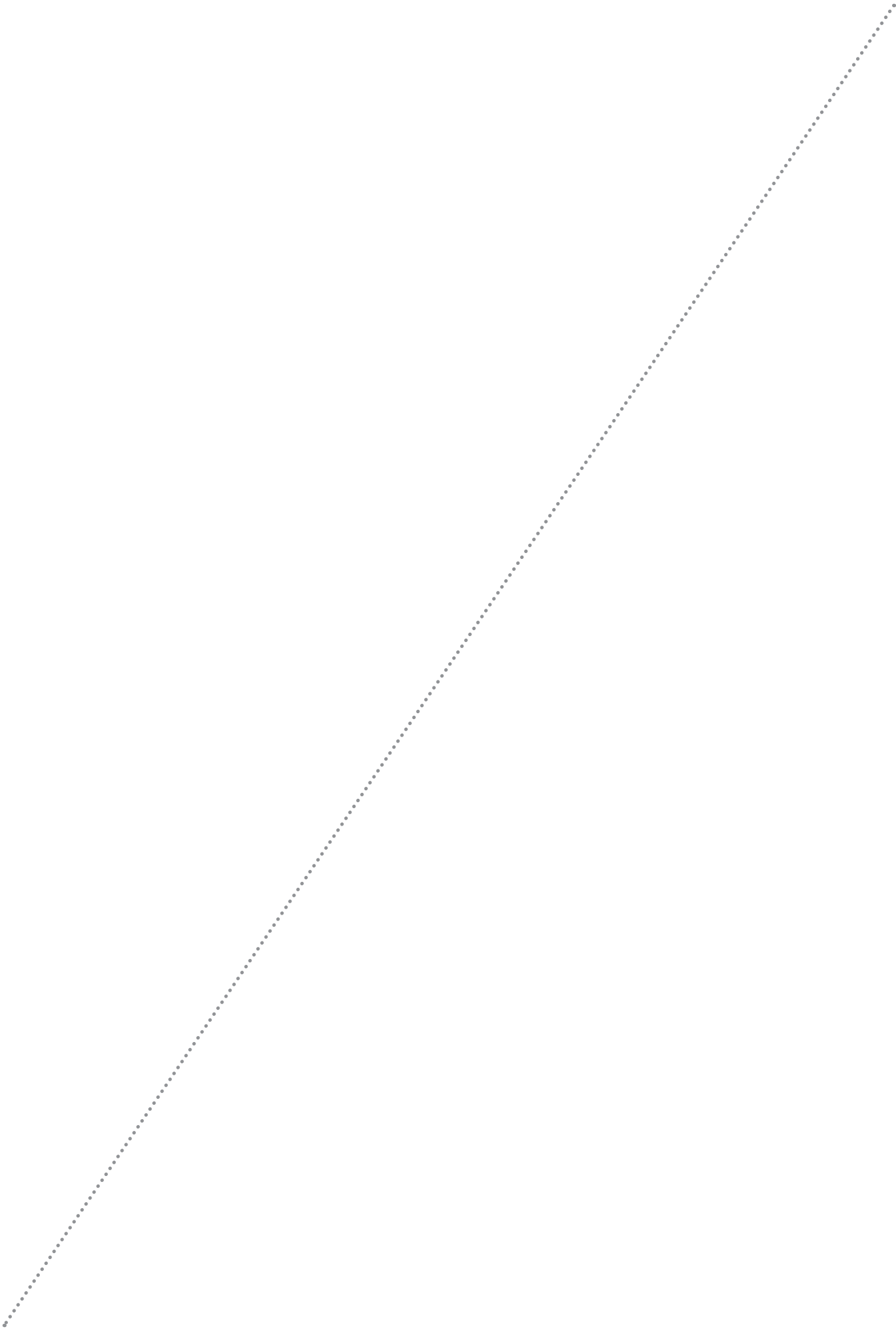
imagem 185

Blu Creative. Facet Studio
2013, Austrália

imagem 186

Hecker Guthrie Interior
Design Studio





B.

projecto

contextualização projectual





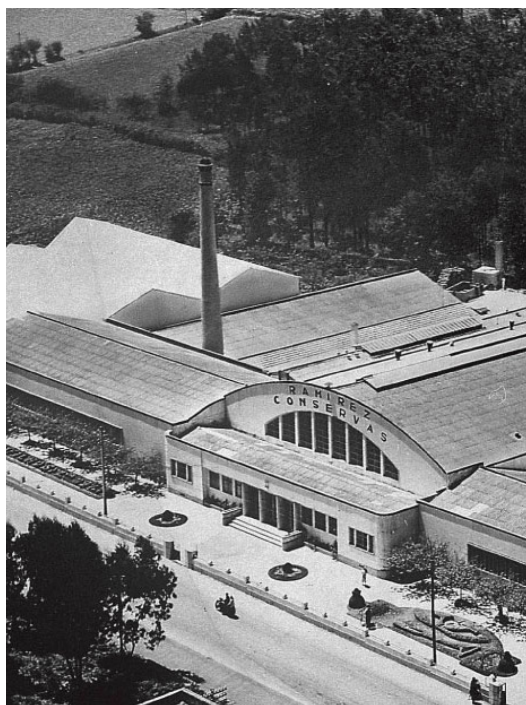
1.



A CIDADE DE MATOSINHOS

Se até agora falamos da cidade no seu contexto global, é importante contextualizar esta mesma cidade no seu contexto local e na zona escolhida para a realização do projecto: Matosinhos Sul.

Matosinhos, Terra de Horizonte e Mar, divide-se em duas grandes zonas Matosinhos Norte e Matosinhos Sul. A primeira apresenta algum abandono e degradação, contendo uma “dinâmica que foi progressivamente e ao longo dos tempos estagnando e até regredindo, por confronto com a área que lhe está litoralmente adjacente, Matosinhos Sul, que apresenta uma dinâmica de renovação, fruto da recente regeneração urbana.



“Esta zona da cidade, com tipologia de zona industrial abandonada, que surge no início do séc. XX resultado de um modelo de industrialização ancorado na dinâmica criada pelo Porto de Leixões, albergou grandes unidades industriais e de armazenagem, ligadas aos sectores exploradores das conservas de peixe, refinarias de açúcar e vinhos – de que é exemplo a Real Companhia Vinícola – ocupando quarteirões inteiros e marcando a fisionomia urbana de Matosinhos até finais do séc. XX como um importante centro industrial.

(...) Nas últimas décadas, Matosinhos foi-se adaptando ao progressivo abandono da indústria conserveira e à conjuntura económica em geral, preservando a sua forte relação com o mar, através da exploração de um conjunto de atividades económicas ligadas a este recurso natural e à gastronomia de qualidade, reconhecida nacional e internacionalmente.” (in ARU Matosinhos, 2015)

Comporta em si um carácter versátil, que vai desde a habitação, a uma forte atividade comercial, tanto de serviços como de restauração, que lhe conferem condições urbanas de centralidade e uma localização privilegiada, que lhe confere identidade e distingue, pela sua ligação ao Mar.





Outras características que potenciam a zona são: a proximidade com os transportes públicos (metro e autocarro); a forte ligação e proximidade com a praia e a preservação da relação com o Mar, explorando um conjunto de actividades económicas e de bem-estar ligadas a este recurso natural; a oferta de estabelecimentos tanto de comércio tradicional, área de negócio em valorização, como de grande escala; a fácil acessibilidade a pé ou de bicicleta pela criação de largos passadiços e ciclovias, mas também a grande oferta de parques de estacionamento, clima favorável o ano todo e o ambiente seguro da cidade.

Na área do Turismo, o Terminal de Passageiros de Matosinhos deve ser considerado como uma importante “porta de entrada”, criando a ponte para que novas culturas conheçam a cidade, dinamizando também a economia local. É considerado uma zona de interesse turístico também pelos vários marcos arquitectónicos que alberga, pelas vistas inestimáveis, pela Gastronomia tão apreciada e pelos eventos que dinamiza.



PÁGINA ESQUERDA

imagem 187

Mãos que conversam
a tradição. Conservas
Ramirez, 1953

imagem 188

Vista sobre a praia de
Matosinhos

PÁGINA ACTUAL

imagem 189

Metro na Rua Brito
Capelo

imagem 190

Ciclovía no “calçadão”
de Matosinhos

imagem 191

Terminal de Cruzeiros do
Porto de Leixões





"A gastronomia de Matosinhos, cada vez mais apreciada e elogiada a nível nacional e internacional, é considerada um dos principais produtos turísticos do concelho, fazendo parte dos mais variados roteiros e guias de promoção gastronómica de norte a sul do país. Consciente da importância turística que a gastronomia tem na nossa região, a Câmara Municipal de Matosinhos quer fomentar ainda mais as potencialidades deste produto âncora e avança com uma campanha destinada a promover a gastronomia do concelho pelo mundo fora. É neste contexto que surge a criação e implementação da marca "Matosinhos World's Best Fish"."

PÁGINA ACTUAL

imagem 192

Peixe na brasa. Restaurante o Lusitano

imagem 193

Cartaz promocional Matosinhos World's Best Fish

PÁGINA DIREITA

imagem 194

Interior ESAD - IDEA

imagem 195

Casa da Arquitectura





A autarquia conserva uma relação próxima com a ESAD Matosinhos, criando o vínculo com as Artes, o Design, a Arquitectura, as indústrias criativas e a tecnologia, comportando uma série actividades, eventos e iniciativas de elevada importância para a comunidade. A reabilitação do Antigo Mercado de Matosinhos e da ESAD-IDEA (antiga Caixa Geral de Depósitos), e a Casa do Design são dois exemplos de como a ESAD contribuiu para a reabilitação e potencialização do tecido urbano e da cidade, por meio da Arquitectura e do Design.

Também a Casa da Arquitectura e a Casa do Design inauguradas este ano, trazem exposições, visitas, debates, performances, filmes, música, lançamentos de livros e actividades para crianças e famílias, com o intuito de celebrar, potenciar e dar a conhecer a arquitectura e o design à comunidade.

/153

“Temos um grande objetivo que é inserir a Casa da Arquitectura, entidade portuguesa, no circuito internacional, para trazer a Portugal o que de melhor se faz lá fora e mostrar lá fora o que de melhor se faz por cá, através da criação de protocolos e parcerias” (Nuno Sampaio, director-executivo, in Jornal de Notícias, 2017)



No que diz respeito ao Desporto e entretenimento, Matosinhos promove a indústria do Surf como uma das principais atrações da orla marítima, com uma série de eventos relacionados com a modalidade, que juntam a comunidade, contribuem para o dinamismo económico, para a promoção do desporto e de um estilo de vida saudável.



A iniciativa Mar de Desporto é outro exemplo de como a autarquia apoia a actividade física, num “conjunto intenso e diversificado de eventos desportivos, procurando dar visibilidade aos grandes campeões e estimular os ginastas de fim-de-semana, sem esquecer os milhares de atletas que praticam desporto durante todo o ano e lutam por vitórias nacionais e internacionais em modalidades como a patinagem artística ou o bodyboard, o voleibol ou o JiuJitsu.”

Para além de todas estas iniciativas, integram também a passagem dos Caminhan-tes de Santiago, numa oferta eclética de opções de Desporto e Bem-Estar para todas idades e gostos.



PÁGINA ACTUAL

imagem 196

Mercado de Matosinhos

imagem 197

Casa da Arquitectura -
Roberto Ivens

PÁGINA ESQUERDA

imagem 198+199

Aula de Surf Onda Pura

"Matosinhos valoriza o papel fundamental da Reabilitação Urbana na sustentabilidade da cidade, como motor da economia, forte potencial de inclusão social e participação cívica, (...) a compreensão destas necessidades de Reabilitação Urbana num dado território passa necessariamente pelo conhecimento integrado das suas diferentes componentes, aos níveis urbano, social, económico, cultural e geográfico, entre outros. No caso específico do Concelho de Matosinhos, esta compreensão é indissociável da sua histórica ligação ao mar." (in ARU Matosinhos Sul, 2015)¹

Que este mote e dedicação nos possam inspirar à regeneração e criação em conjunto de um Matosinhos autêntico e excepcional, que nos caracterize, entusiasme e oriente para um Futuro melhor.

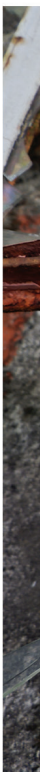


/ 155

¹ A ARU (Área de Reabilitação Urbana) Matosinhos Sul, é um documento concebido pela Câmara de Matosinhos e pela Matosinhos Habit, que "reúne a informação legalmente exigida ao abrigo da lei que regulamenta a Criação das chamadas Áreas de Reabilitação Urbana, (...) que potenciem uma estratégia abrangente de longo curso para o Concelho, num quadro mais amplo de reabilitação do edificado e do espaço público, de exponenciação económica e cultural e de consagração da qualidade de vida dos cidadãos, com uma perspetiva de projeção local, nacional e internacional."



2.





pré - existência



2.1

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

“O lugar é algo mais do que uma mera localização geográfica, mais do que um simples espaço, sendo a sua compreensão, essencial para o acto de fazer arquitectura. O lugar é a concreta manifestação do habitar humano, sendo a sua essência capaz de moldar a identidade dos indivíduos que o ocupam” (Norberg-Schulz, 1979)

158 /

PÁGINA ACTUAL

imagem 200

Fotomontagen da fachada da fábrica na Rua Conselheiro Costa Braga

PÁGINA DIREITA

imagem 201

Fotomontagem da fachada da fábrica na Avenida Menéres





2.2

160 /

LOCALIZAÇÃO TOPOGRÁFICA

O edifício de intervenção situa-se no cruzamento entre a Avenida Menéres e a Rua Conselheiro Costa Braga na zona de Matosinhos Sul.

PÁGINA DIREITA

imagem 202

Mapa ilustrado da localização do edifício de intervenção e principais serviços e locais de referência da zona



2.3

CONSERVAS JOANA D'ARC

O edifício escolhido para estudo e reabilitação situa-se na intercepção da Av. Menéres nº622 a 650 com a rua Conselheiro Costa Braga nº 416 a 446 em Matosinhos.

O armazém foi construído em 1927, originando a antiga conserveira Joana d'Arc, fundada por Joaquim Silva Maia.

162 /

Esta fábrica chegou a produzir na década de 1930, uma média de 25.000 caixas de sardinha por ano, para marcas como a Celestial, Lucrécia, Auspiciosa, Ludovina, Joarco, Dosil e Domingos, empregando cerca de 120 trabalhadores e tornando-se um ponto de referência na indústria conserveira em Matosinhos.



PÁGINA ACTUAL

imagem 203+204

Anúncio Sociedade de Conservas Joana d' Arc, 1959 - Revista Conservas de Peixe

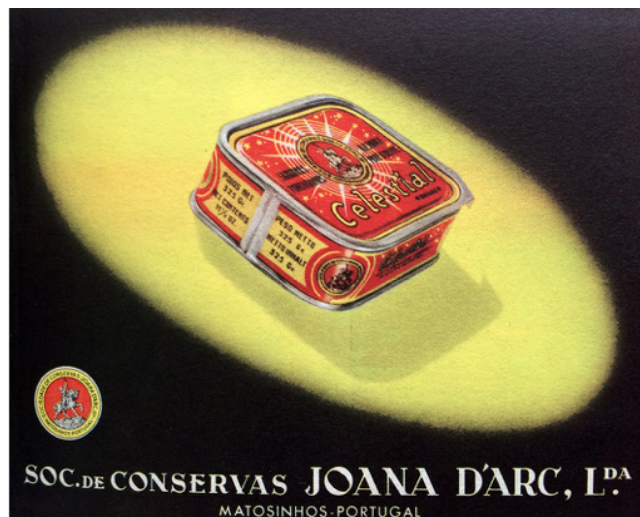
PÁGINA DIREITA

imagem 205

Anúncio Sociedade de Conservas Joana d' Arc, Conservas Celestial

imagem 206

Anúncio Sociedade de Conservas Joana d' Arc - Conservas de Peixe em Azeite e Salmoura, 1936



O local de intervenção está localizado numa zona nobre – Matosinhos Sul – perto do Mar e da sector industrial da cidade. Desde a sua fundação até à interrupção da produção conserveira, o espaço manteve um bom estado de conservação, com manutenções periódicas que permitiram que a construção se mantivesse em bom estado de conservação, mesmo depois do encerramento e abandono do mesmo.

A fachada da entrada principal situa-se na Av. Menéres a partir da qual se distribuem as 3 principais naves e por uma 4ª mais estreita, que são flanqueadas longitudinalmente, pela fachada da rua Conselheiro Costa Braga, terminando numa edificação que se posiciona perpendicularmente à organização do armazém central totalizando uma área de 2.576 m².

As informações relativas à construção, ampliação e organização do armazém foram fornecidas pelo Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Matosinhos e podem ser consultadas em anexo.

/163



PÁGINA ACTUAL

imagem 207

Desenho de levantamento da pré-existência Fachada Norte. Escala 1:200

imagem 208

Desenho de levantamento da pré-existência. Corte Transversal 4. Escala 1:200

PÁGINA DIREITA

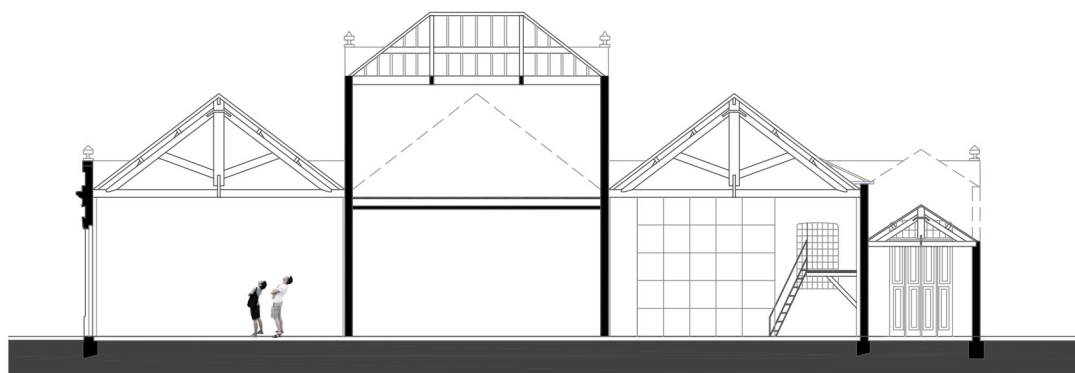
imagem 209

Fotografia do interior da pré-existência do armazém 01

2.4



ALÇADO NORTE



CT.4

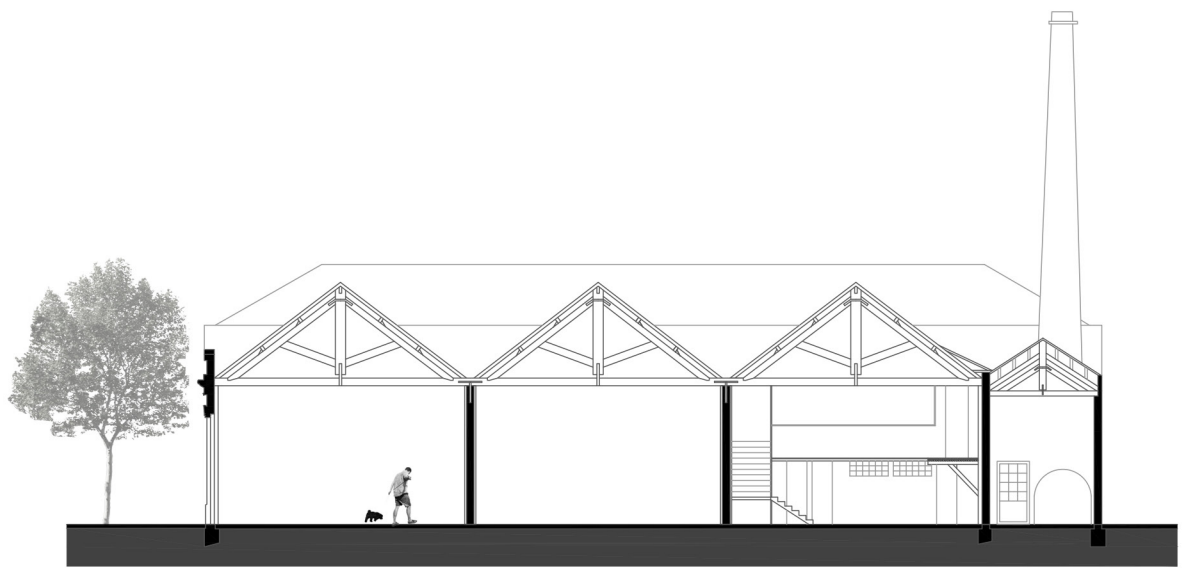


TIPOLOGIA ARQUITECTÓNICA E CONSTRUTIVA

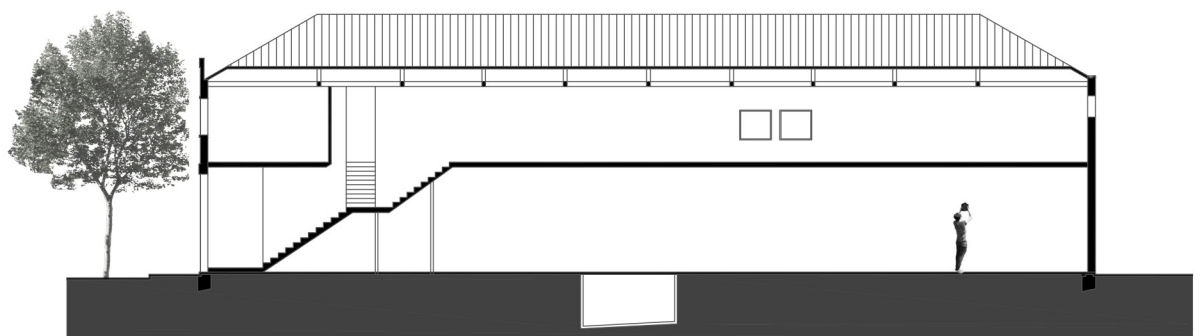
A caracterização arquitectónica e construtiva de um edifício permite verificar o estado de conservação do edifício, nomeadamente dos seus elementos primários, e com isso determinar tudo aquilo que deverá ser substituído, reforçado e acautelado impedindo a progressão da degradação. O conhecimento profundo dos edifícios potencia o aproveitamento das suas características intrínsecas e de uma reabilitação bem sucedida.

/165

O edifício é uma construção de 1927 e é constituído por 3 naves principais com um pé direito de 9 metros e uma nave secundária que foi anexada posteriormente ao edifício principal e dá acesso à chaminé e à zona posterior da fábrica que continha o alpendre e a zona de serviços como: carvoeira, saleiro, caldeira, estufas e prensas. As 3 naves eram comunicantes em openspace e só posteriormente foram divididas por paredes. No corpo central com fachada para a Av. Menéres eleva-se a torre que servia de entrada principal com um átrio e posto de vigia no nível do rés-do-chão e escritório no piso superior.



CT.3



CT.1

166/ O prédio contíguo ao edifício, com entrada pela rua Conselheiro Costa Braga, pertence ao mesmo proprietário da fábrica de conservas e será também analisado e reabilitado neste projecto.

Construtivamente o lote caracteriza-se por ter uma estrutura periférica em alvenaria de pedra com amplas aberturas para as fachadas Noroeste e Sudoeste, conferindo uma boa ventilação e iluminação natural ao edifício. Interiormente o edifício actual é constituído por uma estrutura de pilares de pedra de 45x45cm e paredes divisórias de tijolo caiadas de branco. Estas paredes foram construídas após o encerramento da fábrica de conservas com o intuito de dividir e sub-alugar o espaço.

A cobertura é sustentada por asnas de madeira simples de onde parte uma estrutura de madeira em quatro águas revestida a telha, sem isolamento térmico. Fruto da subdivisão dos espaços que limitaram a luz proveniente dos vãos da fachada, houve a necessidade de criar aberturas na cobertura que permitissem a entrada de luz.



PÁGINA ACTUAL

imagem 210

Desenho de levantamento
da pré-existência
Planta piso 0 + 1.
Escala 1:200

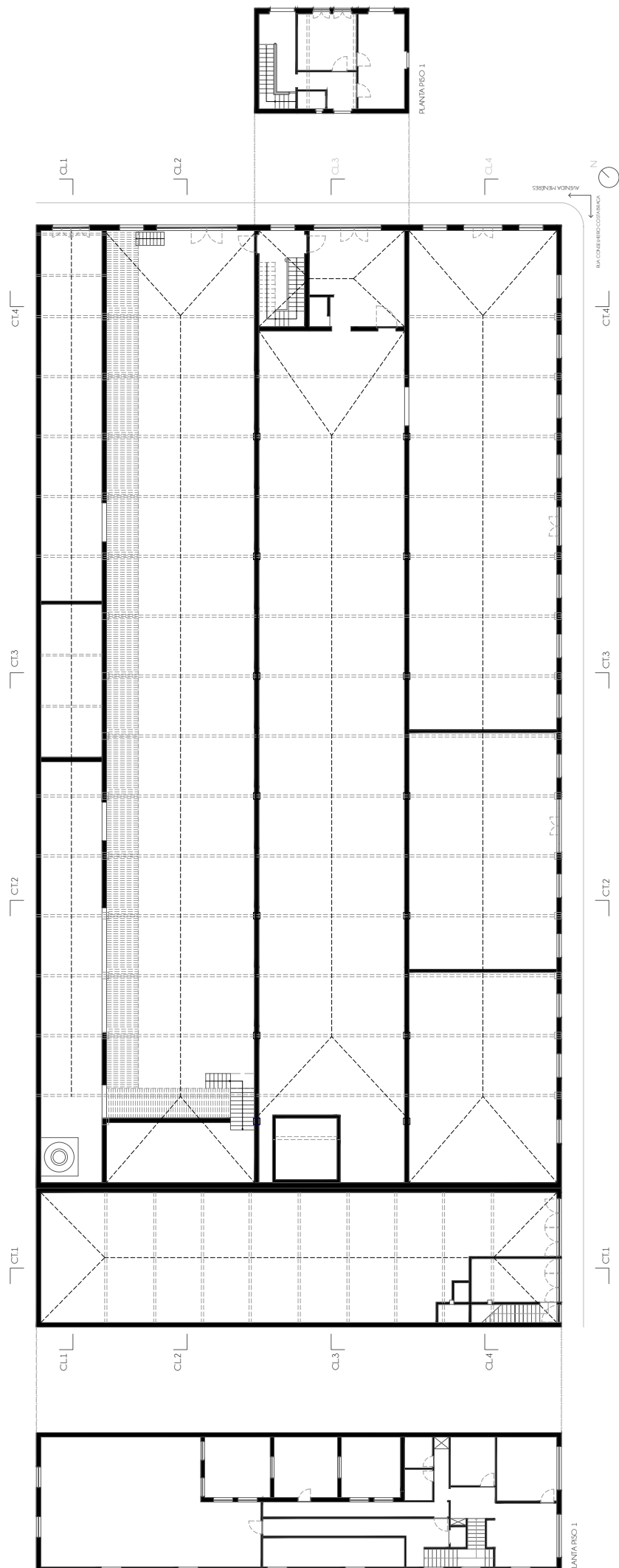
PÁGINA ESQUERDA

imagem 211

Desenho de levantamento
da pré-existência. Cortes
Longitudinais 2 + 3.
Escala 1:200

imagem 212

Fotografia do interior
da pré-existência do
armazém 03





168 /



imagem 213

Fotografia do exterior do edifício com vista para a Fachada da Av. Menéres

imagem 214

Fotografia do interior da pré-existência do armazém 03

imagem 215

Fotografia do interior da pré-existência do armazém 05

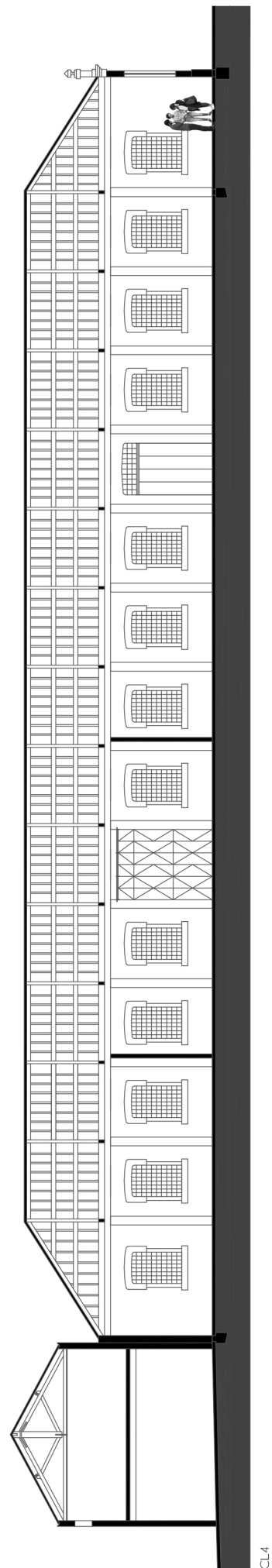


imagem 216

Fotografia do exterior do edifício com vista para a Fachada da Rua Conselheiro Costa Braga

imagem 217

Desenho de levantamento da pré-existência. Corte Longitudinal 4. Escala 1:200



CL.4



PÁGINA ACTUAL

imagem 218

Fotografia do interior da pré-existência do armazém 05

imagem 219

Fotografia do interior da pré-existência do armazém 05

PÁGINA ESQUERDA

imagem 220

Desenho de levantamento da pré-existência. Corte Longitudinal 3. Escala 1:200

imagem 221

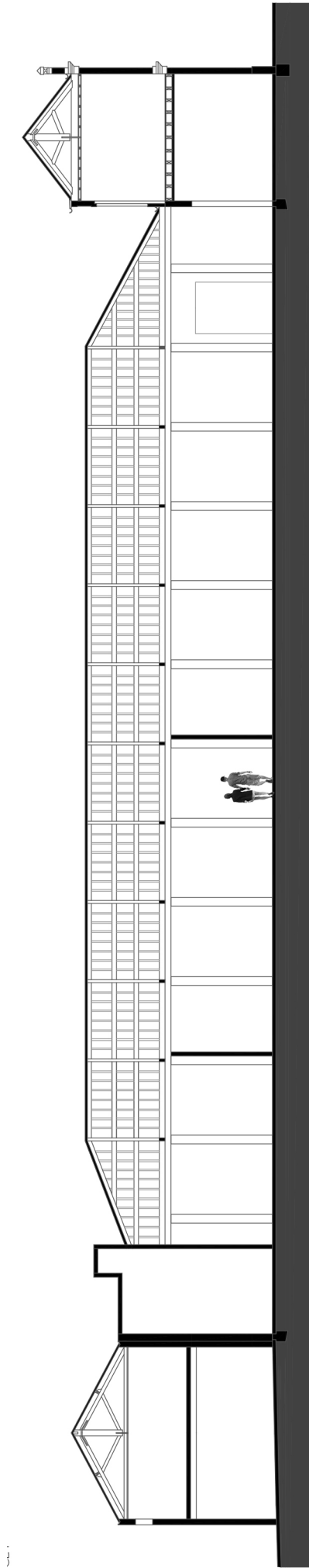
Desenho de levantamento da pré-existência. Fachada Este. Escala 1:200

O edifício situado na rua Conselheiro Costa Braga possui características construtivas similares mas por ter sido usado mais recentemente como oficina de automóveis, apresenta um registo construtivo diferente do lote de conservas.

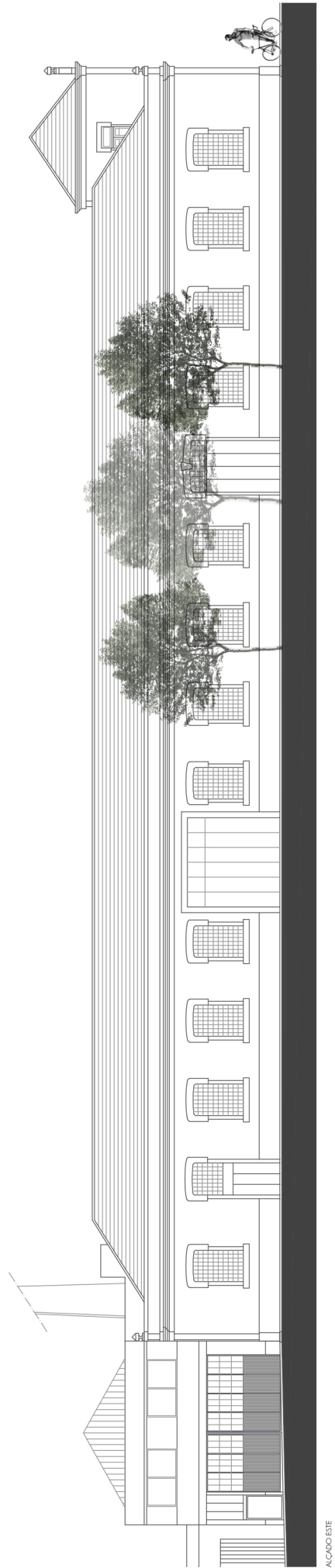
Trata-se de uma construção de rés-do-chão e primeiro piso, em que as paredes estruturais se apresentam em alvenaria de pedra rebocada e caiada. Interiormente as paredes estruturais foram também rebocadas e revestidas pela metade a azulejo branco de 20x20 e a outra metade caiada de branco. Por sua vez as paredes interiores de divisão de espaço são construídas em tijolo, rebocadas e caiadas de branco.

O piso superior é sustentado por uma estrutura em vigas metálicas revestidas por soalho de madeira. A cobertura é sustentada por asnas de madeira simples de onde parte uma estrutura de madeira em quatro águas revestida a telha, sem isolamento térmico.





CL.3



ALCAO DO ESTE



2.5

PATOLOGIAS E ESTADO DE CONSERVAÇÃO

172 /

O diagnóstico é um passo importante na caracterização do estado de conservação de um edifício pois permite a identificação das anomalias e das causas na sua origem. Do diagnóstico pretende-se a identificação de todas as deficiências que um edifício apresenta pelo que é fundamental um olhar atento e uma inspeção rigorosa.

O edifício em análise encontra-se em abandono, sem qualquer tipo de manutenção o que resultou na degradação do edificado ainda que na sua totalidade se encontre em bom estado de conservação, permitindo uma reabilitação pouco evasiva.





No lote principal encontramos, nas paredes que constituem a fachada sinais de envelhecimento e enfraquecimento da construção, não apresentando porém, patologias estruturais profundas. As paredes interiores serviram, como já mencionado só para uma divisão rápida entre espaços, pelo que apresentam sinais de infiltração, erosão e estragos pontuais. Os vãos, foram tapados com tijolo de modo a proteger e impedir estragos maiores. Todos os portões, portas e gradeamentos exibem envelhecimento e alguns remendos, mas com possibilidade de recuperação.

No que diz respeito à cobertura, todas as asnas aparentam um bom estado de conservação, considerando o abandono, sendo que só os tectos falsos colocados pontualmente no edificado é que ruíram. O revestimento da cobertura em telha manteve-se intacta, mas pela falta de isolamento e protecção denota degradação proveniente das condições climáticas.

/173

Em conclusão, parte das deficiências que o edifício apresenta, principalmente do ponto de vista da qualidade ambiental, têm origem nas infiltrações provenientes do telhado, pelo que, no geral, constata-se muito poucas patologias e uma aceitável conservação geral do edificado.

PÁGINA ACTUAL

imagem 222

Fotografia de pormenor
fachada da pré-existência

PÁGINA ESQUERDA

imagem 223

Fotografia do interior
da pré-existência do
armazém 03

imagem 224

Fotografia do interior
da pré-existência do
armazém 05

3.



projecto



3.1

176 /

MEMÓRIA DESCRITIVA

"As ideias que dão origem à Arquitectura são conceitos complexos. A complexidade em Arquitectura é própria da Ideia. Ideia que aparece como síntese dos factores concretos que concorrem para o complexo facto arquitectónico: Contexto, Função, Composição e Construção.

Contexto que é relativo ao lugar, à geografia, à história. Ao onde, ao UBI. **Função** que gera a Arquitectura com o seu para quê. **Composição** que ordena o espaço com o seu como geométrico. Com a dimensão e a proporção. Com a escala. **Construção** que torna realidade aquele Espaço com o seu como físico. Com a estrutura, os materiais, a tecnologia. Orientando a gravidade. Com a matéria. A ideia, o porquê, será tanto mais precisa quanto melhor responda a estas questões: onde, para quê e como." (Baeza, 1996)

O presente projecto nasceu da necessidade de responder à falta de espaços de estudo e trabalho públicos que permanecessem abertos 24h ou por um período mais alargado de tempo. Para justificar essa necessidade actual, foi feito um questionário, respondido por 177 pessoas, que poderá ser consultado em anexo e que nos permitiu moldar o projecto às vontades e necessidades da sociedade contemporânea. O conceito por detrás do projecto é fundamentado também pelas vivências e dinâmicas do habitar contemporâneo, que solicita aos arquitectos e designers, a flexibilidade e um constante espírito crítico como bases fundamentais da profissão.

Após serem decididas as funções e serviços mais pertinentes, foi necessário encontrar um espaço que conseguisse albergar todo o programa proposto, tomando em consideração a zona a implementar, que teria que ser suficientemente central para que pudesse dar o máximo de resposta não só à comunidade onde se inserisse, como também às redondezas. A zona escolhida foi por isso Matosinhos não só por todas as qualidades já enumeradas no capítulo Contextualização Projectual, como também por ser facilmente acessível para quem mora e trabalha tanto na Foz, como na Boavista, Baixa ou Leça da Palmeira, tornando-se assim o núcleo mais central para inserir o projecto proposto.

/ 177



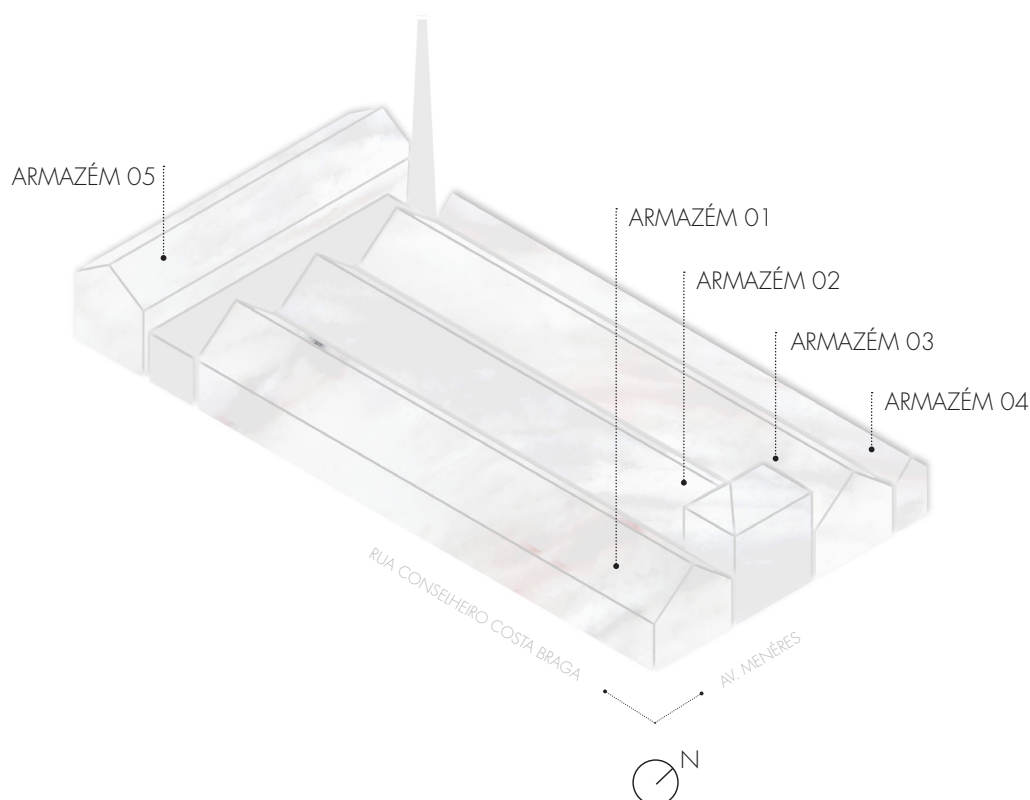
imagem 225

Between Cathedrals,
Alberto Campo Baeza.
Cádiz, 2009

Matosinhos possui, na actualidade, uma série de edificações fabris abandonadas, numa zona central perto da praia, que pela localização, envolvente e condições de pré-existência, se tornam ideais para a construção e idealização deste projecto. A proximidade com uma série de serviços locais como: supermercados, farmácia, ginásio, bomba de gasolina, hospital, jardins, biblioteca, mercado local, lojas, cultura, etc., assim como uma óptima rede de transportes tanto de metro como de autocarro, influenciou a escolha de Matosinhos como primordial para este projecto.

Outro aspecto importante a realçar é o estímulo à redução do uso do carro e consequentemente à redução de emissões de CO₂, ao criar acessos e facilidades não só para pedestres como também para ciclistas, incitando ao uso dos transportes públicos e à prática de um estilo de vida mais saudável e consciente.

Depois de analisadas todas as condições referidas, e de escolhido o edifício que as inclui, procedemos à análise da pré-existência e de que forma poderíamos construir de forma consciente e sustentável, não só construtiva, como social, cultural e económica.





PÁGINA ACTUAL

imagem 226

Montagem conceptual
do edifício residencial de
uso misto na China -
Mini Living

PÁGINA ESQUERDA

imagem 227

Montagem conceptual
ilustrada dos armazéns

A ampla dimensão do edifício proposto, permitiu que incluíssemos um programa mais extenso do que o pensado inicialmente, incluindo não só áreas de estudo, como também de trabalho, de lazer, de habitação e de restaurante/café, o que resultou num projecto extenso e complexo, que ao tentar responder e associar várias necessidades e funções, resultava em mais questões e problemas que, ao serem resolvidos, acabaram por originar um projecto mais rico e articulado.

/ 179

Todo o programa funcional baseou-se no conceito de comunidade e de interligar não só várias faixas etárias, como também várias profissões, culturas e vivências, enriquecendo o dia-a-dia e propiciando as relações, a partilha, e a economia não só de espaço como de recursos, a vida local e o equilíbrio entre as diferentes pessoas e serviços, contrapondo a alienação e solidão que se vai manifestando nos dias de hoje.

Propomos por isso a conexão e articulação entre 5 conceitos chave: Habitação, Estudo, Trabalho, Lazer e Natureza, que se materializam por meio da projectação de espaços que propiciam não só o equilíbrio entre o público e a privado, o interior e o exterior, o ócio e a obrigação, o eu e a comunidade.

A proposta pretende contribuir por isso para a diversidade funcional não só do edifício como também da cidade, promovendo o desenvolvimento sustentável e uma maior qualidade de vida, permitindo a integração sem prejudicar a identidade cultural e social.

O edifício apresenta-se já dividido em 5 armazéns, pelo que mantivemos a estrutura construtiva da pré-existência, que deu naturalmente origem à organização das funções, dos percursos e dos acessos ao edifício. De forma a permitir uma flexibilidade e durabilidade a longo prazo, a construção de todo o espaço interior foi pensada de forma a ser facilmente montada e desmontada se necessário, e todos os espaços facilmente se adaptam a novas funções e serviços, permitindo inclusive ampliar, diminuir, ou personalizar sem perder a essência do projecto inicial, consentindo também o reaproveitamento, reciclagem, adaptação ou transporte de todos os materiais em caso de modificação ou (des)construção posterior, total ou parcial.

Sendo que os armazéns foram encontrados vazios e com alguma degradação, o processo passaria primeiro por reabilitar todas as paredes interiores e exteriores, reabilitar ou construir a estrutura da cobertura e posteriormente proceder à construção do interior, onde cada armazém possui a sua própria organização espacial, consoante a função e o respectivo nível de acesso e privacidade. Toda a reabilitação foi pensada de forma a respeitar não só a pré-existência e história do edifício de intervenção como também da envolvente onde se insere, com a qual se pretende criar um vínculo e uma continuidade tanto espacial como funcional.

PÁGINA ACTUAL

imagem 228

esquisso dos módulos +
pormenor construtivo

PÁGINA DIREITA

imagem 229

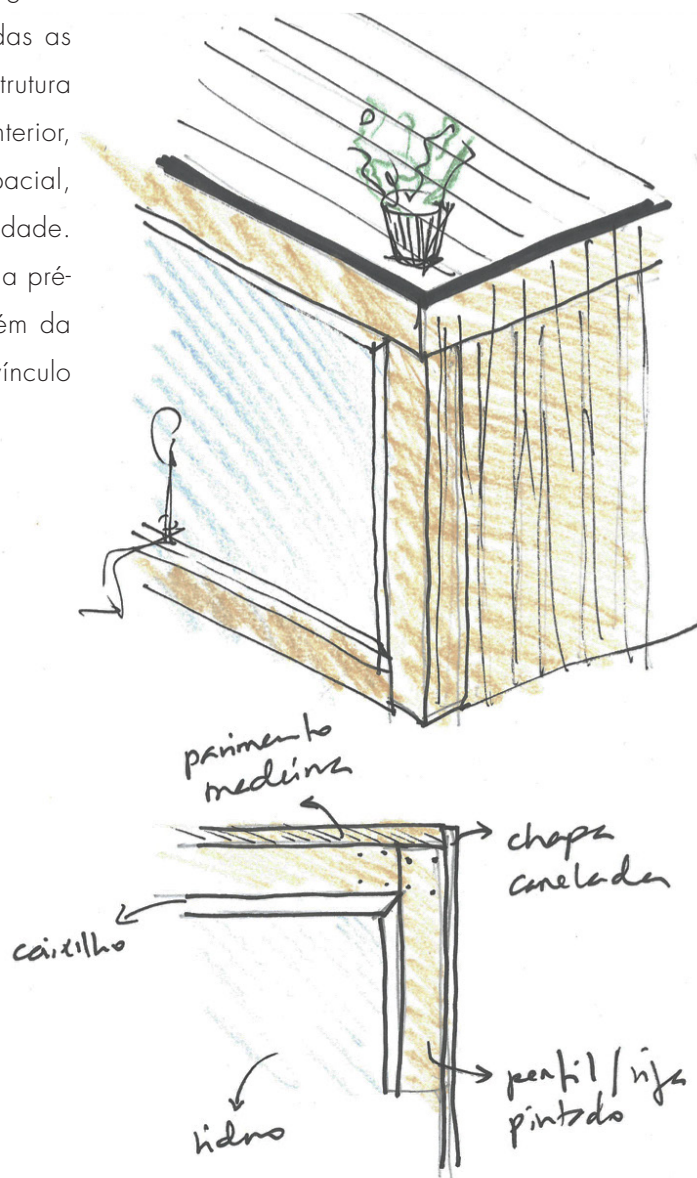
cutre transversal nº5
do projecto

imagem 230

esquisso de pormenor
construtivo

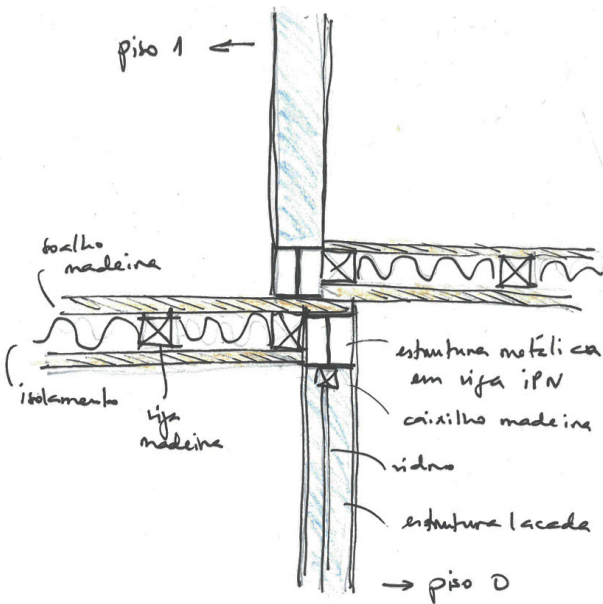
imagem 231

imagem ilustrativa de es-
trutura em viga metálica.
Via pinterest





CT.5



O pé direito do edifício permitiu que se ampliasse a construção em altura, mantendo a organização horizontal mas explorando também a verticalidade e os cheios e vazios que se vão apropriando do espaço, criando percursos, barreiras ou mediações entre todo o edificado.

A orientação solar Este-Oeste do edifício foi otimizada por meio da reabilitação dos opulentos vãos das fachadas pré-existentes e pela construção de janelas e claraboias em todos os módulos e telhados, potenciando a entrada de luz e ventilação naturais do edificado, que em conjunto com um bom isolamento, permitem não só renunciar ao uso de ar condicionado como fazer uso da inércia térmica das paredes de pedra pré-existentes, conferindo conforto térmico e acústico a todo o interior.

/181

Esta flexibilidade e independência estrutural foram possíveis por meio de estruturas fixas, semifixas e móveis, que permitem não só a modificação como também exploração da permeabilidade, da transparência, da opacidade e arriscar na utilização de diferentes formas, cores e materiais.

A maior parte da construção é modular o que possibilita a optimização do gasto do material, evitando desperdícios, preferenciando materiais naturais/reciclados ou produzidos na zona ou país de implantação, potenciando a fileira curta e promovendo não só produto como a economia local, diminuindo ou eliminando o gasto e poluição originadas pelo transporte e produção.

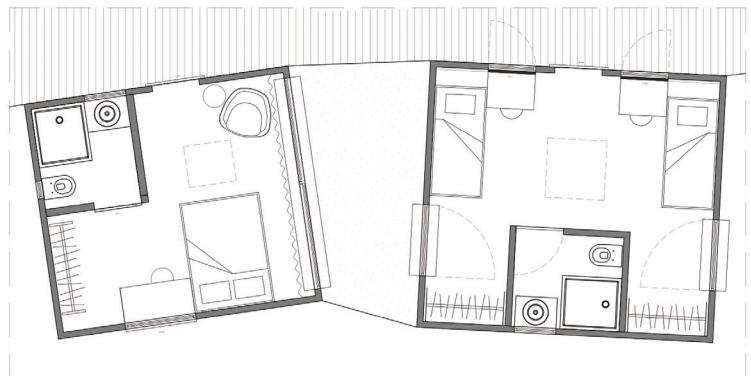
A escolha dos materiais foi por isso considerada de forma consciente não só para o projecto actual mas prevendo também uma possível adaptação a reutilização.

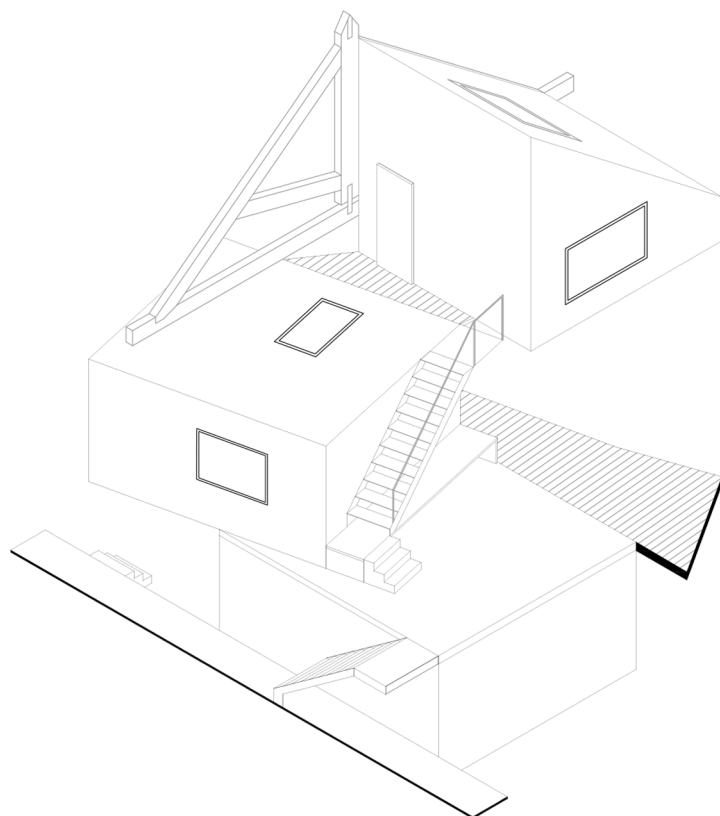


Os módulos que acomodam os quartos e os escritórios são construídos em estrutura de vigas de aço, isolados com lã de rocha e revestidos exteriormente a chapa ondulada lacada (ver paleta de cores do projecto). O interior dos módulos varia dependendo da função, podendo ser revestidos com placas de gesso cartonado, papel de parede, madeira ou chapa perfurada. O pavimento e as coberturas acessíveis são revestidos a madeira.

Estes módulos organizam-se sem simetria criando um caos organizado, que potencia a articulação do espaço e a criação de percursos e pequenos nichos, que se comunicam com as janelas habitadas extrudidas do interior dos mesmos, potenciando a ligação entre o interior e o exterior, o público e o privado.

O uso total do espaço é potenciado pelo acesso às coberturas dos módulos que se vão “empilhando” em dois ou três níveis, originando uma jogo de cheios e vazios, que se transformam naturalmente em espaços polivalentes de convívio ou lazer quando apropriados pelos utilizadores.





/183

PÁGINA ACTUAL

imagem 232

axonometria:
pormenor do percurso
entre pisos

PÁGINA ESQUERDA

imagem 233

planta de pormenor +
pormenor ilustrado:
janela habitada

Esta permeabilidade dos acessos do público, semipúblico e privado é explorada não só na conjugação de diferentes funções e ações no mesmo edifício, como também dentro da individualidade de cada espaço, onde no mesmo armazém encontramos a articulação dos diferentes acessos. O projecto procurou conjugar o equilíbrio, dentro do mesmo edifício, entre o mais privado – os quartos, e os escritórios; o semipúblico – nas zonas de trabalho, estudo, zonas compartilhadas lounge e de refeição, salas de reunião e de cowork; e o mais público – no anfiteatro, jardim, café/restaurante, recepção e zona de exposição.

Assim o armazém de habitação é mais privado do que o armazém de trabalho que, por sua vez, é mais privado que o armazém de estudo, que é mais privado que o armazém do jardim e do café/restaurante. Ainda assim, dentro do armazém de habitação, o piso 0 que contém os módulos das cozinhas e das zonas lounge dos quartos, é considerado mais público em relação ao piso 1 e 2 que contêm os quartos. Também no armazém de trabalho, a zona lounge é mais pública que a zona de cowork que é mais pública em relação aos escritórios pessoais.

Constatamos por isso, que os diferentes graus de privacidade e acesso são potenciados ou anulados pelo uso dos materiais, dos níveis, da luz, das cores, das texturas, da escala e da transparência e opacidade conferidas aos diferentes espaços e que só podem ser classificados quando em relação e comparação uns com os outros.

Todo o espaço construído é por isso mais rico quando habitado pelo utilizador, que é incitado a apropriá-lo e adaptá-lo aos seus desejos e necessidades, permitindo que o espaço seja flexível o suficiente para que possa reflectir não só a sua personalidade como também a relação de partilha e adequação do seu espaço pessoal em relação a si mesmo e aos outros.

São exploradas as várias vertentes do utilizador no espaço e a sua transformação a todos os níveis: pessoal, profissional, tecnológico e social e de que forma o mesmo edifício e o mesmo utilizador se conseguem adaptar a todos sem negligenciar nenhum deles. Não existem por isso noções rígidas de público e privado, de interior e exterior, mas sim uma permeabilidade que vai sendo descoberta à medida que se percorre o espaço.



PÁGINA ACTUAL

imagem 234

Boxes and partitions -
Pietro Nobili Vitelleschi

PÁGINA ESQUERDA

imagem 235

Green Waters exhibit by
Patrick Nadeau for LG
Hausys, Paris



A natureza está inserida em todo o espaço por meio de plantas, árvores e vegetação que se vão apropriando dos espaços, contribuindo para a qualidade do ar e do espaço não só pelo conforto que conferem como também para dividir áreas e funções e atribuir vida e dinamismo aos interiores.

/185

Surge assim a Focus Community, que por meio de um programa funcional, social, cultural, e económico, pretende criar uma sinergia entre pessoas, negócios e conhecimento, potenciar a criatividade, o empreendedorismo e o sentimento de comunidade e partilha.

É um espaço onde crescemos em conjunto, onde podemos estudar, trabalhar, viver, partilhar experiências e eventos, fazer amigos, abrandar do quotidiano frenético e principalmente evoluir, tanto a nível pessoal como profissional, promovendo o equilíbrio entre o Homem e a Cidade, conjugando a tradição do passado, a importância de viver o presente e a urgência de um futuro consciente.

3.2

186 /



REFERÊNCIAS PROJECTUAIS

“Quando discutimos o nosso próprio trabalho, temos que nos perguntar o que adquirimos de quem. Pois tudo o que descobrimos vem de algum lugar. A fonte não foi a nossa própria mente, mas a cultura a que pertencemos. E é por isso que a obra dos outros está aqui de maneira tão patente à guisa de contexto. (...) ao passo que, ao revelarmos o que nos moveu e estimulou em primeiro lugar, podemos nos explicar a nos mesmos e motivar as nossas decisões.

(...)

Tudo o que é absorvido e registado pela nossa mente soma-se à colecção de ideias armazenadas na memória: uma espécie de biblioteca que podemos visitar sempre que surgir um problema. Assim, essencialmente, quanto mais tivermos visto, experimentado e absorvido, mais pontos de referência teremos para nos ajudar a decidir que direcção tomar: o nosso quadro de referência expande-se. A capacidade para descobrir uma solução fundamentalmente diferente para um problema, para criar um “mecanismo” diferente, depende da riqueza da nossa experiência.” (Hertzberger, 1991)



SECOND HOME

Selgas Cano

188/ A Second Home caracteriza-se pelo seu conceito de espaços de trabalho compartilhados (co-work) com um toque diferenciador, conferido pelo projecto de arquitectura e design de interiores do escritório Selgas Cano que é responsável pela reabilitação e construção de todos os espaços da empresa na Europa.

Já construídos e abertos ao público, estão o inaugural Second Home Spitafields no Bairro East End em Londres, o Second Home Lisboa no reabilitado Mercado da Ribeira e o mais recentemente inaugurado Second Home Holland Park, que já teria servido no passado como estúdio de fotografia de moda para John Cowan, em 1960 e de escritório para o arquitecto Richard Roger, em 1980.

O conceito geral parte da partilha de um espaço comum por várias empresas, de forma a criar sinergias e encorajar os membros a colaborar e assim a evoluir o senso de comunidade. Os espaços são por isso divididos em duas zonas distintas: a de trabalhar e a de socializar, permitindo que a partilha aconteça tanto a nível empresarial, como pessoal.



PÁGINA ESQUERDA

imagem 236

Escritório Secondhome
Londres

imagem 237

Escritório Secondhome
Lisboa

PÁGINA ACTUAL

imagem 238

Escritório Secondhome
Holland Park

A possibilidade de alugar do espaço varia desde o posto de trabalho individual, até escritórios com capacidades distintas, oferecendo também a opção de utilizar os espaços comuns, que podem ser utilizados por todos os membros, salas de reunião e zonas de leitura e descanso. Existe também uma zona de bar-cafetaria e uma sala polivalente para eventos que poderá adaptar-se tanto a festas como a aulas de yoga, conferências, mostras de cinema, etc.

Estes projectos caracterizam-se pela necessidade de albergar variadas pessoas e funções no mesmo espaço e ao mesmo tempo conseguir manter a ordem, o silêncio, a privacidade e o equilíbrio e conforto tanto pessoal como geral. E é aqui que se encontra o desafio que é resolvido de forma excepcional pela dupla Selgas Cano.

/189





A equipa explica como fez uso não só da forma curvilínea como também da necessidade do programa para resolver a problemática de cada espaço, “procuramos limitar esse possível caos e labirinto que poderia provocar essa situação de complexidade, com dois truques: primeiro com uma permanente fluidez visual e física de todo o conjunto, que evita a sensação de estar perdido ou fechado num local; e segundo como um total controle da acústica, onde colaboram carpetes e tetos absorventes, mas também a forma curva contínua que propaga o som em todas as direcções. Além disso, ao empregar essa continuidade como antídoto da densidade, são atingidas reações secundárias que fazem aumentar a força de todo o espaço, tornando-o uma totalidade, algo único e unido, parecendo maior do que realmente é.”

190 /

PÁGINA ACTUAL

imagem 239

Escritório Secondhome
Lisboa

imagem 240

Escritório Secondhome
Londres

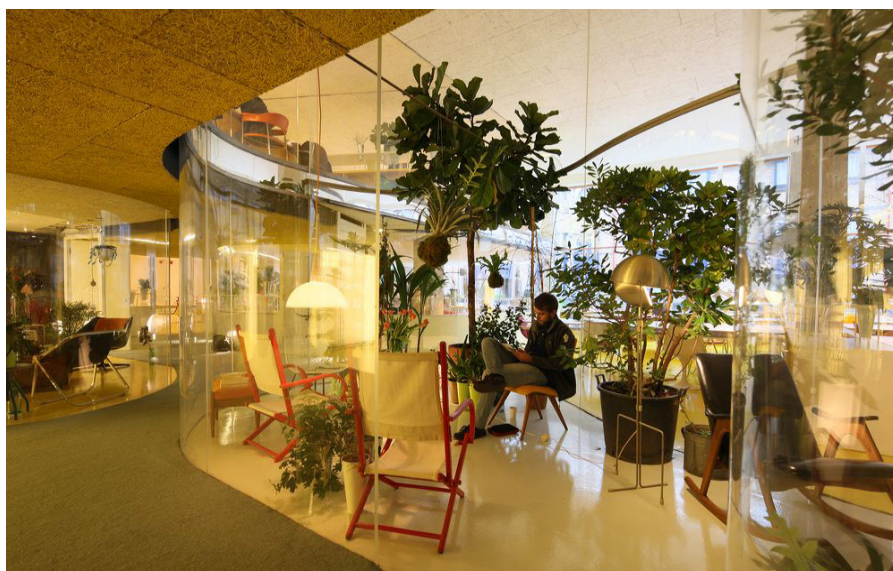
PÁGINA DIREITA

imagem 241

Escritório Secondhome
Holland Park

imagem 242

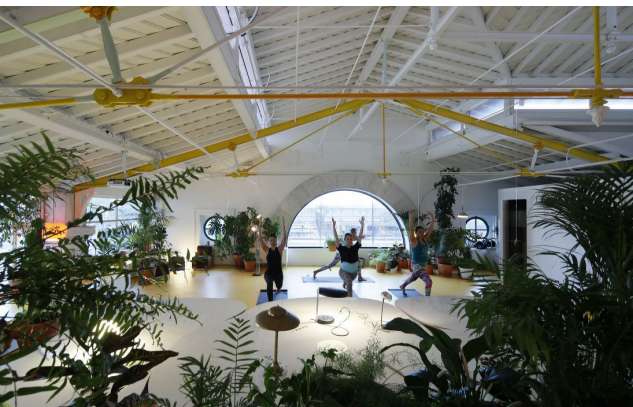
Escritório Secondhome
Lisboa





Esta continuidade espacial é também conseguida pela presença e exploração máxima da luz natural, do uso de cores fortes assumidas, que ajudam a diferenciar os diferentes áreas e funções e principalmente pelo uso da Natureza não só para dividir espaços e criar dinamismo, como também para purificar o ar da forma mais natural possível. Todos os aspectos do projecto são pensados ao pormenor de forma a potenciar não só o espaço, como também o trabalho, a criatividade e o empreendedorismo, permitindo maximizar as colisões entre as diversas disciplinas e indústrias da comunidade Second Home. O objectivo dos fundadores, que era a de tornar o espaço de trabalho numa segunda casa foi concretizado com sucesso, numa das que hoje é, uma empresa de referência no mundo do co-work empresarial.

/191



“We truly believe in the power of progressive architecture to make a positive difference in the world around us.” - Sam Aldenton, Co-fundador Second Home



PÁGINA ACTUAL

imagem 243

Urban Nest - Penda.
Zona lounge

PÁGINA DIREITA

imagem 244

Built by all - Studio
Mama. Zona comum de
refeições

MINI LIVING

Vários autores

A Mini Living é uma iniciativa lançada pela MINI em 2016 e baseia-se, segundo os fundadores “no uso criativo do espaço, em soluções reais para a forma como vivemos, trabalhamos e interagimos com as nossas cidades.” A sustentabilidade é um dos princípios chave, fundamentados no mote “Big life. Small footprint.” Esperam desta forma alcançar a resposta para os desafios actuais, aliando o conhecimento do design com o da experimentação, do bem-estar e da felicidade.

O objectivo de criar soluções arquitectónicas para os estilos de vida urbanos do futuro foi explorado nas variadas instalações já construídas pela empresa, entre elas: “Rethinking the concept of private and public” – Salone del Mobile 2016; “Shared ways to better urban life” – London Design Festival 2016; “Collaborating on conscious living” – Salone del Mobile 2017; “Urveiling the urban nest at urban matters.” – Urban Matters Shanghai 2017; “Built by all.” – Salone del Mobile 2018; “The global village.” Los Angeles 2018.



BUILD BY ALL – STUDIO MAMA. MILÃO, 2018

A instalação “Build by all” é fruto da parceria com o atelier londrino StudioMama e baseia-se no conceito de comunidade participativa, em que os arquitectos e designers trabalhando em parceria com os residentes, o que permite responder de forma notável aos requisitos individuais de cada um e demonstra como “a arquitectura pode proporcionar uma resposta criativa à escassez crescente do espaço residencial das áreas urbanas.”

194 / O princípio da participação fundamenta todo o projecto que transforma as pessoas em “criativos activos e volta a posicioná-los no processo da arquitectura do design”, acreditando que a qualidade do espaço é determinada pela forma como os residentes não só se apropriam e como também se identificam com as suas casas.

PÁGINA ACTUAL

imagem 245

Build by all. Módulos comuns.

PÁGINA DIREITA

imagem 246

Build by all. Zona refeições + estúdio

imagem 247

Build by all. Montagem ilustrativa do espaço





A instalação é constituída por 4 espaços compactos e modulares, pensados para se adaptar a diferentes estilos e vivências, usando um uso criativo do espaço mínimo. Para ilustrar esta transformação das unidades modulares, foram criadas quatro casas-cápsula, personalizados a cada cliente, que se equiparam em tamanho, mas contrastam nas cores pastel, no mobiliário adaptável e nos layouts, envolvidas pontualmente em cortinas de tecido, que criam diferentes níveis de transparência e privacidade.



/ 195

As formas curvilíneas apropriam-se do espaço por meio de estruturas metálicas coloridas, que vão desenhando e delimitando as diferentes áreas, que são conectadas por grandes zonas comuns: uma cozinha totalmente equipada, uma sala de jantar, um ginásio e uma sala de cinema, criando uma micro-vizinhança numa antiga fábrica em Milão e demonstrando as infinitas possibilidades que podem ser exploradas para resolver a falta de habitação nas nossas cidades e consequentemente a reabilitação dos muitos edifícios abandonados.



URBAN NEST – PENDA. SHANGAI, 2017

Desafiados pela MINI, o estúdio de arquitectura Penda, projectou um sistema modular, flexível e reutilizável com o objectivo de repensar as condições estáticas e invariáveis da arquitectura.

196/ “Imagine um edifício que consegue facilmente adaptar a sua geometria a qualquer vazio urbano e transformá-lo num espaço habitável.”¹ O projecto Urban Nest pretende com as suas unidades modulares de metal reciclado demonstrar as múltiplas possibilidades que podem ser combinadas e reconfiguradas para responder às necessidades dos utilizadores e principalmente resolver a problemática das cidades superpovoadas.

Para isso procuram responder a três principais questões: “Pode uma casa ser pensada como uma estrutura flexível e transformável? Será que algo em constante mutação conseguirá responder às mudanças nas condições espaciais urbanas e às necessidades dos seus habitantes? Como conseguimos transformar os edifícios em contribuidores activos para um aperfeiçoamento constante da vida urbana?



¹ Adapting to Urban needs - “Collaborative living is the heart and soul of mini living.” Entrevista a Oke Hauser, Director Criativo da Mini Living, sobre o conceito por detrás do projecto Urban Nest. in www.mini.com/

A resposta foi explorada por meio de módulos pré-fabricados em pequenas unidades que promovem a ideia de casa partilhada, por meio de espaços colaborativos que incluem um café, uma zona de jantar, uma livraria, um estúdio, uma oficina e um ginásio, incorporados por telhados revestidos de plantas, que para além de proporcionarem um ar mais puro também se poderão transformar em pequenas hortas. Estas coberturas podem ser também revestidas a painéis solares de forma a produzirem energia.



/ 197

PÁGINA ESQUERDA

imagem 248

Urban Nest - Penda
Sistema modular

imagem 249

Urban Nest -
módulo lounge

PÁGINA ACTUAL

imagem 250

Urban Nest - módulo
lounge + escritório

“A instalação do MINI LIVING Urban Nest tem tudo a ver com a criação de uma casa tão boa quanto possível. A vida colaborativa é o coração e a alma da MINI LIVING, portanto, o centro da instalação é uma solução de alojamento compartilhada com base em uma pequena pegada pessoal composta por espaços privados e comodidades compartilhadas. Na MINI LIVING acreditamos que, se compartilharmos, ganhamos mais. Mais espaço, mais comodidades e momentos mais inspiradores. Espaços como o atelier tornam-se extensões temporárias dos apartamentos privados, permitindo um estilo de vida flexível para os habitantes. Convidar o público para o privado, integrando funções como a biblioteca e o pequeno café, tornam a casa muito mais do que apenas um edifício residencial - transforma-se numa incubadora da vida urbana.”
(Oke Hauser, director criativo da Mini Living)

HOUSE BEFORE HOUSE

Sou Fugimoto, Japão 2008



198/ O projecto House before House em Utsunomiya, no Japão é uma casa unifamiliar destinada a acomodar entre duas a quatro pessoas. O conceito base, parte da fragmentação da casa em pequenos volumes, destinados a diferentes funções do quotidiano, – dormir, comer, cozinhar, descansar, conviver – que são articulados por meio de uma trama de percursos, compostos por níveis, rampas e escadas.

Neste projecto os vazios possuem a mesma importância que o cheios, que mantêm uma relação recíproca, equilibrando-se e estimulando a relação um do outro.

Os volumes dispõem-se entre árvores e pátios comuns e estimulam a relação e o convívio que se vive no piso térreo, permitindo também a privacidade dos moradores nos volumes superiores. Sou Fugimoto promove a necessidade de auto-descoberta, através da exploração do espaço que envolve e compõe a casa ao mesmo tempo que o indivíduo se descobre a si mesmo.

PÁGINA ESQUERDA

imagem 251

House before House.
Vista do exterior dos
módulos

PÁGINA ACTUAL

imagem 252

House before House. Vis-
ta do exterior dos quartos

“Eu espero libertar um, aparentemente, espaço comum, no entanto uma preciosa totalidade do acto de habitar através da nova forma desta casa particular, em cujas instâncias; uma árvore que cresce, mesmo sobre a nossa cabeça; tocar uma árvore que cresce apenas a alguns metros sob os nossos pés; atravessar a montanha/quarto, por umas escadas/ponte; ou sonhar acordado no miradouro, um espaço exterior sobre uma caixa flutuante/quarto.”²

A organização aparentemente espontânea e caótica dos volumes minimalistas entre as árvores, estimula uma descoberta de novos usos domésticos e de novas vivências e apropriações do espaço. Esta organização espacial, ganha todo o sentido, regra e compreensão quando se respira, se percorre e se sente o espaço.

/ 199





"Mies refere-se a uma necessidade de "criar ordem a partir da desesperada confusão do nosso tempo", mas Kahn disse que "por ordem não entendo algo metódica e sistematicamente ordenado." Não devemos resistir a deplorar a confusão? Não devemos procurar um significado nas complexidades e contradições do nosso tempo e reconhecer as limitações do sistema? (...) Quando as circunstâncias desafiam a ordem, a ordem deve ceder ou quebrar: anomalias e incertezas dão validade à arquitectura."³ (Venturi, 1966)

200 /

Sou Fugimoto explica-nos esta desordem aparente: "Eu imaginei criar um espaço que sugerisse um "futuro primitivo", análogo a ser, simultaneamente novo e, ao mesmo tempo, pré-histórico; gerado de uma novidade imprevista, no entanto, subordinado a algo semelhante à forma inequívoca e arquetípica de uma casa. Árvores de grande porte crescem no topo de pequenas caixas/quartos minimais. Quando estas caixas e árvores são empilhadas umas sobre as outras, nasce um lugar que é uma reminiscência de uma pequena montanha porosa, ou de uma aldeia densa, natural e espontânea." (idem)



3 Venturi, Robert. (1966) Complexidade e Contradição em arquitectura, pg.44; citado em Teixeira, L. (2013) START-UP ARCHITECTURE! - repensar o espaço doméstico sob uma nova lógica de flexibilidade e adaptabilidade.

“Na arquitectura de Fujimoto, a sensibilidade corporal é intrínseca e estimulada pelo próprio espaço. É um espaço disposto à interacção entre o outro e si próprio. Existe uma ideia permanente de relação entre os cheios e vazios, entre o natural, o construído e o Homem.”⁴



PÁGINA ESQUERDA

imagem 253

*House before House.
Vista do interior da casa*

imagem 254

*House before House.
Articulações.*

PÁGINA ACTUAL

imagem 255

*House before House.
Corte ilustrado.*

imagem 255

*House before House.
Janela habitada.*

O projecto House Before House demonstra-nos por isso um exemplo de organização de células espaciais mínimas organizadas em prol de um espaço e vivências comuns, privilegiando a interacção em comunidade e um forte carácter do espaço social e habitacional contemporâneo, conceitos estes que serão também explorados no projecto de estudo proposto nesta tese.

/ 201



⁴ Worral, Julien. In Revista 2G no 50: Sou Fujimoto; 2010, pg.12; tradução livre

3.3



PÚBLICO-ALVO

"A arquitectura é o desejo de uma época traduzido em espaço." Mies Van der Rohe



- > jovens entre os 17-32 anos
- > recém licenciados/mestrados
- > estudantes de erasmus
- > freelancers

PÁGINA ACTUAL

imagem 256

small flower tattoo.
autor desconhecido, via
pinterest

imagem 257

untitled. via pinterest.

PÁGINA ESQUERDA

imagem 258

Centre Pompidou: What
is Photography? An
Interview with Clément
Chéroux and K. Ziebins-
ka-Lewandowska

/ 203

O estudante de hoje está inserido numa sociedade em constante mutação, onde a informação chega à velocidade da luz e os conteúdos alteram-se de dia para dia, obrigando-nos a estar sempre alerta e a estudar ferozmente para estar a par do que se faz pelo mundo fora.





O estilo de vida deste jovem é por isso um reflexo deste movimento e impermanência na medida em também ele se desloca e divide rapidamente entre escola, amigos, desporto e família e concilia em 24h uma vida social, profissional e pessoal cada vez mais exigentes.

PÁGINA ACTUAL

204 /

imagem 259

*Café Better Buzz
Coffee. San Diego*

imagem 260

Untitled. Via pinterest

PÁGINA DIREITA

imagem 261

*Take a selfie / Fake a
life. Camilo Matiz*

imagem 262

Untitled. Via pinterest

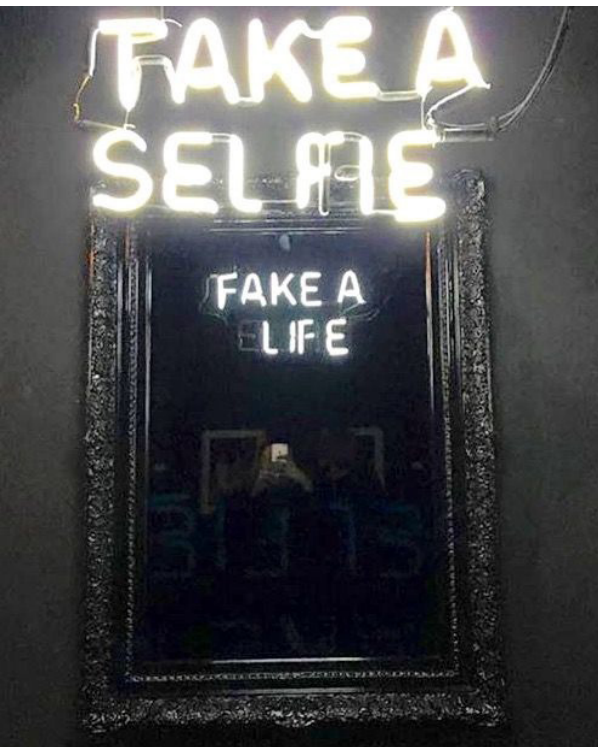
imagem 263

Untitled. via Google

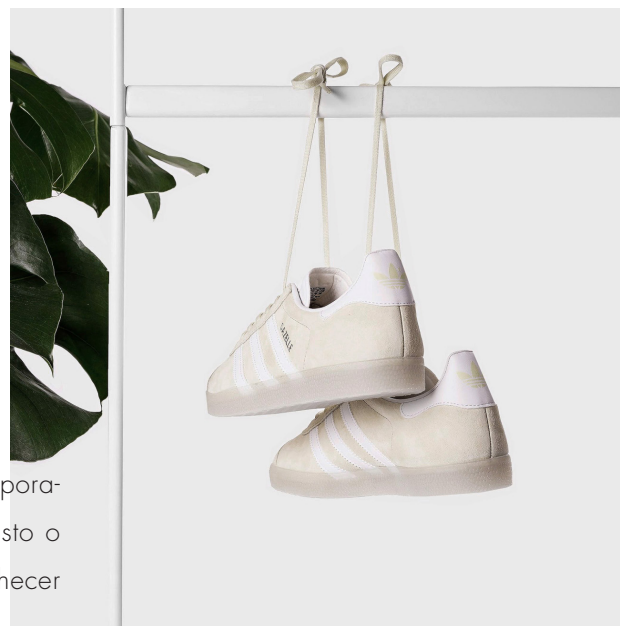


A internet, os dispositivos móveis, as redes sociais, o olhar sempre colado ao ecrã e a constante necessidade de alimentar a imagem e de actualizações constantes muitas vezes criam a alienação e a falta de concentração dos jovens da actualidade.

Tudo se encontra no telemóvel, existe uma aplicação tudo! Aplicação para comer, para não se esquecer de beber água, para cronometrar o exercício e as calorias, para melhorar as fotografias, para analisar o sono, para escolher o restaurante, para chamar o transporte, para ver o tempo, para ler as notícias, para meditar, para lembrar, para esquecer, para ouvir música, para fazer contas, para escolher casa, para fazer compras.

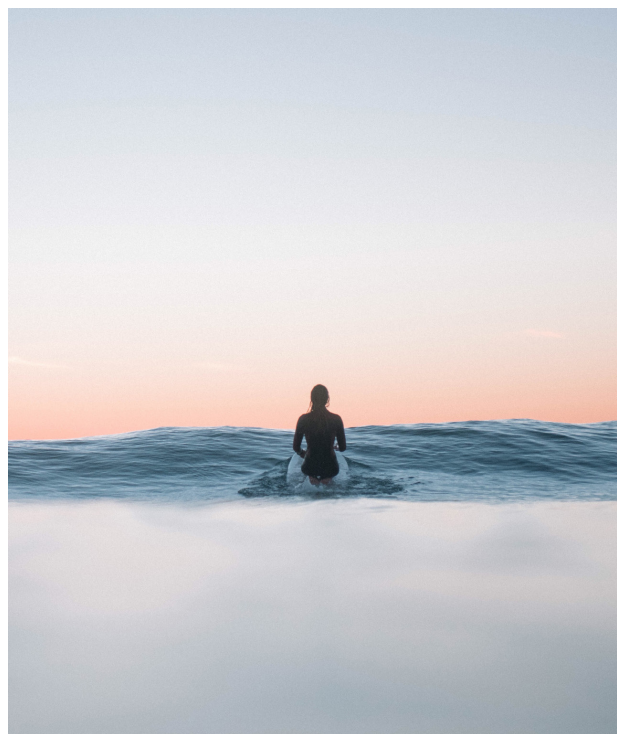
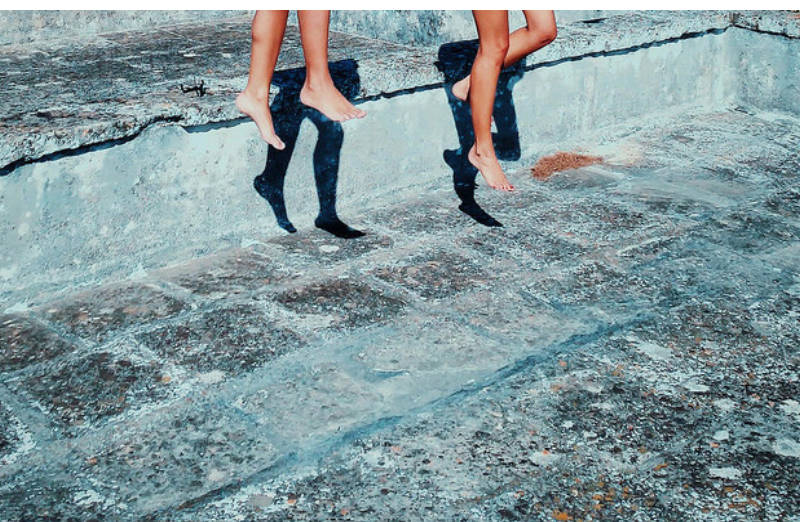


/ 205



Além da constante viagem virtual, também usufruímos contemporaneamente da possibilidade de viajarmos rápido e a baixo custo o que permite a este estudante sair da sua zona de conforto, conhecer novas pessoas e culturas e arriscar mais.

Esta facilidade de viajar abriu também as mentalidades para a arte de bem receber na sua cidade pessoas dos quatro cantos do mundo, pelo que, hoje para o estudante, as possibilidades e oportunidades são infinitas e cheias de potencial para quem não tiver medo de arriscar e trabalhar arduamente.



206 /

Esta nova geração comporta em si uma responsabilidade acrescida, pois representam o futuro próximo da sociedade, pelo que merecem um espaço que promova e cultive o estudo e a evolução e que lhes ofereça conforto, novas experiências e se adapte às necessidades do estudante actual. O programa e o projecto que propomos pretende ir de encontro a estas exigências do público-alvo que visamos satisfazer.



PÁGINA ESQUERDA

imagem 264

Billy moving. Via pinterest

imagem 265+266

Untitled. Via pinterest

PÁGINA ACTUAL

imagem 267+268

Untitled. Via pinterest



O nosso público-alvo é por isso entusiasta, viajante, curioso, tem noção da realidade que o rodeia procura fugir da alienação ao estar mais perto dos amigos e da Natureza, com novas experiências, e habitando ambientes originais que estimulem a criatividade e a produtividade, onde sinta que está a estudar/trabalhar sem esforço e com prazer, mas acima de tudo onde se identifique o suficiente para considerar este espaço como seu, ainda que o partilhe com amigos ou desconhecidos. Explora a sua cidade como se de um turista se tratasse, vive uma forte relação com o mar, aprecia a gastronomia local e vive intensamente o momento. Procura a simplicidade mas sempre aliada à sofisticação e tradição focado no presente sem deixar de trabalhar e sonhar o futuro.

/ 207



3.4

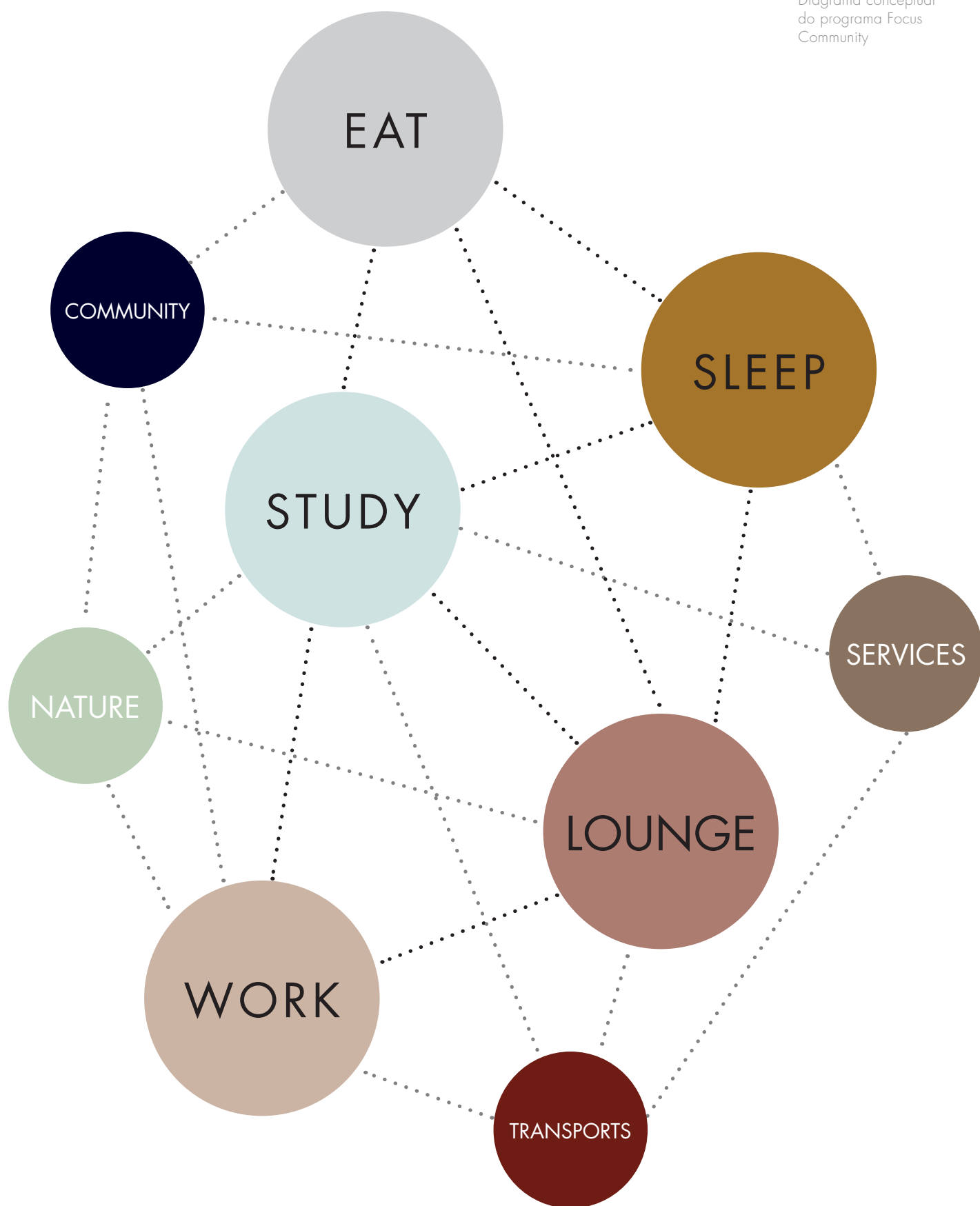
208 /

PROGRAMA

"(...) a arquitectura é uma forma artística que serve às funções práticas e utilitárias comuns. No entanto, não surge simplesmente das realidades do uso e do útil; ela emerge de imagens mentais exteriores ao âmbito da utilidade. O objectivo da arquitectura é emoldurar, estruturar e dar sentido ao nosso ser-no-mundo. Habitamos o mundo e o nosso modo singular de fazê-lo obtém o seu sentido fundamental por meio das construções arquitectónicas" (Pallasmaa, 2017)

imagem 269

Diagrama conceptual
do programa Focus
Community





O presente programa surgiu em resposta à necessidade de criar um espaço de estudo aberto 24h, que evoluiu naturalmente para um projecto mais completo quando percebemos que existiria um crescimento maior a nível profissional, pessoal e social ao potenciar sinergias entre várias pessoas, conteúdos, funções e serviços, originando assim a **Focus Community**, que pretende oferecer não só espaços de estudo de trabalho, estudo e lazer, como uma comunidade que aprende e evolui em conjunto.

ZONAS DE ESTUDO:

- > individual / grupo
- > zona de trabalho (sala aberta)
- > espaços de reunião
- > co-work
- > zona de bar/café
- > espaço de leitura / chill
- > espaço mutável para conferências
- > zona exterior de pátio/jardim

ZONAS DE TRABALHO:

- > espaço de estudo individual
- > espaço de estudo grupo
- > zona co-work
- > zona reuniões
- > escritórios

PÁGINA ESQUERDA

imagem 270

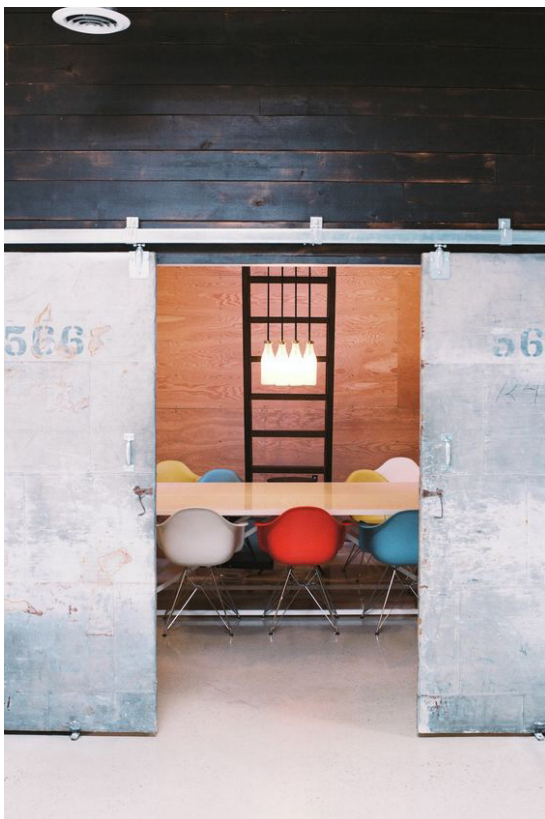
Making Art Happen - SB1

PÁGINA ACTUAL

imagem 271

Untitled. Via pinterest

/ 211



ZONAS DE LAZER:

- > zona de leitura
- > zona de lazer
- > zona de conferências
- > zona de refeições: cozinha comum
- > café/restaurante
- > jardim
- > varanda

ZONA SERVIÇOS:

- > wc
- > cacifos
- > recepção
- > escritório administrativo

ZONA HABITAÇÃO:

- > quartos: duplo/solteiro/suíte/dormitório
- > cozinhas
- > salas de estar

3.5

212 /

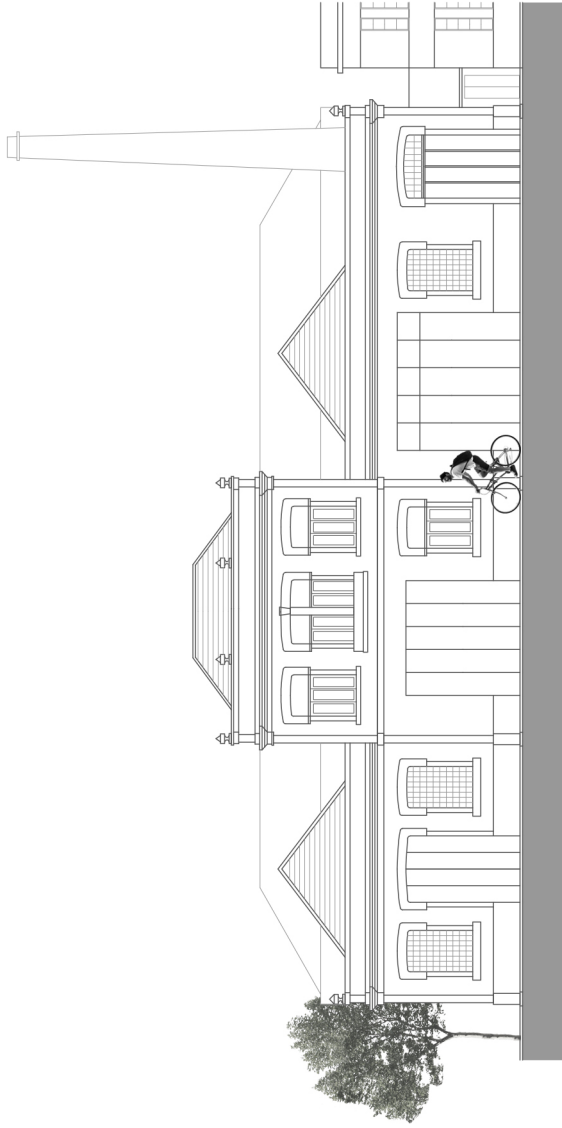
DESENHO TÉCNICO GERAL

“A satisfação das necessidades do homem (Função), a resposta adequada à paisagem em que se insere (Contexto), a racionalidade da construção (Construção) e a possibilidade de ser colocada ao alcance de todos (Economia), devem ser algumas das qualidades da criação arquitectónica. Tomando estas características como pressupostos, e como acrescento gratuito, como presente, a Arquitectura deve oferecer ao homem esse “algo mais”, misterioso mas concreto, que é a **Beleza**. A Beleza inteligente, consequência das obras que são ideias construídas. Algo mais, muito mais, que a mera construção.” (Baeza, 1996)

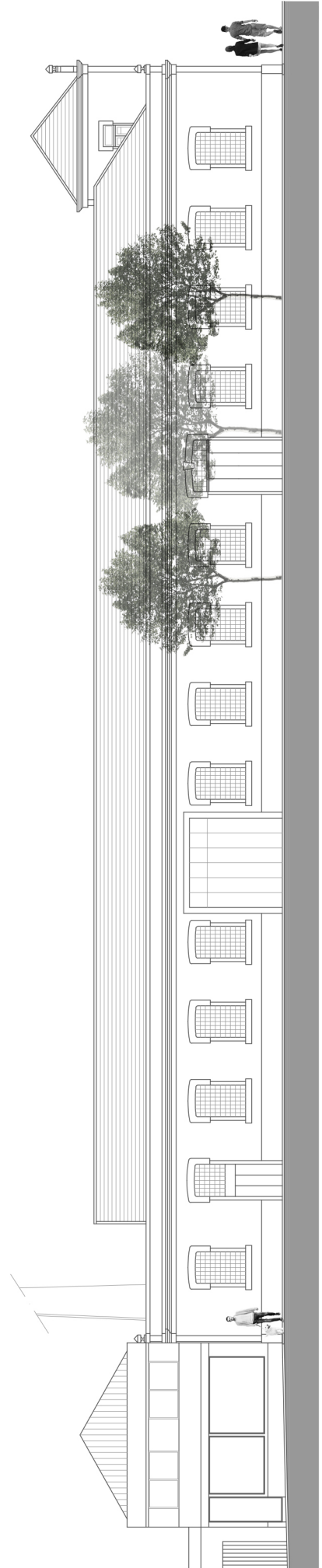
PÁGINA DIREITA

imagem 272

Alçados Norte e Este



ALÇADO NORTE



ALÇADO ESTE

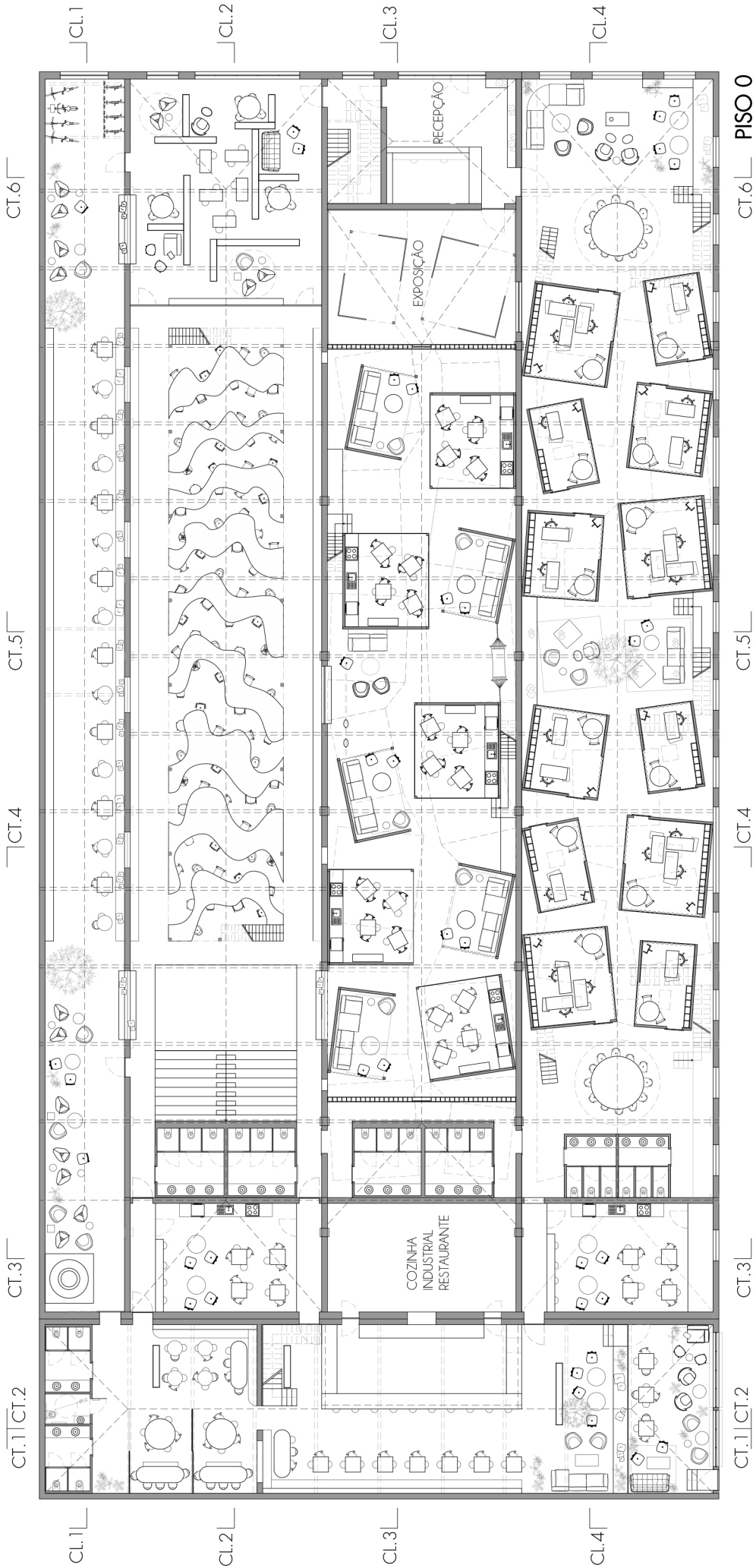
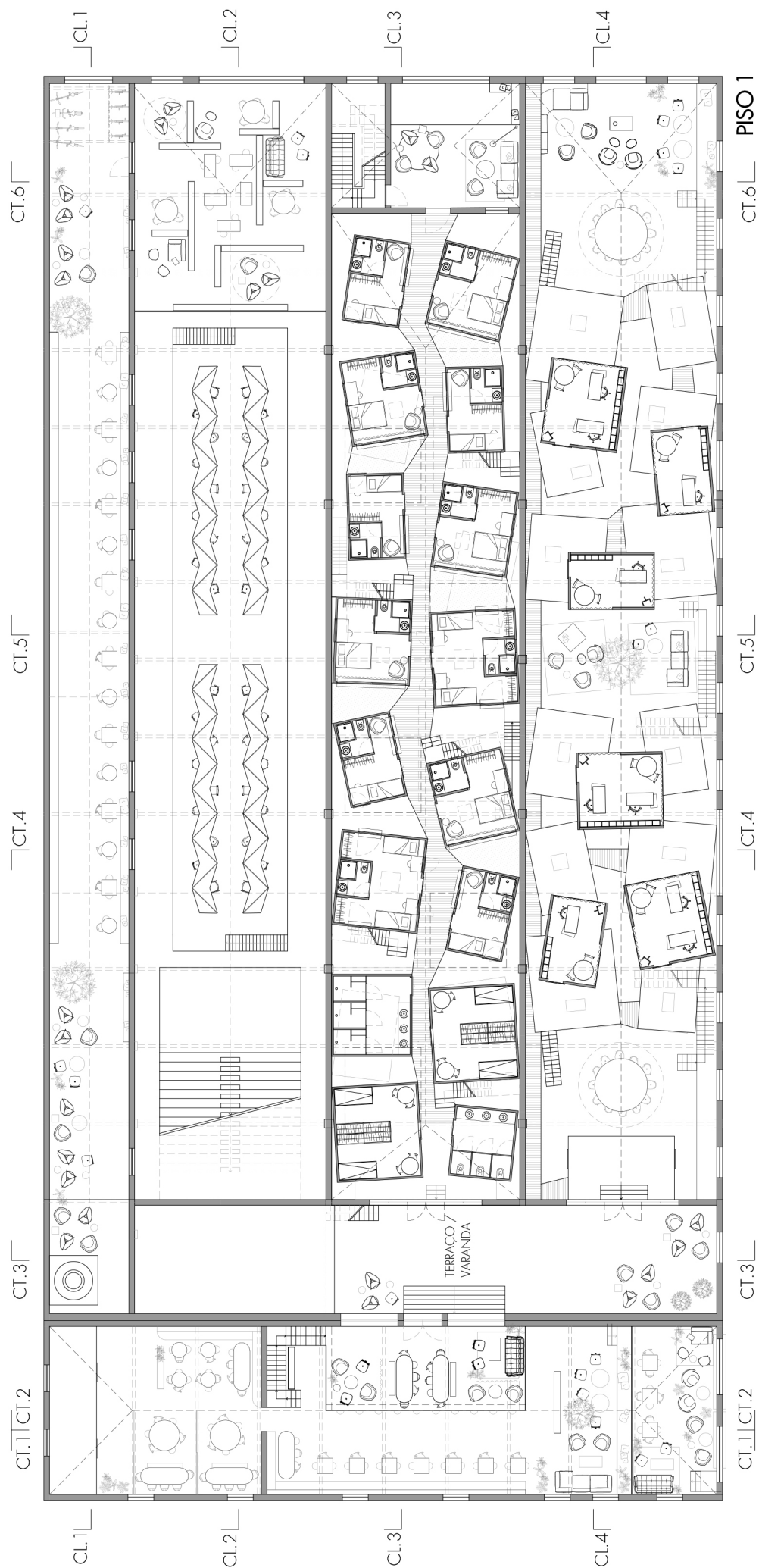
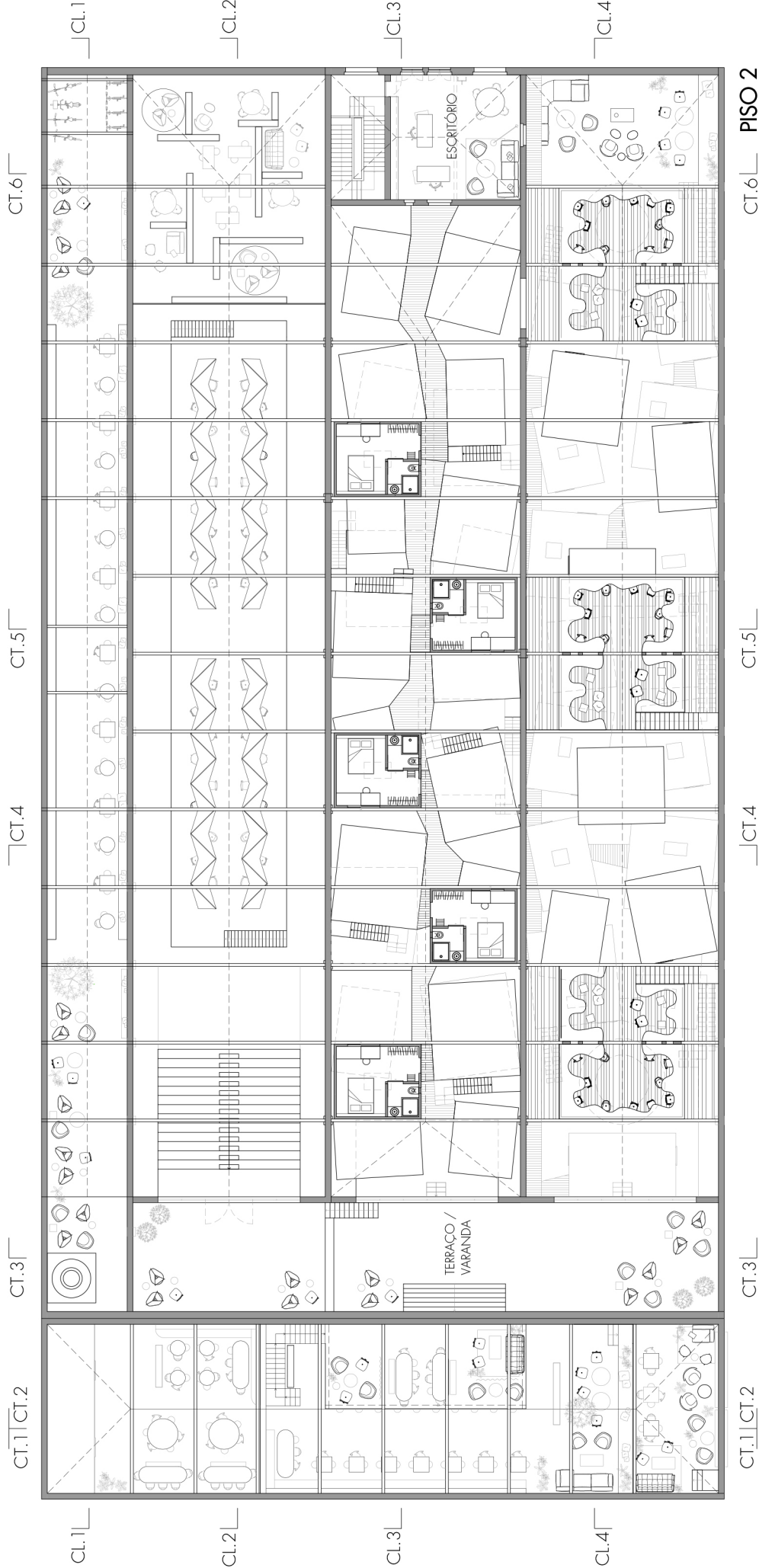
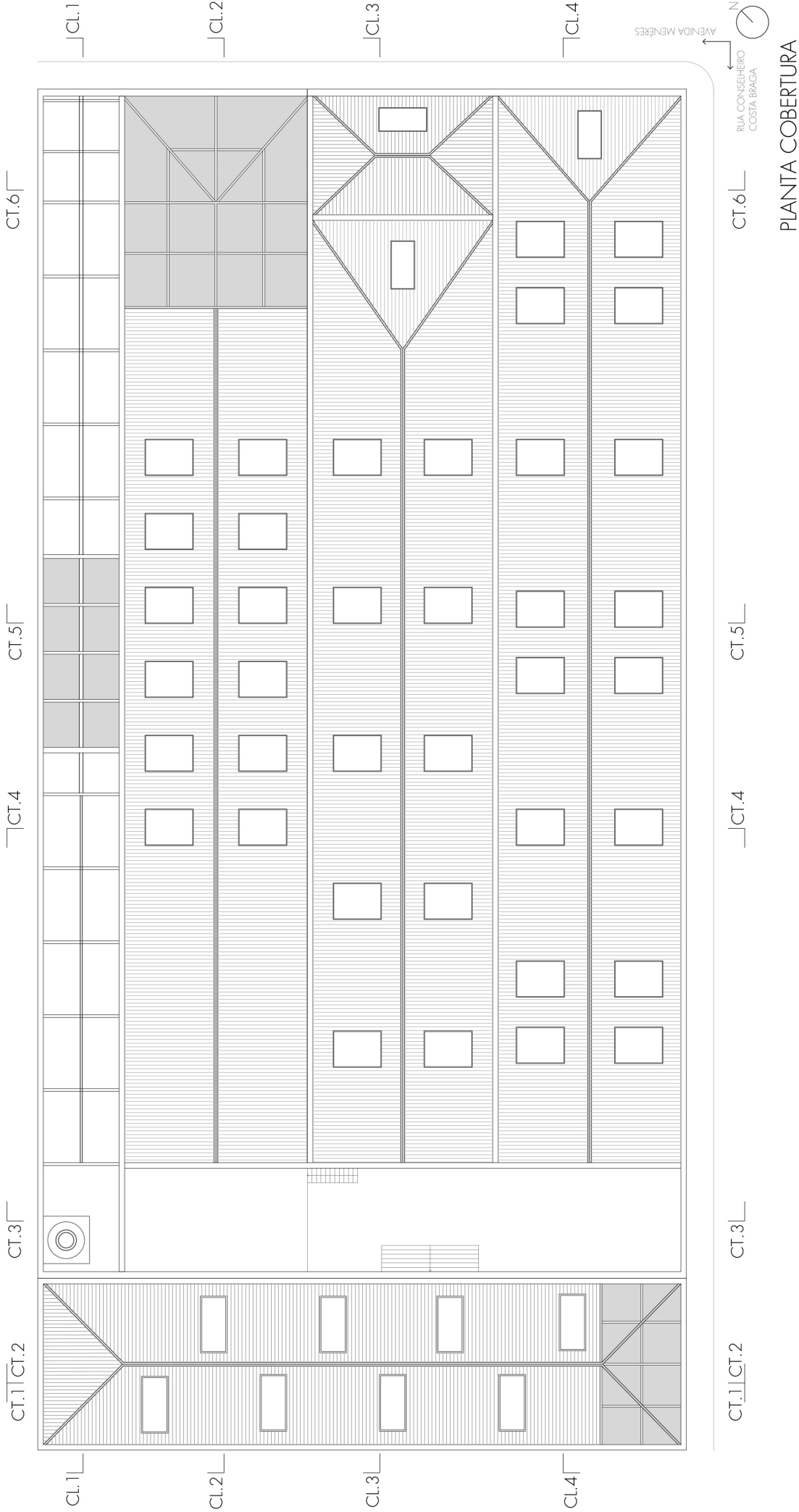


imagem 274
planta piso 1







PÁGINA ACTUAL

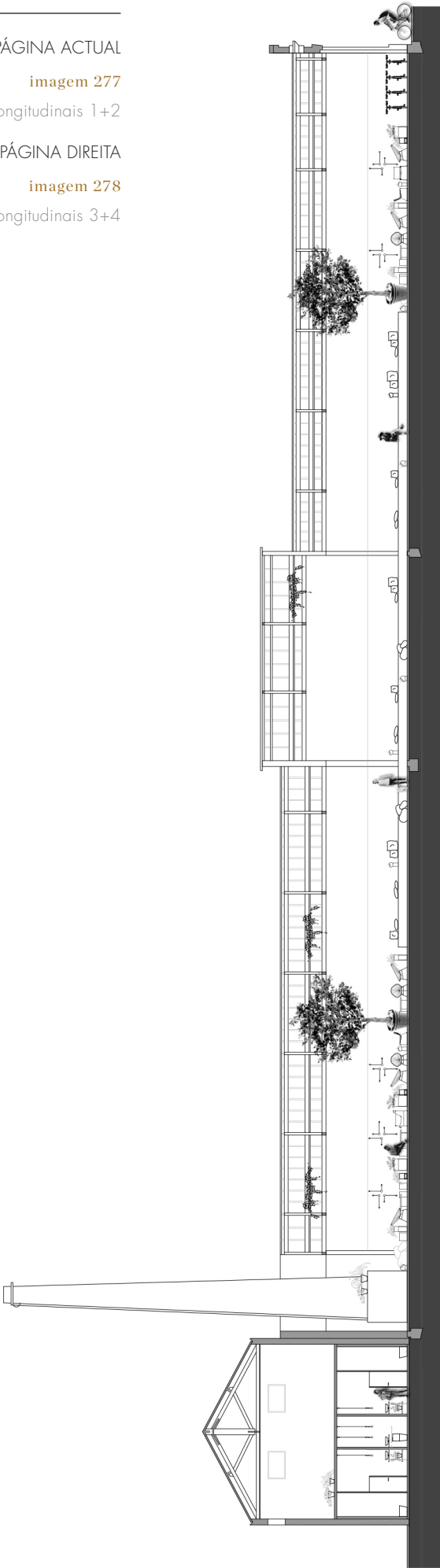
imagem 277

Cortes Longitudinais 1+2

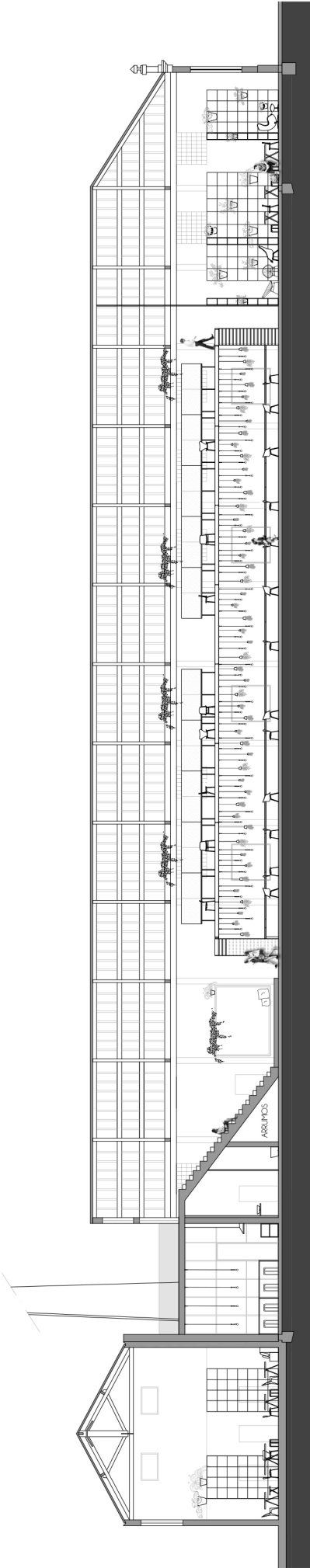
PÁGINA DIREITA

imagem 278

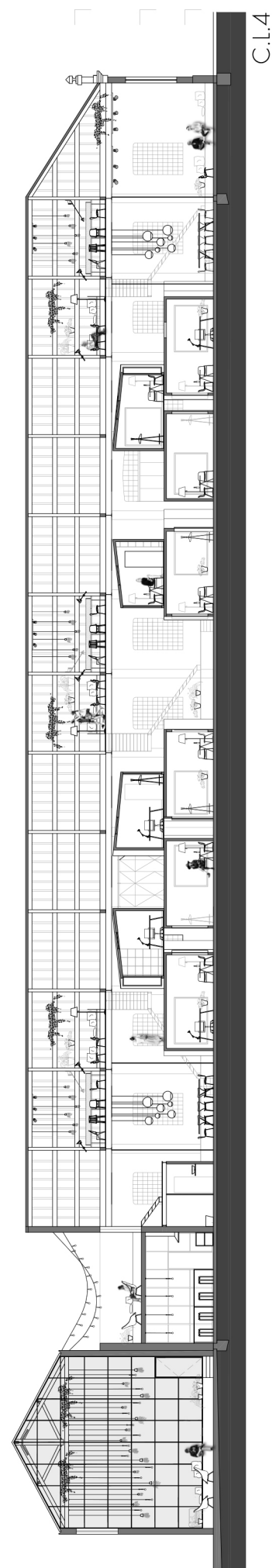
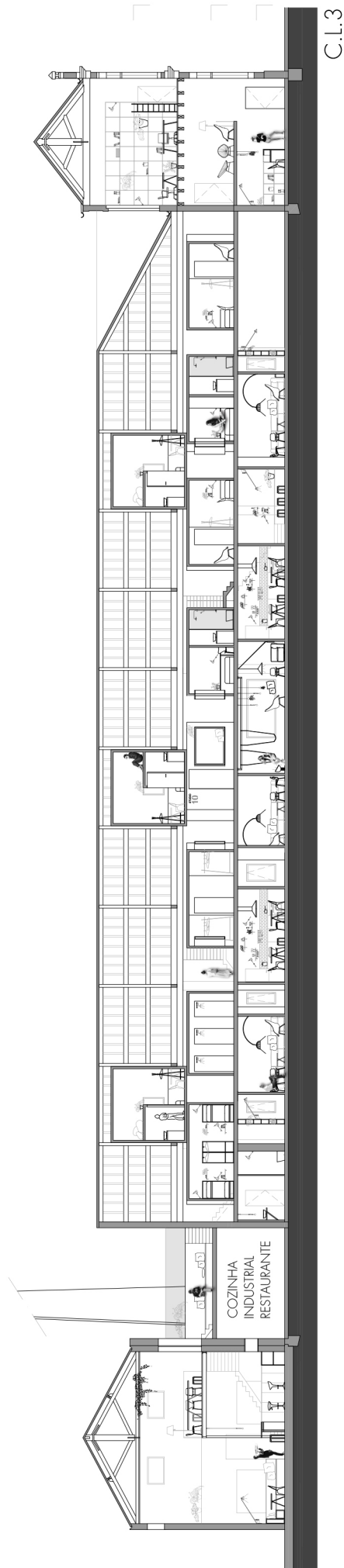
Cortes Longitudinais 3+4



C.L.1



C.L.2



PÁGINA ACTUAL

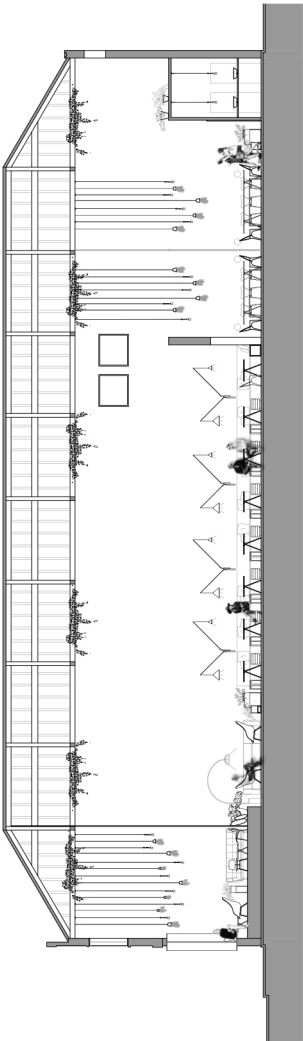
imagem 279

Cortes Transversais 1+2

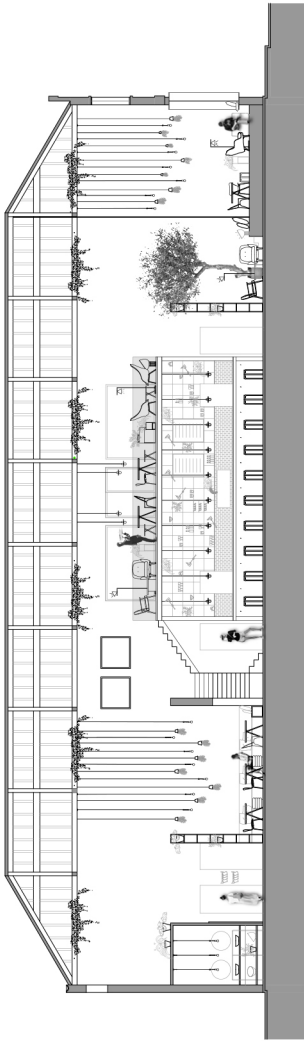
PÁGINA DIREITA

imagem 280

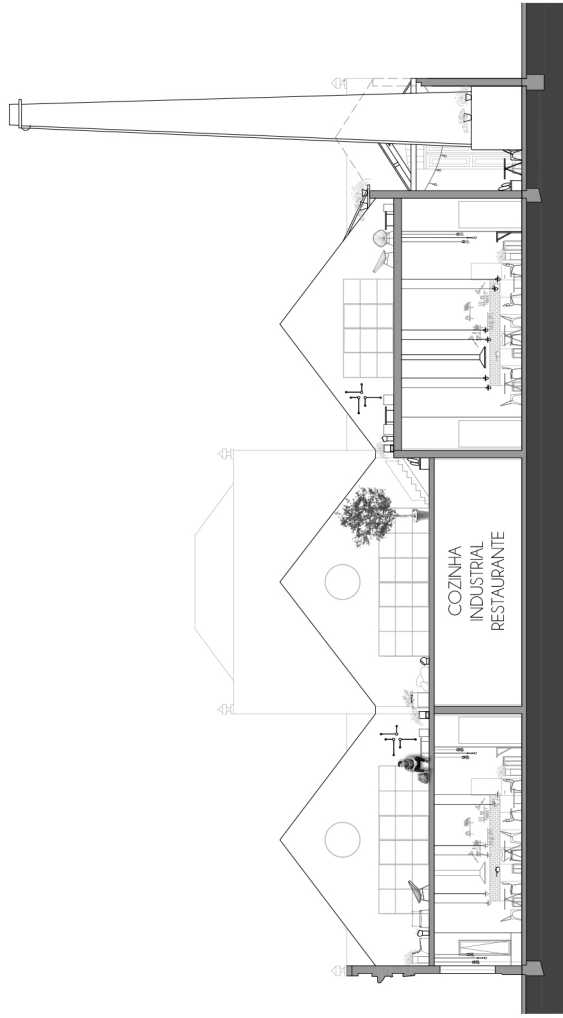
Cortes Transversais
3+4+5+6



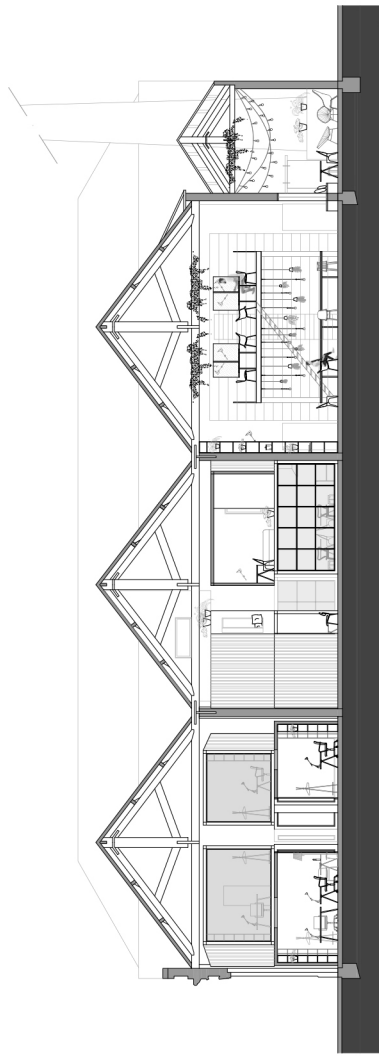
CT.1



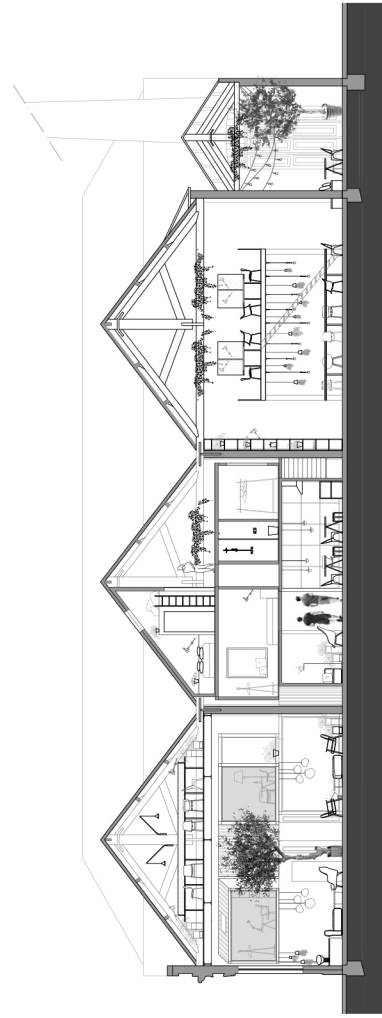
CT.2



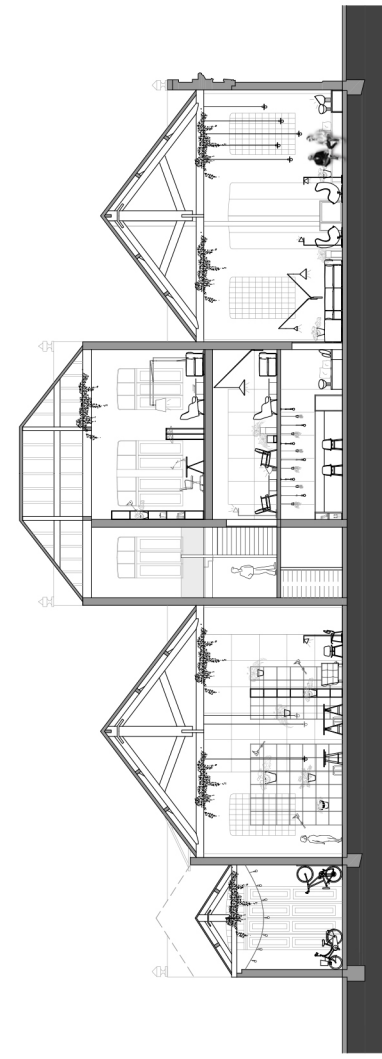
CT.3



CT.4



CT.5



CT.6

3.6

222 /

ARMAZÉNS

“Everything in this building is about scale, it is small but with a strong personality, like in a circus; every act is as important as the other, no hierarchies, and only **working all together** do they create something unique.” Selgas Cano

Pela complexidade e dimensão do projecto, consideramos necessário dividir o edifício em armazéns, os quais foram numerados e serão analisados mais pormenorizadamente neste capítulo.

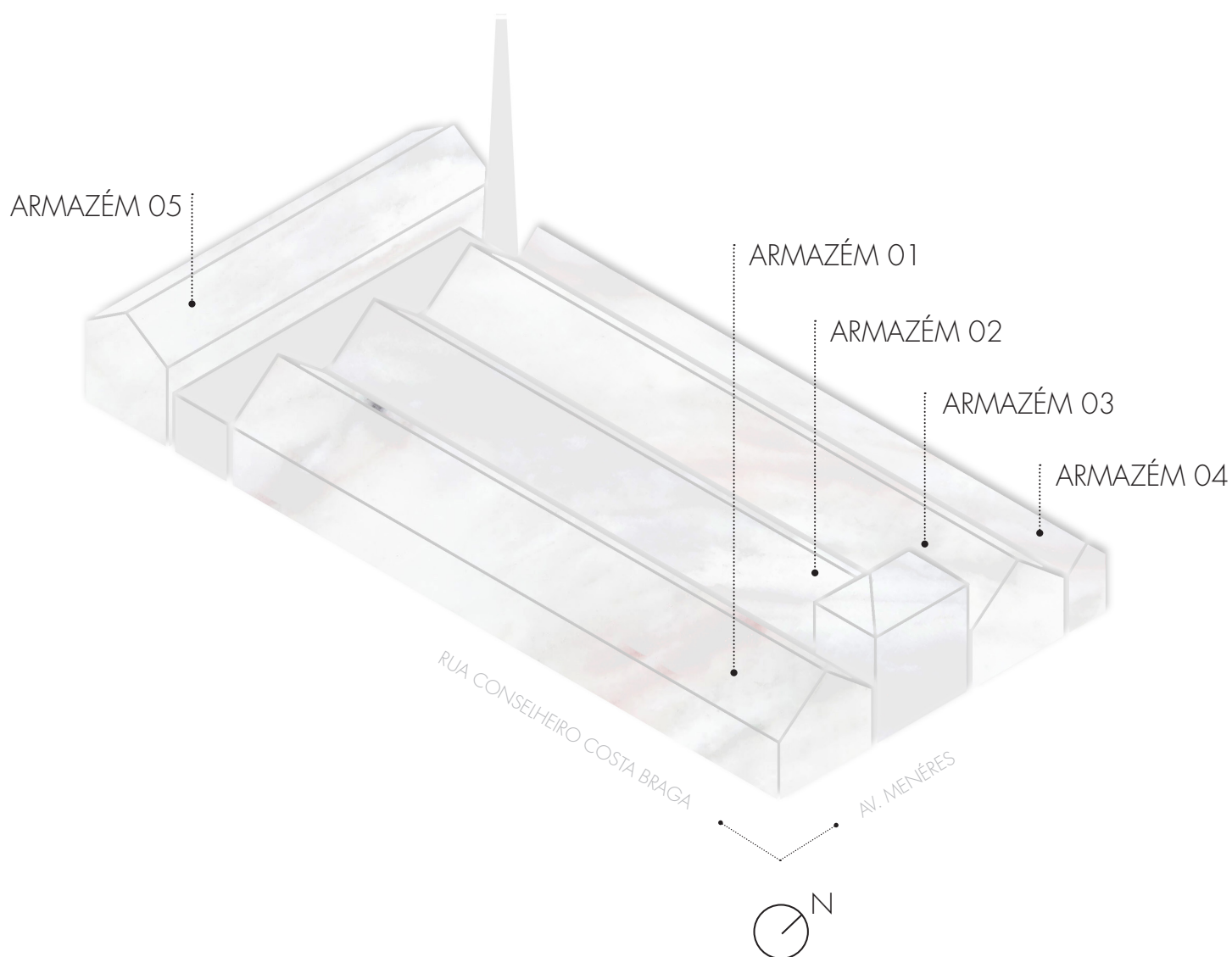


imagem 281

Montagem conceptual
ilustrada dos armazéns

ARMAZÉM

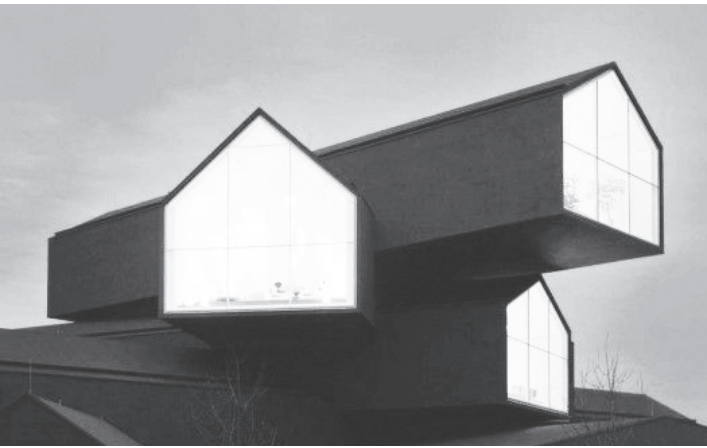
224 /

ESCRITÓRIOS
ZONA CO-WORK
SALA REUNIÕES
ZONA LOUNGE
ZONA REFEIÇÕES
VARANDA

01



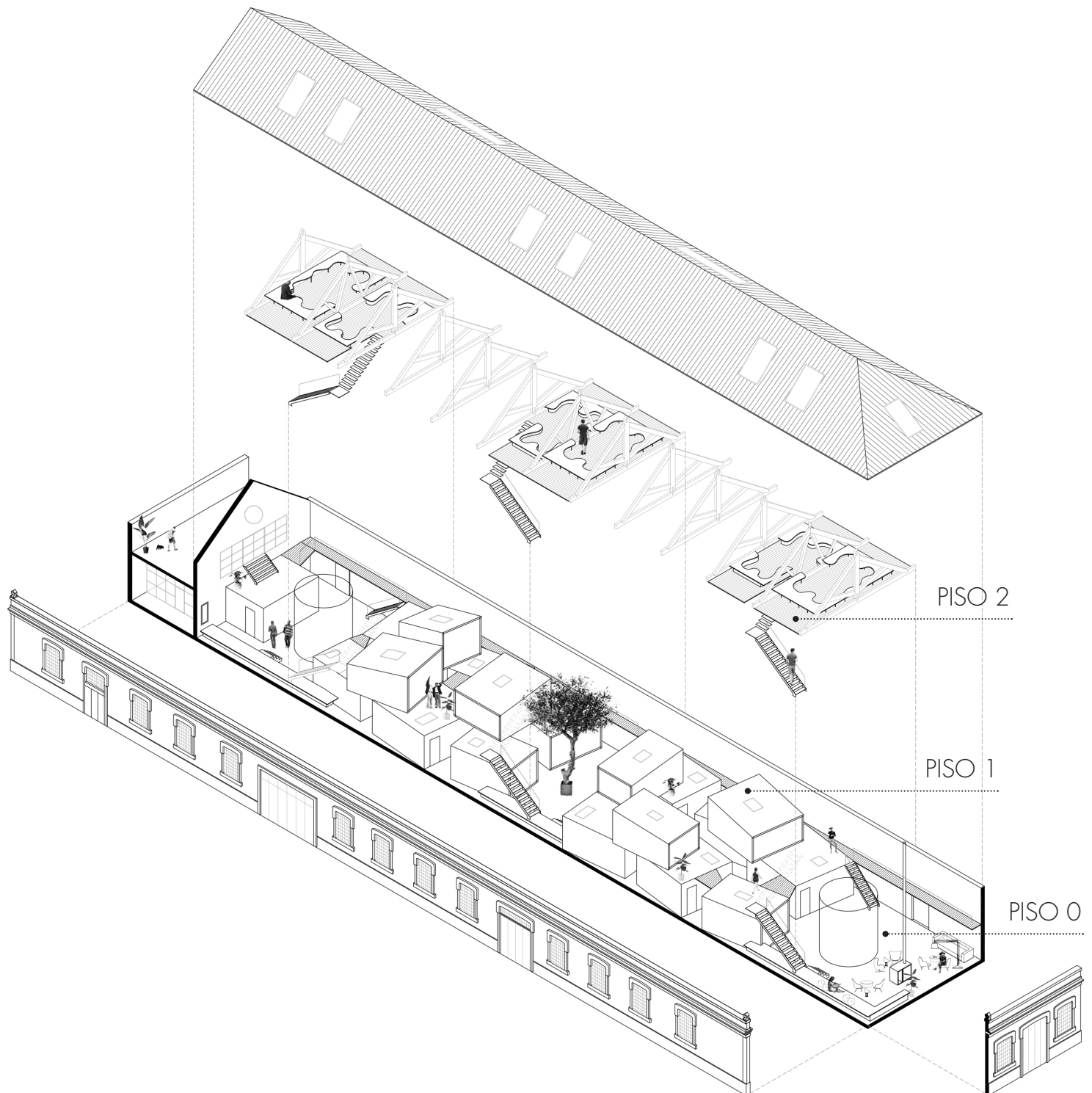
CONCEITO



/ 225

NÍVEIS
NETWORKING
VAZIO/CHEIO
PERMEABILIDADE
COMUNIDADE







/ 227

PÁGINA ESQUERDA

imagem 282

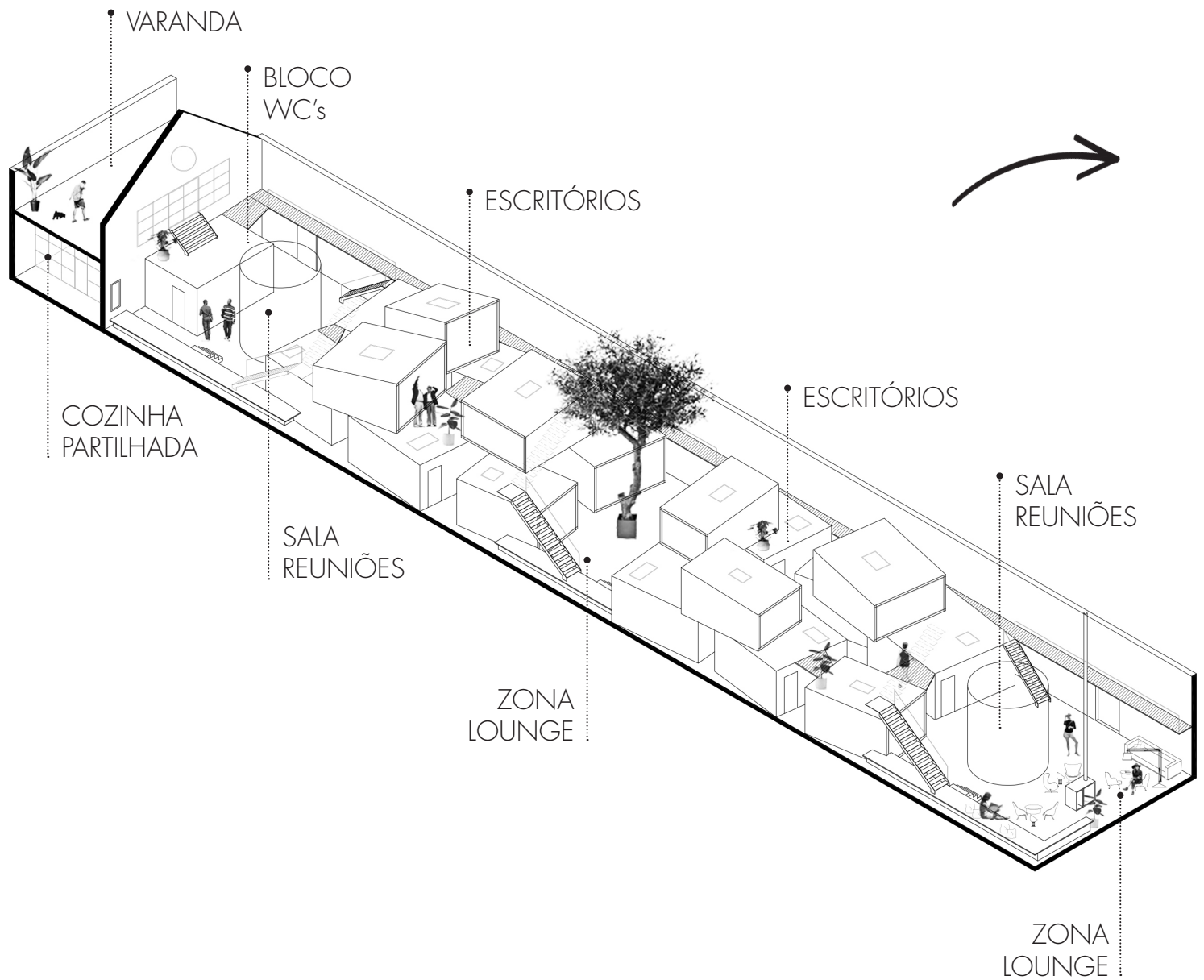
moodboard de materiais
armazém 01

PÁGINA ACTUAL

imagem 283

axonometria explodida
por pisos: armazém 01

/ PISO 0 + PISO 1



PÁGINA ESQUERDA

imagem 284

axonometria piso 0+1
armazém 01

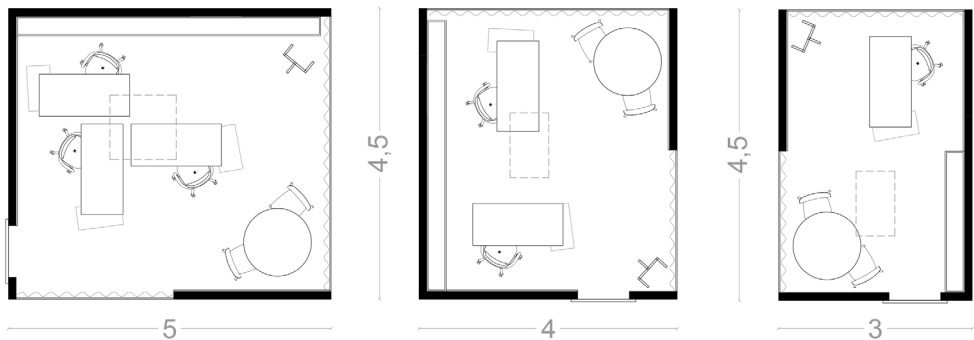
PÁGINA ACTUAL

imagem 285

pormenor ilustrado da
zona dos escritórios



/ MÓDULOS
ESCRITÓRIOS



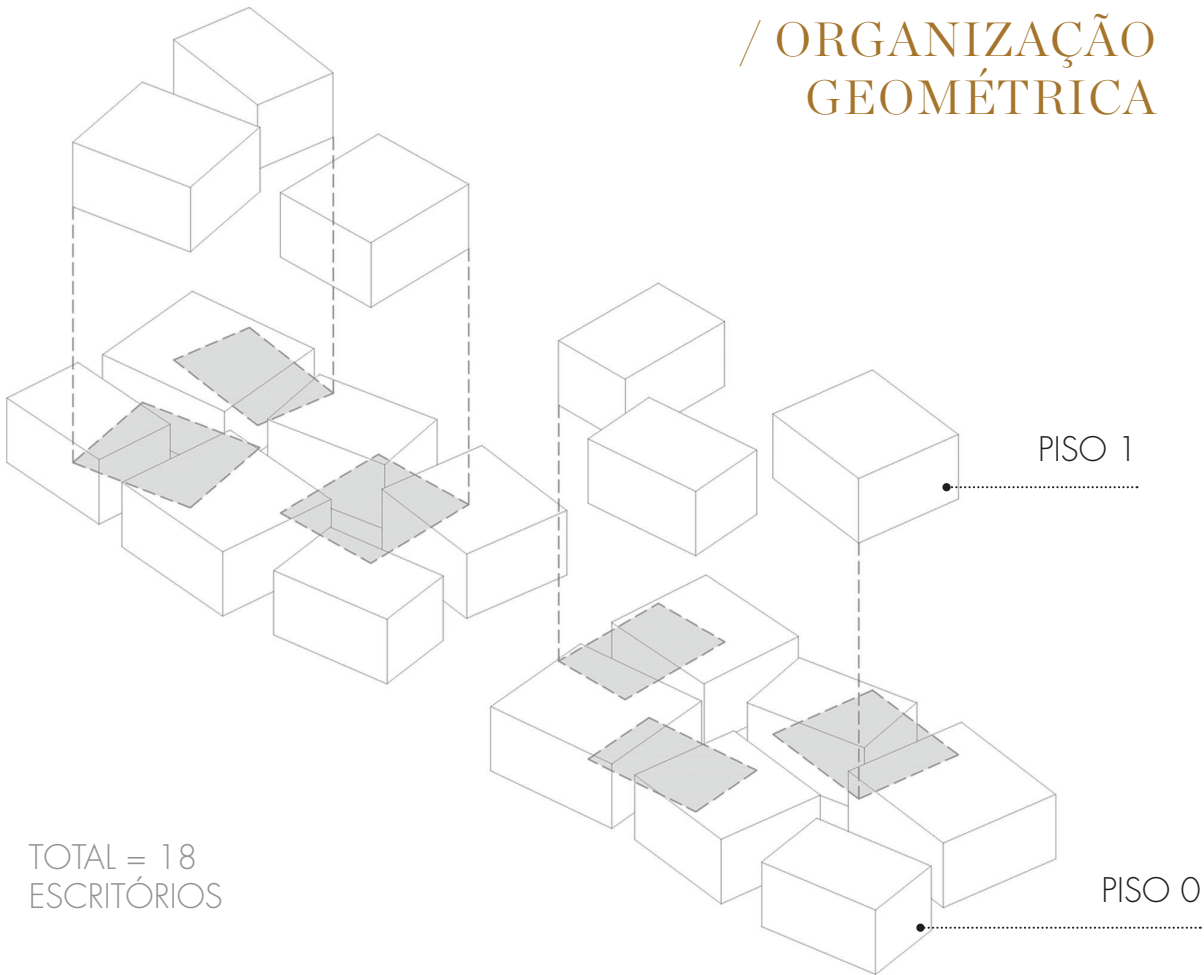
ESCRITÓRIO
3 PAX.
X 4 un.

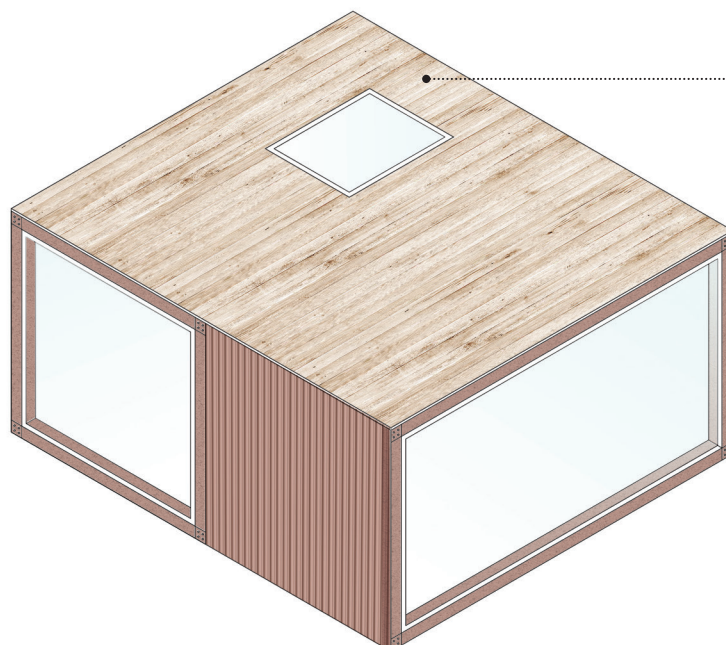
ESCRITÓRIO
2 PAX.
X 6 un.

ESCRITÓRIO
1 PAX.
X 8 un.



/ ORGANIZAÇÃO
GEOMÉTRICA

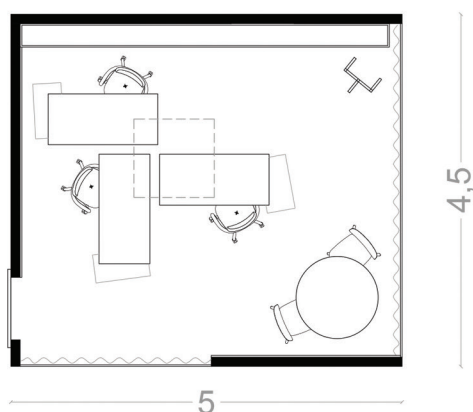




ESCRITÓRIO 3 PESSOAS



/ 231



PÁGINA ESQUERDA

imagem 286

planta dos módulos base
de escritórios

imagem 287

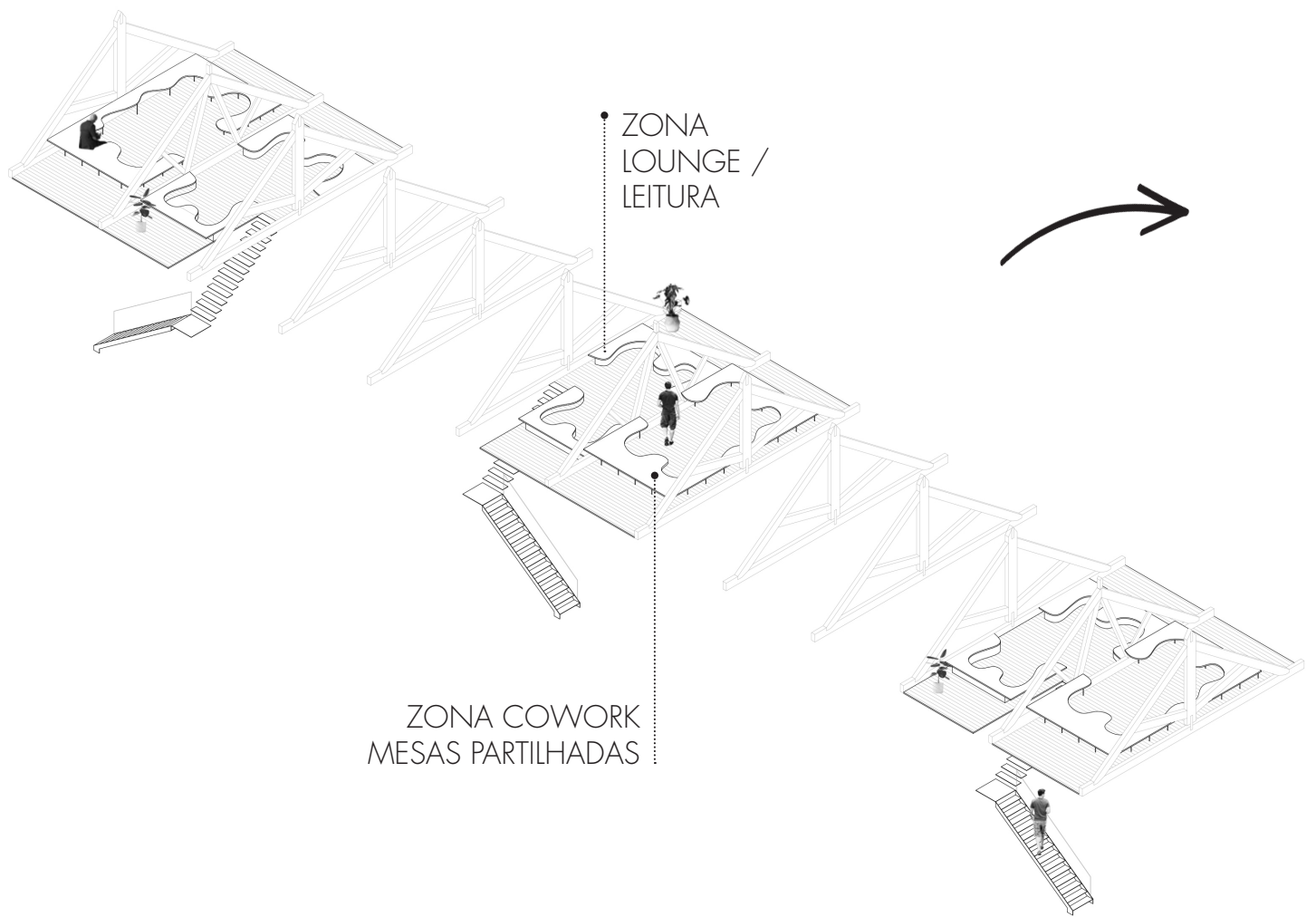
organização geométrica
piso 0+1 de escritórios

PÁGINA ACTUAL

imagem 288

axonometria explodida
ilustrada: módulo de es-
critório para 3 pessoas

/ PISO 2





/ 233

PÁGINA ESQUERDA

imagem 289

axonometria piso 2:
armazém 01

PÁGINA ACTUAL

imagem 290

axonometria ilustrada:
zona lounge + cowork

ARMAZÉM

234 /

02

HABITAÇÕES:

QUARTOS

ZONA LOUNGE

COZINHAS

TORRE:

RECEPÇÃO

ACESSO QUARTOS

ADMINISTRAÇÃO



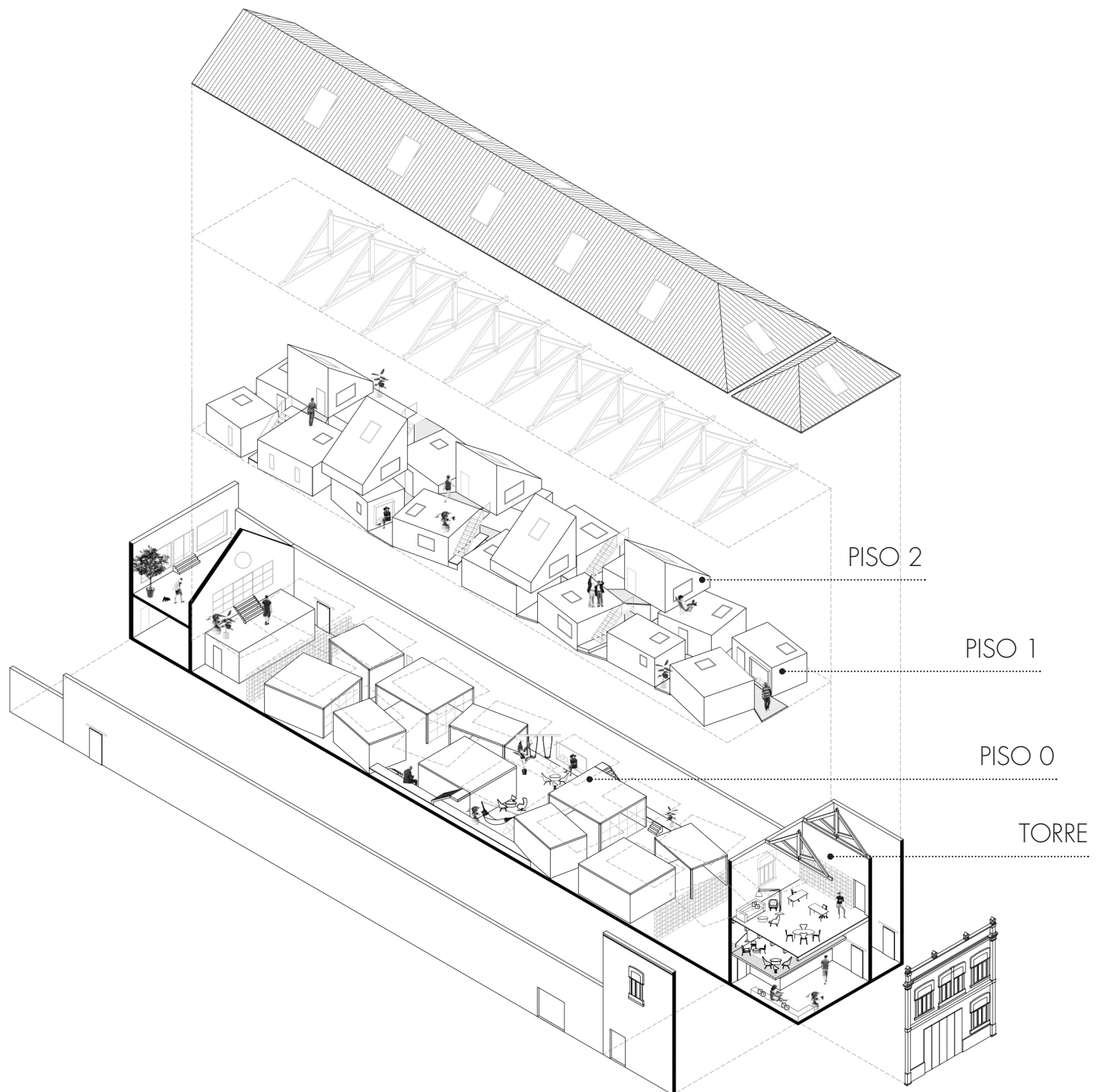
CONCEITO



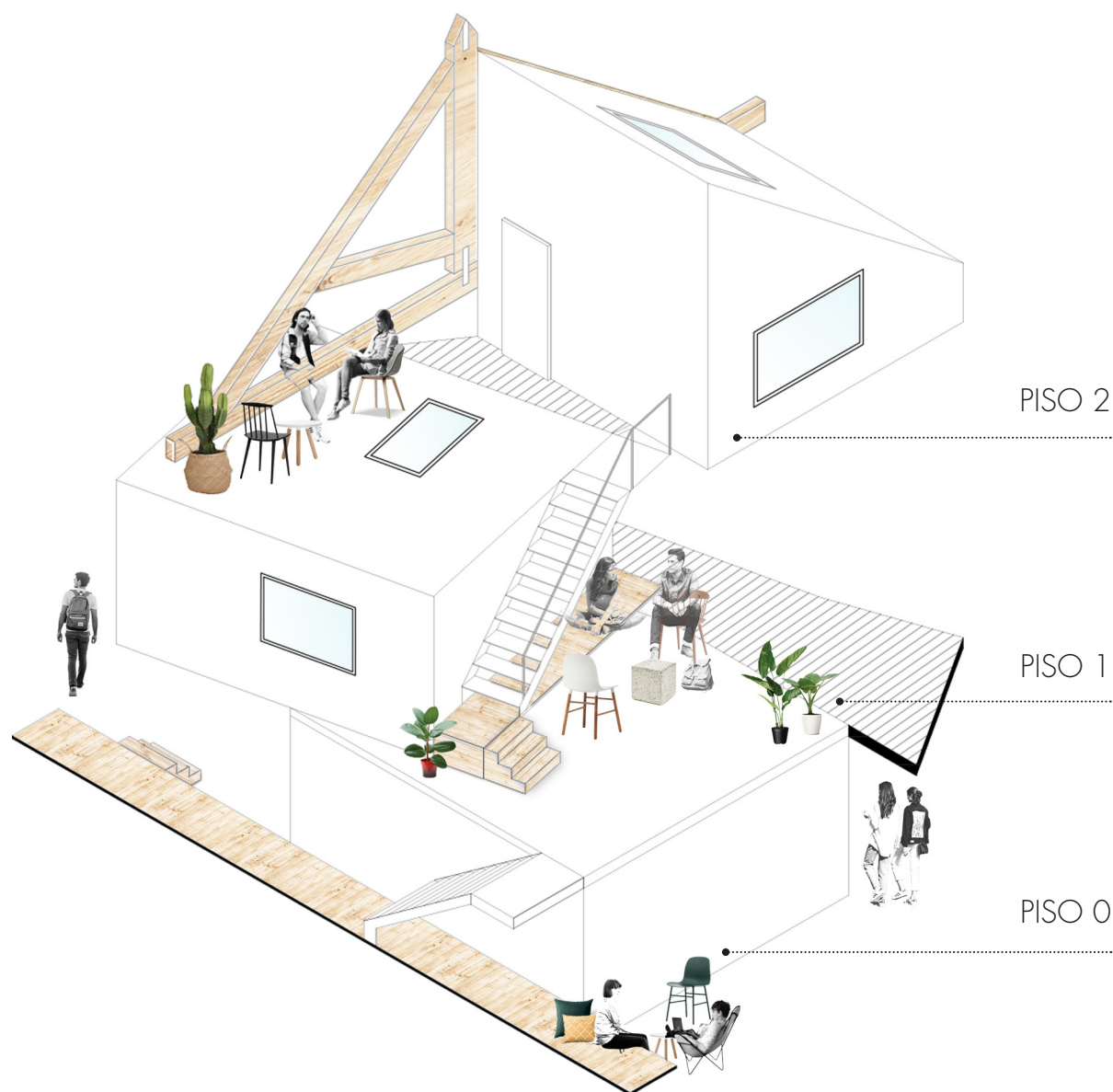
/ 235

PARTILHA
CONFORTO
PLATAFORMAS
NICHOS
PERCURSO
PERMANECER





/ PERCURSO PISO 0 - 1 - 2



/ 237

PÁGINA ESQUERDA

imagem 291

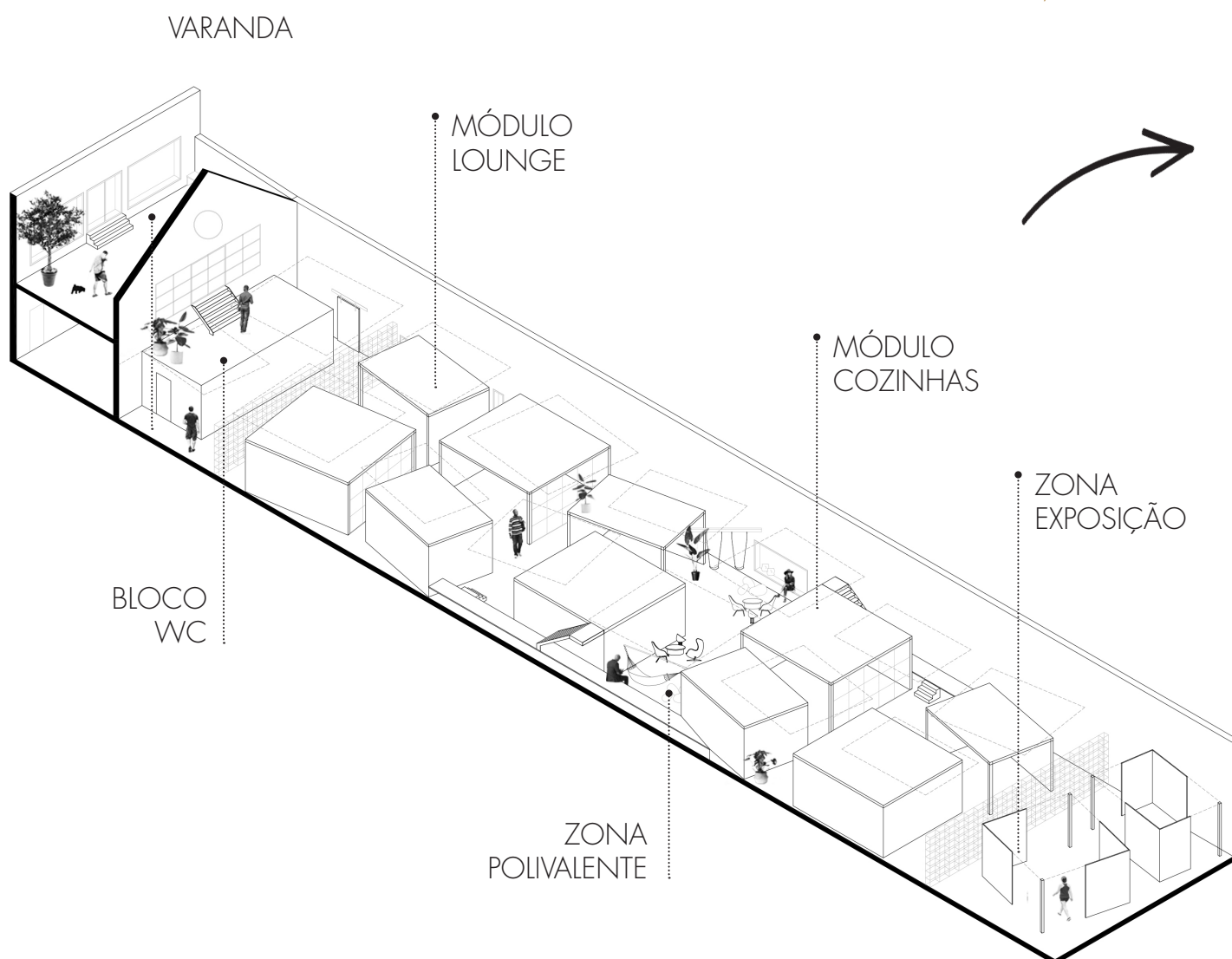
axonometria explodida:
armazém 02 + torre

PÁGINA ACTUAL

imagem 292

pormenor axonométrico
do percurso entre pisos

/ PISO 0



O piso 0 do armazém 02 contém os módulos que prestam os serviços de cozinha e de sala/lounge aos quartos dos pisos superiores. Foi concebido um espaço de refeição e de lazer para cada 4 quartos, que podem comunicar entre si, proporcionando o convívio entre moradores. Para esse mesmo efeito foi projectada uma zona central polivalente, que facilmente pode ser adaptada para eventos de diversos domínios da comunidade.

PÁGINA ACTUAL

imagem 293

axonometria piso 0:
armazém 02

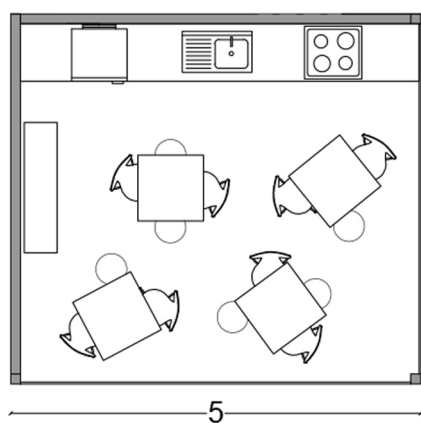
PÁGINA DIREITA

imagem 294

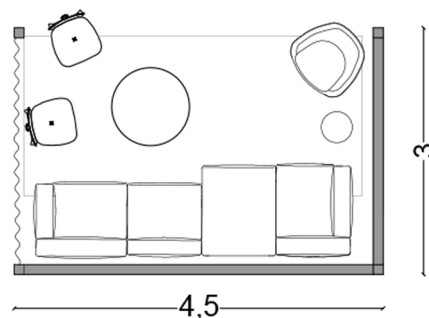
planta módulos cozinha
+ lounge

imagem 295

corte + pormenor axo-
nométrico ilustrado: zona
polivalente



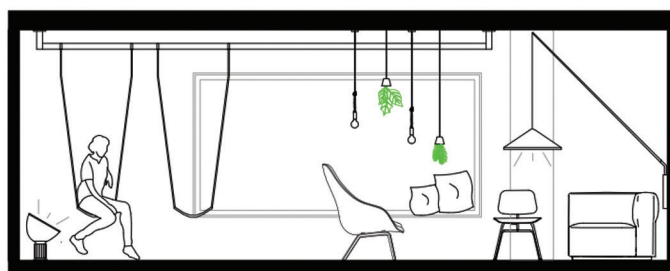
MÓDULO
COZINHA
X 5 un.



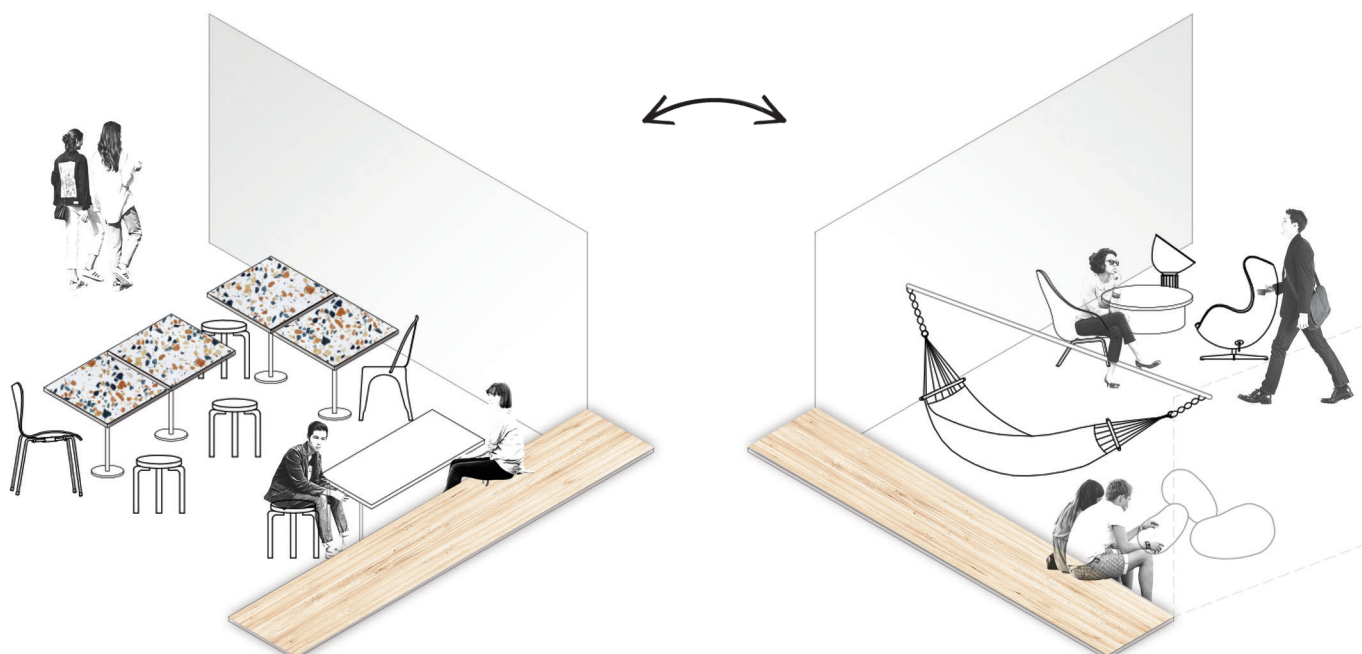
MÓDULO
SALA
X 5 un.

+

/ ZONA
POLIVALENTE

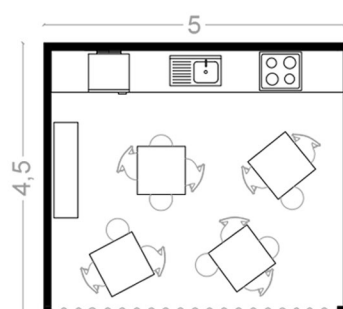
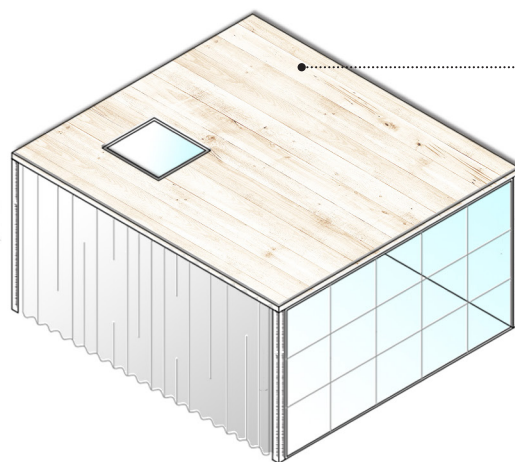


/ 239



MÓDULO COZINHA

1. Rainbow, Hay
2. Terracota, Rene Barba para Serax
3. Stool 60, Artek
4. Mesa Redonda Terrazo, Hay
5. Lix Chair, Sklum
6. Terrazo

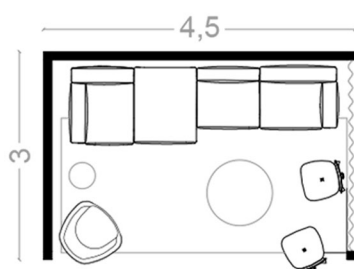


MÓDULO COZINHA



/ 241

1. Melange Rug, Ferm Living
2. Era lounge chair,
Normann Copenhagen
3. North wall lamp, VIBIA
4. Marble Table, Ferm Living
5. Sofá Mags, Hay
6. Plywood chair,
Eames para Vitra
7. Cesto Fladis, IKEA
8. Candeeiro Taccia, Achille
& Pier Castiglioni para Flos



PÁGINA ESQUERDA

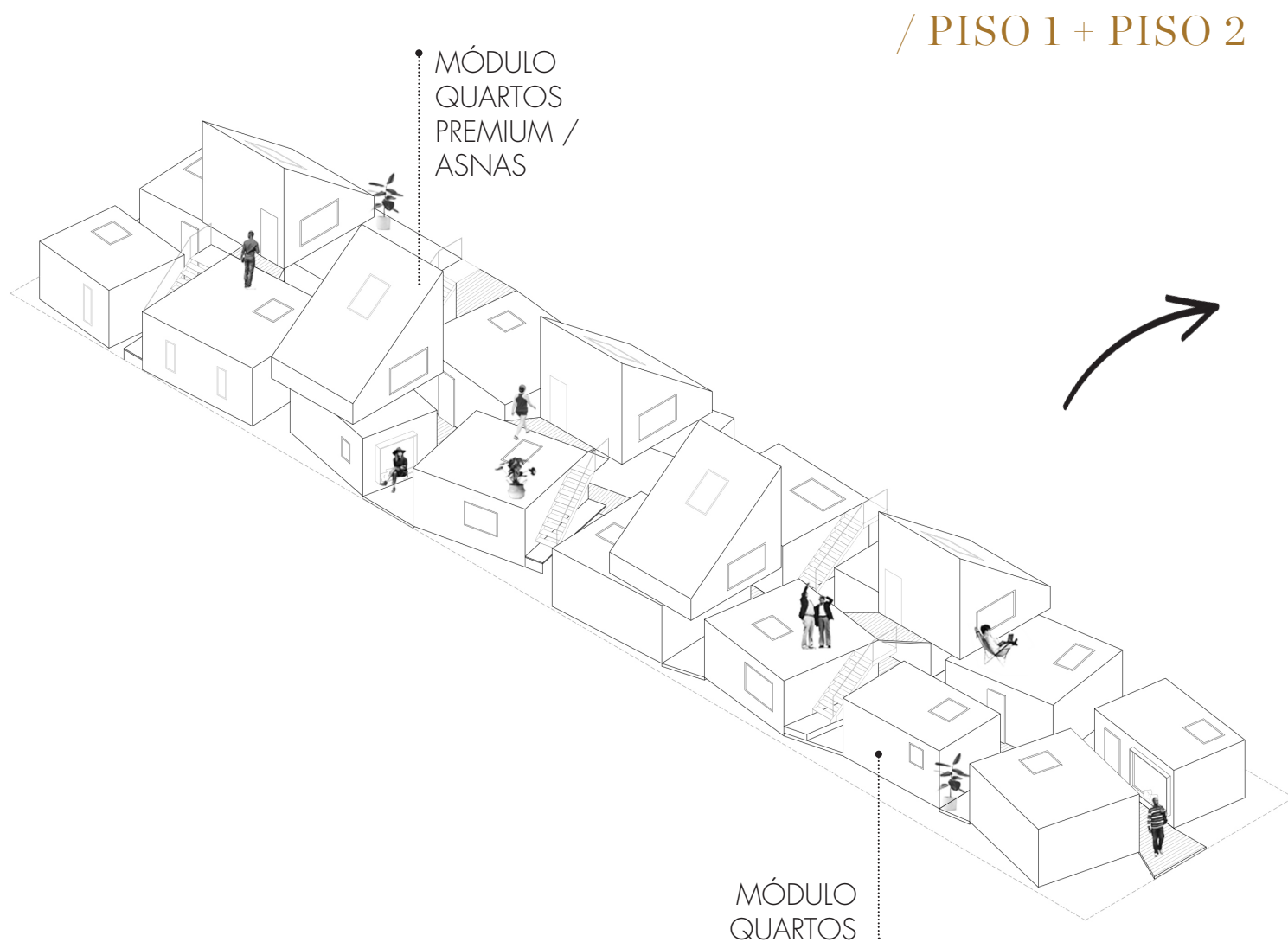
imagem 296

axonometria explodida
ilustrada: módulo cozinha
+ mapa equipamento

PÁGINA ACTUAL

imagem 297

axonometria explodida
ilustrada: módulo sala +
mapa equipamento



PÁGINA ACTUAL

imagem 298

axonometria pisos
1+2: zona dos quartos

PÁGINA DIREITA

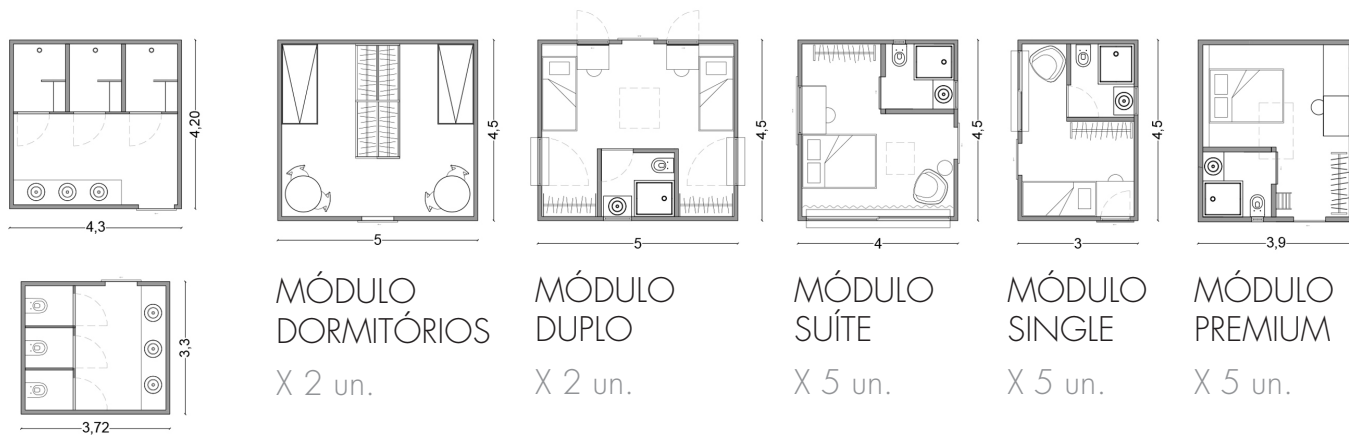
imagem 299

planta módulos
dos quartos

imagem 300

organização geometria
módulos piso 0+1+2:
armazém 02

/ MÓDULOS QUARTOS

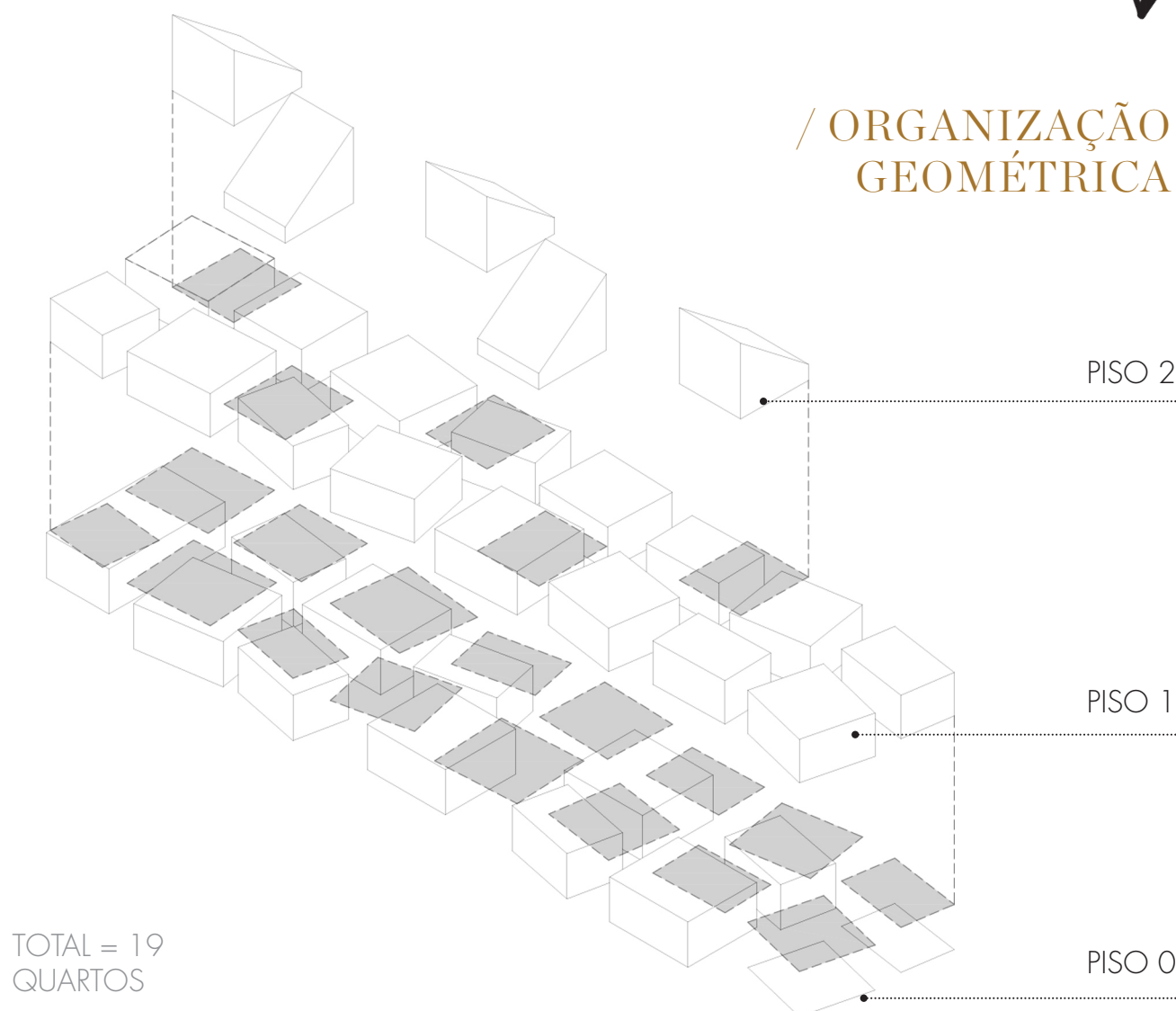


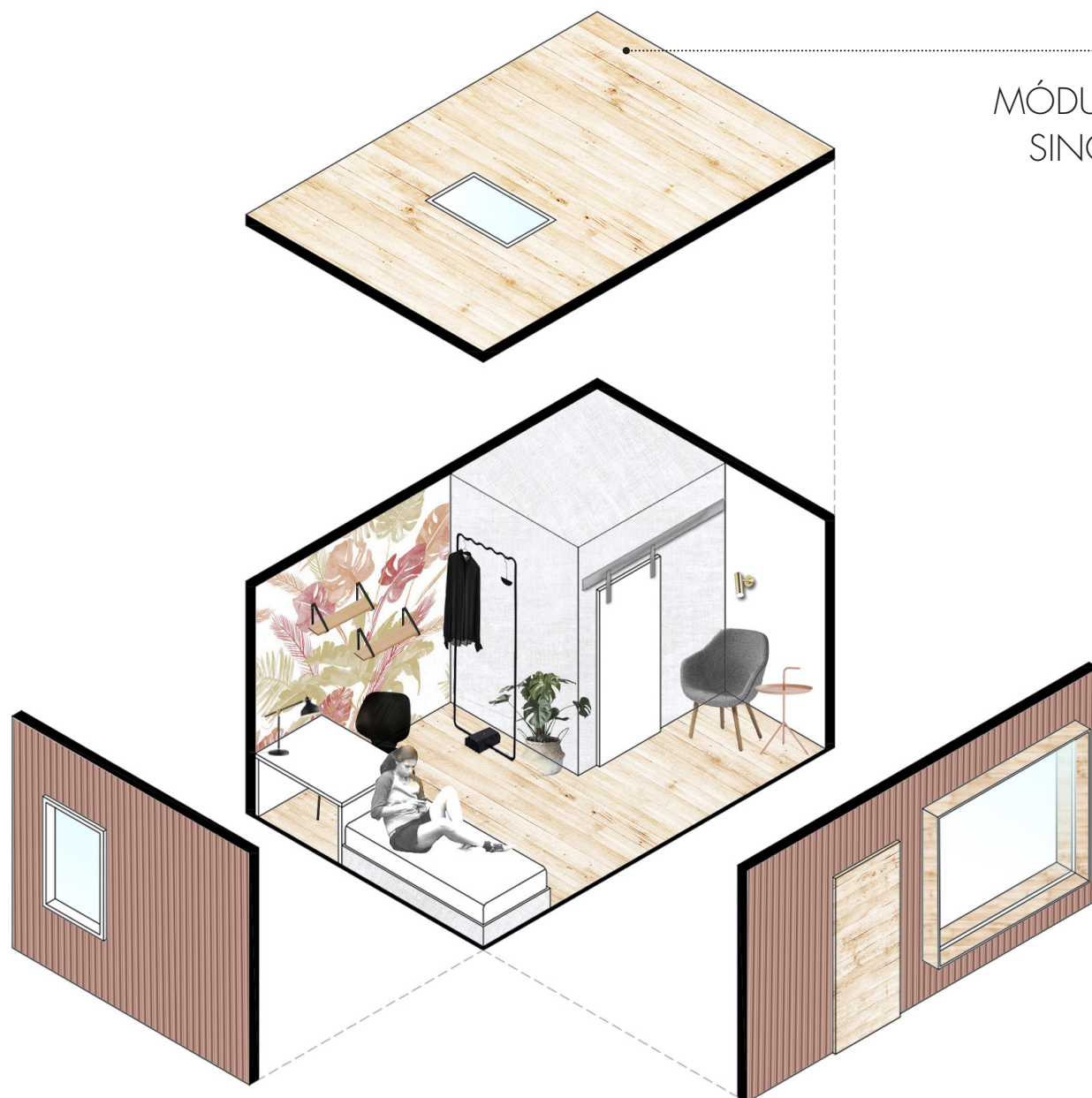
MÓDULO WC
DORMITÓRIOS
X 1 un.



/ ORGANIZAÇÃO GEOMÉTRICA

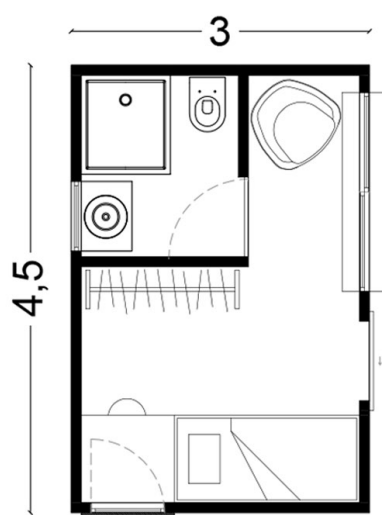
/ 243





MÓDULO SINGLE

244 /



PÁGINA ACTUAL

imagem 301

axonometria ilustrada
explodida + planta:
módulo single

PÁGINA DIREITA

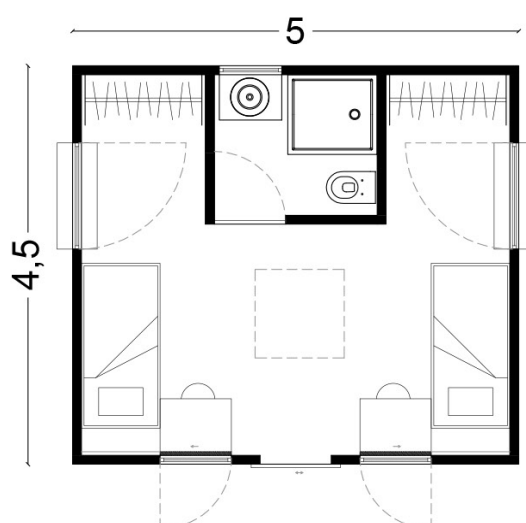
imagem 302

axonometria ilustrada
explodida + planta:
módulo duplo

MÓDULO DUPLO

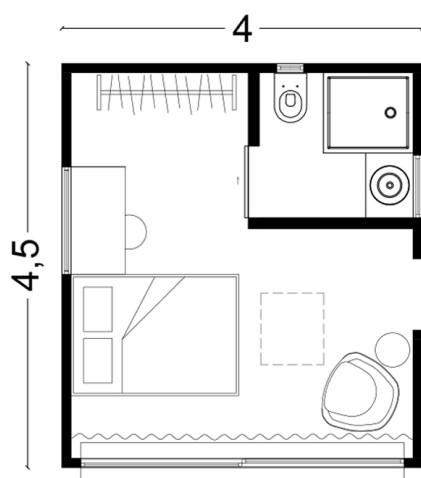
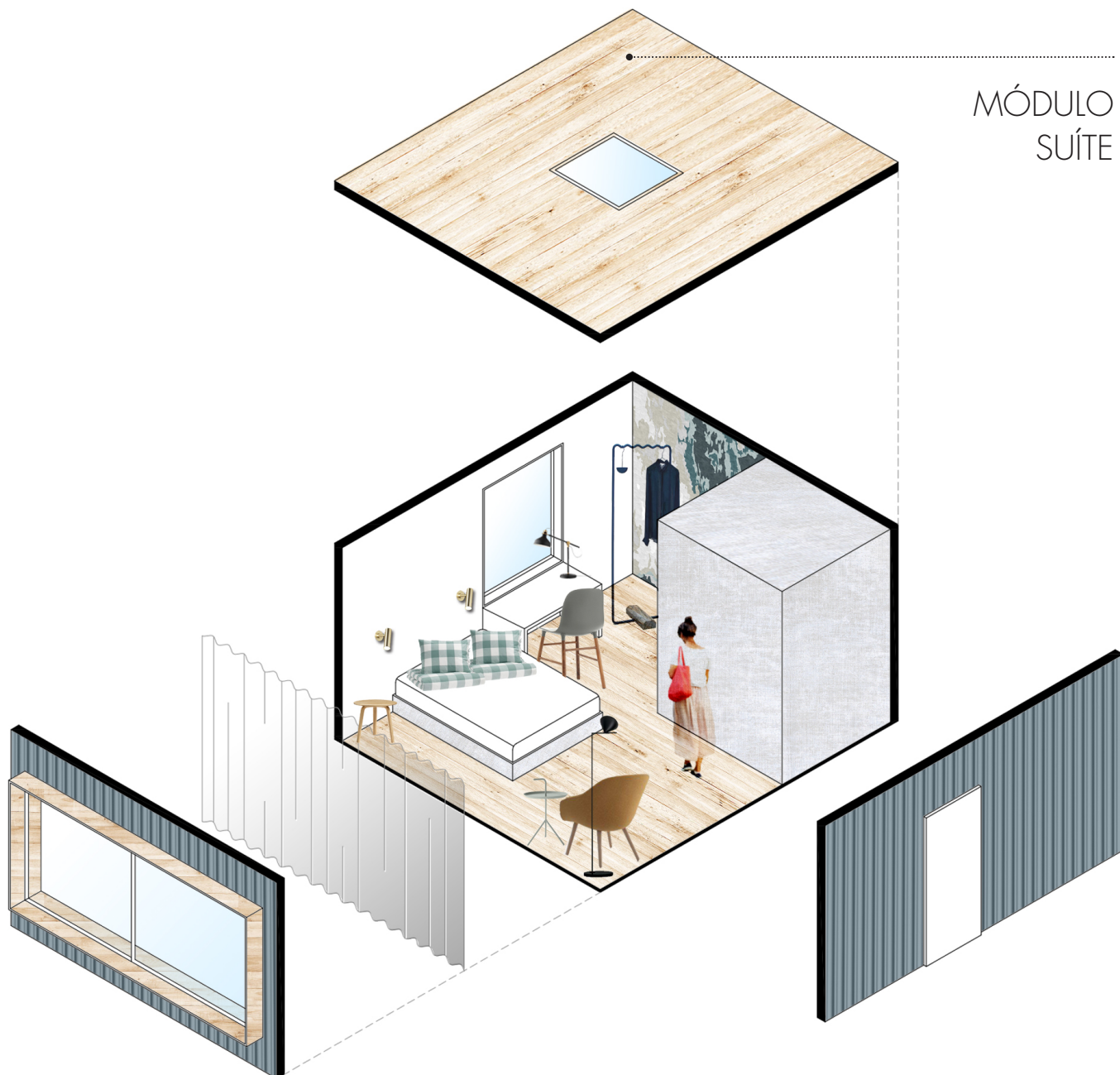


/ 245

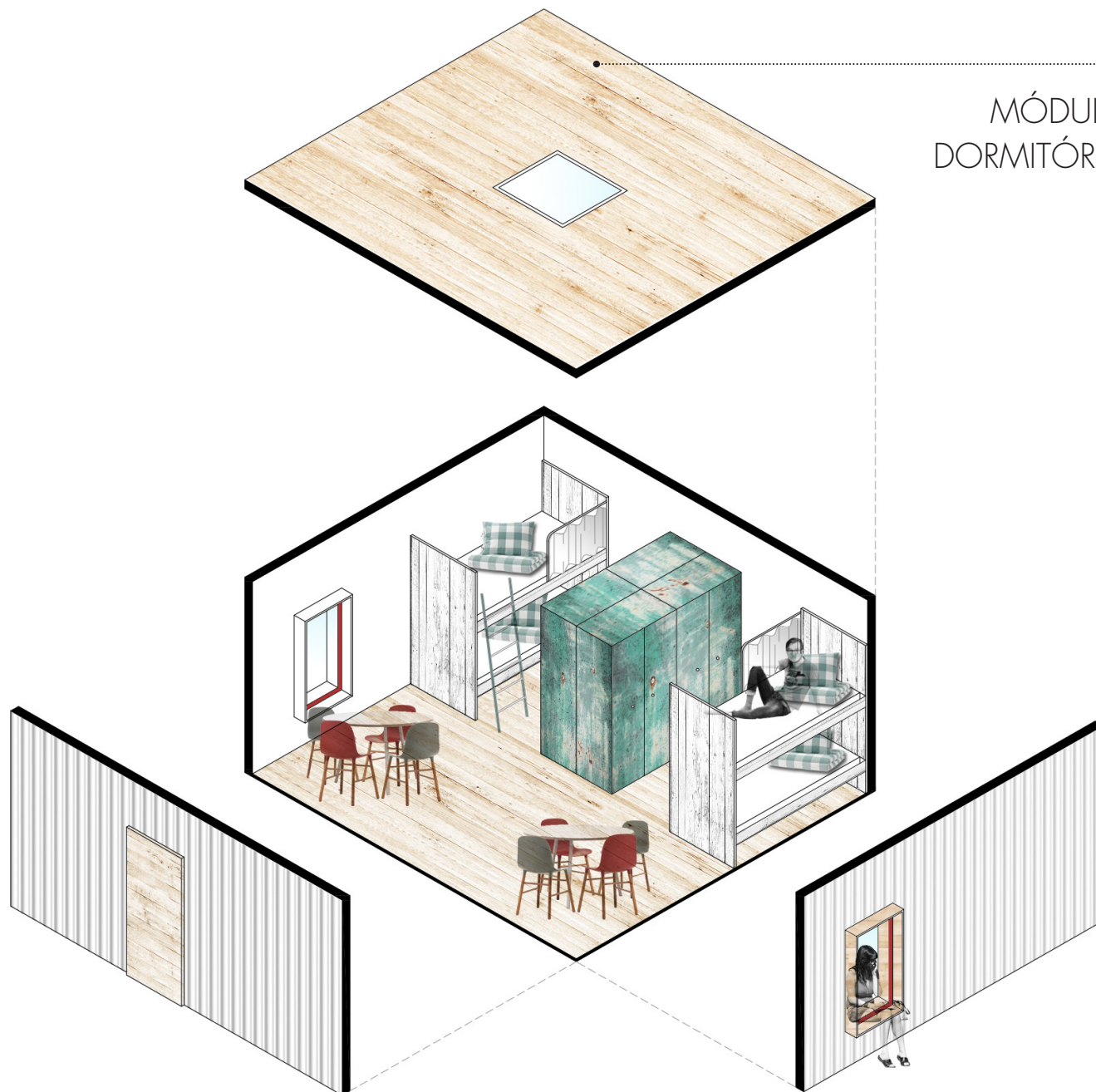


MÓDULO SUÍTE

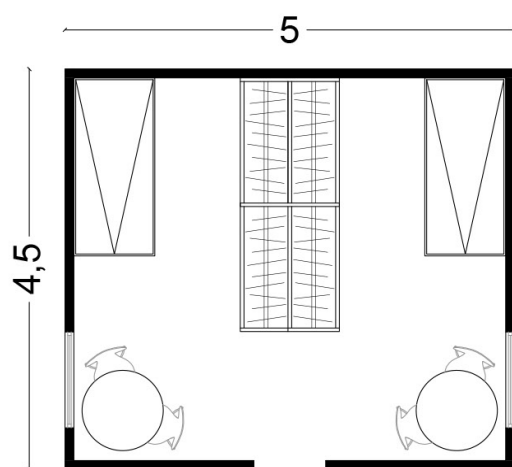
246 /



MÓDULO DORMITÓRIO



/ 247



PÁGINA ESQUERDA

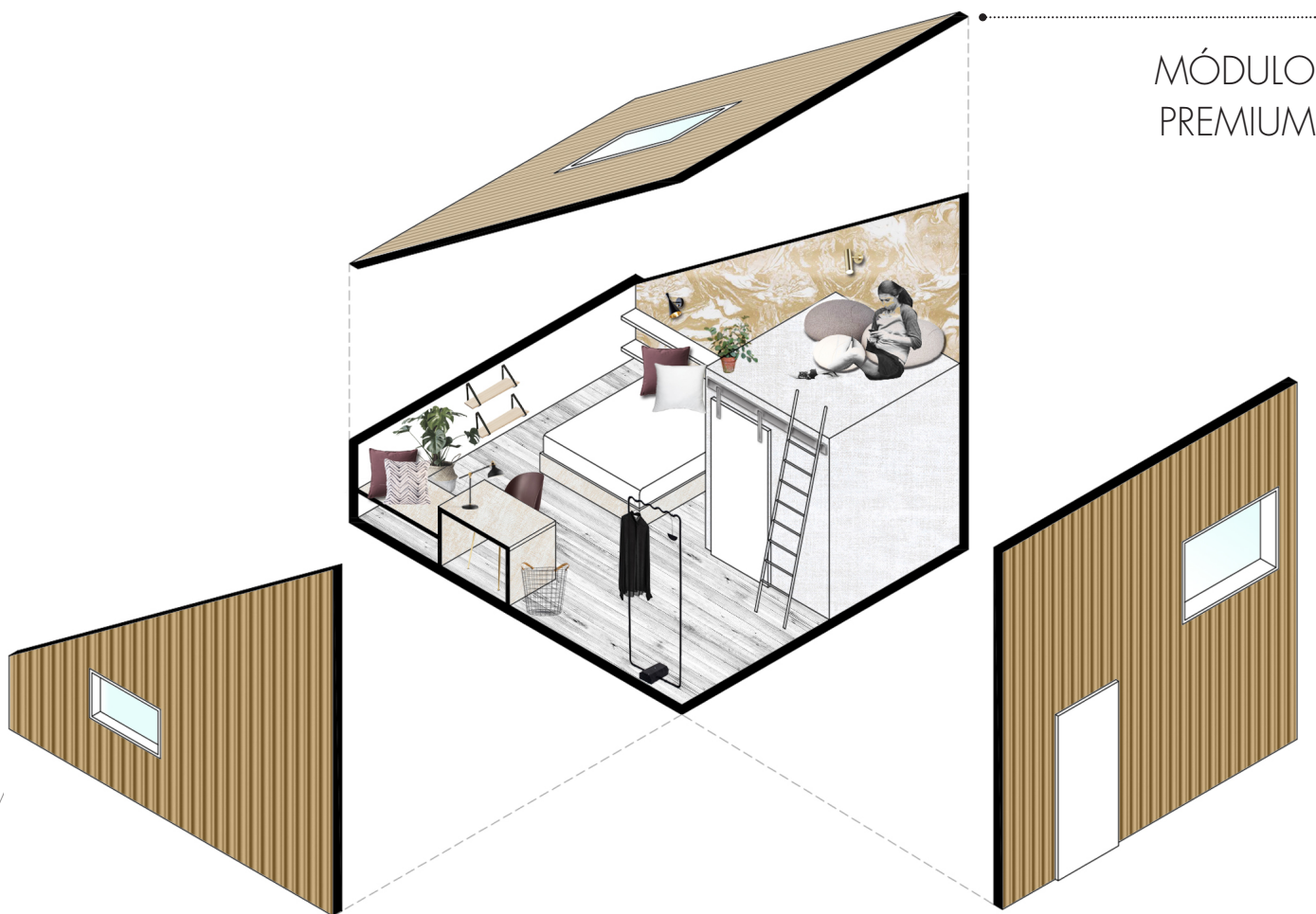
imagem 303

axonometria ilustrada
explodida + planta:
módulo suíte

PÁGINA ACTUAL

imagem 304

axonometria ilustrada
explodida + planta:
módulo dormitório



PÁGINA ACTUAL

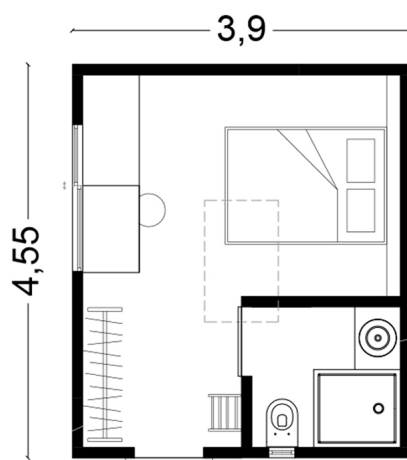
imagem 305

axonometria ilustrada
explodida + planta:
módulo premium

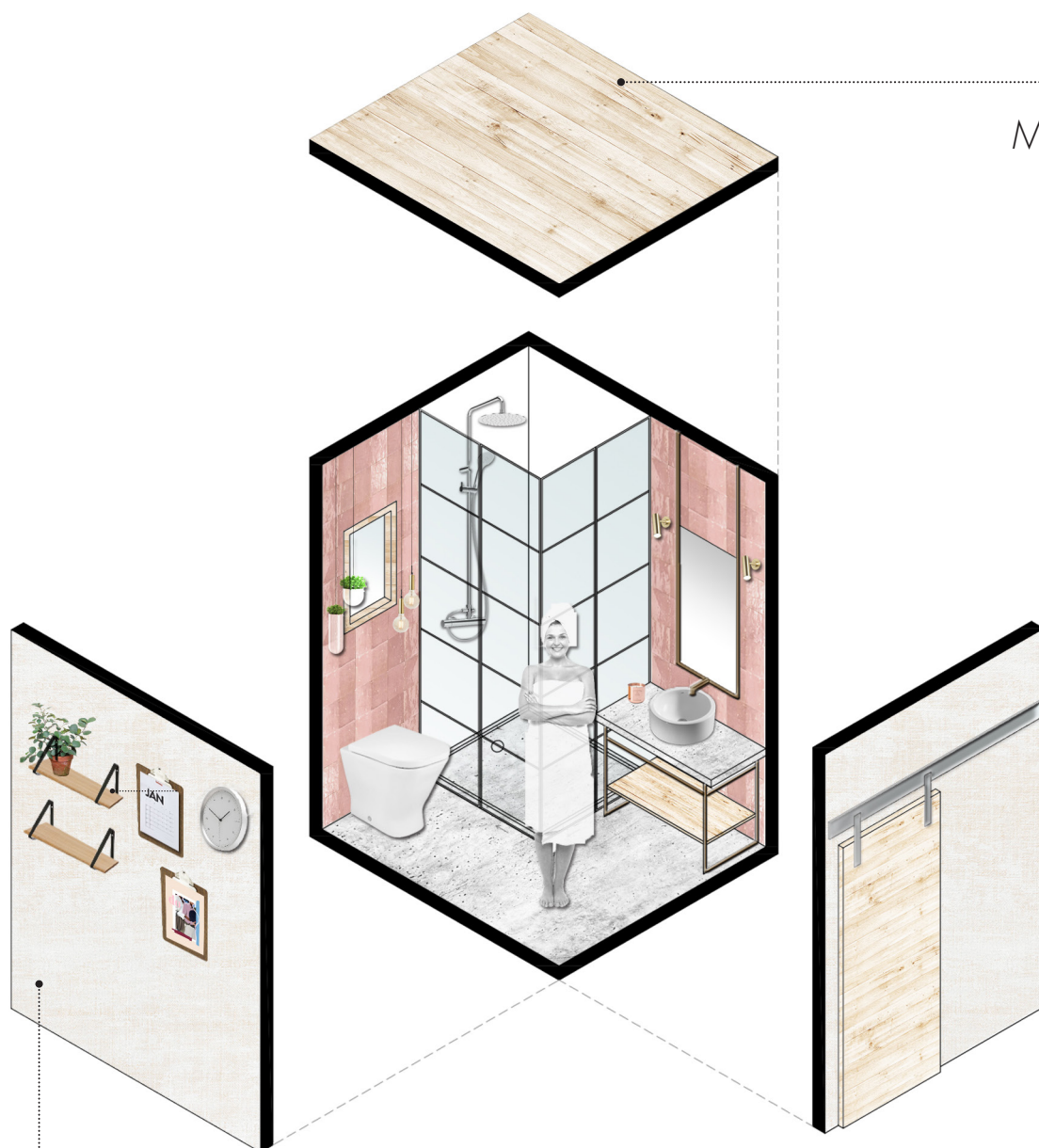
PÁGINA DIREITA

imagem 306

axonometria ilustrada
explodida + planta:
módulo wc



MÓDULO WC



A parede exterior do módulo do quarto de banho dos quartos é polivalente e pode ser personalizada pelo utilizador.

Pode escolher as opções de revestimento: chapa perfurada, madeira, papel de parede ou simplesmente lacada (cores disponíveis na paleta de pantones do projecto).

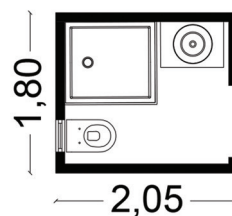
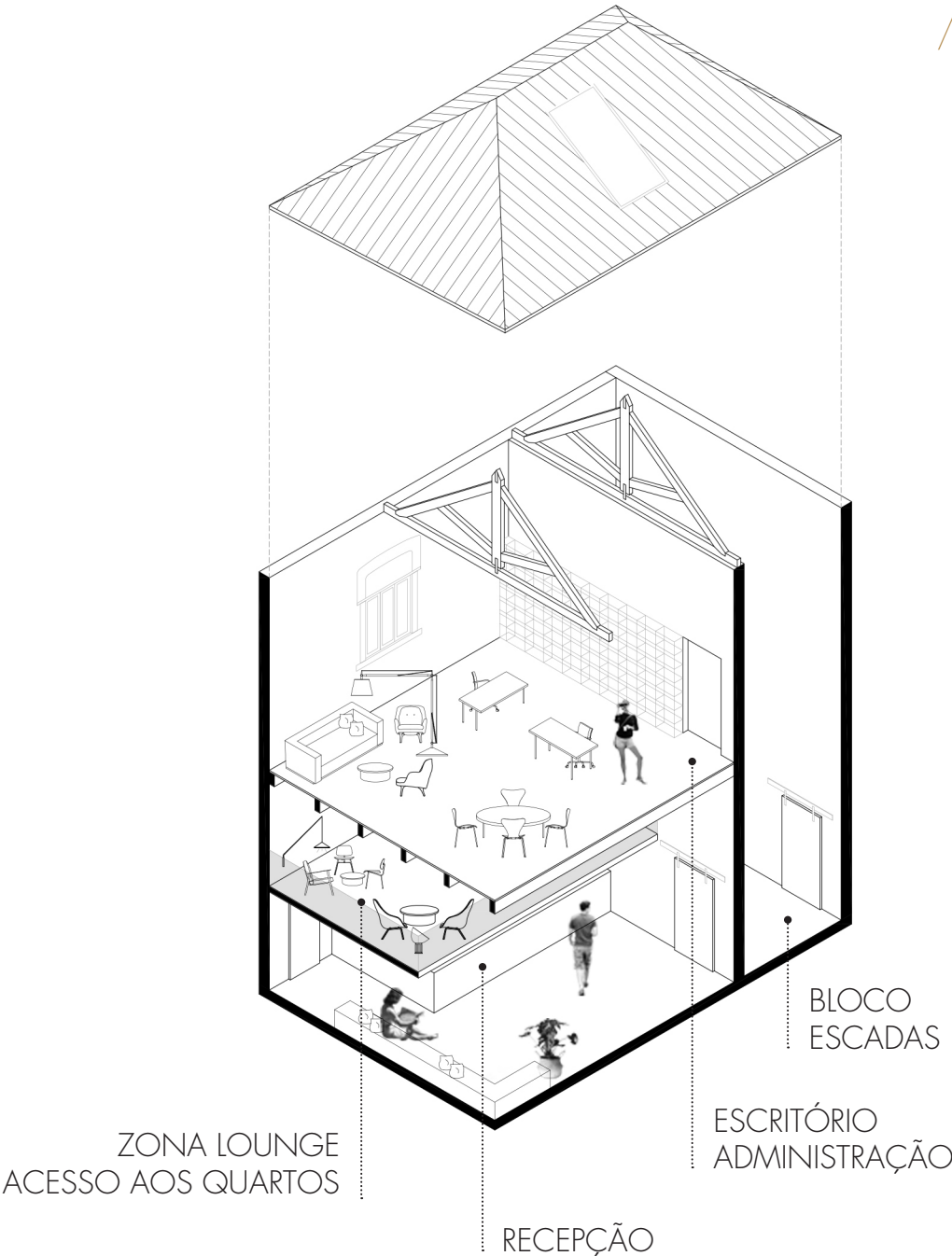


imagem 307
axonometria
explodida: torre

/ TORRE



ARMAZÉM

252 /

ZONA OPEN WORK

ZONA LOUNGE

ZONA ESTUDO 24H

ANFITEATRO

ZONA CO-WORK

ZONA REFEIÇÕES

VARANDA

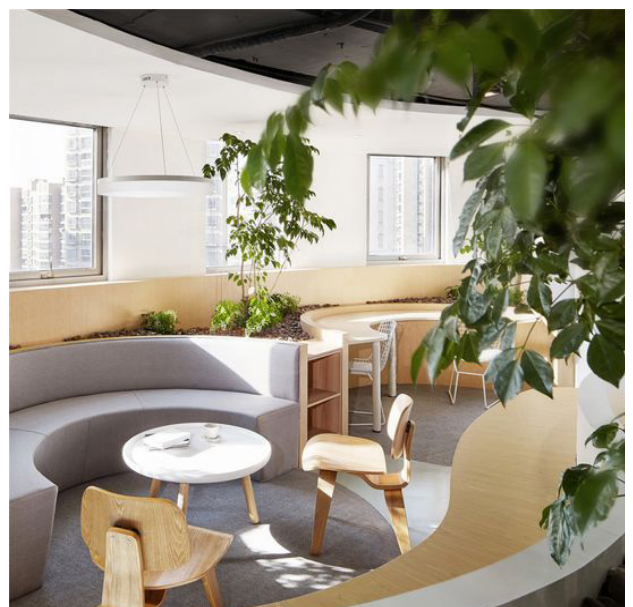
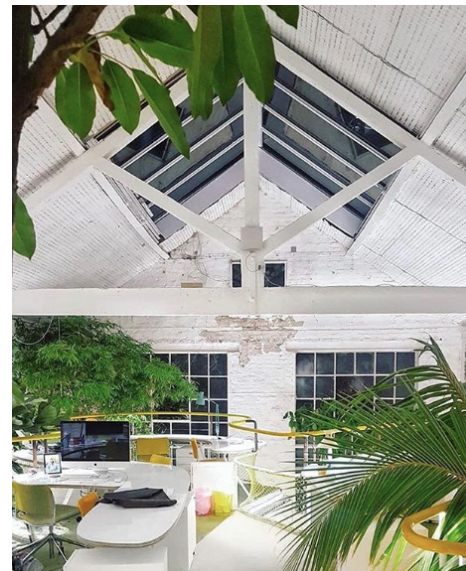
03



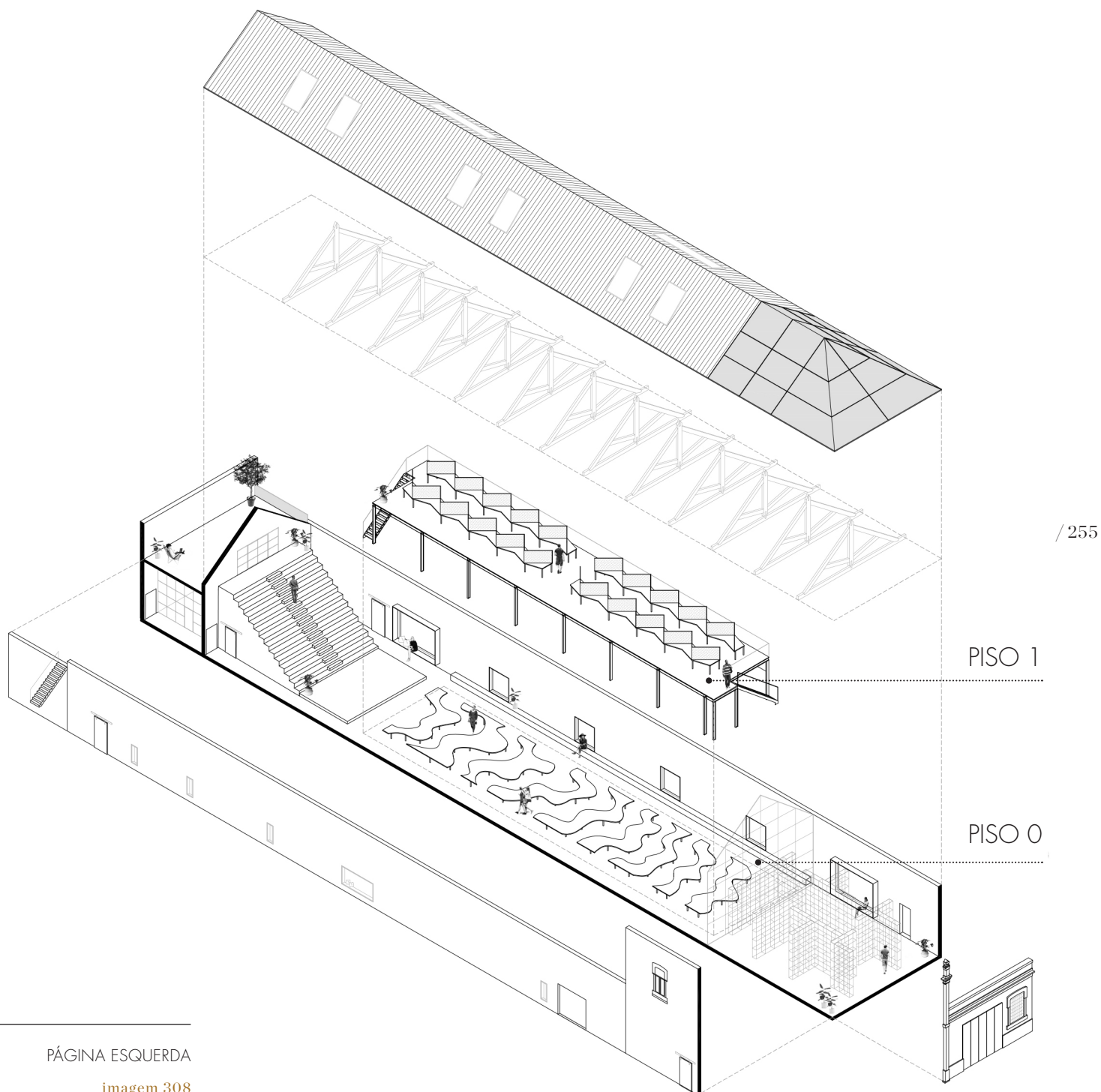
CONCEITO



ORGÂNICO
PERMEABILIDADE
CONTRASTE
PARTILHA
ESCALA







PÁGINA ESQUERDA

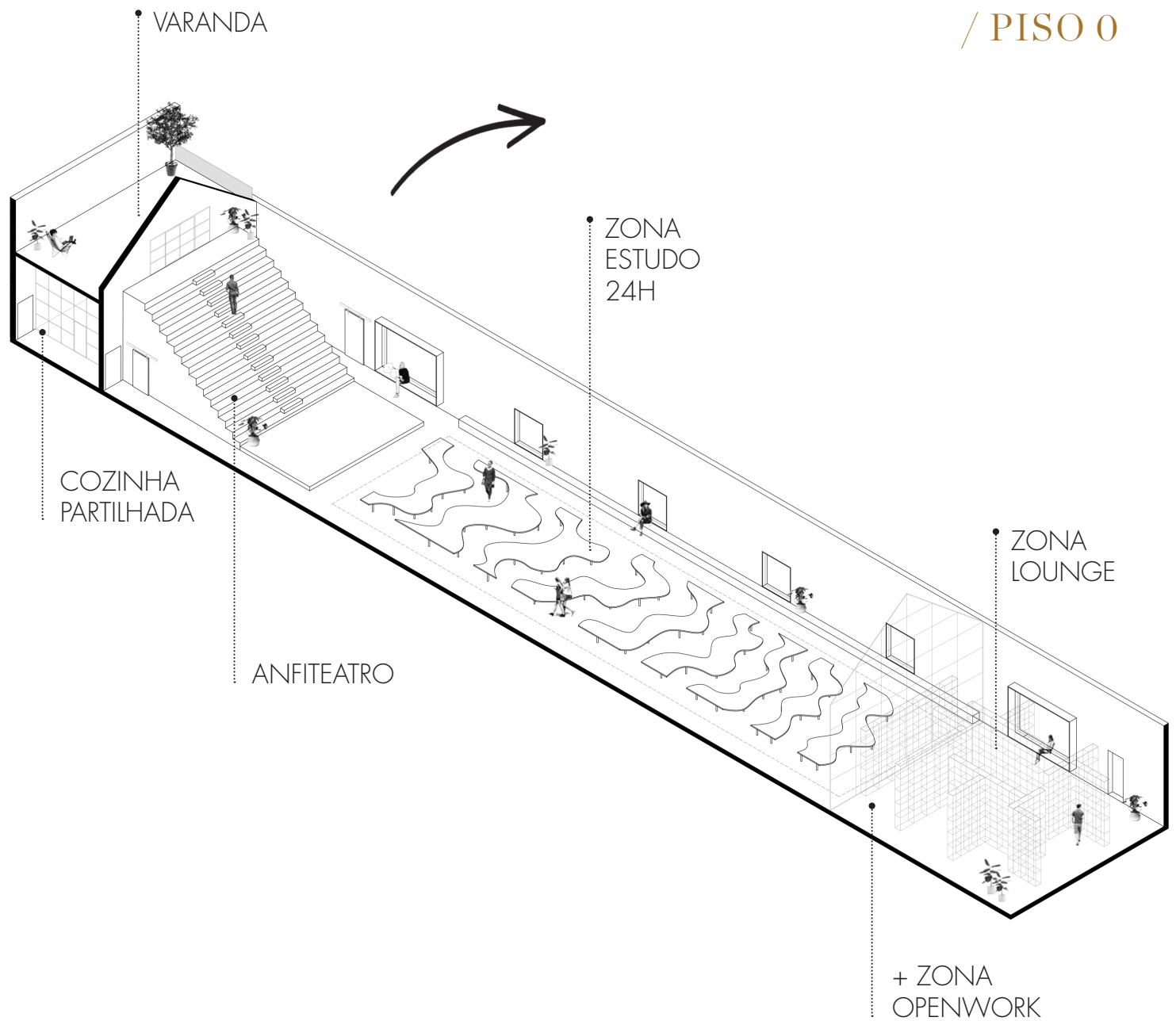
imagem 308

moodboard de materiais
armazém 03

PÁGINA ACTUAL

imagem 309

axonometria explodida
por pisos: armazém 03



PÁGINA ESQUERDA

imagem 310

axonometria piso 0:
armazém 03

PÁGINA ACTUAL

imagem 311

pormenor axonométrico
ilustrado: zona anfiteatro



A zona do anfiteatro permite uma adaptação a diversas funções: concertos, conferências, apresentações, etc., sendo também utilizada como zona lounge quando o palco não está em utilização.



258 /

A zona de estudo distingue-se por conjugar cores e formas provenientes do mix de cadeiras de várias cadeiras que vão invadindo o espaço. As mesas com formas sinuosas com tampo de terrazzo colorido contrastam com o pavimento em microcimento que harmoniza o aparente caos instalado. O espaço destaca-se também pelas plantas e lâmpadas suspensas em toda a extensão da zona de estudo, que para além de dividirem os espaços individuais e concederem alguma privacidade, criam a sensação de conforto e tranquilidade, trazendo o exterior para o interior e um constante jogo de luzes.



/ ZONA DE ESTUDO 24H



Montagem ilustrativa com destaque do pavimento em microcimento como delimitador do espaço.



/ 259

Montagem ilustrativa com destaque para as mesas em terrazzo que pela forma orgânica criam dinamismo e mais espaços de estudo partilhados.



PÁGINA ESQUERDA

imagem 312

moodboard de materiais e equipamentos: zona estudo 24h

imagem 313

pormenor em corte ilustrado: zona estudo 24h

PÁGINA ACTUAL

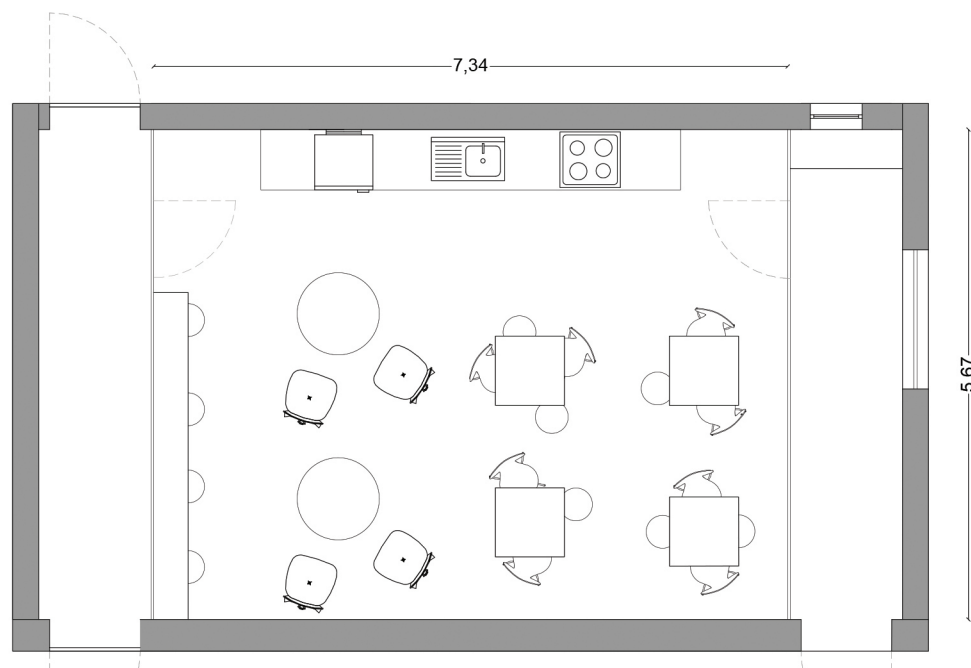
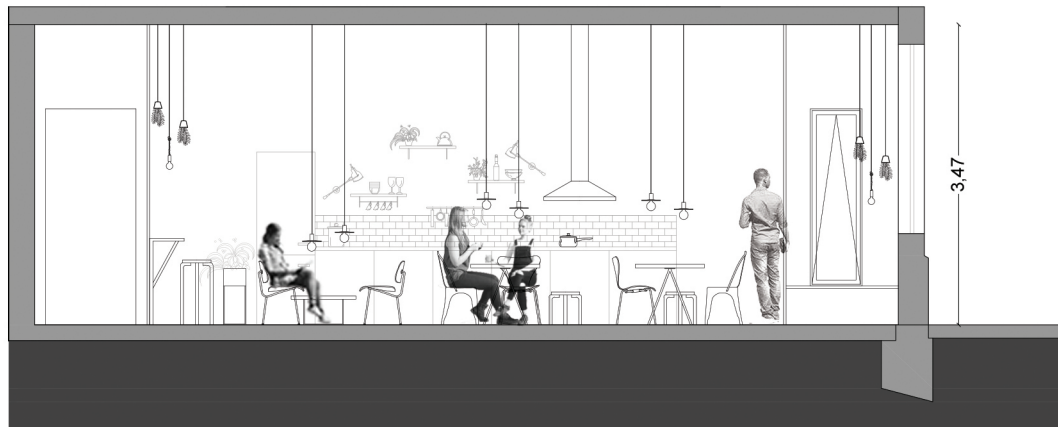
imagem 314

pormenores axonométricos ilustrados: zona estudo 24h

A cozinha/zona de refeições comum foi projectada com o intuito de possibilitar que os utilizadores tragam as suas refeições de casa, mas também proporcionar momentos de lazer e convívio nas pausas do trabalho/estudo, num espaço que facilmente se adapta para uma almoçarada ou uma festa de anos.

No extremo oposto, encontramos a zona lounge e de openwork. Este espaço caracteriza-se pelas subtis estantes, recheadas de plantas e flores, que vão dividindo o espaço sem criar barreiras visuais opacas, permitindo uma permeabilidade entre os diferentes espaços que incluem desde mesas de trabalho livre, mesas para grupos e pequenas ilhas lounge que se facilmente com um correr de cortina proporcionam privacidade total.

/ COZINHA COMUM



PÁGINA ESQUERDA

imagem 315

corte + planta pormenor:
cozinha comum

PÁGINA ACTUAL

imagem 316

pormenor axonométrico
ilustrado: zona openwork

imagem 317

pormenor axonométrico
ilustrado: ilha lounge

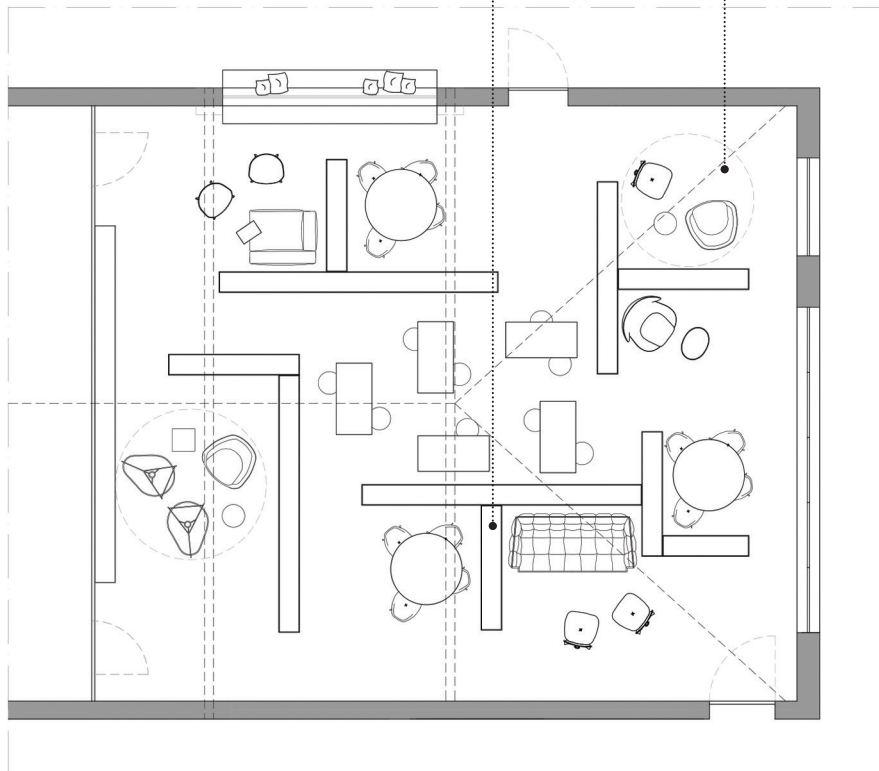
imagem 318

planta de pormenor: zona
de openwork + lounge

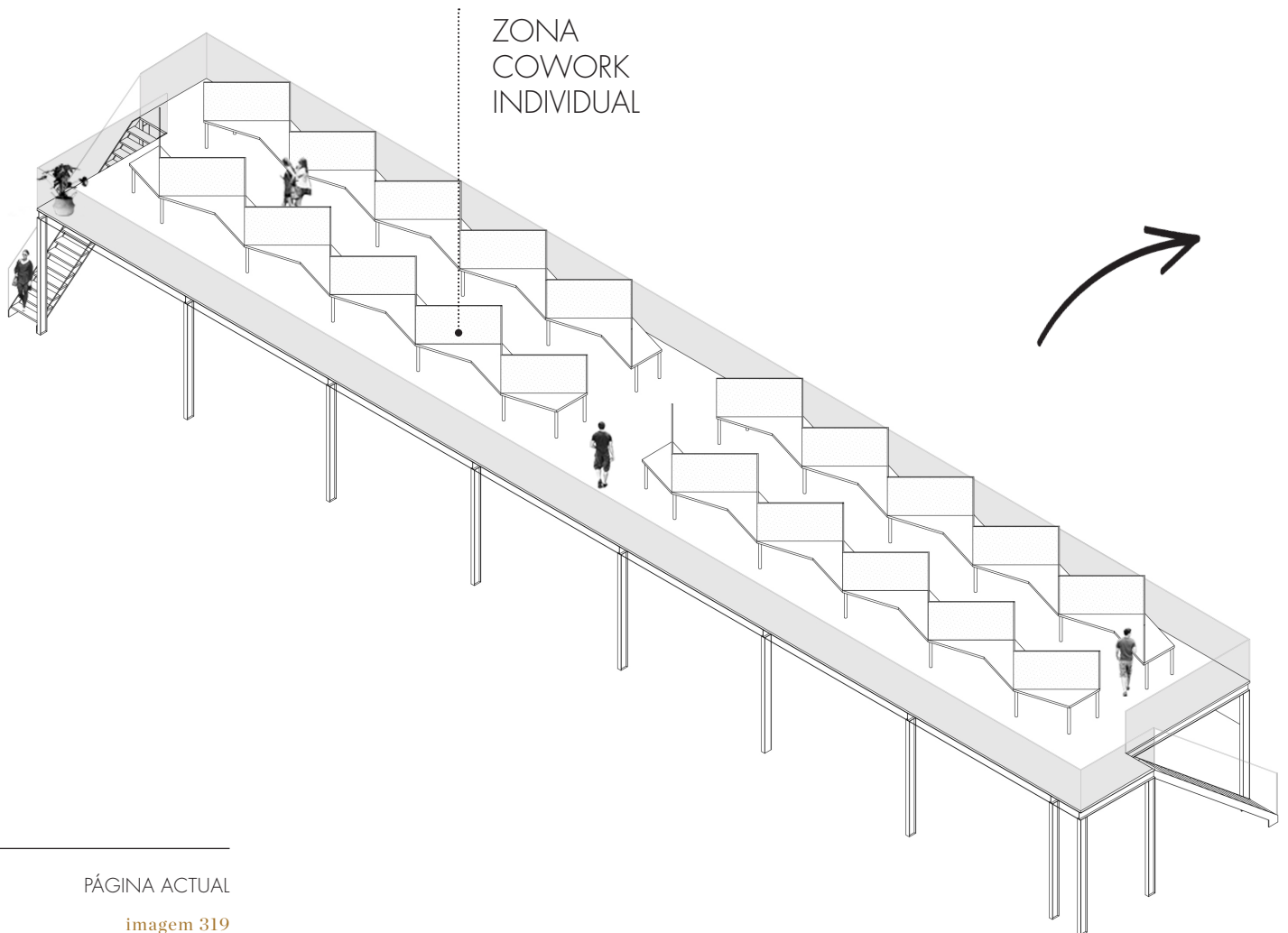
/ ZONA OPENWORK



/ ILHA LOUNGE



/ PISO 2



PÁGINA ACTUAL

imagem 319

axonometria piso 2:
armazém 03

PÁGINA DIREITA

imagem 320

pormenor axonométrico
ilustrado: cowork



/ 263

/ COWORK

A zona de cowork individual caracteriza-se pela capacidade de cada utilizador personalizar o seu espaço de trabalho.

A chapa perfurada permite não só pendurar e afixar objectos de forma rápida, como também cria uma barreira semitransparente o que possibilita privacidade sem criar isolamento total, potenciando o convívio sem por em causa o espaço pessoal.

ARMAZÉM

264 /

04

JARDIM EXTERIOR

ESPLANADA

ZONA LOUNGE

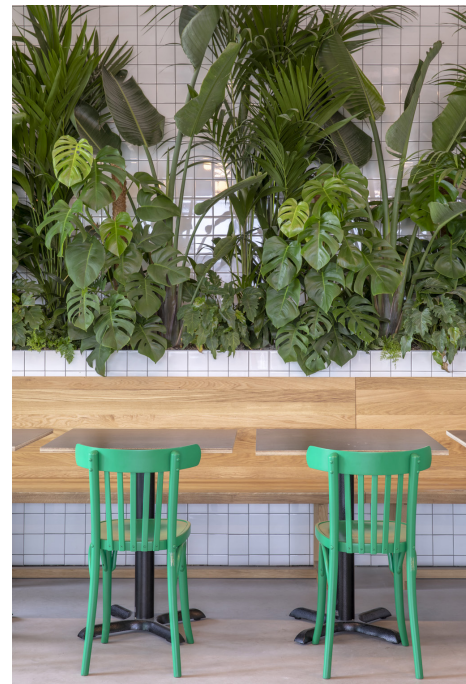
PARQUE DE BICICLETAS



CONCEITO



NATUREZA
ACESSO
EQUILÍBRIO
EXTENSÃO
LIBERDADE



PÁGINA ACTUAL

imagem 321

axonométrica explodida:
armazém 04

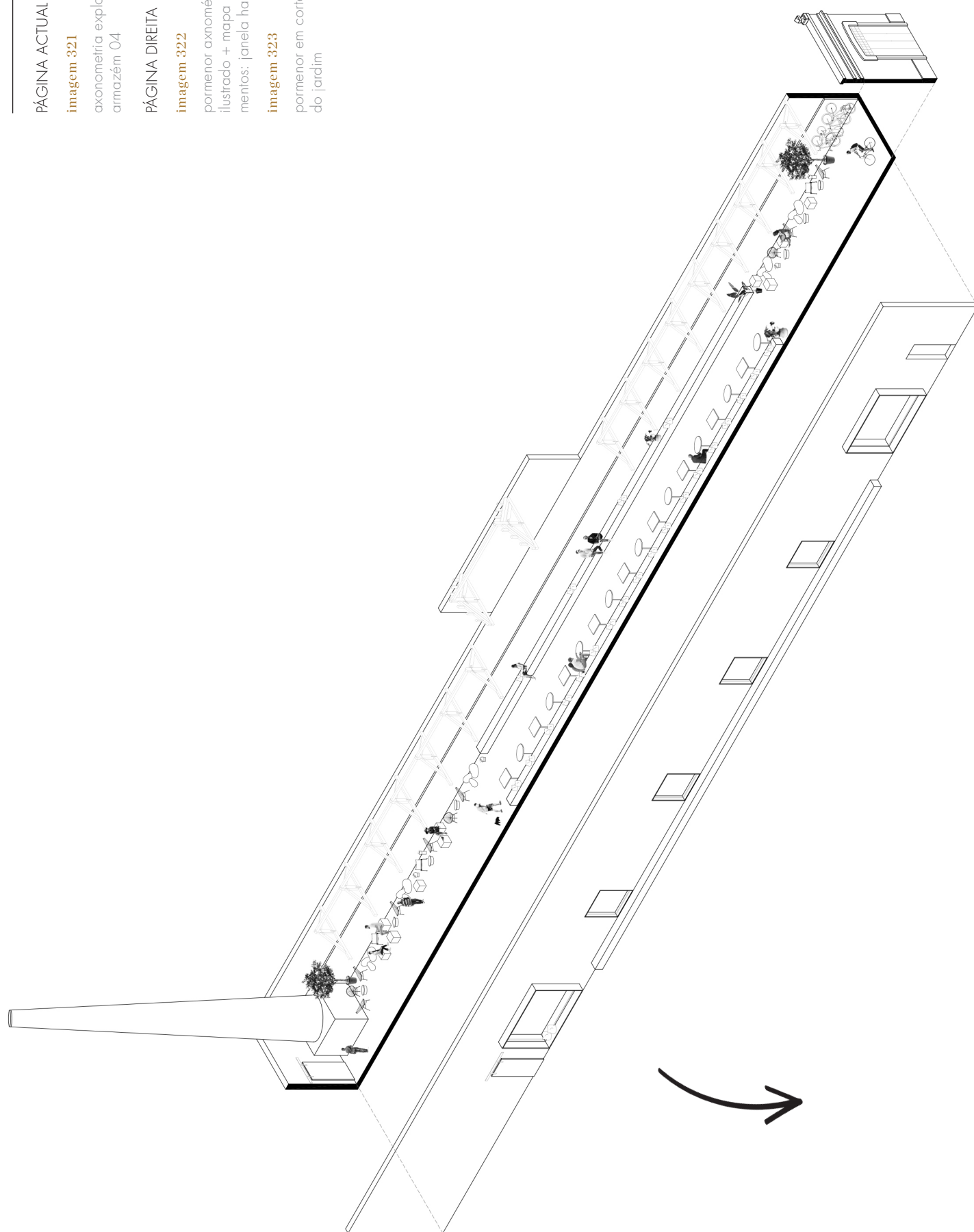
PÁGINA DIREITA

imagem 322

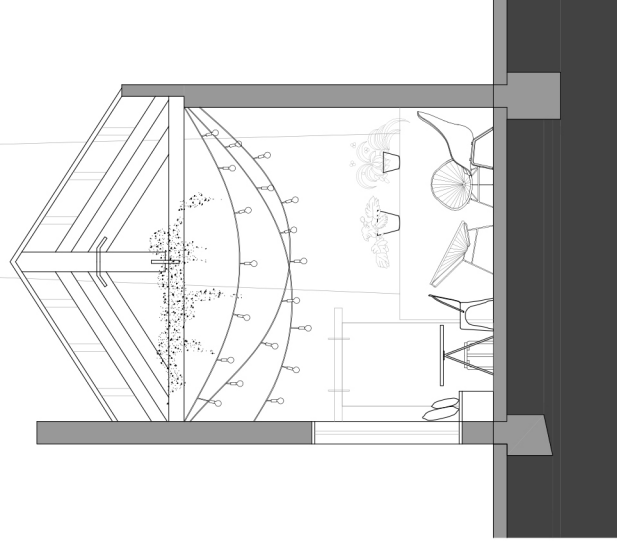
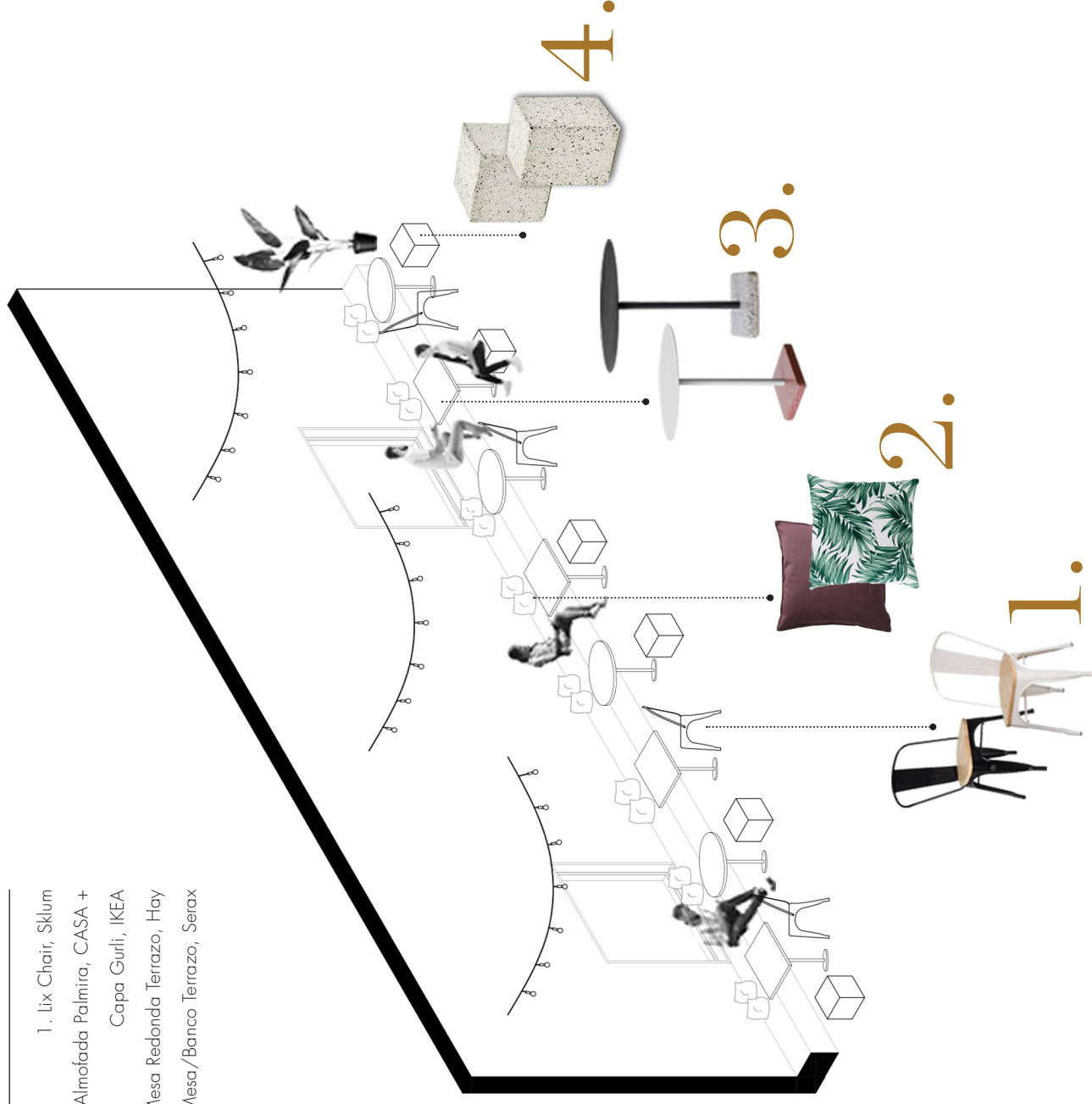
pormenor axonométrico
ilustrado + mapa equipa-
mentos: janela habitada

imagem 323

pormenor em corte: zona
do jardim



1. Lix Chair, Sklum
2. Almofada Palmira, CASA +
Capa Gurli, IKEA
3. Mesa Redonda Terrazo, Hay
4. Mesa/Banco Terrazo, Serax



PÁGINA DIREITA

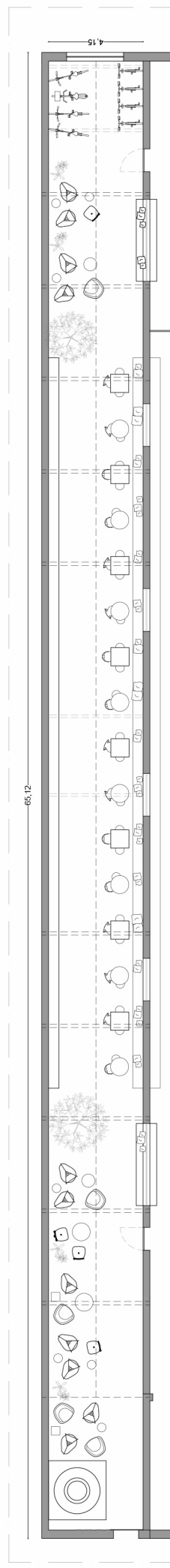
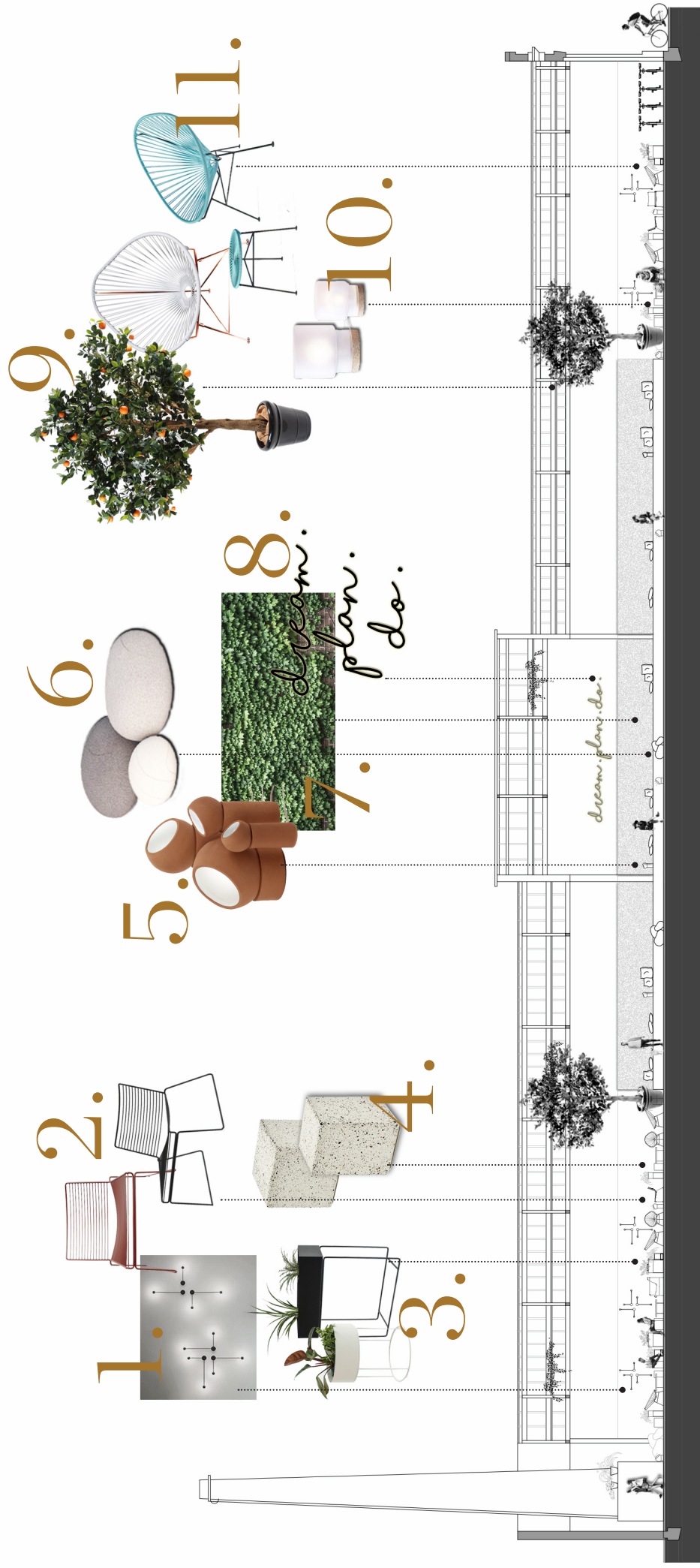
imagem 324

corte longitudinal 1
ilustrado + mapa de
equipamentos e materiais

imagem 325

pormenor em planta:
zona do jardim

-
- 1. Pin Wall, VIBIA
 - 2. Hee Lounge, Hay
 - 3. Plant Box, Ferm Living
 - 4. Mesa/Banco Terrazo, Serax
 - 5. Terra Light, Serax
 - 6. Living Stones, Smarín
 - 7. Parede ajardinada
 - 8. Dream. Plan. Do. Neón Lights
 - 9. Árvore Laranjeira
 - 10. Sinnerling, Ilse Crawford para IKEA
 - 11. Cadeira Aca pulco, Super Studio



ARMAZÉM

270 /

CAFÉ
RESTAURANTE
JARDIM DE INVERNO
VARANDA

05

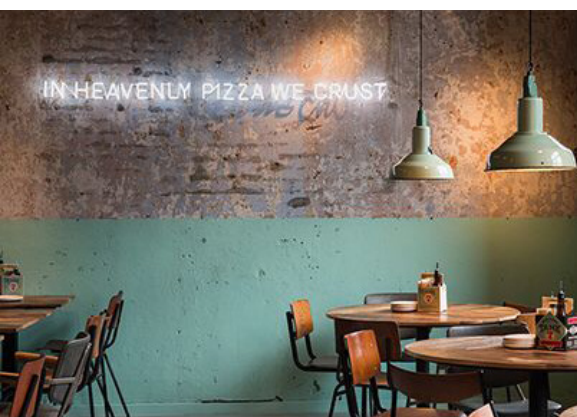


CONCEITO



ÓCIO
INTERVALO
INTERIOR / EXTERIOR
EXPERIÊNCIA
MOVIMENTO

/ 271



PÁGINA ACTUAL

imagem 326

axonometria explodida:
armazém 05

PÁGINA DIREITA

imagem 327

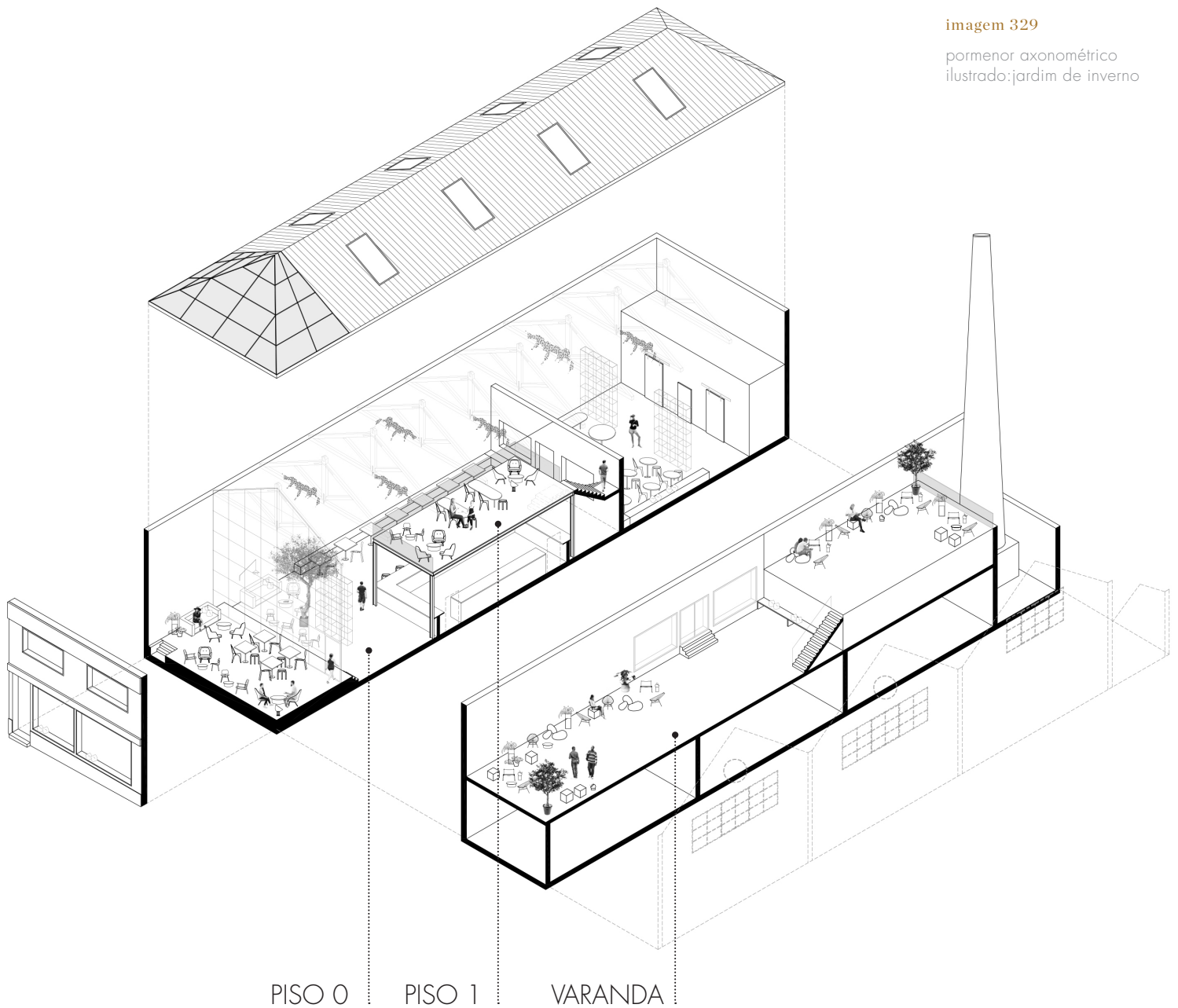
pormenor em corte: zona
de refeições

imagem 328

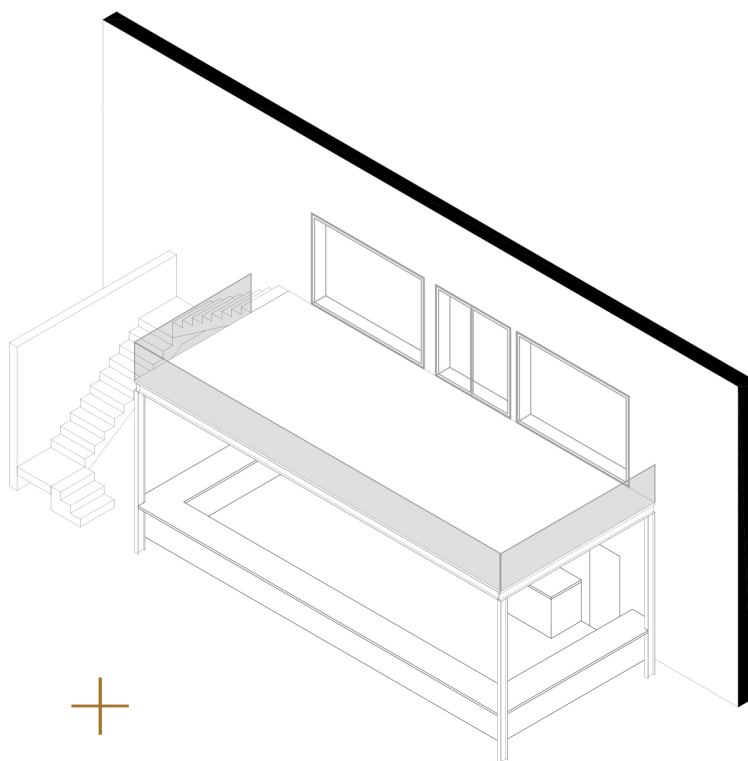
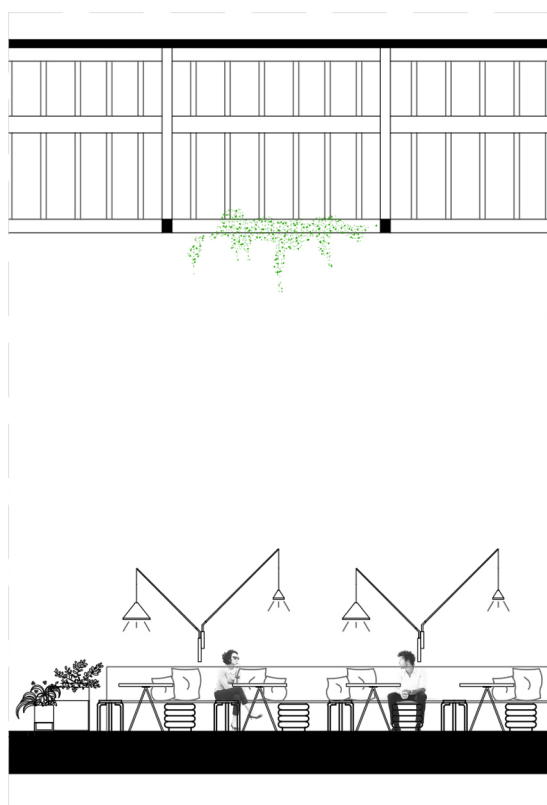
pormenor axonométrico:
mesanine + balcão

imagem 329

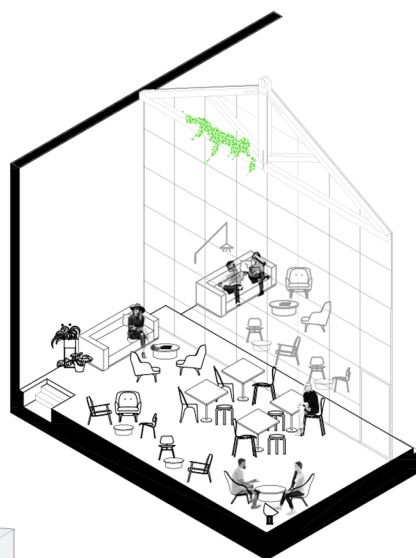
pormenor axonométrico
ilustrado: jardim de inverno



/ ZONA DE
REFEIÇÕES

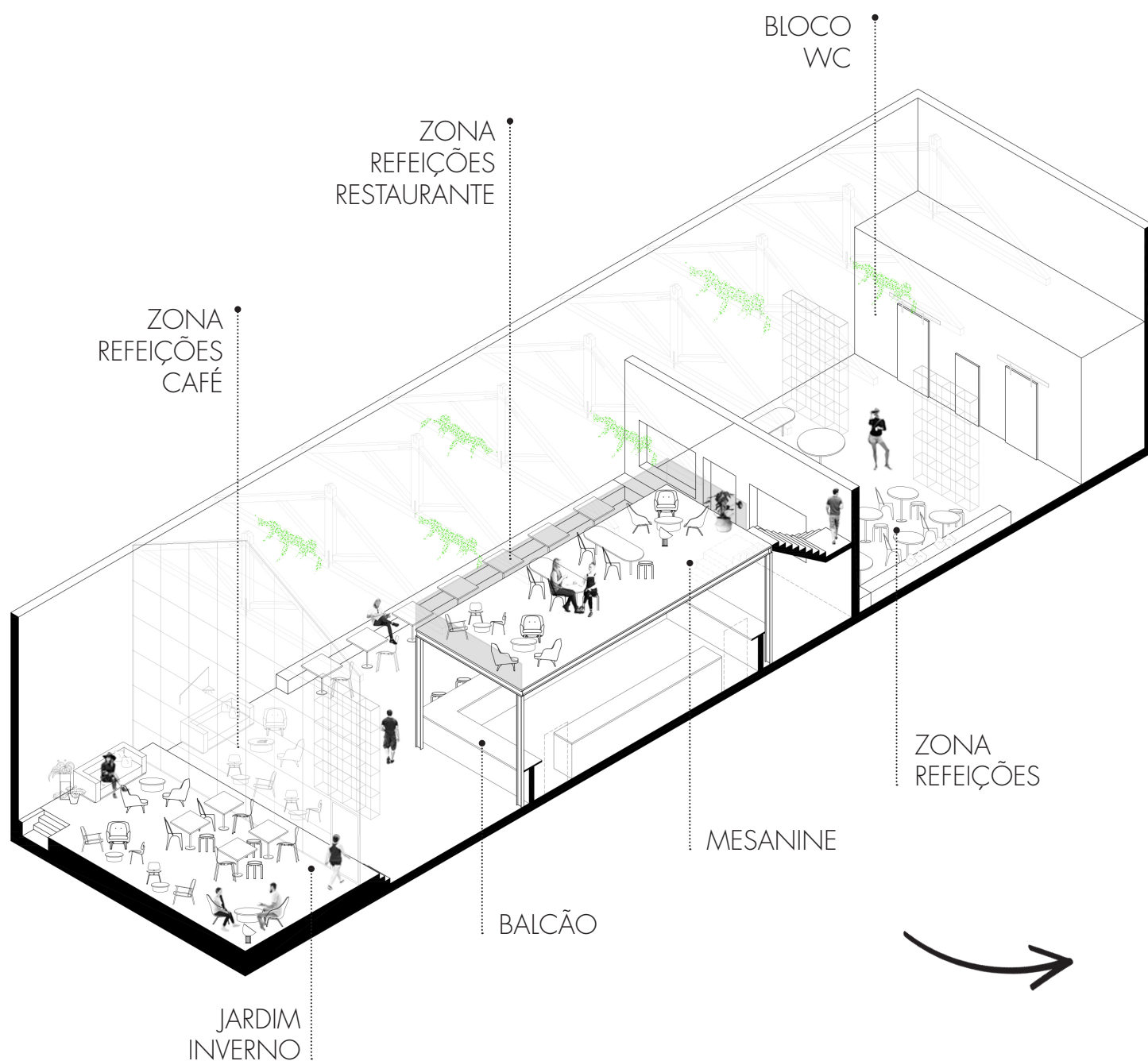


/ MESANINE
+ BALCÃO



/ LOUNGE +
JARDIM DE
INVERNO

/ PISO 0 + PISO 1



PÁGINA ACTUAL

imagem 330

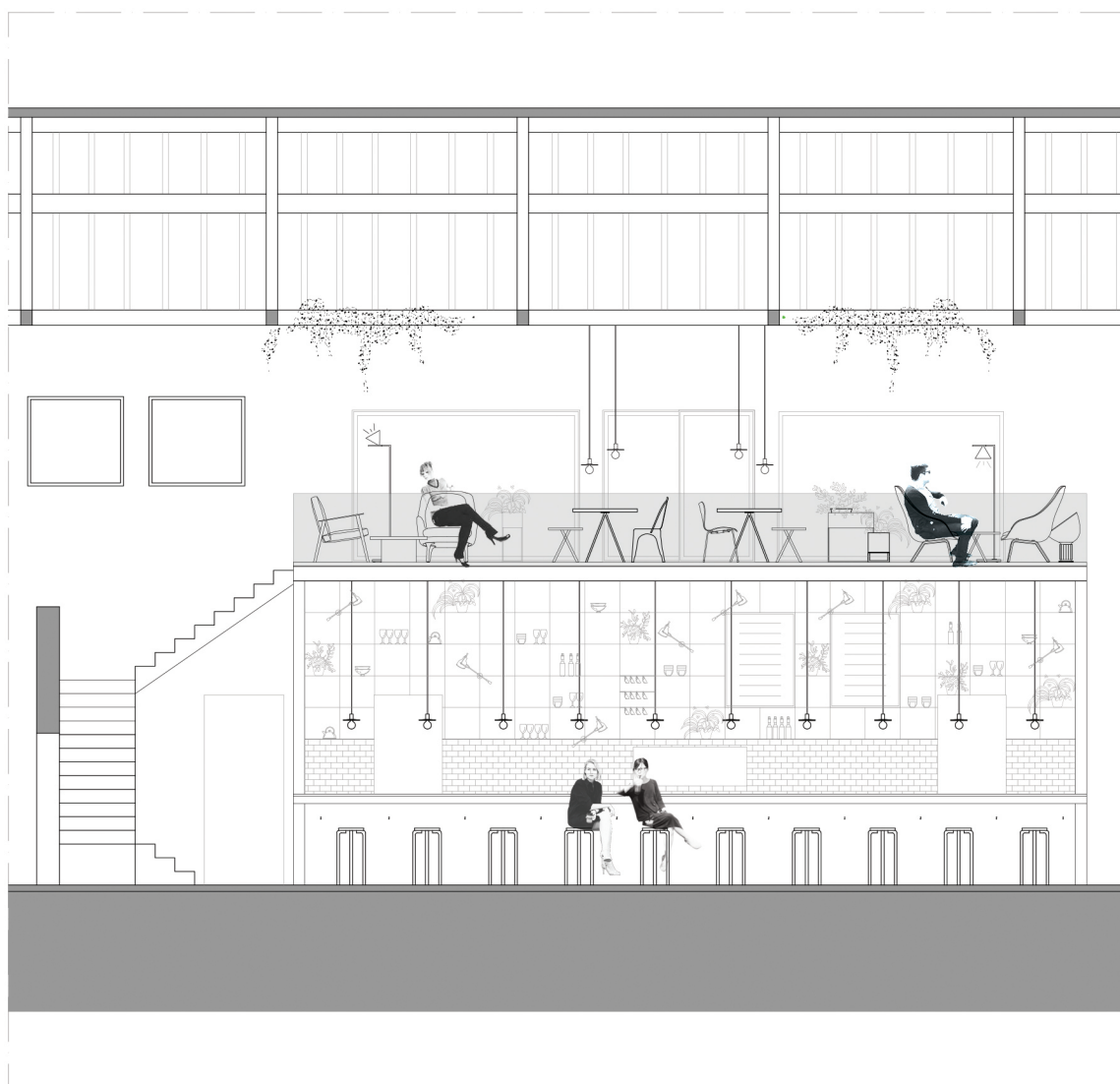
axonometria piso 0+1:
restaurante + café

PÁGINA DIREITA

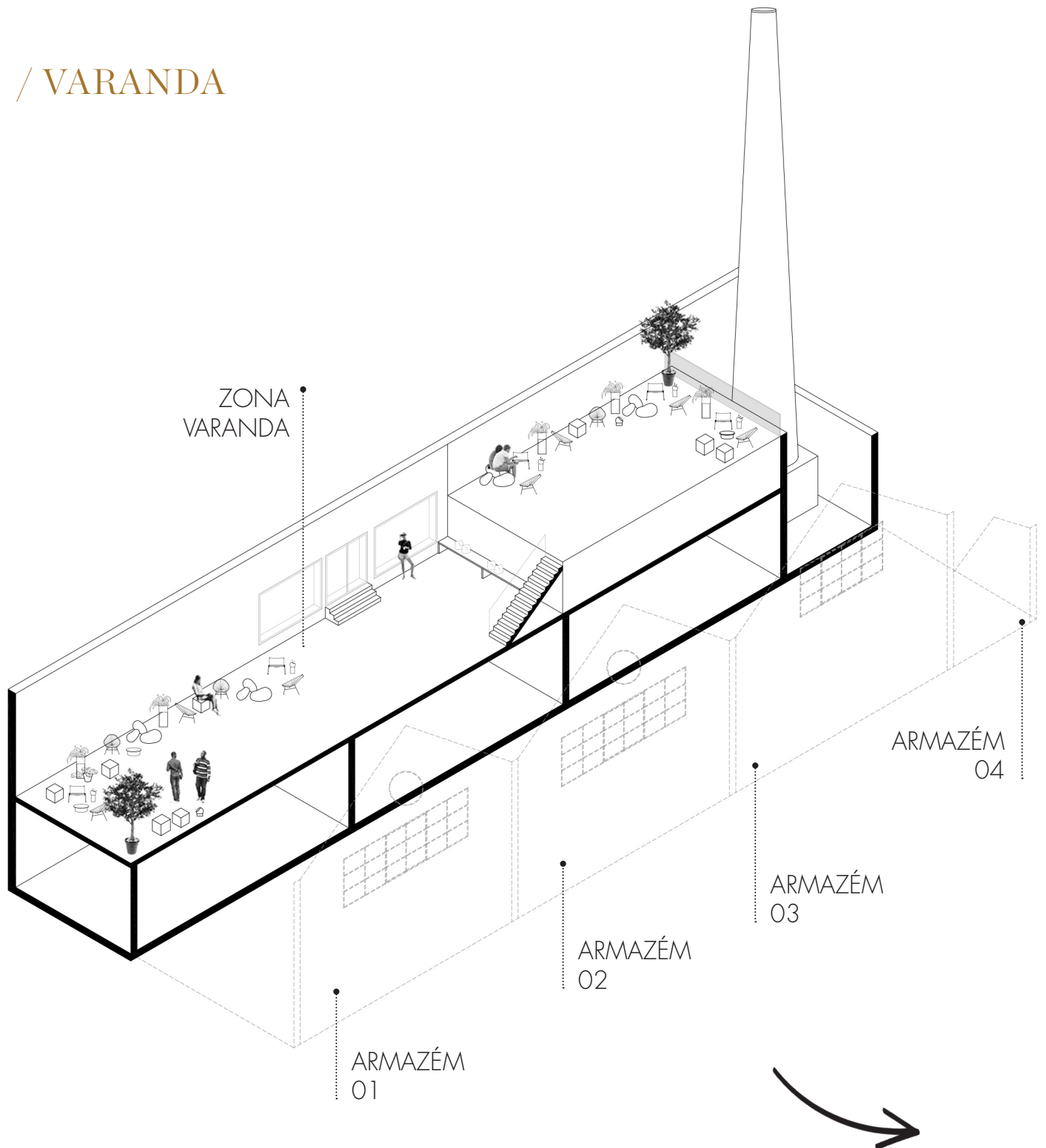
imagem 331

porcenor em corte +
mapa de equipamentos:
zona balcão + mesanine

/ MESANINE + BALCÃO



/ VARANDA



PÁGINA ESQUERDA

imagem 332

axonometria ilustrada:
varanda

PÁGINA ACTUAL

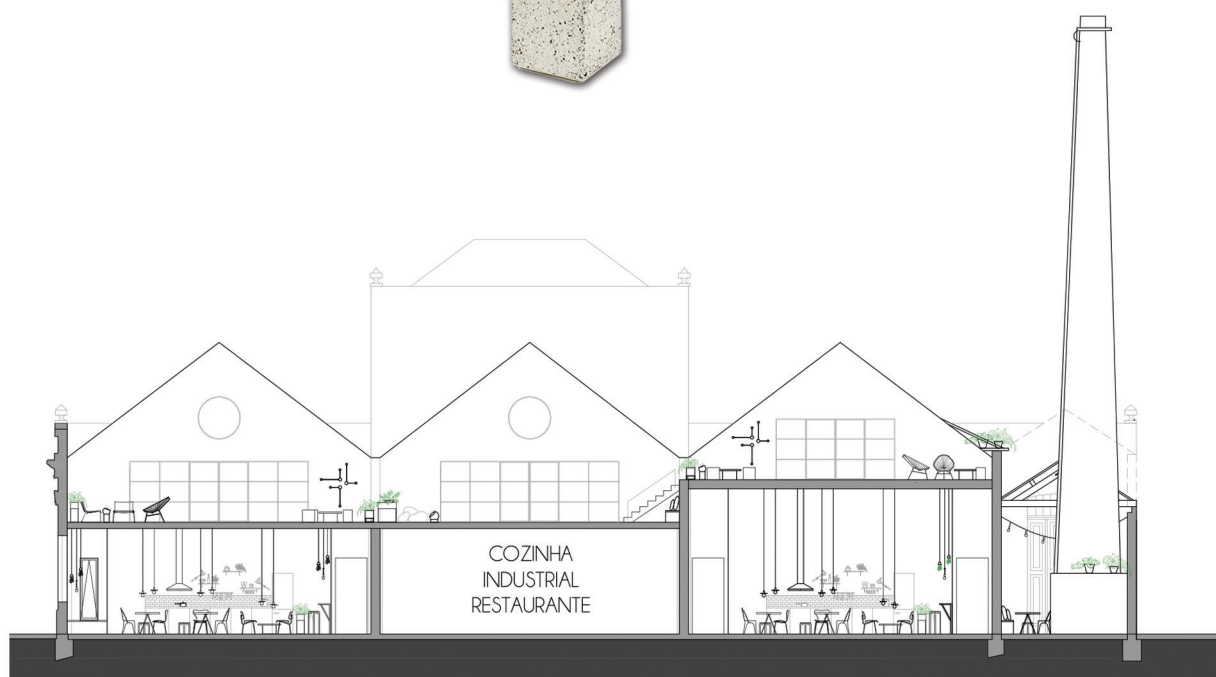
imagem 333

moodboard de materiais e
equipamentos: varanda +
corte longitudinal 3

A zona da varanda pretende não só proporcionar espaços ao ar livre como também fazer a ligação entre todos os armazéns permitindo um percurso e articulação entre os diferentes espaços, entre interior e exterior e também entre público e privado.



/ 277



CT.3

conclusão

Chegamos por fim ao término deste percurso que foi, sem dúvida alguma, um desafio que nos permitiu evoluir e aprofundar temas e problemáticas pertinentes para o habitar contemporâneo.

Concluimos este projecto de coração cheio e com a certeza de que o que nos move e inspira são sem dúvida as pessoas e uma curiosidade constante, que nos leva a questionar, a procurar, a manter a mente aberta e a nunca deixar de sonhar e arriscar. Arriscamos dizer também que, fomos bem sucedidos na resposta da problema original que sucedeu a todo este percurso alucinante, que resultou na reabilitação de um espaço que à muito tempo se encontrava ao abandono, concretizando não só a reutilização de toda a área útil, como injectando uma nova vida, uma oferta variada de serviços e funções, uma sinergia entre pessoas e conhecimento, um novo sentido de comunidade partilhada dentro da cidade, potenciando num só edifício o crescimento nos mais variados níveis: social, económico, pessoal, profissional, cultural, político e ambiental.

Sublinhamos ainda, a importância de, na correria frenética do quotidiano, saber abrandar e valorizar as pequenas coisas e principalmente voltar a conectar com o que realmente importa, procurando o equilíbrio entre a mente, o corpo, a natureza e todos os que nos rodeiam.

Compreendemos também que a riqueza do habitar é proporcionada por meio da articulação dos espaços e da atenção aos pormenores que nos oferecem oportunidades infinitas de conjugação dos elementos arquitectónicos, por meio da luz, dos materiais, da escala, das texturas, das cores, da transparência/opacidade e das diferenças de nível, que permanecem numa relação recíproca que estimula o uso e a apropriação do espaço e das formas pelo Homem.

Não poderíamos deixar de referir uma breve reflexão sobre a profissão de Design/Arquitectura de Interiores e o contributo que esta exerce sobre o Habitar de todos os espaços.

“A Arquitectura de Interiores é o resultado das necessidades do Homem, interpretando a transição do conceito para a realidade construída. Pessoas e Espaço. Estes dois componentes para a construção da Arquitectura de Interiores, pessoas e espaço, quer como abstracção, quer como realidade tangível dentro da qual o bem-estar se concretiza, não como interpretações genéricas da escala e do corpo, mas lugares reais onde a vida humana se desenrola. Sendo o sentido de abrigo uma necessidade primordial do Homem, a Arquitectura de Interiores, porque é Arquitectura, é mais do que uma mera operação de maquilhagem de um espaço pré-definido.

Trata de construir espaço habitado, de construir lugares tangíveis e evocativos, transformando a realidade pré-existente através de operações de transformação (renovação, requalificação, ampliação, reutilização, adaptação), e incorporando qualidades poéticas e sensoriais, em suma, lidando com a metáfora e o literal.”¹

¹ Loução, M. D. (2016) Habitar o desabitado - um contributo para a arquitectura de interiores. Lisboa, Caleidoscópio, pg. 11
Este livro é escrito pela professora e arquitecta Maria Dulce Loução, no qual que segundo Jorge Cruz Pinto, “a sua reflexão transporta-nos por elementos, princípios e materiais definidores de atmosferas, numa viagem por sucessivas escalas de vivências do habitar, conferindo um sentido amplificado e diverso ao ensino e à prática da Arquitectura de Interiores.”

“A Arquitectura sempre se expressou em múltiplas facetas. A insistente demanda para a definir levou muitas vezes a uma delimitação redutora do seu universo, tanto no campo artístico como disciplinar.” (Dias Coelho, 2016)

Seguindo esta linha de pensamento, importa reflectirmos na forma como perdemos demasiado tempo e energia a criar rótulos, que poderia ser direccionada a trabalharmos em conjunto para proporcionar um projecto interdisciplinar mais rico e equilibrado, que consequentemente nos levaria a resultados e clientes mais satisfeitos e a um habitar mais completo, cativante e surpreendente.

Sendo o objectivo principal da Arquitectura de Interiores criar soluções e opções para espaços que já não cumprem a sua função original, e dar uma nova vida e novas dinâmicas, por meio da atribuição de uma identidade, de um ambiente e de um sentimento que pela utilização e adequação às necessidades e desejos do cliente se tornam realidade, criando como resultado final um espaço novamente habitável.

“Importa reflectir sobre os novos critérios que determinam o Habitar, bem como o significado de “inovação” nos espaços contemporâneos, onde questões como mobilidade, sustentabilidade, áreas mínimas, se cruzam com os temas da deficiência, da terceira idade, dos novos modelos de famílias, das minorias e imigração, exigindo uma reflexão sobre as relações entre o habitar convencional e os novos estilos de vida. (...) O que define os Interiores é a existência de uma pré-existência construída, que importa reavaliar e viabilizar, quanto a recursos, num mundo cada vez mais mutável.” (idem)

Aqui são depositados os sonhos e a imaginação de vidas que ainda não existem, que por meio da nossa profissão ganham forma e são apropriadas por pessoas que usufruem delas, cada uma com a sua intenção, com a sua percepção e interpretação poética e literal de cada espaço. Haverá algo mais satisfatório do que isso? A liberdade e capacidade de melhorar o Habitar Humano. De transformar algo inútil em infinitas possibilidades e soluções. De criar sensações, relações e histórias. O homem é definido pelo seu Habitar, em casa, no trabalho, no transporte, no café, na rua, na loja, no hospital, no parque, no interior, no exterior, no público, no privado. Desde a cidade até à cadeira onde se senta. Tudo é habitado, tudo é experimentado, tudo é vivido e partilhado. O estar num interior categoriza o homem, não só como observador, mas também como protagonista do espaço.

282 /

“A Architectura de Interiores, trata da transformação do edifício, um objecto distante, para uma aproximação ao indivíduo, através da experiência vivida dos espaços e das matérias banhadas pela luz, enquanto o indivíduo percorre o espaço “im-meuble” habitado por objectos “meubles” que o humanizam e lhe conferem contexto, orientação e um programa, que mesmo temporário, lhe confere um desígnio, um design. A Architectura de Interiores é, nesse sentido, e pela sua própria natureza, uma “Arquitectura habitada” que trata da vida do Homem no seu quotidiano. (...) a Architectura é a corporização da sociedade, desde a vida de todos os dias até ao momento excepcional, um prolongamento artificial da Natureza, redefinindo qualidades de matéria, espaço e escalas, à medida do Homem, fortalecendo o sentido de estar no mundo, através da experiência sensorial, que, através da memória do que se viveu, funde a experiência do homem com o objecto arquitectónico, criando, por essa via, arquitectura.” (idem)

Que todas estas reflexões nos possam ajudar a criar vivências melhores, profissionais capazes, equipas multidisciplinares, e principalmente um Habitar com qualidade e mais cheio de tudo, conscientes do valor do passado, percursor de histórias, tradições e cicatrizes potenciadoras de um presente mais rico com possibilidades infinitas para um futuro excitante. Ter consciência também do nosso papel no que toca ao desperdício e à escassez dos recursos e à extrema responsabilidade e urgência em proteger o ambiente e a qualidade de vida não só presente como das gerações seguintes.

Para finalizar, deixamos como objectivo principal, a curiosidade e a descoberta constantes, impulsionadas pela atitude positiva de uma evolução e entusiasmo infinitos.

“Inspiration exists, but it has to find you working.” Pablo Picasso

bibliografia

- > Munari, B. (1981) *Das coisas nascem coisas*. Arte e Comunicação: Edições 70
- > Koolhaas, R. & Mau, B. (1994). *Small, Medium, Large, Extra-Large*. Nova Iorque: The Monacelli Press.
- > Pallasmaa, J. (2017). *Habitar*. Barcelona: Gustavo Gili.
- > Ábalos, I. (2001). *A boa vida: visita guiada às casas da modernidade*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- > Jornal de Notícias (2017) *Casa da Arquitetura em Matosinhos com entrada gratuita*. Retirado a 17 de Janeiro de 2018 de <https://www.jn.pt/artes/interior/casa-da-arquitetura-em-matosinhos-com-entrada-gratuita-ate-dia-30-de-dezembro-8921203.html>
- > Câmara de Matosinhos (2015). *ARU Matosinhos Sul*. Retirado a 15 de Julho de 2017 de http://www.cm-matosinhos.pt/uploads/writer_file/document/16706/Delimita__o_ARU_MTSUL_final.pdf
- > Milano, M. (2009). *Território social e ética do projecto*. In Milano, M. (coord.). Paolo Deganello: as razões do meu projecto radical (pp. 14-36). ESAD: Matosinhos.
- > Strauss, C. & Fuad-Luke, A. (2008). *The Slow Design Principles: A new interrogative and reflexive tool for design research and practice*. Retirado em 11 Dezembro de 2017 de https://static1.squarespace.com/static/52dfe66be4b0cad36168429a/t/53499733e4b09ac51176571d/1397331763401/CtC_SlowDesignPrinciples.pdf
- > New York Times (2008) *The Slow Life Picks Up Speed*. Retirado a 30 de Março de 2018 de <https://www.nytimes.com/2008/01/31/garden/31slow.html>
- > Wikipédia (2018) *Slow Design*. Retirado a 30 de Março de 2018 de https://en.wikipedia.org/wiki/Slow_design
- > Loução, M. D. (2016) *Habitar o desabitado - um contributo para a arquitectura de interiores*. Lisboa, Caleidoscópio

> Dwell (2016) *Slow Architecture*. Retirado a 11 de Dezembro de 2017 de <https://www.dwell.com/article/slow-architecture-1c82a421>

> Review (2013) *Slow Living*. Retirado a 08 de Abril de 2018 de <https://reviewslowliving.com.br/slow-living/>

> Observador (2016) “Movimento Slow”: quando a ordem é abrandar”. Retirado a 11 de Dezembro de 2017 de <https://observador.pt/2016/05/19/movimento-slow-quando-a-ordem-e-abrandar/>

> Associação Slow Movement (2014) *Slow cities / Cittaslow*. Retirado a 09 de Abril de 2018 de <https://www.slowmovementportugal.com/movimentos-slow/slow-cities-cittaslow/>

> Associação Slow Movement (2014) *SLOW, um novo conceito de Turismo*. Retirado a 09 de Abril de 2018 de <https://www.slowmovementportugal.com/movimentos-slow/slow-tourism-travel/>

> Slow Movement (2017) *What is slow travel*. Retirado a 12 de Dezembro de 2017 de http://www.slowmovement.com/slow_travel.php

> Slow Movement (2017) *Slow cities and the slow movement*. Retirado a 12 de Dezembro de 2017 de http://www.slowmovement.com/slow_cities.php

> Slow Movement (2017) *Slow money*. Retirado a 12 de Dezembro de 2017 de http://www.slowmovement.com/slow_money.php

> Archdaily (2013) *O auge das cidades lentas*. Retirado a 17 Janeiro de 2018 de <https://www.archdaily.com.br/br/01-134156/o-auge-das-cidades-lentas>

> Taínha, M. (2009) *Textos de Arquitectura*. Portugal. Editora: Caleidoscópio.

> Archdaily (2017) *Urban Forestry: A Call for Action by Stefano Boeri Architetti*. Retirado a 20 de Janeiro de 2018 de https://www.archdaily.com/886133/urban-forestryacallforactionbystefano-boeri-architetti/?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user

> Honoré, C. (2004) *In Praise of Slowness: Challenging the Cult of Speed*. USA:Paperback.

> Wiking, M. (2017). *O livro do Hygge: O segredo dinamarquês para ser feliz*. Lisboa: Zero a Oito.

> Zumthor, P. (2006) *Atmosferas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

> Hertzberger, H. (1999). *Lições de Arquitectura*. São Paulo, Editora Martins Fontes.

> Shaftoe, H. (2008). *Convival Urban Spaces*. Londres, Earthscan.

/ 289

> Cardoso, A. (2010). *Mutações e Permanências*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior Artes e Design Matosinhos.

> Furtado, G (2010). *Transitoriedade, Flexibilidade e Mobilidade: A necessidade de ponderar a condição contemporânea e um resvalar para a política*. In Arqa nº 77, Lisboa: Soc. Editora.

> Archdaily (2013). *O espaço público, esse protagonista da cidade*. Retirado a 22 de Fevereiro de 2017 de <https://www.archdaily.com.br/01-162164/o-espaco-publico-esse-protagonista-da-cidade>

> Brandão, H. & Moreira, A. (2008) *A varanda como espaço privado e espaço público no ambiente da casa*. In Vitruvius: Arquitectos 102.04. Retirado a 22 de Fevereiro de 2017 de <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/09.102/95>

> Heidegger, M. (1954). *Construir, habitar, pensar*. Alemanha: Günther Neske.

> Wikipédia (2018) *Espaço público*. Retirado a 31 de Agosto de 2018 de https://pt.wikipedia.org/wiki/Espaço_público

> Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2013). *Público*. Retirado a 03 de Setembro de 2018

> Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2013). *Privado*. Retirado a 03 de Setembro de 2018

> Correia, V. (2015) *A Dicotomia Público-Privado*. Retirado a 03 de Setembro de 2018 de <https://revistas.pucsp.br/index.php/PoliEtica/article/download/19492/18105>

> Silva Graça, M. (2007) *Espaços públicos e uso colectivo de espaços privados*. Tese de Doutoramento em Arquitectura na Universidad de Valladolid.

> Veiga, A. (2005) *Espaço público, espaço privado*. Retirado de https://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/detalhe/espaco_publico_espaco_privado a 10 de Setembro de 2018.

> Bachelard, G. (1957) *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008

> Can the Can (2012) *Sociedade de Conservas Joana d'Arc*. Retirado a 13 de Setembro de 2018 de <http://canthecan.net/company/soc-de-conservas-joana-darc-lda/>

> Público (2012) *A cidade genérica*. Jorge Figueira. Retirado a 15 de Outubro de 2018 de <https://www.publico.pt/2012/04/15/jornal/a-cidade-generica-24332122>

> Dezeen (2018) *MINI Living and Studiomama create customisable capsule homes for Milan installation*. Retirado a 21 de Setembro de 2018 de <https://www.dezeen.com/2018/04/20/mini-living-installation-studiomama-milan-design-week-2018/>

> Dezeen (2017) *Penda proposes "radical future-living concept" with recyclable modular dwellings*. Retirado a 21 de Setembro de 2018 de <https://www.dezeen.com/2017/11/09/penda-urban-nest-radical-future-living-concept-recyclable-modular-dwellings-mini-living/>

> Archdaily (2018) *Together Hostel / Cao Pu Studio*. Retirado a 21 de Setembro de 2018 de <https://www.archdaily.com.br/br/888421/together-hostel-cao-pu-studio>

> Archdaily (2012) *Red Bull Music Academy / Langarita Navarro Arquitectos*. Retirado a 21 de Setembro de 2018 de https://www.archdaily.com.br/br/01-36851/red-bull-music-academy-langarita-navarro-arquitectos?ad_medium=gallery

/ 291

> Archdaily (2015) *Escritório Second Home Londres / Selgas Cano*. Retirado a 21 de Setembro de 2018 de <https://www.archdaily.com.br/br/770151/escritorio-second-home-londres-selgascano>

> Dezeen (2017) *Selgas Cano completes plant-filled co-working space inside Lisbon market hall for Second Home*. Retirado a 21 de Setembro de 2018 de <https://www.dezeen.com/2017/02/14/second-home-lisboa-market-hall-co-working-plants-office-selgascano-portugal/>

> Salgueiro, J. (2011). *Cohousing coworking - vícios e virtudes dos espaços de vida e trabalhos em comunidade*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

> Oliveira, A. (2015) *A casa compreensiva*. Portugal. Editora: Caleidoscópio.

> Rodrigues, S. (2013) *A casa dos Sentidos*. Portugal. Editora: Uzi-na Books.

> Archdaily (2017) *Coworking: espaços de trabalho compartilhados*. Retirado a 18 de Outubro de 2018 de <https://www.archdaily.com.br/br/882695/coworking-espacos-de-trabalho-compartilhados>

> Observador (2017) *Carlo Petrini: Os portugueses precisam de ter mais orgulho na sua identidade gastronómica*. Retirado a 19 de Outubro de 2018 de <https://observador.pt/2017/05/13/carlo-petrini-os-portugueses-precisam-de-ter-mais-orgulho-na-sua-identidade-gastronomica/>

> Godinho, T. (2015) *Habitar vs. Trabalhar: A reabilitação de espaços industriais como uma nova tendência*. Tese de projecto. IADE – Instituto de Arte, Design e Empresa

> Joppien, A. e Hegger, M. (2014) *CUBITY – Energy-plus and Modular Future Student Living*. Alemanha. Editora: JOVIS.

> Wikipédia (2018) *Precautionary principle*. Retirado a 06 de Março de 2018 de https://en.wikipedia.org/wiki/Precautionary_principle

> Delgado, M. (2008) *A Requalificação Arquitectónica na Reabilitação de Edifícios*. Dissertação em Reabilitação do Património Edificado na Faculdade de Engenharia do Porto.

> Kinfolk, nº23 (2017) *Dieter Rams: little design as possible*. Retirado a 31 de Outubro de 2018 de <https://kinfolk.com/dieter-rams-little-design-possible/>

> Corbusier, L. (2003) *Conversas com estudantes das escolas de arquitectura*. Lisboa: Edições Cotovia

> Montaner, J. P., Muxí, Z. (2011) *Arquitectura e Política*. Barcelona: Gustavo Gilli

> Koolhaas, R. (2013) *Três Textos sobre a Cidade*. Barcelona: Gustavo Gilli

> Teixeira, L. (2013) *START-UP ARCHITECTURE! - repensar o espaço doméstico sob uma nova lógica de exibibilidade e adaptabilidade*. Dissertação de Mestrado integrado em Arquitectura. FCTUC - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

> Fujimoto, S. (2010) in Revista 2G nº50: *Sou Fugimoto*; Editora: Gustavo Gilli

> Papanek, V. (1995) *Arquitectura e Design – ecologia e ética*. Lisboa: Edições 70

> New York Times (2008) *The Slow Life Picks Up Speed*. Retirado a 30 de Março de 2018 de <https://www.nytimes.com/2008/01/31/garden/31slow.html>

> Wikipédia (2018) *Slow Design*. Retirado a 30 de Março de 2018 de https://en.wikipedia.org/wiki/Slow_design

lista imagens

A. Pressupostos Teóricos

CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO

imagem 01

Autor desconhecido, via Pinterest. Retirado a 5 de Novembro de 2018 de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759846809/>

imagem 02

Flash of god - René Burri, Rio de Janeiro, 1960. Retirado a 5 de Novembro de 2018 de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759840155/>

imagem 03

Vertical Slums - Greg Girard, Kowloo Walled City, Hong Kong. Retirado a 5 de Novembro de 2018 de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759849389/>

imagem 04

Lost in Movement, Moeys Photography. Retirado a 5 de Novembro de 2018 de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759840217/>

imagem 05

Do not shout that loud - Street Photography, Autor Desconhecido. Retirado a 5 de Novembro de 2018 de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759840215/>

imagem 06

Vista sobre Tóquio - Autor desconhecido, via Pinterest. Retirado a 5 de Novembro de 2018 de <https://www.pinterest.pt/pin/327003622933768776/>

imagem 07

Bucharest - Autor desconhecido, via Pinterest. Retirado a 5 de Novembro de 2018 de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759840206/>

imagem 08

Garden and House - Ryue Nishizawa, Tóquio. Retirado a 6 de Novembro de 2018 de <https://www.dezeen.com/2013/01/23/garden-and-house-by-ryue-nishizawa/>

imagem 09

23 de Enero, Vertical Slums - Aydın Büyüktas, Caracas, Venezuela. Retirado a 5 de novembro de 2018 de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759840006/>

imagem 10

New Perspective of Earth - Benjamin Grant, Praia de Ipanema, Brasil. Retirado a 5 de novembro de 2018 de https://www.huffingtonpost.com/entry/daily-overview-aerial-photography_us_580f5b33e4b02444efa526c0

imagem 11

Ombriere, Mirrored Shelter - Norman Foster, Marselha. Retirado a 5 de novembro de 2018 de <https://www.archdaily.com/340004/vieux-port-pavilion-foster-partners>

imagem 12

Cleveland Clinic Lou Ruvo Center - Frank Gehry, Las Vegas. Retirado a 5 de novembro de 2018 de <https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/Arquitetura/noticia/2014/11/retrospectiva-celebra-frank-gehry.html>

imagem 13

Interstate - Jason M. Peterson. Retirado a 5 de novembro de 2018 de <https://designyoutrust.com/2017/11/the-superb-black-and-white-photography-by-jason-m-peterson/>

imagem 14

Layered House - Jun Igarashi, Japão 2008. Retirado a 5 de novembro de 2018 de <https://www.archdaily.com/148880/layered-house-jun-igarashi-architects-2/5014d16928ba0d58280006ca-layered-house-jun-igarashi-architects-2-image>

imagem 15

House NA - Sou Fujimoto, Japão, 2011. Retirado a 5 de novembro de 2018 de <https://www.archdaily.com/230533/house-na-sou-fujimoto-architects>

imagem 16

Night Time on the Freeway - Autor desconhecido. Retirado a 5 de novembro de 2018

imagem 17

Bosque de pilares - Mamiya Shinichi Design Studio, Japão, 2013. Retirado a 5 de novembro de 2018 de https://www.archdaily.com.br/br/780181/bosque-de-pilares-mamiya-shinichi-design-studio?ad_medium=gallery

/ 297

imagem 18

Naked House - Shigeru Ban, Japão 2000. Retirado a 5 de novembro de 2018 de http://www.shigerubanarchitects.com/works/2000_naked-house/

imagem 19+20

Workbays – Bouroullec para Vitra. Retirado a 6 de novembro de 2018 de <https://www.vitra.com/en-pt/product/workbays>

imagem 21

Cocons - Atelier Mima, Alemanha 2012. Retirado a 5 de novembro de 2018 de <http://ateliermima.com/gallery/cocon/>

imagem 22

Manifestação pacífica, Comunidade de Surf - Surfrider Foundation, Huntington Beach, California, 1989. Retirado a 6 de Novembro de 2018 de <https://www.surfrider.org/our-model>

imagem 23

Not Sad Desk Lunches – WeWork Community, rooftop of The Getty Museum, Nova Iorque 2018. Retirado a 6 de Novembro de 2018 de <https://food52.com/blog/15053-a-not-sad-desk-lunch-on-another-level>

imagem 24

Vindimas no Douro, Autor desconhecido. Retirado a 6 de Novembro de 2018 de <https://webook.pt/blog/2015/08/25/o-tempo-das-vindimas-no-douro-em-meados-do-seculo-xix#sthash.hTwp1MLb.dpbs>

imagem 26

Diagrama projecto: Casa de acolhimento para menores. CEBRA, Dinamarca, 2014

imagem 27

Casa de acolhimento para menores. CEBRA, Dinamarca, 2014. Retirado a 6 de Novembro de 2018 de <https://www.archdaily.com.br/br/760562/casa-de-acolhimento-para-menores-cebra>

imagem 28

Favela em Santa Teresa - Autor Desconhecido, Rio de Janeiro, Brasil. Retirado a 7 de Novembro de 2018 de <https://www.pinterest.pt/pin/339881103100677853/>

imagem 29

WindSong, Cohouse Community, Canadá, USA, Retirado a 6 de Novembro de 2018 de <http://windsong.bc.ca>

imagem 30

Ilhas do Porto. Autor Desconhecido. Retirado a 7 de Novembro de 2018 de <https://www.infoporto.pt/pt/evento/caminhada-guia-da-as-ilhas-porto-1401/>

imagem 31

Edifício Unité de Habitation - Philippe Savoir & Fondation Le Corbusier, Marselha, França, 1952. Retirado a 7 de Novembro de 2018 de <http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=5234&sysLanguage=en&itemPos=58&ItemCount=78&sysParentName=&sysParentId>

imagem 32

Maquete de Estudo, Unité de Habitation - Le Corbusier, 1945. Retirado a 7 de Novembro de 2018 de [http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1384#prettyPhoto\[inline\]/7/](http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1384#prettyPhoto[inline]/7/)

imagem 33

Zona de piscina e pátio partilhado – Unité de Habitation. Retirado a 7 de Novembro de 2018 de <https://www.pinterest.pt/pin/403424079102804380/>

imagem 34

Corredor de comércio no 3º andar. Retirado a 7 de Novembro de 2018 de [http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1384#prettyPhoto\[inline\]/7/](http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1384#prettyPhoto[inline]/7/)

imagem 35

esquissos conceptuais de projecto e Le Corbusier. Retirado a 7 de Novembro de 2018 de [http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1384#prettyPhoto\[inline\]/7/](http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1384#prettyPhoto[inline]/7/)

imagem 36

Exemplo de sala de estar adaptada pelos moradores. Retirado a 7 de Novembro de 2018 de http://cac.mcgill.ca/schoenauer/cases/large_image.php?slideid=2217

imagem 37

Crianças a brincar – Sala de estar do apartamento. Retirado a 7 de Novembro de 2018 de https://www.researchgate.net/figure/Le-Corbusier-Children-at-the-Unite-dHabitation-of-Marseille-1945-52-Fig-911_fig143_319183489

imagem 38

Apartamento 50, reabilitado pelos alunos de mestrado de Design de Produto da Universidade ECAL. Retirado a 7 de Novembro de 2018 de <https://www.dezeen.com/2015/06/12/ecal-students-apartment-no-50-le-corbusier-cite-radieuse-modernist-marseille/>

imagem 39+40+41

Módulos da zona dos quartos. Cao Pu Studio, Pequim 2017. Retirado a 21 de Setembro de 2018 de <https://www.archdaily.com.br/br/888421/together-hostel-cao-pu-studio>

imagem 42

Zona de refeições partilhada. Cao Pu Studio, Pequim 2017. Retirado a 21 de Setembro de 2018 de <https://www.archdaily.com.br/br/888421/together-hostel-cao-pu-studio>

imagem 43

Zona anfiteatro + acampamento. Cao Pu Studio, Pequim 2017. Retirado a 21 de Setembro de 2018 de <https://www.archdaily.com.br/br/888421/together-hostel-cao-pu-studio>

imagem 44

Axonometria explodidos módulos. Cao Pu Studio, Pequim 2017. Retirado a 21 de Setembro de 2018 de <https://www.archdaily.com.br/br/888421/together-hostel-cao-pu-studio>

imagem 45

Zona comum +laboratórios. Darmstadt Technical University. Alemanha, 2016. Retirado de JOPPIEN, Annet-Maud e HEGGER, Manfred. CUBITY – Energy-plus and Modular Future Student Living. JOVIS a 25 de Setembro de 2018

/ 299

imagem 46

Cozinha comum do cluster Darmstadt Technical University. Alemanha, 2016. Retirado de JOPPIEN, Annet-Maud e HEGGER, Manfred. CUBITY – Energy-plus and Modular Future Student Living. JOVIS a 25 de Setembro de 2018

imagem 47

Zona comum dividida por cortinas Darmstadt Technical University. Alemanha, 2016. Retirado de JOPPIEN, Annet-Maud e HEGGER, Manfred. CUBITY – Energy-plus and Modular Future Student Living. JOVIS a 25 de Setembro de 2018

imagem 48

Corte longitudinal do projecto. Darmstadt Technical University. Alemanha, 2016. Retirado de JOPPIEN, Annet-Maud e HEGGER, Manfred. CUBITY – Energy-plus and Modular Future Student Living. JOVIS a 25 de Setembro de 2018

imagem 49

Planta do piso 0 - zona comum. Darmstadt Technical University. Alemanha, 2016. Retirado de JOPPIEN, Annet-Maud e HEGGER, Manfred. CUBITY – Energy-plus and Modular Future Student Living. JOVIS a 25 de Setembro de 2018

imagem 50

Fotografia do exterior do cluster com ênfase para a transparência. Darmstadt Technical University. Alemanha, 2016. Retirado de JOPPIEN, Annet-Maud e HEGGER, Manfred. CUBITY – Energy-plus and Modular Future Student Living. JOVIS a 25 de Setembro de 2018

Planta piso 1 – zona dos quartos. Darmstadt Technical University. Ale-

imagem 51

Planta piso 1 – zona dos quartos. Darmstadt Technical University. Alemanha, 2016. Retirado de JOPPIEN, Annet-Maud e HEGGER, Manfred. CUBITY – Energy-plus and Modular Future Student Living. JOVIS a 25 de Setembro de 2018

imagem 52

Interior dos quartos. Darmstadt Technical University. Alemanha, 2016. Retirado de JOPPIEN, Annet-Maud e HEGGER, Manfred. CUBITY – Energy-plus and Modular Future Student Living. JOVIS a 25 de Setembro de 2018

imagem 53

Village Underground Lisboa - Coworking Creative Community. Francisca Real - Lisboa, 2015. Retirado de <https://www.publico.pt/2015/05/07/p3/noticia/village-underground-lisboa-continuar-a-crescer-um-ano-depois-1823335> a 25 de Setembro de 2018

imagem 54

PURE - Sílvia Rocio + Mariana Póvoa + esse studio. Lisboa, 2017. Francisco Nogueira. Retirado de https://www.archdaily.com/871201/pure-silvia-rocio-plus-mariana-povoa-plus-esse-studio?ad_medium=gallery a 25 de Setembro de 2018

imagem 55

Sinergia Cowork Palermo - Emilio Magnone + Marcos Guiponi. Fotografia de Marcos Guiponi. Retirado de https://www.archdaily.com.br/br/874682/sinergia-cowork-palermo-emilio-magnone-plus-marcos-guiponi?ad_medium=gallery a 25 de Setembro de 2018

imagem 56

Espaço de cowork. Second Home - West London. Selgas Cano, 2017. Retirado de <https://www.dezeen.com/2017/08/10/rohan-silva-second-home-holland-park-west-london-needs-cultural-investment/> a 25 de Setembro de 2018

imagem 57

Espaço de cowork. We Work – YanAn. Shanghai, 2010. Retirado de <https://www.officelovin.com/2017/03/28/tour-wework-yanan-dong-lu/a> a 25 de Setembro de 2018

imagem 58

Escritório da Google em Zurique. Retirado de <https://www.pinterest.es/pin/346425396312217163/> a 25 de Setembro de 2018

imagem 59

Hidden Garden Behind the Concrete Walls - Muxin Design. China 2016. Fotografia de Zhang Daqi. Retirado de https://www.archdaily.com/786287/a-hidden-garden-behind-the-concrete-walls-muxin-design?ad_medium=gallery a 25 de Setembro de 2018

imagem 60

Factory Panorama with Andy, (1966), Nat Finkelstein. Retirado de <https://revolverwarholgallery.com/andy-warhols-silver-spaceship-factory-launched-pop-art-revolution/> a 25 de Setembro de 2018

imagem 61

Andy Warhol with 'Flowers' at The Factory, (1964). Retirado de <https://revolverwarholgallery.com/andy-warhols-silver-spaceship-factory-launched-pop-art-revolution/> a 25 de Setembro de 2018

imagem 62

Andy Warhol working on 'Flowers' (1965). <https://uk.phaidon.com/agenda/art/picture-galleries/2011/december/09/the-failsafe-gift-guide-andy-warhol-giant-size/> Retirado de <https://uk.phaidon.com/agenda/art/picture-galleries/2011/december/09/the-failsafe-gift-guide-andy-warhol-giant-size/> a 25 de Setembro de 2018

imagem 63

Andy Warhol and friends at The Factory, 1968. Retirado de <https://therake.com/stories/icons/the-fifty-most-beautiful-people-at-the-factory/> a 25 de Setembro de 2018

imagem 64

SelfPortraits/Portraits - 1964 - 1974, Andy Warhol at the factory. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/371335931756114151/> a 25 de Setembro de 2018

imagem 65

Antivilla - Brandlhuber+ Emde, Schneider. Alemanha, 2015. Fotografia: Erica Overmeer. Retirado de https://www.archdaily.com.br/br/772808/antivilla-brandlhuber-plus-emde-schneider?ad_medium=gallery a 29 de Setembro de 2018

imagem 66

AEO lounge chair - Archizoom for cassina Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/229613280986298780/> a 29 de Setembro de 2018

imagem 67 - 71

Fotografias do interior e exterior do espaço de hostel e cowork - One day pause and forward hostel/co-work. Be Gray Studio, Bancoque, Tailândia 2014.

Retirado de <https://www.yatzer.com/oneday-pause-and-forward>. a 2 de outubro de 2018

imagem 72

Escritório WeWork – Madrid. Retirado de <https://www.wework.com/pt-BR/>. a 2 de outubro de 2018

imagem 73

Escritório WeWork – Detroit. Retirado de <https://www.wework.com/pt-BR/>. a 2 de outubro de 2018

imagem 74

Escritório WeWork. Shangai - Zona cowork. Weihai Lu, Linehouse Studio. Retirado de <https://www.archdaily.com/805112/wework-weihai-lu-linehouse> a 2 de outubro de 2018

imagem 75

Escritório WeWork - Kingsway, Londres. Retirado de <https://www.wework.com/pt-BR/>. a 2 de outubro de 2018

imagem 76

Escritório WeWork- Culver city. Retirado de <https://www.wework.com/pt-BR/>. a 2 de outubro de 2018

imagem 77

Escritório WeWork. Shangai - Zona do bar. Weihai Lu, Linehouse Studio. Retirado de <https://www.archdaily.com/805112/wework-weihai-lu-linehouse> a 2 de outubro de 2018

imagem 78

Escritório WeWork - Shangai - Zona das escadas. Weihai Lu, Linehouse Studio. Retirado de <https://www.archdaily.com/805112/wework-weihai-lu-linehouse> a 2 de outubro de 2018

imagem 79

Student Hotel - Amsterdão. Zona lounge. Retirado de <https://www.thestudenthotel.com> a 2 de outubro de 2018

imagem 80+81

Escritório WeWork. Shangai - Zona lounge. Weihai Lu, Linehouse Studio. Retirado de <https://www.archdaily.com/805112/wework-weihai-lu-linehouse> a 2 de outubro de 2018

CAPÍTULO 2 – SLOW

imagem 82

Ojai, California. Autor desconhecido. Via Pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.es/pin/295971006759877554/> a 2 de outubro de 2018

imagem 83

Anthropologie's new home catalog. Via Pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.es/pin/295971006757658354/> a 2 de outubro de 2018

imagem 84

Breakfast in Puglia. Via Pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.es/pin/295971006759877516/> a 2 de outubro de 2018

imagem 85

Autor desconhecido. Via Pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.es/pin/295971006759877538/> a 2 de outubro de 2018

imagem 87

The Rise of Slow Food, Italy Magazine. Retirado de <http://www.italymagazine.com/dual-language/rise-slow-food-bra-piedmont-world> a 10 de outubro de 2018

imagem 88

Galleria del film Slow Food Story (2013) - Carlo Petrini no 1º Congresso Internacional da Slow Food. Retirado de https://movieplayer.it/film/slow-food-story_36383/galleria/ a 10 de outubro de 2018

imagem 89

Autor desconhecido. Via Pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.es/pin/295971006757658573/> a 10 de outubro de 2018

imagem 90

Building a Better Food Future. Local Food Alliance. Retirado de <https://www.localfoodalliance.org/post/building-a-better-food-future> a 10 de outubro de 2018

imagem 91

A Kinfolk dinner - Beth Kirby. Via Pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.es/pin/295971006757662253/> a 10 de outubro de 2018

imagem 92

Slow Food Nation. Case Studies. DPEM. Retirado de http://www.dpem.com/dpem_cs/slow-food-nation/ a 12 de outubro de 2018

imagem 93

La Violette. Paris. Via Pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.es/pin/295971006759877709/> a 12 de outubro de 2018

imagem 94

Monocle Café. Londres. Retirado de <https://www.pinterest.es/pin/295971006759878448/> a 12 de outubro de 2018

imagem 96

Autor Desconhecido. Via Pinterest. Retirado de <https://br.pinterest.com/pin/AXS4e5W1R3g1E3KWwDpjm9vXtRiAmflupyl3Lo3n3S-SNYP0rGaonl/> a 12 de outubro de 2018

imagem 97

Tiles in Seville. Via Tumblr. Retirado de <http://flyleafcontent.tumblr.com> a 12 de outubro de 2018

imagem 98

Le Banc de Neige, Atelier Pierre Thibault. 2016, Canada. Retirado de <https://www.archdaily.com/804476/le-banc-de-neige-atelier-pierre-thibault> a 12 de outubro de 2018

imagem 99

Traveller. Immerse Me. Retirado de <https://immerseme.co/store/traveller> a 20 de outubro de 2018

imagem 100

Autor desconhecido. Via Elle. Retirado de <https://www.elle.se/manadens-horoskop-oktober-2017/> a 20 de outubro de 2018

imagem 101

Mercearia Prado, Lisboa. Retirado de <https://www.pinterest.es/pin/295971006759879940/> a 20 de outubro de 2018

imagem 102

Autor Desconhecido. Via Tumblr. Retirado de <http://claire-et-brillante.tumblr.com> a 20 de outubro de 2018

imagem 103

Ruelas do Porto. fotografia: Dino Gonçalves. Via Pinterest. Retirado de <https://br.pinterest.com/pin/106890191138131598/> a 20 de outubro de 2018

imagem 104

Travel Journal, Wen Yea. Via Instagram. Retirado de https://www.instagram.com/p/6oELINlUm_/ a 20 de outubro de 2018

imagem 105

Autor Desconhecido. Via Pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/387309636701154273/> a 20 de outubro de 2018

imagem 106

Apolis Garden Bag. Retirado de <https://www.apolisglobal.com/journal/product-apolis-kinfolk-garden-bag-bangladesh-project/> a 28 de outubro de 2018

imagem 107

Hortas Biológicas. Autor desconhecido. Via Pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.es/pin/295971006757662389/> a 20 de outubro de 2018

imagem 108

CIRCULAR ECONOMY: towards an efficient and sustainable economy. Retirado de <https://www.ekiona.com/en/circular-economy-efficient-and-sustainable/> a 28 de outubro de 2018

imagem 109

Sinnerlig Collection, 2015. Ilse Crawford para Ikea. Retirado de <http://www.studioilse.com/ikea-0> a 28 de outubro de 2018

imagem 110+111+112

Mesa Collection, Madre Loves Objects. Retirado de <https://www.instagram.com/p/BRd5lZZl4vS/> a 28 de outubro de 2018

imagem 113+114

Breathe', MINI LIVING. SO – IL, 2017. Itália. Retirado de https://www.mini.com/en_MS/home/living/salone-del-mobile-event-2017/salone-del-mobile-installation-2017.html a 28 de outubro de 2018

imagem 115+116

IKEA kitchen, Form Us With Love. Retirado de <https://www.dezeen.com/2017/01/24/form-us-with-love-ikea-kitchen-recycled-plastic-bottles-design-furniture/> d 28 de outubro de 2018

imagem 117+120

Alternative office furniture by Rolf Hay and Lund University. Retirado de <https://www.dezeen.com/2016/04/20/in-our-office-furniture-lund-university-students-rolf-hay-stefan-diez-milan-design-week-2016/> a 28 de outubro de 2018

imagem 118+119

Pavilhão das Origens / Hung Nguyen Architects. Vietnam, 2017. Retirado de https://www.archdaily.com.br/br/880349/pavilhao-das-origens-hung-nguyen-architects?ad_medium=gallery a 28 de outubro de 2018

imagem 121 + 122

The Smart Garden. Click & Grow. Retirado de <https://eu.clickandgrow.com> a 28 de outubro de 2018

imagem 123

Baixa do Porto. Autor desconhecido. Via Pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759886594/> a 28 de outubro de 2018

imagem 124

Pombal / AZO. Sequeira Arquitectos Associados. Fotografia de Nelson Garrido Retirado de <https://www.archdaily.com.br/br/793713/pombal-azo-sequeira-arquitectos-associados/57b8d3a3e58ecec208000675-the-dovecote-azo-sequeira-arquitectos-associados-photo> a 28 de outubro de 201

imagem 125

Casa Rosa / Mezzo Atelier. Fotografia de Fernando Guerra | FG+SG Retirado de <https://www.archdaily.com.br/br/884856/casa-rosa-mezzo-atelier/5a1e0260b22e3895f90001e3-pink-house-mezzo-atelier-photo> a 28 de outubro de 2018

imagem 126

Showroom in Pfalz, Germany by FNP Architekten. Retirado de <https://www.architectural-review.com/awards/area-2005-prize-winner-showroom-in-pfalz-germany-by-fnp-architekten/8691613>.article a 28 de outubro de 2018

imagem 127

Casas Caiadas - Home Boutique in Sabugueiro, Arraiolos, Algarve. Retirado de https://www.gites.fr/gites_casas-caiadas-boutique-home-sabugueiro_h757605_it.htm a 28 de outubro de 2018

imagem 128

Restaurante Casa do Frango – Londres. Retirado de <https://www.casadofrango.co.uk> a 28 de outubro de 2018

imagem 129

Yoga for beginners - Business Insider. Retirado de <https://www.businessinsider.com/best-yoga-basics-beginners-differences-hatha-vinaya-sa-2016-10> a 28 de outubro de 2018

imagem 130

O valor da simplicidade - Histórias de casa. Retirado de <https://www.historiasdecasa.com.br/2018/09/17/o-valor-da-simplicidade-casa-1/> a 28 de outubro de 2018

imagem 131

Friendsgiving with Sunday Suppers - Williams Sonoma. Retirado de <https://blog.williams-sonoma.com/everything-thanksgiving-our-menus-tips-more/> a 28 de outubro de 2018

imagem 132

Autor desconhecido. Via Pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759879306/> a 28 de outubro de 2018

imagem 133

Autor Desconhecido. Via Pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006757658341/> a 28 de outubro de 2018

imagem 134

Aestate studio. Via Pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759879259/> a 28 de outubro de 2018

imagem 135

Autor desconhecido. Via Pinterest. Retirado de <https://br.pinterest.com/pin/543739355008902313/> a 28 de outubro de 2018

imagem 136

Grauer Himmel. Foto: von Mitglied Retirado de https://www.solebich.de/bild/grau-in-grau/3674905?position=8&list=cumzG9x0hoP-5zCjBNq_P9uMJHWdQh4lco8if_KHXk a 28 de outubro de 2018

imagem 137

Autor desconhecido. Via Pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006757658491/> a 28 de outubro de 2018

imagem 138

Autor desconhecido. Via Pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759879296/> a 28 de outubro de 2018

CAPÍTULO 3 – O LIMAR HABITADO

imagem 139

Casa KLR / archequipe. Retirado de <https://www.archdaily.com.br/br/01-142662/casa-klr-slash-archequipe/5207c8cce8e44e3e30000069-house-klr-archequipe-photo> a 02 de Novembro de 2018

imagem 140

Serge Najjar, Líbano. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759950696/> a 02 de Novembro de 2018

imagem 141

Maison Valentina. Via Pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759954848/> a 02 de Novembro de 2018

imagem 142

Luce Tempo Luogo, Milão. DGT Architects. Retirado de <https://www.yatzer.com/Luce-Tempo-Luogo-Toshiba-Milan-2011> a 02 de Novembro de 2018

imagem 143

Serpentine Pavilion, Sou Fujimoto. Retirado de <https://www.archdaily.com.br/br/01-118923/serpentine-pavilion-slash-sou-fujimoto> a 02 de Novembro de 2018

imagem 144

Jerry House / Onion + Arisara Chaktranon & Siriyot Chaiamnuay. 2014, Tailândia. Retirado de https://www.archdaily.com/535806/jerry-house-onion-arisara-chaktranon-and-siriyot-chaiamnuay?ad_medium=gallery a 02 de Novembro de 2018

imagem 145

Sense of scale, The Hague. Richard Meier, The Netherlands. Retirado de <https://www.flickr.com/photos/wouterboer/3005716498/> a 02 de Novembro de 2018

imagem 146

Serge Najjar, Líbano. Retirado de <https://casavogue.globo.com/LazerCultura/Fotografia/noticia/2016/02/o-fotografo-serge-najjar-enxerga-arquitetura-abstrata.html> a 02 de Novembro de 2018

imagem 147

South 5th Suttles Residence, Alter Studio. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759952854/> a 02 de Novembro de 2018

imagem 148

Francesca Woodman, Untitled, 1975-1978. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759955107/> a 02 de Novembro de 2018

imagem 149

Ann Hamilton, the event of a thread 2012. Retirado de <http://high-like.org/ann-hamilton-3/> a 02 de Novembro de 2018

imagem 150

Time, Space, Body, Transformations by Klaus Rinke. Retirado de <http://www.maximsurin.info/blog/klaus-rinke-time-space-body-transformations/> a 07 de Novembro de 2018

imagem 151

Hiroshi Senju Museum, Karuizawa. Ryue Nishizawa, Japão. Retirado de <https://trendy.nikkeibp.co.jp/article/column/20120222/1039786/?SS=expand-life&FD=1058285143> a 07 de Novembro de 2018

imagem 152

Future built by Anna Katrin Karlsson. Retirado de <https://www.behance.net/gallery/15689687/Future-built> a 07 de Novembro de 2018

imagem 153

Modern Abstract City Maps, Milan. Jazzberry Blue. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006760653903/> a 07 de Novembro de 2018

imagem 154

Bicycle Snake / DISSING+WEITLING Architecture, Dinamarca. Retirado de <https://www.archdaily.com.br/br/627147/bicycle-snake-dissing-mais-weitling-architecture> a 07 de Novembro de 2018

imagem 155

Autor desconhecido. Via pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759840149/> a 07 de Novembro de 2018

imagem 156

Casa Garagem / Fala Atelier. Fotografia de Fernando Guerra | FG+SG. Retirado de <https://www.archdaily.com.br/br/801630/casa-garagem-fala-atelier/5853822ae58ece1f960000f3-garage-house-fala-atelier-photo> a 07 de Novembro de 2018

imagem 157

V1 Chair by ODESD2. Retirado de <https://i.pinimg.com/originals/31/0b/00/310b00e080414ecb5072664eed777316.jpg> a 07 de Novembro de 2018

imagem 158

Banco Lungo Mare, Enric Miralles. Retirado de <http://www.archi-expo.com/pt/prod/escofet/product-51516-341785.html> a 07 de Novembro de 2018

imagem 159

BRAVE, Studio No. Retirado de http://www.studiono.pl/?portfolio_page=brave&lang=en a 07 de Novembro de 2018

imagem 160

MICROINSTALLATIONS, Studio No. Retirado de http://www.studiono.pl/?portfolio_page=mikroinstalacje-2&lang=en

imagem 161

Natural Office Design with Principle of the Hemisphere – Architects Pons & Huot Paris Office. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006749225381/> a 07 de Novembro de 2018

imagem 162

Waiting Place, Studio No. Retirado de http://www.studiono.pl/?portfolio_page=waiting-space&lang=en a 07 de Novembro de 2018

imagem 163

Centro Cultural em Landvetter / Fredblad Arkitekter. Retirado de <https://www.archdaily.com.br/br/775747/centro-cultural-em-landvetter-fredblad-arkitekter/561e4611e58ece94b800048b-cultural-center-in-landvetter-fredblad-arkitekter-image> a 07 de Novembro de 2018

imagem 164

Casa NA / Sou Fujimoto Architects. Retirado de https://www.archdaily.com.br/br/01-47015/casa-na-sou-fujimoto-architects/47015_47024 a 07 de Novembro de 2018

imagem 165

MORI X HAKO, Fukuyama. 2009, UID architects, Japão. Retirado de <https://www.architonic.com/en/project/uid-architects-mori-x-hako/5100816> a 07 de Novembro de 2018

imagem 166

Rénovation et Extension d'un Moulin. L'Atelier d'Ici. Retirado de <http://atelierd-ici.over-blog.com/2014/04/renovation-et-extension-d-un-moulin.html> a 07 de Novembro de 2018

imagem 167

The Matter of Time (2005), Richard Serra, Guggenheim. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/218072806926500403/> a 07 de Novembro de 2018

imagem 168

Do Ho Suh, Home Within Home. 2013, Museum of modern and contemporary art, Korea. Retirado de <https://www.designboom.com/art/do-ho-suh-constructs-a-home-within-a-home-at-mmca-11-19-2013/> a 07 de Novembro de 2018

imagem 169

Casa da Escrita / João Mendes Ribeiro. Retirado de <https://www.archdaily.com/150913/casa-da-escrita-joao-mendes-ribeiro/5014e5ba28ba0d5828000b86-casa-da-escrita-joao-mendes-ribeiro-photo> a 07 de Novembro de 2018

imagem 170

Casa E/C: SAMI arquitectos. Retirado de <http://diariodesign.com/2015/06/casa-ec-sami-arquitectos-unen-pasado-y-presente-en-las-azores/> a 07 de Novembro de 2018

imagem 171

Clínica da Fala - MMV arquitectos. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759949949/> a 07 de Novembro de 2018

imagem 172

Koos Service Design – Standard Studio. Retirado de <https://standard-studio.nl/portfolio/buro-koos/> a 07 de Novembro de 2018

imagem 173

Ant House, mA-style architects. Retirado de <https://www.dezeen.com/2012/06/13/ant-house-by-ma-style-architects/> a 07 de Novembro de 2018

imagem 174

Ztudio, MFRMGR architects. Retirado de <https://www.dezeen.com/2016/08/20/mfrmgr-ztudio-sound-production-office-renova->

imagem 175

Casa H / Sou Fujimoto. Retirado de https://www.archdaily.com.br/br/01-21839/casa-h-sou-fujimoto/21839_21845 a 07 de Novembro de 2018

imagem 176

House Marian, THOSE Architects. 2015, Sydney. Retirado de <https://thosearchitects.com.au/House-Marian> a 07 de Novembro de 2018

imagem 177

Moriyama house by Ryue Nishizawa. Retirado de <https://morewithlessdesign.com/en/moriyama-house/> a 12 de Novembro de 2018

imagem 178

Pódio Urbano em Roterdão / Atelier Kempe Thill. Retirado de https://www.archdaily.com.br/br/01-49764/podio-urbano-em-roterda-atelier-kempe-thill/49764_49768 a 12 de Novembro de 2018

imagem 179

Casa MP / alcolea+tárrago arquitectos. 2012, Espanha. Retirado de <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-237230/casa-mp-alcolea-tarrago-arquitectos> a 12 de Novembro de 2018

imagem 180

Casa Gerassi / Paulo Mendes da Rocha. 1991, São Paulo. Retirado de <https://www.archdaily.com.br/br/01-29072/classicos-da-arquitetura-casa-gerassi-paulo-mendes-da-rocha> a 12 de Novembro de 2018

imagem 181

Idokoro House, mA-Style Architects. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759956922/> a 12 de Novembro de 2018

imagem 182

Moriyama House, SANAA + Kazuyo Sejima. Retirado de <https://www.dezeen.com/2017/04/14/edmund-sumner-decade-old-photographs-ryue-nishizawa-seminal-moriyama-house-photography-architecture-residential-japanese-houses/> a 12 de Novembro de 2018

imagem 183

Casa Roces / Govaert & Vanhoutte architectuurburo. Retirado de https://www.archdaily.com.br/br/01-119294/casa-roces-slash-govaert-and-vanhoutte-architectuurburo?ad_medium=gallery a 12 de Novembro de 2018

imagem 184

House on the Marsh / A1 Architects. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759957418/> a 12 de Novembro de 2018

imagem 185

Blu Creative. Facet Studio. 2013, Austrália. Retirado de <https://www.archdaily.com/448960/blu-creativity-facet-studio/> a 12 de Novembro de 2018

imagem 186

Hecker Guthrie Interior Design Studio. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/295971006759949984/> a 12 de Novembro de 2018

B. Projecto

CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO PROJECTUAL

imagem 187

Mãos que conversam a tradição. Conservas Ramirez, 1953. Retirado de <https://www.jn.pt/infos/Embeds/conserveirasinfos/conserveiras4.html> a 17 de Novembro de 2018

imagem 188

Vista sobre a praia de Matosinhos. Retirado de <https://24.sapo.pt/economia/artigos/matosinhos-quer-reposicionar-se-na-economia-do-mar-com-inovacao-tradicao-e-turismo> a 17 de Novembro de 2018

imagem 189

Metro na Rua Brito Capelo. Retirado de <http://oportodeleixoes.blogspot.com/2017/05/> a 17 de Novembro de 2018

imagem 190

Ciclovía no “calçadão” de Matosinhos. Retirado de <https://www.publico.pt/2014/07/24/local/noticia/matosinhos-vai-alargar-rede-de-ciclovias-para-o-interior-da-cidade-1664127> a 17 de Novembro de 2018

imagem 191

Terminal de Cruzeiros do Porto de Leixões. Retirado de <https://www.ambitur.pt/leixoes-abre-portas-a-quatro-cruzeiros-com-4-mil-turistas-num-so-dia/> a 17 de Novembro de 2018

imagem 192

Peixe na brasa. Restaurante o Lusitano. Retirado de <https://www.restauranteolusitano.pt> a 17 de Novembro de 2018

imagem 193

Cartaz promocional Matosinhos World’s Best Fish. Retirado de http://www.cm-matosinhos.pt/uploads/writer_file/document/16836/PDM_REVISTA_2015.pdf a 17 de Novembro de 2018

imagem 194

Interior ESAD – IDEA. Retirado de <http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/sair/2016-12-07-ESAD-IDEA-Uma-cidade-criativa-em-Matosinhos> a 17 de Novembro de 2018

imagem 195

Casa da Arquitectura. Retirado de http://www.cm-matosinhos.pt/pages/242?news_id=5735 a 17 de Novembro de 2018

imagem 196

Mercado de Matosinhos. Retirado de http://www.matosinhoswbff.pt/pages/326/?geo_article_id=28 a 17 de Novembro de 2018

imagem 197

Casa da Arquitectura - Roberto Ivens. Retirado de <http://casadaarquitectura.pt/instituicao/instalacoes/temporarias/> a 17 de Novembro de 2018

imagem 198+199

Aula de Surf Onda Pura. Retirado de <https://www.ondapura.com> a 17 de Novembro de 2018

imagem 200

Fotomontagem da fachada da fábrica na Rua Conselheiro Costa Braga. Retirado do Arquivo Pessoal a 13 de Abril de 2017

imagem 201

Fotomontagem da fachada da fábrica na Avenida Menéres. Retirado do Arquivo Pessoal a 13 de Abril de 2017

imagem 202

Mapa ilustrado da localização do edifício de intervenção e principais serviços e locais de referência da zona.

imagem 203+204

Anúncio Sociedade de Conservas Joana d' Arc, 1959 - Revista Conservas de Peixe. Retirado de <http://canthecan.net/collectible/1959-anuncio-revista-conservas-de-peixe-sociedade-de-conservas-joana-d-arc/> a 17 de Novembro de 2018

imagem 205

Anúncio Sociedade de Conservas Joana d' Arc, Conservas Celestial. Retirado de <http://canthecan.net/collectible/publicidade-sociedade-de-conservas-joana-d-arc-matosinhos/> a 17 de Novembro de 2018

imagem 206

Anúncio Sociedade de Conservas Joana d' Arc - Conservas de Peixe em Azeite e Salmoura, 1936. Retirado de <http://canthecan.net/collectible/joana-d-arc-advertising-in-conservas-de-peixe-em-azeite-e-salmoura-book-from-1936/> a 17 de Novembro de 2018

imagem 207

Desenho de levantamento da pré-existência Fachada Norte. Escala 1:200

imagem 208

Desenho de levantamento da pré-existência. Corte Transversal 4. Escala 1:200

imagem 209

Fotografia do interior da pré-existência do armazém 01. Retirado do Arquivo Pessoal a 13 de Abril de 2017

imagem 210

Desenho de levantamento da pré-existência. Planta piso 0 + 1. Escala 1:200

imagem 211

Desenho de levantamento da pré-existência. Cortes Longitudinais 2 + 3. Escala 1:200

imagem 212

Fotografia do interior da pré-existência do armazém 03. Retirado do Arquivo Pessoal a 13 de Abril de 2017

imagem 213

Fotografia do exterior do edifício com vista para a Fachada da Av. Menéres. Retirado do Arquivo Pessoal a 13 de Abril de 2017

imagem 214

Fotografia do interior da pré-existência do armazém 03. Retirado do Arquivo Pessoal a 13 de Abril de 2017

imagem 215

Fotografia do interior da pré-existência do armazém 05. Retirado do Arquivo Pessoal a 13 de Abril de 2017

imagem 216

Fotografia do exterior do edifício com vista para a Fachada da Rua Conde Lheiro Costa Braga. Retirado do Arquivo Pessoal a 13 de Abril de 2017

imagem 217

Desenho de levantamento da pré-existência. Corte Longitudinal 4. Escala 1:200

imagem 218

Fotografia do interior da pré-existência do armazém 05. Retirado do Arquivo Pessoal a 13 de Abril de 2017

imagem 219

Fotografia do interior da pré-existência do armazém 05. Retirado do Arquivo Pessoal a 13 de Abril de 2017

imagem 220

Desenho de levantamento da pré-existência. Corte Longitudinal 3. Escala 1:200

imagem 221

Desenho de levantamento da pré-existência. Fachada Este. Escala 1:200

imagem 222

Fotografia de pormenor fachada da pré-existência. Retirado do Arquivo Pessoal a 13 de Abril de 2017

imagem 223

Fotografia do interior da pré-existência do armazém 03. Retirado do Arquivo Pessoal a 13 de Abril de 2017

imagem 224

Fotografia do interior da pré-existência do armazém 05. Retirado do Arquivo Pessoal a 13 de Abril de 2017

CAPÍTULO 2 – PROJECTO

imagem 225

Between Cathedrals, Alberto Campo Baeza. Cádiz, 2009. Retirado de <https://www.campobaeza.com/between-cathedrals/> a 12 de Dezembro de 2018

imagem 226

Montagem conceptual do edifício residencial de uso misto na China - Mini Living. Retirado de <https://www.archdaily.com.br/br/884706/projeto-da-mini-living-transformara-antiga-fabrica-em-edificio-residencial-de-uso-misto-na-china/5a1f1c1fb22e38786700010c-mini-livings-first-building-will-transform-a-paint-factory-into-a-co-living-hotspot-in-shanghai-image> a 12 de Dezembro de 2018

imagem 227

Montagem conceptual ilustrada dos armazéns.

imagem 228

Esquisso dos módulos + pormenor construtivo

imagem 229

corte transversal nº 5 do projecto

imagem 230

esquisso de pormenor construtivo

imagem 231

imagem ilustrativa de estrutura em viga metálica. Via pinterest. Retirado de https://www.google.pt/imgres?imgurl=https://constructionmentor.files.wordpress.com/2016/09/steel-beam-connection-for-workshop.jpg%3Fw%3D640&imgrefurl=https://constructionmentor.net/structural-steel-beams/&h=480&w=640&tbnid=ktlvMJAqIP08M&tbnh=194&tbnw=259&usg=__K_f0mEaQ5v-9vExBBMBQCQyK73Z2c4=&hl=pt-PT&docid=J3rgjIJM7WmZOM a 12 de novembro de 2018

imagem 232

axonometria: pormenor do percurso entre pisos

imagem 233

planta de pormenor + pormenor ilustrado: janela habitada

imagem 234

Boxes and partitions - Pietro Nobili Vitelleschi. Retirado de <https://br.pinterest.com/pin/541487555195056501/?lp=true> a 12 de novembro de 2018

imagem 235

Green Waters exhibit by Patrick Nadeau for LG Hausys, Paris. Retirado de <https://br.pinterest.com/pin/295971006760242376/> a 12 de novembro de 2018

imagem 236

Escritório Secondhome Londres. Retirado de <https://www.archdaily.com.br/br/770151/escritorio-second-home-londres-selgascano> a 10 de outubro de 2018

imagem 237

Escritório Secondhome Lisboa. Retirado de <https://www.dezeen.com/2017/02/14/second-home-lisboa-market-hall-co-working-plants-office-selgascano-portugal/> a 10 de outubro de 2018

imagem 238

Escritório Secondhome Holland Park. Retirado de <https://www.designboom.com/architecture/second-home-holland-park-london-selgascano-01-16-2018/> a 10 de outubro de 2018

imagem 239

Escritório Secondhome Lisboa. Retirado de <https://www.dezeen.com/2017/02/14/second-home-lisboa-market-hall-co-working-plants-office-selgascano-portugal/> a 10 de outubro de 2018

imagem 240

Escritório Secondhome Londres. Retirado de <https://www.archdaily.com.br/br/770151/escritorio-second-home-londres-selgascano> a 10 de outubro de 2018

imagem 241

Escritório Secondhome Holland Park. Retirado de <https://www.designboom.com/architecture/second-home-holland-park-london-selgascano-01-16-2018/> a 10 de outubro de 2018

imagem 242

Escritório Secondhome Lisboa. Retirado de <https://www.dezeen.com/2017/02/14/second-home-lisboa-market-hall-co-working-plants-office-selgascano-portugal/> a 10 de outubro de 2018

imagem 243

Urban Nest - Penda. Zona lounge. Retirado de <https://www.archdaily.com/883518/urban-nest-penda/5a0866a4b22e3824ce0001d7-urban-nest-penda-photo> a 10 de outubro de 2018

imagem 244

Built by all - Studio Mama. Zona comum de refeições. Retirado de <https://www.dezeen.com/2018/04/20/mini-living-installation-studiomama-milan-design-week-2018/> a 10 de outubro de 2018

imagem 245-247

Built by all - Studio Mama. Retirado de <https://www.dezeen.com/2018/04/20/mini-living-installation-studiomama-milan-design-week-2018/> a 10 de outubro de 2018

imagem 248-250

Urban Nest - Penda. Retirado de <https://www.archdaily.com/883518/urban-nest-penda/5a0866a4b22e3824ce0001d7-urban-nest-penda-photo> a 10 de outubro de 2018

imagem 251-255

House before house. Sou fugimoto. Retirado de <https://inspiration.detail.de/house-before-house-in-utsunomiya-103440.html?lang=en> a 10 de outubro de 2018

imagem 256

small flower tattoo. autor desconhecido, via pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/167829523598463324/?lp=true> a 15 de outubro de 2018

imagem 257

untitled. via pinterest. Retirado de <https://in.pinterest.com/pin/745064332075909170/?lp=true> a 15 de outubro de 2018

imagem 258

Centre Pompidou: What is Photography? An Interview with Clément Chéroux and K. Ziebinska-Lewandowska. Retirado de <https://loeildelaphotographie.com/en/centre-pompidou-what-is-photography-an-interview-with-clement-cheroux-and-k-ziebinska-lewandowska/> a 15 de outubro de 2018

imagem 259

Café Better Buzz Coffee. San Diego, California. Retirado de <http://www.betterbuzzcoffee.com> a 15 de outubro de 2018

imagem 260

Untitled. Via pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.ch/pin/480688960206735090/> a 15 de outubro de 2018

imagem 261

Take a selfie / Fake a life. Camilo Matiz. Retirado de <https://www.artsy.net/artwork/camilo-matiz-take-a-selfie-slash-fake-a-life-1> a 15 de outubro de 2018

imagem 262

Untitled. Via pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.com/pin/500251471090580452/> a 15 de outubro de 2018

imagem 263

Untitled. via Google. Retirado de https://www.google.com/imgres?imgurl=https://cdn.imweb.me/thumbnail/20170707/595f2eef41480.jpg&imgrefurl=https://senseofny.com/44/?idx=105&h=564&w=564&ibnid=19LNK8LDnp5HpM&ibnh=225&ibnw=225&usg=K_AiF2s_aQMaA-fKp_tSUi_KgQmOs=&hl=pt-PT&docid=ayeT2YtVwEf4K9M a 15 de outubro de 2018

imagem 264

billy moving. Via pinterest. Retirado de <https://ar.pinterest.com/pin/340373684320831023/?lp=true> a 15 de outubro de 2018

imagem 265

Untitled. Via pinterest. Retirado de <https://br.pinterest.com/pin/450641506458250621/> a 15 de outubro de 2018

imagem 266

Untitled. Via pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.com/pin/166211042482757321/> a 15 de outubro de 2018

imagem 267

Untitled. Via pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/255649716331230090/?lp=true> a 15 de outubro de 2018

imagem 268

Untitled. Via pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.ru/pin/37365871891503972/> a 15 de outubro de 2018

imagem 269

Diagrama conceptual do programa Focus Community.

imagem 270

Making Art Happen - SB1. Retirado de <https://makingarthappen.com/2011/05/12/no-words/sb1/> a 20 de outubro de 2018

imagem 271

Untitled. Via pinterest. Retirado de <https://www.pinterest.pt/pin/449374869047756715/?lp=true> a 20 de outubro de 2018

imagem 272

Alçados Norte e Este.

imagem 273+274

planta piso 0 + planta piso 1

imagem 275+276

planta piso 2 + planta cobertura

imagem 277+278

Cortes Longitudinais 1+2 / Cortes Longitudinais 3+4

imagem 279+280

Cortes Transversais 1+2 / Cortes Transversais 3+4+5+6

imagem 281

Montagem conceptual ilustrada dos armazéns

imagem 282

moodboard de materiais: armazém 01

imagem 283

axonometria explodida por pisos: armazém 01

imagem 284

axonometria piso 0+1: armazém 01

imagem 285

pormenor ilustrado da zona dos escritórios

imagem 286

planta dos módulos base de escritórios

imagem 287

organização geométrica piso 0+1 de escritórios

imagem 288

axonometria explodida ilustrada: módulo de escritório para 3 pessoas

imagem 289

axonometria piso 2: armazém 01

imagem 290

axonometria ilustrada: zona lounge + cowork

imagem 291

axonometria explodida: armazém 02 + torre

imagem 292

pormenor axonométrico do percurso entre pisos

imagem 293

axonometria piso 0: armazém 02

imagem 294

planta módulos cozinha + lounge

imagem 295

corte + pormenor axonométrico ilustrado: zona polivalente

imagem 296

axonometria explodida ilustrada: módulo cozinha + mapa equipamento

imagem 297

axonometria explodida ilustrada: módulo sala + mapa equipamento

imagem 298

axonometria pisos 1+2: zona dos quartos

imagem 299

planta módulos dos quartos

imagem 300

organização geometria módulos piso 0+1+2: armazém 02

imagem 301

axonometria ilustrada explodida + planta: módulo single

imagem 302

axonometria ilustrada explodida + planta: módulo duplo

imagem 303

axonometria ilustrada explodida + planta: módulo suite

imagem 304

axonometria ilustrada explodida + planta: módulo dormitório

imagem 305

axonometria ilustrada explodida + planta: módulo premium

imagem 306

axonometria ilustrada explodida + planta: módulo wc

imagem 307

axonometria explodida: torre

imagem 310

axonometria piso 0: armazém 03

imagem 311

pormenor axonométrico ilustrado: zona anfiteatro

imagem 312

moodboard de materiais e equipamentos: zona estudo 24h

imagem 313

pormenor em corte ilustrado: zona estudo 24h

imagem 314

pormenores axonométricos ilustrados: zona estudo 24h

imagem 315

corte + planta pormenor: cozinha comum

imagem 316

pormenor axonométrico ilustrado: zona openwork

imagem 317

pormenor axonométrico ilustrado: ilha lounge

imagem 318

planta de pormenor: zona de openwork + lounge

imagem 319

axonometria piso 2: armazém 03

imagem 320

pormenor axonométrico ilustrado: cowork

imagem 321

axonometria explodida: armazém 04

imagem 322

pormenor axonométrico ilustrado + mapa equipamentos: janela habitada

imagem 323

pormenor em corte: zona do jardim

imagem 324

corte longitudinal 1 ilustrado + mapa de equipamentos e materiais

imagem 325

pormenor em planta: zona do jardim

imagem 326

axonometria explodida: armazém 05

imagem 327

pormenor em corte: zona de refeições

imagem 328

pormenor axonométrico: mesanine + balcão

imagem 329

pormenor axonométrico ilustrado: jardim de inverno

imagem 330

axonometria piso 0+1: restaurante + café

imagem 331

pormenor em corte + mapa de equipamentos: zona balcão + mesanine

imagem 332

axonometria ilustrada: varanda

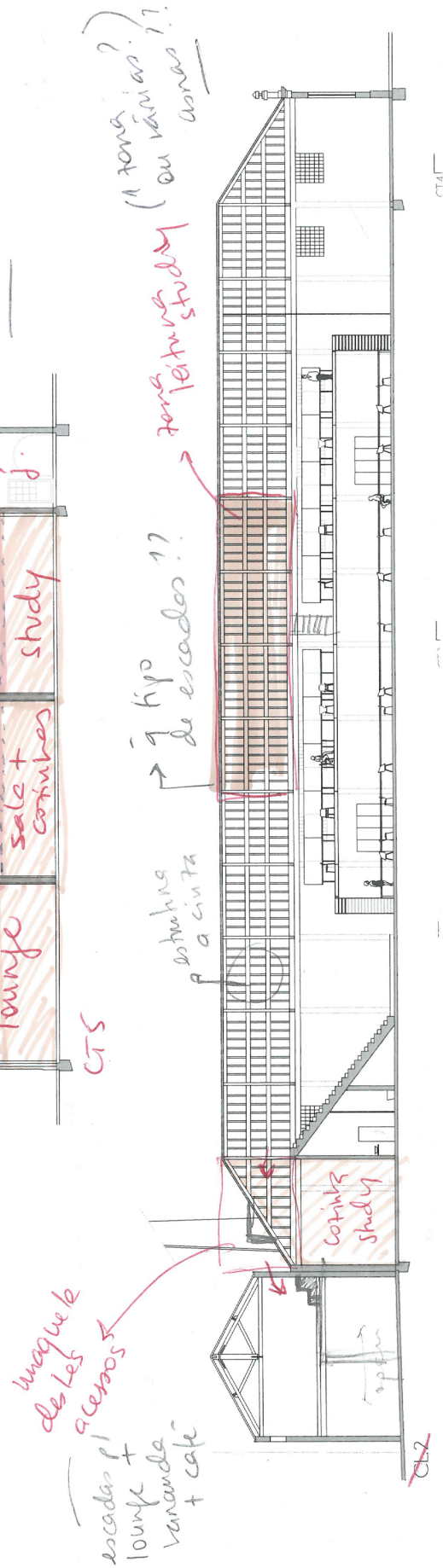
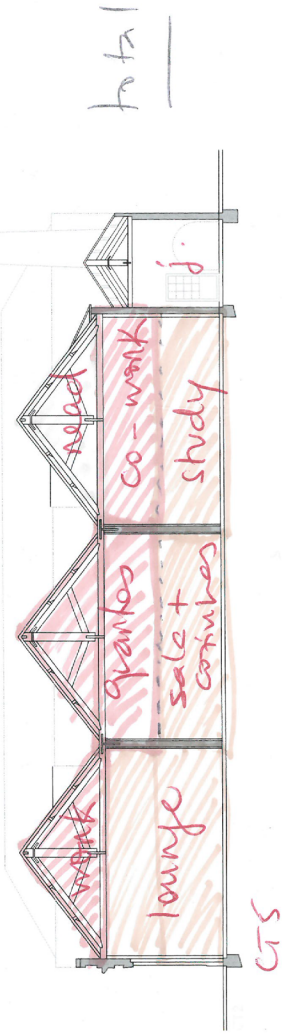
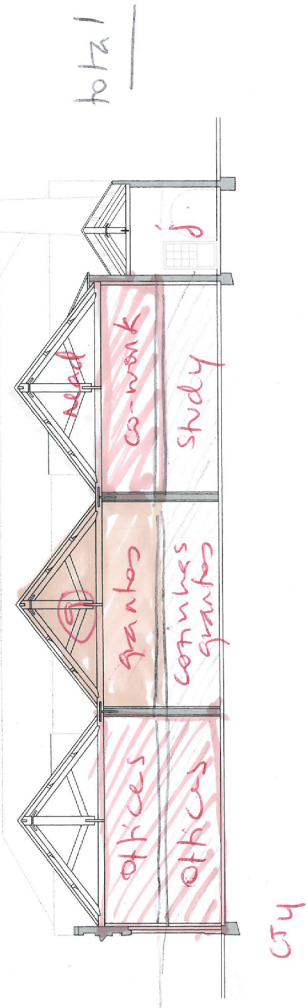
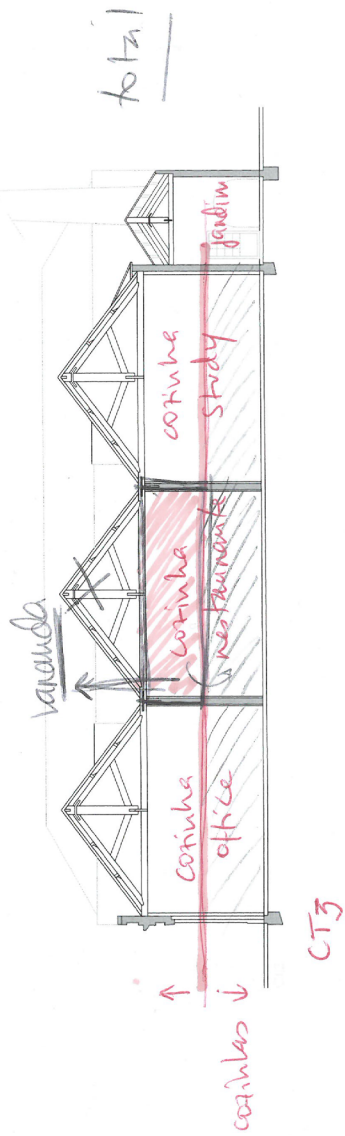
imagem 333

moodboard de materiais e equipamentos: varanda + corte longitudinal 3

anexos

322 /

PROCESSO CRIATIVO



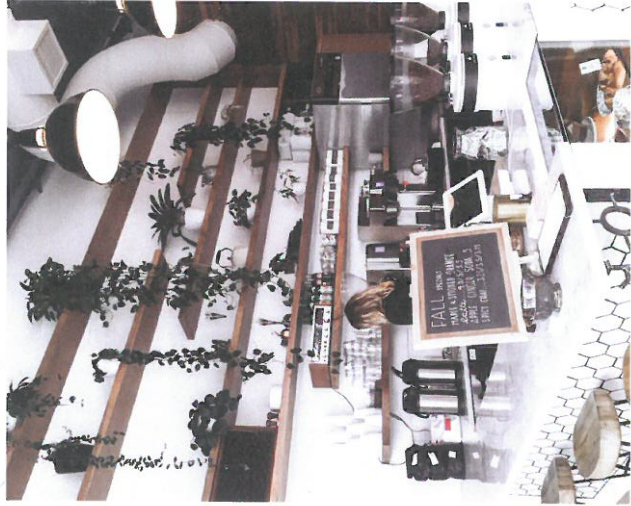


prateleiras
com plantas
madeira

balcão
madeira

janelas
habilitadas

lettering
de luz



bancos no
balcão

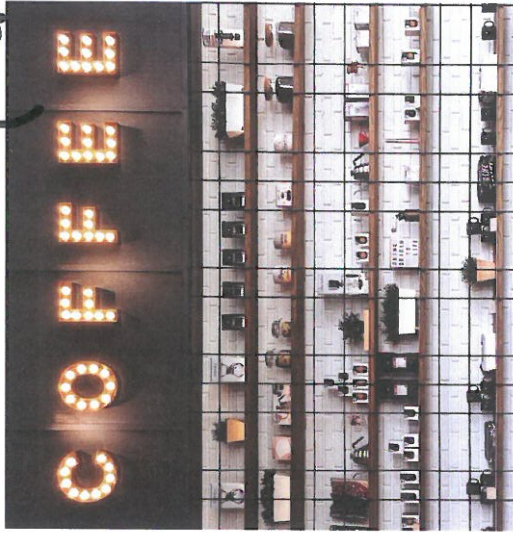
estruturas
metálicas



balcão
concreto + chão

divisões
em vidro
+ metal

aquecedor



prateleiras
metal +
madeira



mix
madeira +
concreto

lettering !!

→ parede tijolo + lettering

→ neon

→ mix materiais



→ gradeiras metal



→ sofá com pampoito

→ parede tijolo

→ pontos luz vertical

→ Pampoito + banco

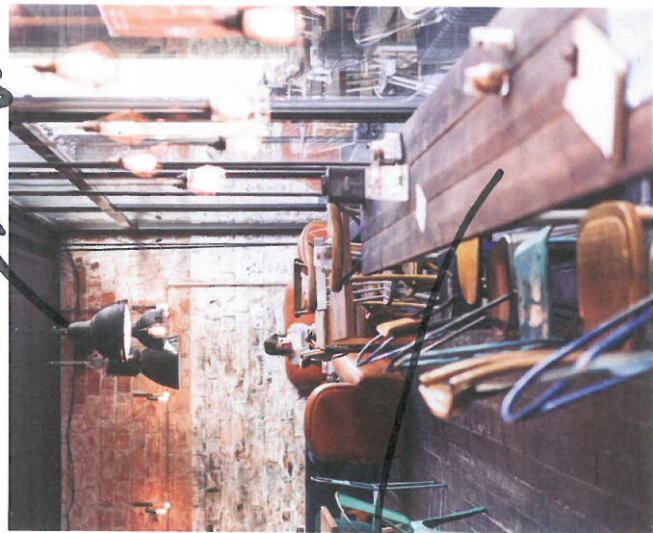


→ quadro andôia

→ balcão em metal



→ pontos de
luz verticais



janela
habitada

aberturas na
parede,
passagem



→ mix madeira + arêdo !!! = passagem

janela
habitada + novo

arêdo

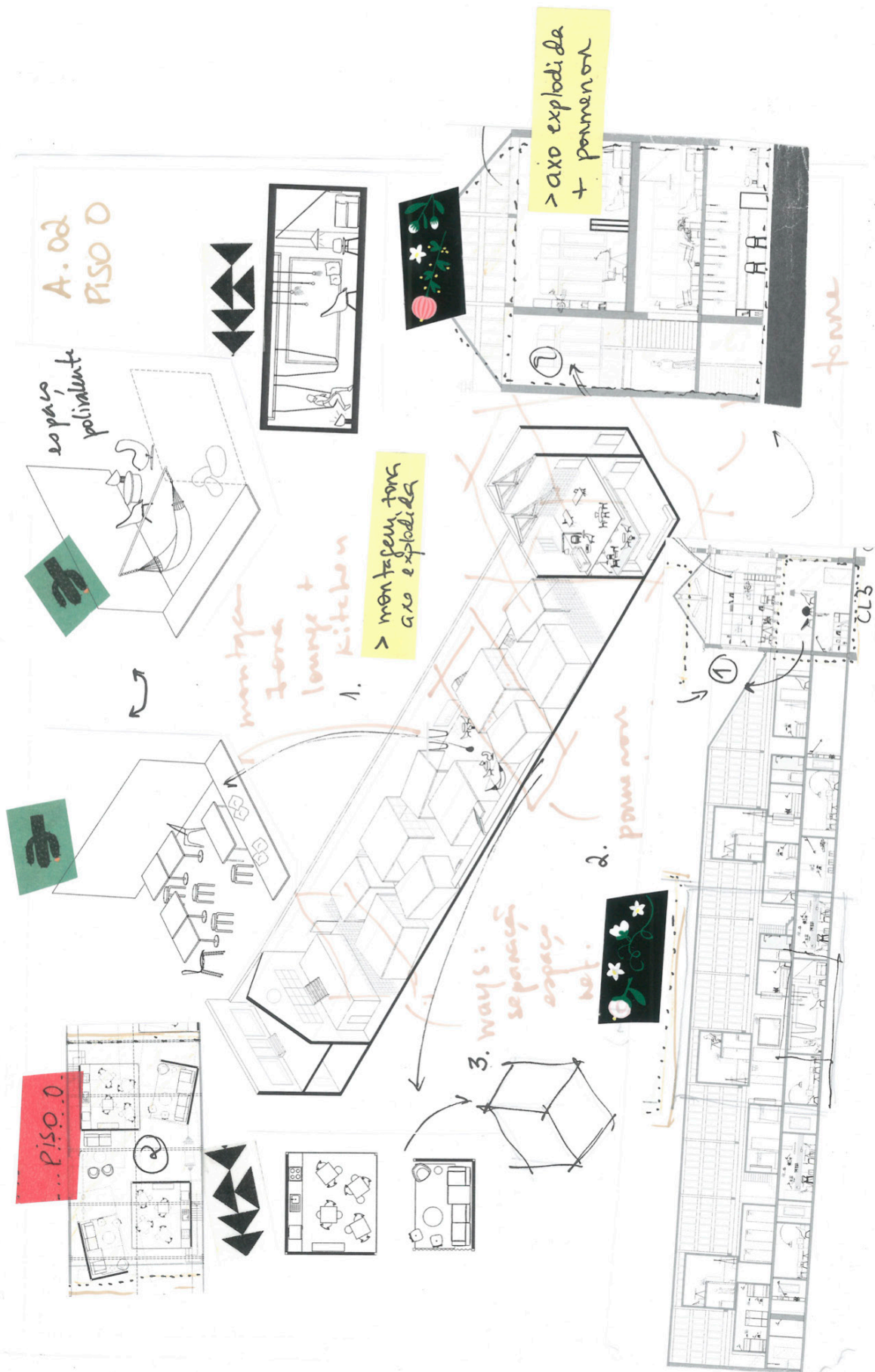
→ jardim interno



plantas
penduradas
caixilho
metálico
+ vidro

→ parede verde
+ parapeito
+ banco





A.02
PISO 1+2



3. *montagem
grandes
em área*

4. *paralelos
habitacionais*

> gráfico / tipos
esquema
grandes

tipologia
1. de grandes
+ mapa
equipamen

trans de
visibilidade /
percurso
vegetal !!!

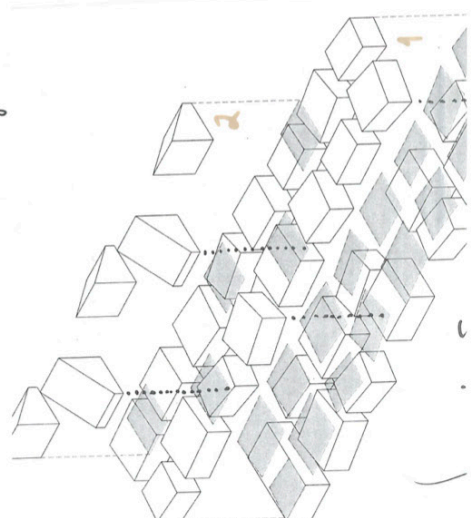
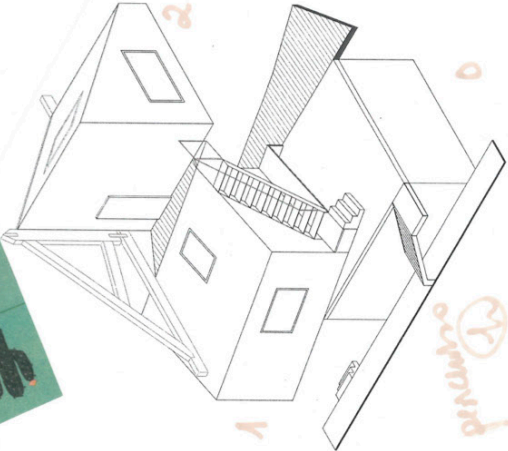
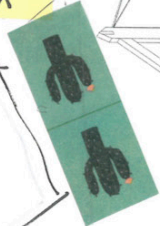
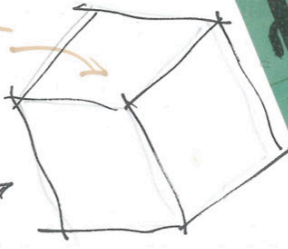
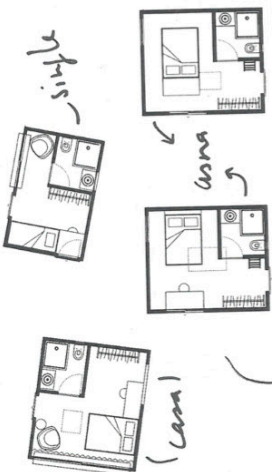
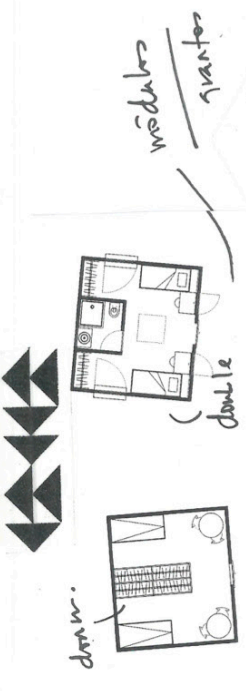
bloco 2.
grandes
+ piso 0

(explicitar
da + cheio /
vazio)

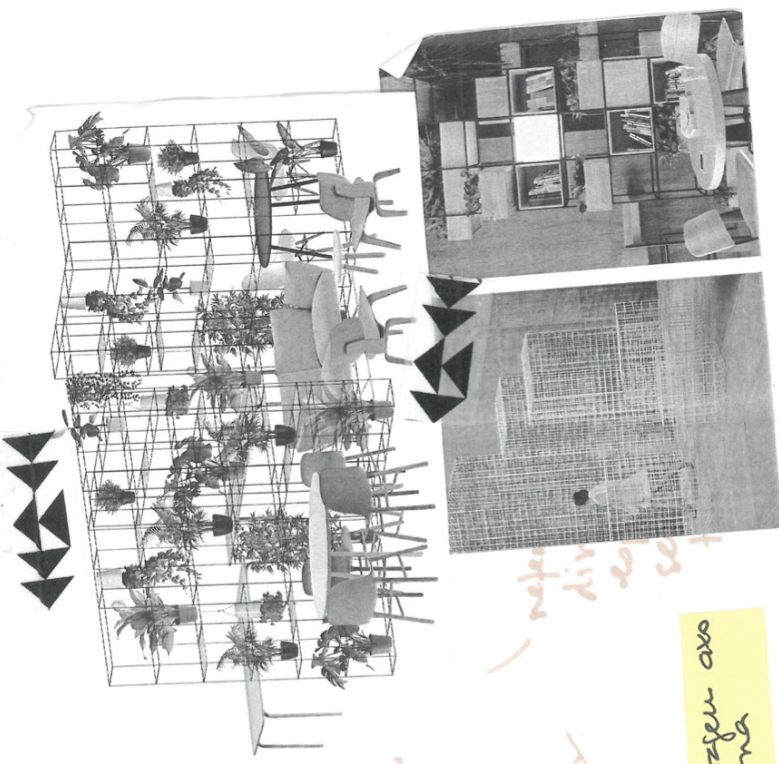
> perimenon
ilustrado

perimenon
1 grande
+ me

qto + equip.



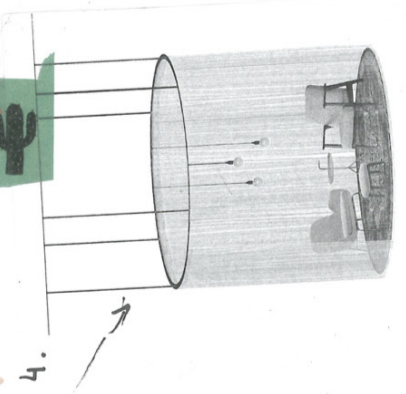
A.03
PISO 0



repto
div do set

> montagem
do
zona

permanen



4.



> montagem
área

ilustração
área

5.

mapa
equipamen



1. montagem
permanen
+ insus/
plantas

3. montagem

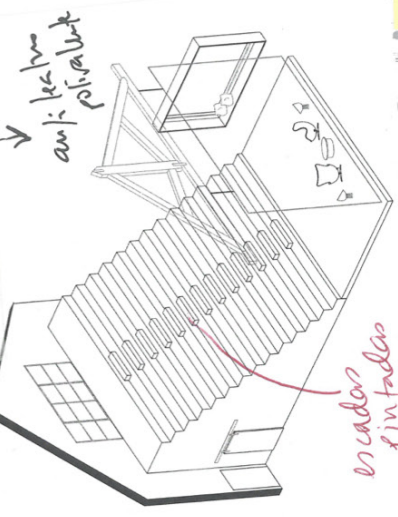
piso 0



> montagem
permanen

6.

> montagem zona
cl mapa equip.



escadas
fintadas



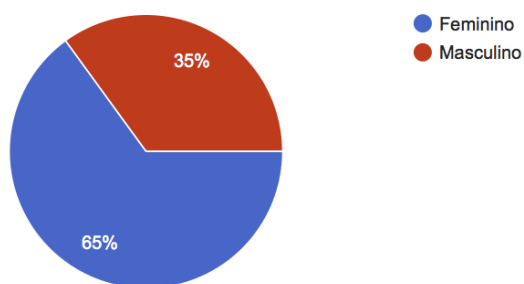
G3

Questionário sobre a necessidade e características de um espaço de estudo/trabalho

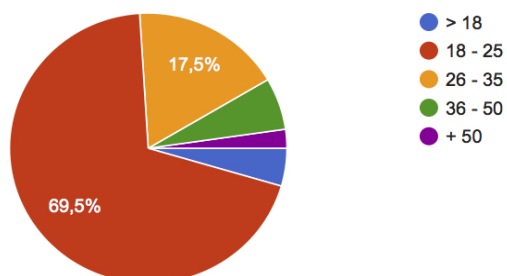
-
177 respostas

INFORMAÇÃO GERAL

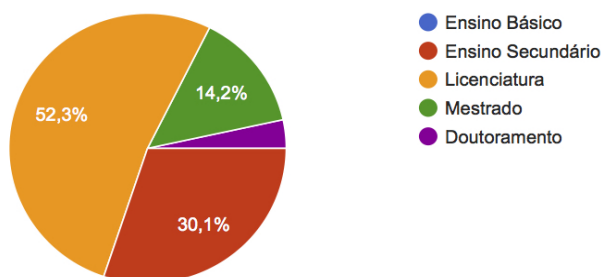
1. GÉNERO



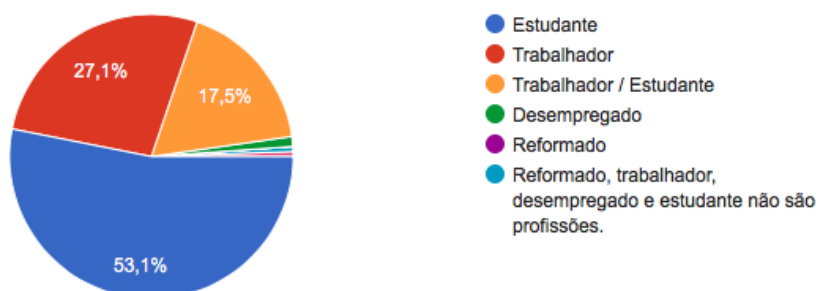
330 / 2. IDADE



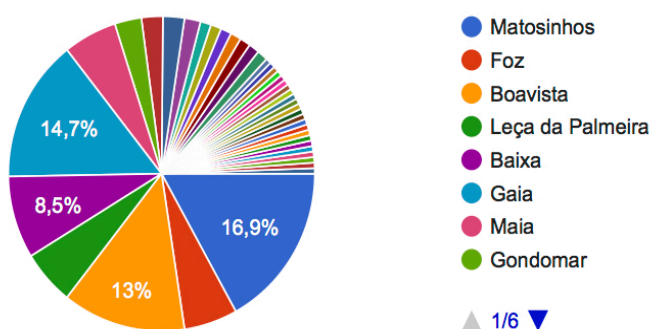
3. ESCOLARIDADE



4. PROFISSÃO

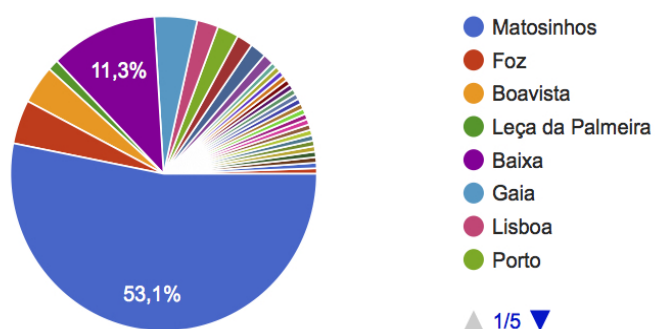


5. ZONA DE RESIDÊNCIA



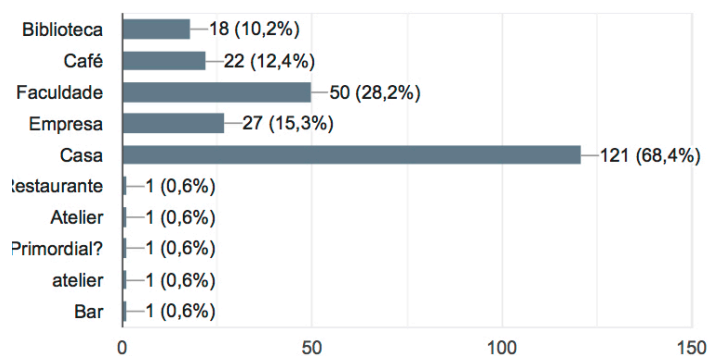
/ 331

6. ZONA DE TRABALHO / ESTUDO



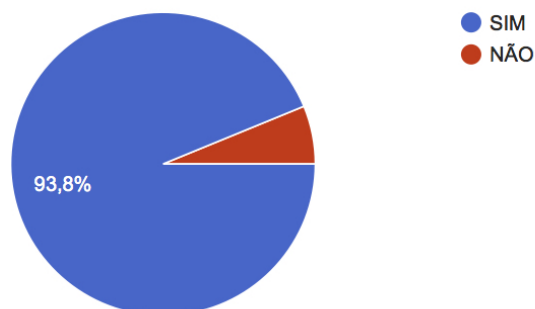
ANÁLISE DO TEMA

1. QUAL O SEU SÍTIO PRIMORDIAL DE ESTUDO/TRABALHO?

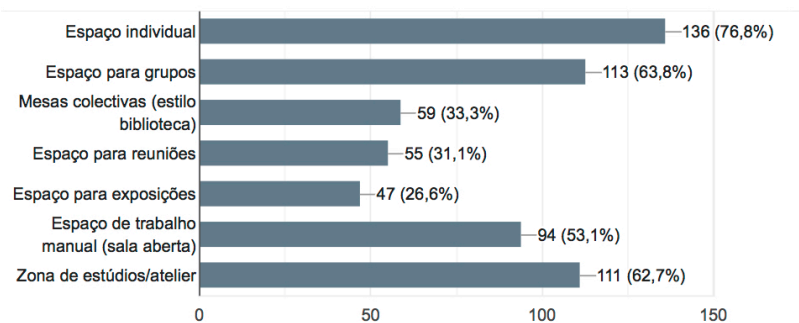


2. ACHARIA ÚTIL UM SÍTIO PÚBLICO ABERTO 24H PARA ESTUDAR/TRABALHAR?

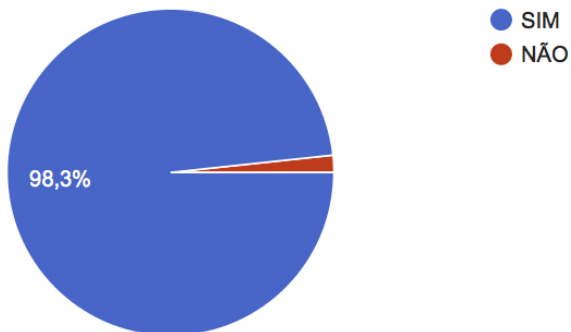
332 /



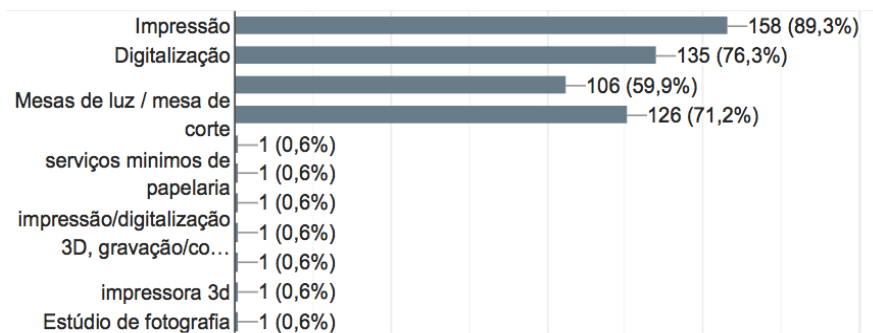
3. QUAIS AS FUNÇÕES/SERVIÇOS QUE GOSTARIA QUE ESTE ESPAÇO PROPORCIONASSE?



4. CONSIDERA ÚTIL UMA ÁREA DEDICADA À TECNOLOGIA?

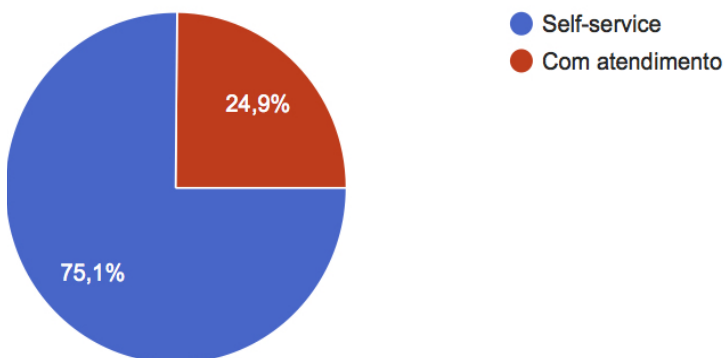


5. SE SIM, QUE SERVIÇOS CONSIDERA FUNDAMENTAIS?

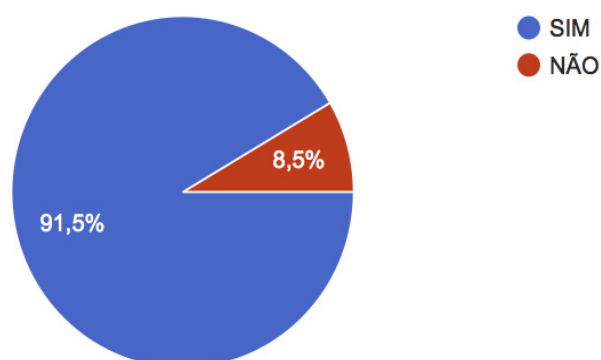


/ 333

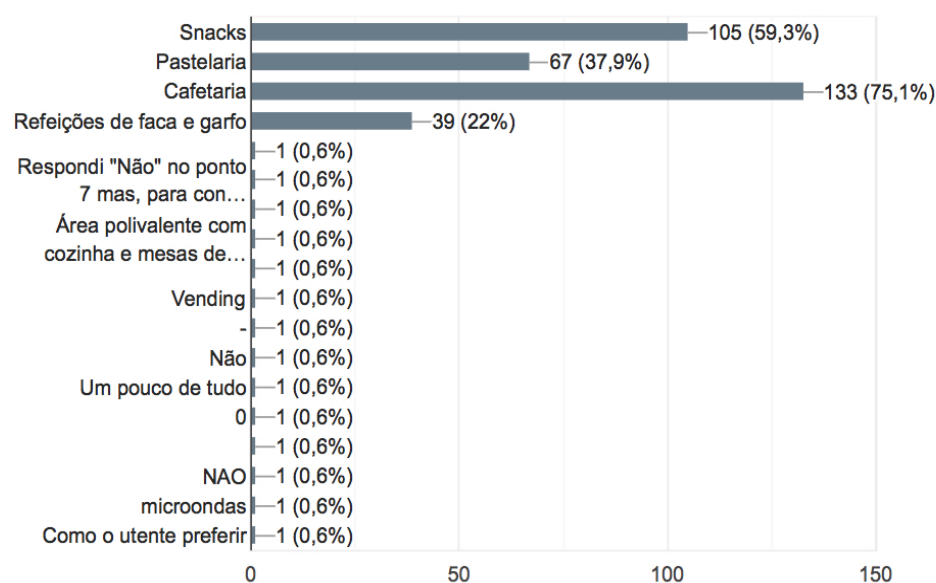
6. O ACESSO À TECNOLOGIA DEVERÁ SER FEITO DE QUE FORMA?



7. ACHA NECESSÁRIO UMA ZONA DE REFEIÇÕES DE APOIO AO ESPAÇO?



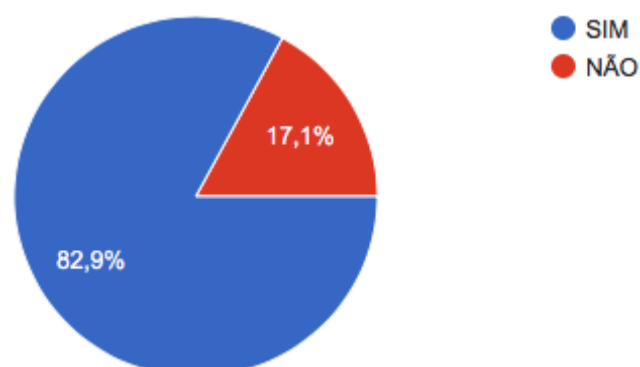
8. SE SIM, QUE TIPO DE REFEIÇÕES ESCOLHERIA?



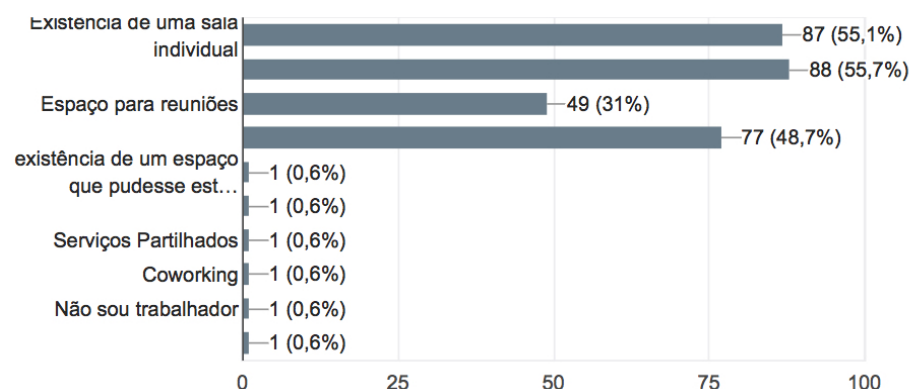
334 /

SECÇÃO DEDICADA A TRABALHADORES

9. SE É APENAS TRABALHADOR, TAMBÉM GOSTARIA DE USUFRUIR DO ESPAÇO?



10. QUAIS AS CONDIÇÕES IDEAIS PARA FREQUENTAR ESTE ESPAÇO?



11. CASO NÃO TENHA SIDO REFERIDO, QUE TIPO DE FUNÇÃO/SERVIÇO GOSTARIA DE VER AQUI DISPONÍVEL?

CAIXA DE CORREIO FÍSICO

BIBLIOTECA

SERVIÇOS CRIATIVOS

SERIGRAFIAS E LABORATORIOS FOTOGRÁFICOS COMO PEQUENOS ESPAÇOS ESTÚDIO

SERVIÇO GRATUITO

LIVROS ESPECÍFICOS SOBRE DIVERSAS ÁREAS

IMPRESSÃO 3D

ESTÚDIOS ABERTOS 24H

CONDIÇÕES DO ESPAÇO: BASTANTE LUMINOSO, SIMPLES MAS MODERNO.

LABORATÓRIO

RECEPCIONISTA/SECRETARIADO

CENA DE JOGOS. BILHAR, MATRAQUILHOS, ETC.

ESPAÇO CHILLOUT E/OU UM "BREAK SPACE" (EVENTUALMENTE COM JOGOS, TV, LIVROS, REVISTAS TEMÁTICAS E DE ARTE, ETC).

DISPONIBILIDADE DE MÁQUINAS DE COSTURA

ARQUIVO MUNICIPAL
DE
MATOSINHOS



N.º 64/34

Nome Sociedade de Conservas Joana d'Arc

Ano 1934

Assunto Construção de fábrica de conservas

Morada Freguesia Matosinhos

R. Conselheiro Costa Braga e Av. Meneres

n.º 558, 568, 578

PROJECTO DO AUMENTO

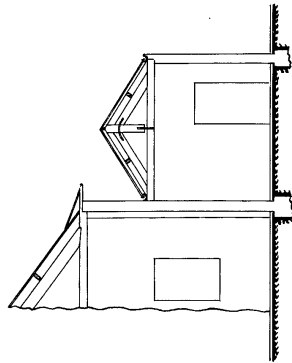
CONFORME O REQUERIMENTO DA

SOCIEDADE DE CONSERVAS JOANA D'ARC L.DA

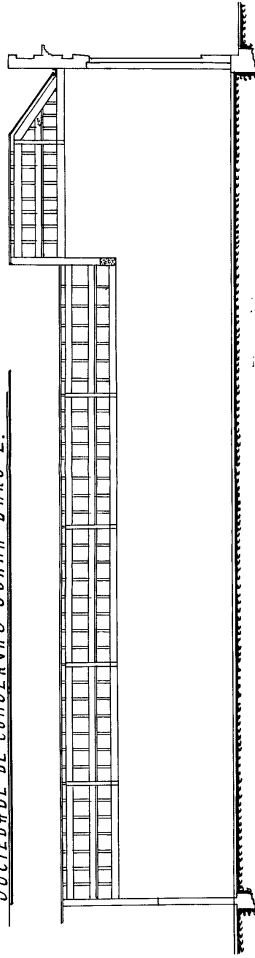


*Manuel Lopes de Almeida
engenheiro civil (A.E.)*

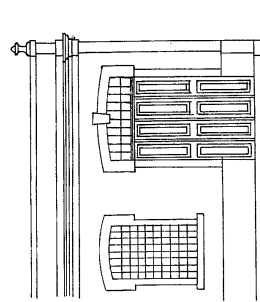
*planta
por
fornalha*



CORTE TRANSVERSAL POR A.B.

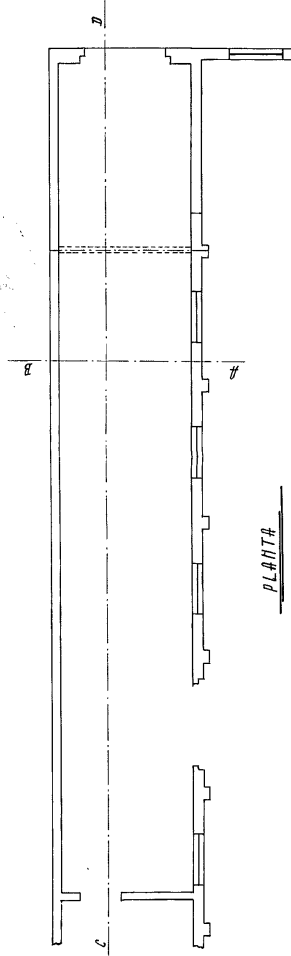


CORTE LONGITUDINAL POR C.D.



ALÇADA principal

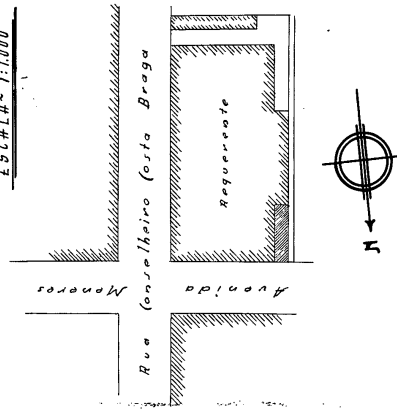
ESCALA - 1:100



PLANTA

PLANTA TOPOGRÁFICA

ESCALA - 1:1000



SOCIEDADE DE CONSERVAS

JOANA D'ARC L.^{DA}

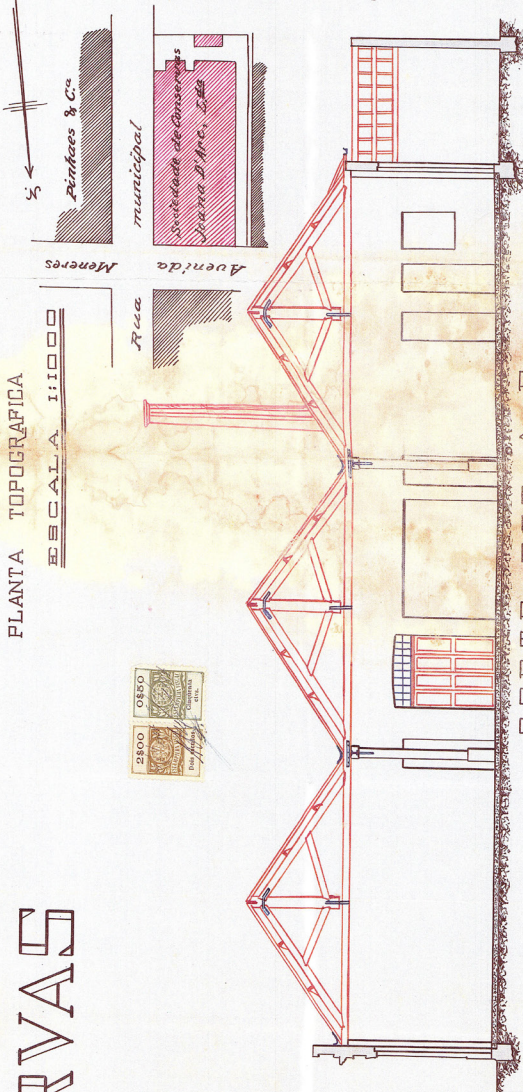
AVENIDA MENERES

MATOZINHOS

ESCALA 1:100

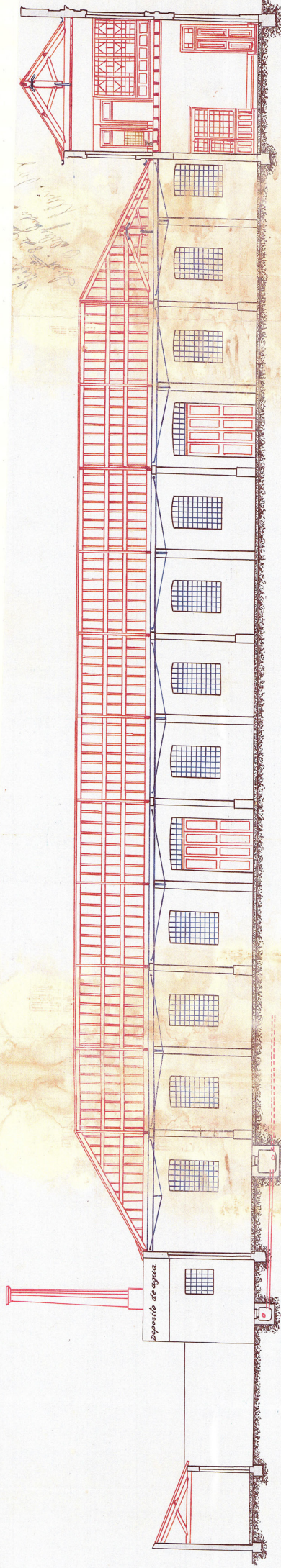
PLANTA TOPOGRAFICA

ESCALA 1:1000

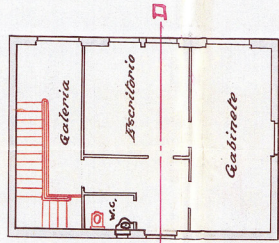


CORTE POR A-B



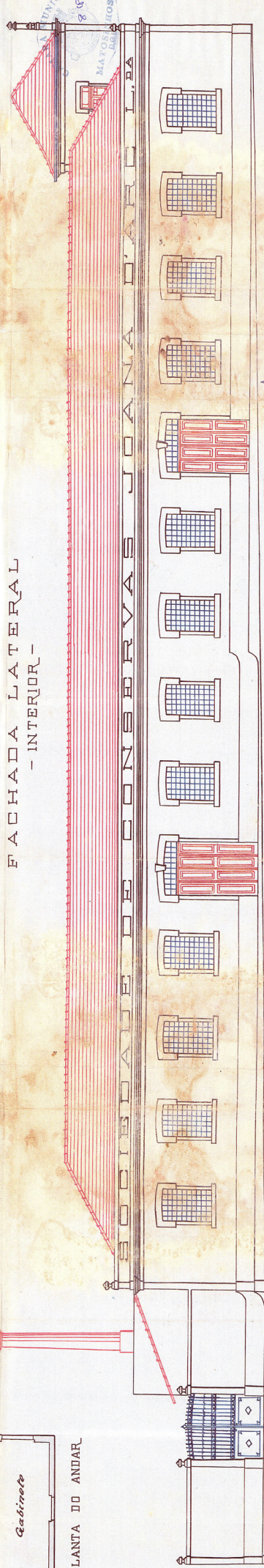


CORTE POR C-D

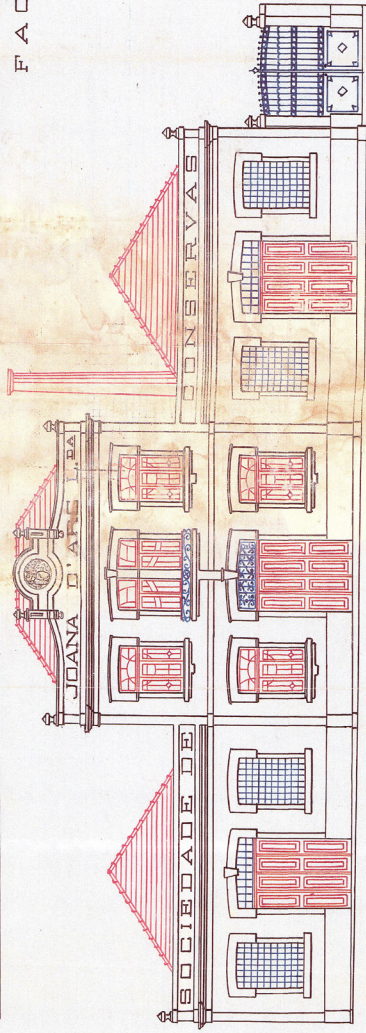


PLANTA DO ANDAR

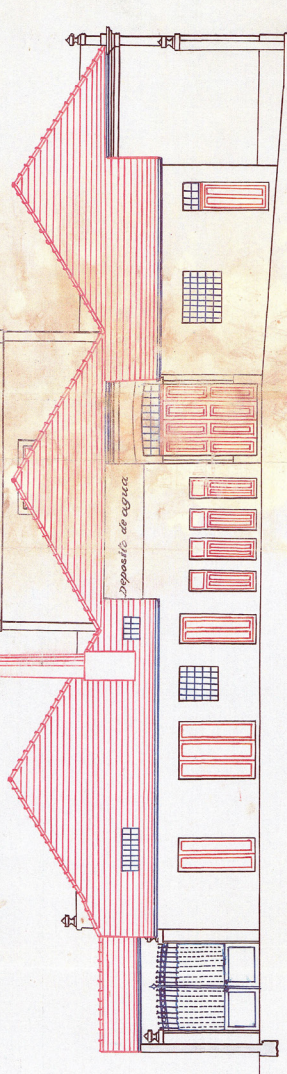
FACHADA LATERAL
- INTERIOR -



FACHADA LATERAL
RUA MUNICIPAL



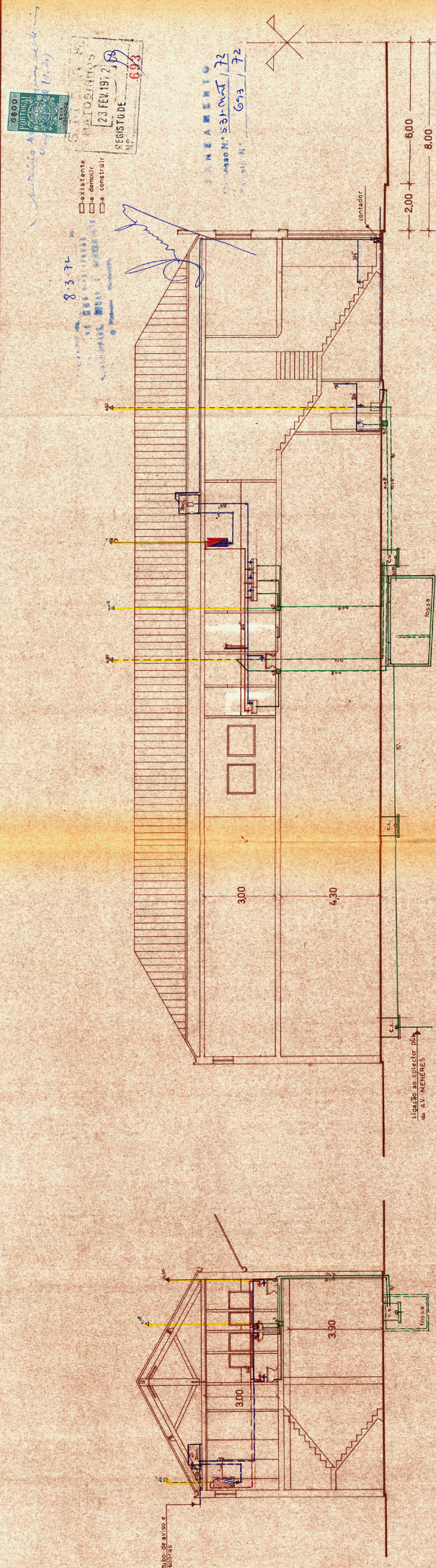
FACHADA PRINCIPAL



FACHADA POSTERIOR

SOCIEDADE DE CONSERVAS	JOANA D'ARC	DA	(7)
FABRIL ALIMENTAR E LACTEÍNO S/A			
RUA CONSELHEIRO COSTA BRAGA	19 JAN 72	2	
MATOSINHOS	EPCC - N°	JANEIRO-1972	
ESCALA-1/100			

MEDIDAS DOS TUBOS
0038 - chuveiros
0032 - Lavatório e bidet
0,10 - retrete
0,08 - sifão



C O R T E C - D

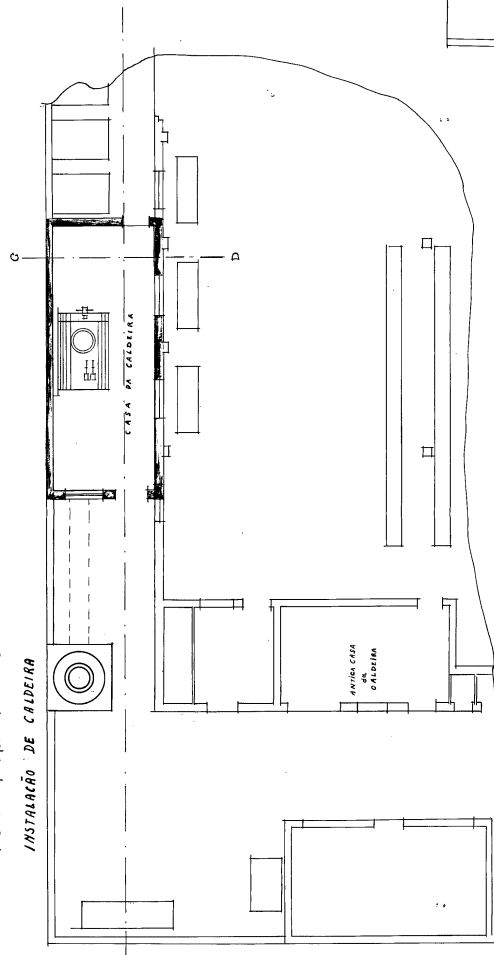
C O R T E A-B

-  -água fria
-  -água quente
-  -saneamento
-  -ventilação

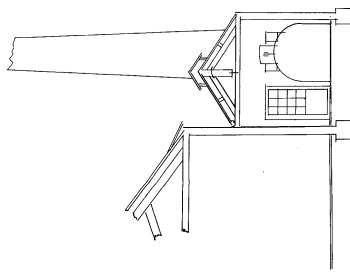
SOCIEDADE DE CONSERVAS JOANA D'ARC L^{DA}

AVENIDA MENÊRES - MATOZINHOS

INSTALAÇÃO DE CALDEIRA



PLANTA PARCIAL DA FÁBRICA - ESC. 1:100



CORTE - C-D



Conselheiro Costa Braga

Alonso Cordeiro

Avenida Menêres

Rua

Rua D²

PLANTA TOPOGRÁFICA - ESC. 1/1000

*Ar. Tómas de Almeida
Engenheiro civil (n.º 12)*

VISTO E APROVADO:
11.6.1944

Man. J. J.

“Take your pleasure seriously.”
Charles Eames

